

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

GUILHERME CALDAS DOS SANTOS

REVISTA ANIMAL: QUADRINHOS, LEGITIMAÇÃO E SUBVERSÃO (1988-1991)

CURITIBA

2023

GUILHERME CALDAS DOS SANTOS

REVISTA ANIMAL: QUADRINHOS, LEGITIMAÇÃO E SUBVERSÃO (1988-1991)

Animal magazine: comics, legitimation and subversion (1988-1991)

Trabalho de pesquisa de doutorado apresentado como requisito para obtenção do título de Doutor Em Tecnologia E Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia E Sociedade.

Orientadora: Prof.^a. Dr^a Marilda Lopes Pinheiro Queluz

CURITIBA

2023



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Esta licença permite download e compartilhamento do trabalho desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-lo ou utilizá-lo para fins comerciais. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



GUILHERME CALDAS DOS SANTOS

REVISTA ANIMAL: QUADRINHOS, LEGITIMAÇÃO E SUBVERSÃO (1988-1991)

Trabalho de pesquisa de doutorado apresentado como requisito para obtenção do título de Doutor Em Tecnologia E Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia E Sociedade.

Data de aprovação: 30 de Junho de 2023

Dra. Marilda Lopes Pinheiro Queluz, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Liber Eugenio Paz, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Luiz Carlos Sereza, Doutorado - Universidade Tuiuti do Paraná (Utp)

Dr. Paulo Eduardo Ramos, Doutorado - Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

Dra. Rosane Kaminski, Doutorado - Universidade Federal do Paraná (Ufpr)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 30/06/2023.

Para Vitor, meu filho,
que nunca deixou de acreditar em mim.

AGRADECIMENTOS

Sempre acho listas de agradecimento uma coisa arriscada – o risco sendo o de esquecer alguém importante pelo caminho, algo bastante possível em uma jornada longa como esta – mas não é possível deixar de agradecer às seguintes pessoas:

Meus pais, Ivo e Solange, Mitie Taketani, Cassiano Fagundes, MZK, Fábio Zimbres, Priscila Farias, Rogério de Campos, Luli Penna, Eloar Guazelli, Alex Cabral, Weaver Lima, Carlos Farinha, Clarice Reichstuhl, Yoko Hibino, Alessandro Andreola, Liber Paz, Celso Singo, Tony de Marco, Alexandre Bezzi, Mayra Lafoz e Fabrizio Rosa, João Vitor Possari, Ana Clara Viana Benitez, Fúlvio Pacheco, Gibiteca de Curitiba, Vinícius Honesko, Ângela Prysthon. Deborah Bruel, Keila Kern e demais colegas da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Allan Sieber, Newton Foot, Rosane Pavam, Márcio Paixão Junior. Meus amigos da Bienal de Quadrinhos de Curitiba. Meus alunos, que são, e sempre foram, uma inspiração – é também para eles que esta tese foi produzida. Paulo Ramos e Rosane Kaminski. Marilda Queluz, professores e colegas do PPGTE.

E, claro, à Fernanda.

Hey, babe

Take a walk on the wild side (Lou Reed)

RESUMO

SANTOS, Guilherme Caldas dos. **Revista Animal: quadrinhos, legitimação e subversão (1988-1991)**. Tese (Doutorado em Ciência, Tecnologia e Sociedade), UTFPR, Curitiba, 2023.

Esta tese trata do processo de elaboração e produção de uma das revistas de quadrinhos mais importantes que circulou no Brasil, no final do século XX, a *Animal* (1988-1991), considerando outras publicações de quadrinhos do segmento adulto e autorial entre meados da década de 1980 e início da década seguinte, bem como os contextos culturais e históricos. Esta investigação teve nos estudos culturais e, especialmente, no conceito de estrutura de sentimentos, proposto por Raymond Williams, uma base teórica de análise que possibilitou relacionar os movimentos de legitimação dos quadrinhos, que adquiriram força no início da década de 1960, com a estruturação de um sistema cultural decorrente da ascensão e definição de uma juventude urbana, letrada e com aspirações cosmopolitas como identidade cultural e grupo social relevante entre 1960 e 1985. Esses movimentos de legitimação das HQs resultaram, em grande medida, da atuação de grupos formados por intelectuais e acadêmicos que passaram a pensar os quadrinhos como manifestações culturais, como objetos de estudos sérios e comprometidos. Sua atuação teve influência em uma produção de quadrinhos europeia com pretensões e aspirações artísticas e em uma produção americana de quadrinhos *underground*, que ocasionaram o surgimento de publicações que serviram como modelo para a *Animal*. Esta foi analisada levando em conta a conjuntura brasileira dos anos 1980, a materialidade e as questões tecnológicas ligadas à sua produção, o conteúdo, as pautas e a linha editorial. Esta tese trata, também, da *Animal* como uma revista em que os quadrinhos foram o elemento de articulação entre manifestações culturais variadas, sendo, desse modo, importante elemento de expressão e formulação de significado no recorte temporal desta investigação.

Palavras-chave: História em quadrinhos. Estudos culturais. Cultura material. *Animal* (revista).

ABSTRACT

SANTOS, Guilherme Caldas dos. **Animal magazine: comics, legitimation and subversion (1988-1991)**. (PhD thesis in Science, Technology and Society), UTFPR, Curitiba, 2023.

This thesis deals with the elaboration and production process of one of the most important comic magazines that was published in Brazil at the end of the twentieth century, *Animal* (1988-1991), considering other comic publications of the adult and authorial segment between the mid 1980s and the beginning of the following decade, as well as its cultural and historical contexts. This research was based on cultural studies and, especially, on the concept of structure of feelings, proposed by Raymond Williams, a theoretical basis of analysis that allowed to relate the legitimation movements of comics, which acquired strength in the early 1960s, with the structuring of a cultural system resulting from the rise and definition of an urban youth, literate and with cosmopolitan aspirations as a cultural identity and relevant social group between 1960 and 1985. These movements for the legitimacy of comics were largely the result of the work of groups of intellectuals and academics who began to think of comics as cultural manifestations, as objects of serious and committed studies. Their work was influenced by an European comic book production with artistic pretensions and aspirations and an American underground comic book production, which led to the emergence of publications that would serve as a model for *Animal*. The latter was analyzed taking into account the Brazilian context of the 1980s, the materiality and the technological issues linked to its production, content, guidelines and editorial line. This thesis also deals with *Animal* as a magazine in which comics were the element of articulation between various cultural manifestations, thus being an important element of expression and formulation of meaning in the time frame of this research.

Keywords: Comics. Cultural studies. Material culture. *Animal* (magazine).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Capa do álbum <i>Money Jungle</i> , de Duke Ellington, Charles Mingus e Max Roach, mencionado na <i>Animal</i> nº 15 (1991, p. 15-16).	24
Figura 2 — <i>Aventura e Ficção</i> reivindica publicar "o melhor do quadrinho em preto e branco" em anúncio veiculado na revista Bizz, em 1989.....	26
Figura 3 — Capa do álbum <i>Sister</i> , do Sonic Youth, mencionado na <i>Animal</i> nº 7 (1989, p. 39).....	32
Figura 4 — Quadrinhos produzidos antes da <i>Animal</i> e a pedido da revista.....	34
Figura 5 — Mutantes como personagens de HQ.	40
Figura 6 — O Gênesis, segundo Millôr Fernandes.....	43
Figura 7 — Luiz Gê: Tamanduás do espaço atacam nas páginas da 5ª edição de <i>O Bicho</i> (1975).....	44
Figura 8 — O Esquadrão da Morte no traço de Henfil.....	46
Figura 9 — <i>Nuestras Raíces</i> , de Luiz Gê, publicada na <i>Balão</i> e, depois, no álbum <i>Quadrinhos em Fúria</i> (1984).....	49
Figura 10 — História de Um Homem <i>Mau</i> , na versão de Luiz Gê.....	50
Figura 11 — <i>Rettamorfose/Emoções geométricas</i> , produzido por Luiz Rettamozo, para o jornal <i>Polo Cultural</i> (1978).	52
Figura 12 — <i>Rettamorfose/Emoções geométricas</i> , produzido por Luiz Rettamozo, para o jornal <i>Polo Cultural</i> (1978).	53
Figura 13 — Comparação entre as capas do <i>Upper & Lowercase</i> e do <i>Raposa</i>	55
Figura 14 — A origem de Bob Cuspe nas páginas da primeira edição de <i>Chiclete com Banana</i> (1985).	59
Figura 15 — Referência direta aos quadrinhos na série televisiva <i>Armação Ilimitada</i> , veiculada pela Rede Globo (1985-1988).	62
Figura 16 — <i>Squeak the Mouse</i> na <i>Animal</i> nº 1 (1988).	66
Figura 17 — Decadência e renovação do rock na HQ <i>Lezard Tonnerre</i>	67
Figura 18 — Diversidade de influências nas páginas da revista <i>Humor-Verdade</i>	70
Figura 19 — O detetive Rockfort é contratado por Madonne para que reencontre sua virgindade perdida.	74
Figura 20 — Capa do CD <i>Voodoo Jive - The Best of Screamin'Jay Hawkins</i> , de Screamin'Jay Hawkins, mencionado na <i>Animal</i> nº 20 (1991, p. 43).....	75
Figura 21 — Giff-Wiff em quatro momentos (n. 1, 5-6, 11 e 23): de um boletim informativo datilografado e mimeografado para uma publicação produzida em moldes profissionais.	82
Figura 22 — Cartaz de divulgação da exposição <i>Quadrinhos e figuração narrativa</i> (1967).....	83
Figura 23 — <i>Diabolik</i> , produzido pelas irmãs Ângela e Luciana Giussani, com a advertência "para adultos" na capa.	87

Figura 24 — <i>Terry e os Piratas</i> , um dos grandes clássicos dos quadrinhos de aventura.	88
Figura 25 — Primeira aparição da dupla de vigaristas espaciais, Burton e Cyb, na <i>Animal</i> n. 3.	91
Figura 26 — Wonder Wart-Hog, de Gilbert Shelton.	93
Figura 27 — Selo de aprovação da Comics Code Authority (CCA).	96
Figura 28 — Capa da primeira edição de <i>Help!</i> (1960).	98
Figura 29 — Capa da edição nº 1 de Zap Comix (1967).	100
Figura 30 — Exemplos de fanzines sobre temas variados.	102
Figura 31 — Capa e página de miolo da edição nº 1 de <i>His Name is... Savage!</i> (1968).	106
Figura 32 — Bob Dylan como um piloto de caça israelense na capa da revista <i>Grilo</i> (1973).	107
Figura 33 — Subversão: Isaac Newton descobrindo a gravidade segundo o artista Mark Stafford.	109
Figura 34 — Desencanto nas páginas de <i>El Víbora</i> : "Gostava mais quando a vida era como um faroeste".	113
Figura 35 — Comparativo de capas <i>El Víbora</i> (1979) e <i>Cairo</i> (1981).	115
Figura 36 — Diversidade de estilos nas páginas da <i>Animal</i>	118
Figura 37 — Quadrinhos no MASP, em novembro de 1970.	120
Figura 38 — Capa da primeira edição do caderno Folhetim, na Folha de S. Paulo.	123
Figura 39 — Nas páginas do caderno Folhetim em 1977, o discurso de renovação nas colunas assinadas e nos quadrinhos.	124
Figura 40 — Quadrinhos brasileiros em destaque no JB.	125
Figura 41 — Capa do álbum <i>Get Rhythm</i> , de Ry Cooder, mencionado na <i>Animal</i> nº 3 (1988, p. 30-31).	128
Figura 42 — Impressão em uma cor.	134
Figura 43 — Uso de cores das páginas da <i>Inter!</i>	135
Figura 44 — No processo de policromia, as retículas com as cores básicas se combinam, formando imagens com uma infinidade de cores e tonalidades.	136
Figura 45 — Utilização de cor aplicada na <i>Animal</i> nº 11.	137
Figura 46 — Distribuição das páginas com aplicação de cor na <i>Animal</i> nº 11.	138
Figura 47 — As cores de Lorenzo Mattotti na HQ <i>Spartaco</i> na Valvolândia.	139
Figura 48 — Elementos gráficos em comum entre os editoriais de <i>El Víbora</i> e <i>Animal</i>	141
Figura 49 — Diferença nas cores usadas na <i>El Víbora</i> e na <i>Animal</i> para publicar as aventuras de Peter Pank.	142
Figura 50 — Correspondência nas capas entre <i>El Víbora</i> e <i>Animal</i>	143
Figura 51 — Da base para o topo, painel de <i>Music for Streets</i> , de Massimo Mattioli, <i>Feliz aniversário, Lubna!</i> , de Tamburini e Liberatore e <i>Big Baby</i> , de Charles Burns.	144

Figura 52 — Ilustração de Liberatore nas capas de <i>Frigidaire</i> e <i>Animal</i>	145
Figura 53 — Na <i>Frigidaire</i> , música e teatro. Na <i>Animal</i> , música e arte.....	146
Figura 54 — Exuberância nas páginas de Zoulou.....	147
Figura 55 — A diagramação da <i>Animal</i> e do <i>Mau</i> parece ter mais relação.....	148
Figura 56 — ... com as páginas de uma revista como a inglesa I-D... ..	149
Figura 57 — ...do que de revistas como <i>Abutre</i> , <i>Mega</i> ou <i>Aventura e Ficção</i>	150
Figura 58 — Exemplo de abordagem direta: artigo sobre a gravação do álbum <i>Money Jungle</i> (1962), de Duke Ellington, Max Roach e Charles Mingus.....	154
Figura 59 — Exemplo de abordagem indireta: quadrinização da sessão de gravação para do álbum <i>Money Jungle</i> , na visão dos argentinos Muñoz e Sampayo.....	154
Figura 60 — Os artífices.....	156
Figura 61 — Os artífices (cont.).....	157
Figura 62 — Os chegados.....	158
Figura 63 — Os leitores.....	159
Figura 64 — Exemplo de fichamento da HQ <i>Saturno contra Terra</i> , de Tamburini e Liberatore.....	161
Figura 65 — O que difere a tirinha de autoria do Bife Sujo & Cia (no alto) de um cartum é apenas o seu formato, uma vez que o mesmo conteúdo poderia compor um cartum (embaixo) com poucas adaptações.....	164
Figura 66 — Texto na primeira edição da <i>Animal/Mau</i>	165
Figura 67 — Identificação de temas no texto sobre metanfetaminas.....	166
Figura 68 — Identificação de temas a partir das imagens e textos na HQ <i>O Sonho do Tubarão</i> , de Mathias Schultheiss.....	167
Figura 69 — Sobreposição de temas na mesma HQ.....	167
Figura 70 — Capa da coletânea <i>Contra Ataque</i> , mencionada no <i>Mau</i> nº 1 (1988, p. 28).....	177
Figura 71 — Primeira aparição do personagem Corto Maltese em <i>A Balada do Mar Salgado</i>	181
Figura 72 — Personagem <i>Animal</i> , do <i>Muppet Show</i>	189
Figura 73 — <i>Ranxerox</i> na capa da primeira <i>Animal</i>	191
Figura 74 — Comparação entre primeira edição da revista <i>Zoulou</i> (1984) e a revista <i>Animal</i> (1988), com seus respectivos encartes – <i>Zoo</i> e <i>Mau</i>	193
Figura 75 — À esquerda, <i>Ranxerox</i> na <i>Animal</i> nº 11. À direita, página do personagem Asterix.....	196
Figura 76 — Abaixo, páginas da edição nº 9 do <i>Mau</i> . Embaixo, páginas do fanzine V.O.M.....	197
Figura 77 — Diferentes formas de paginação ao longo das edições do <i>Mau</i>	198
Figura 78 — Distribuição do conteúdo da <i>Animal</i> nº 19.....	199
Figura 79 — Esquema de cor aplicada no <i>Mau</i> nº 14.....	201
Figura 80 — Combinação de policromia com cores aplicadas no <i>Mau</i> nº 9.....	202
Figura 81 — <i>Maudito</i> Fanzine na edição nº 7 do <i>Mau</i>	213

Figura 82 — Flyers diversos da primeira metade da década de 1990. Para uma ideia das dimensões, o maior deles tem 13,2x9,3 cm, aproximadamente. Os demais estão em escala correspondente.....	215
Figura 83 — Sobrevida do <i>Maudito</i> Fanzine nas páginas da primeira edição do Hauuzc (1993).	216
Figura 84 — Em 2001, o <i>Maudito</i> Fanzine, entrou em férias.	216
Figura 85 — Rita Hot Pussy em sua primeira aparição no <i>Mau</i> (esq.). Cicciolina na capa de um livro à venda na <i>Amazon</i> (dir.).	218
Figura 86 — Bolinhas, por Priscila Farias.....	220
Figura 87 — Uso do formato de <i>bolinhas</i> nas páginas da revista <i>Inter! Quadrinhos</i>	221
Figura 88 — Rock City, por Serge Clerc e Phillipe Manoeuvre.....	221
Figura 89 — Organização do conteúdo sobre música na fase final da <i>Animal</i>	224
Figura 90 — <i>Ratos de Porão</i> numa das primeiras bolinhas.	226
Figura 91 — Diferença no uso de cores na capa do <i>Mau</i>	227
Figura 92 — <i>Mau Música</i> na primeira edição do <i>Mau</i>	229
Figura 93 — Primeira aparição das Páginas Vermelhas no <i>Mau</i> . No destaque, a localização do texto sobre a dobra do caderno.	230
Figura 94 — Uso da tarja " <i>Mau Música</i> " para identificação da seção no <i>Mau</i> nº 4.231	
Figura 95 — Logos para as colunas sobre música.....	233
Figura 96 — Diagramação do Departamento Verificador de Boatos e do Sex Drops.	235
Figura 97 — Migração da logo do <i>Mau</i>	236
Figura 98 — Comparação da diagramação entre as capas do <i>Mau</i>	236
Figura 99 — Seção Rock This Town compondo página dupla com a coluna Street Music.....	237
Figura 100 — Capa do álbum <i>On Fire</i> , do <i>Galaxie 500</i> , mencionada na <i>Animal</i> nº 19 (1991, p. 45).....	251

LISTA DE DESENHOS

Desenho 1 — Prólogo, parte 1.	19
Desenho 2 — Prólogo, parte 2.	20
Desenho 3 — Prólogo, parte 3.	21
Desenho 4 — Prólogo, parte 4.	22
Desenho 5 — Prólogo, parte 5.	23
Desenho 6 — Epílogo, parte 1.....	257
Desenho 7 — Epílogo, parte 2.....	258
Desenho 8 — Epílogo, parte 3.....	259
Desenho 9 — Epílogo, parte 4.....	260
Desenho 10 — Epílogo, parte 5.....	261
Desenho 11 — Epílogo, parte 6.....	262
Desenho 12 — Epílogo, parte 7.....	263

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Revistas contemporâneas à <i>Animal</i> . Apenas <i>Abutre</i> e <i>Porrada!</i> circularam em todos os anos de circulação da <i>Animal</i>	131
Quadro 2 — Conteúdo e algumas características físicas da <i>Animal</i> e suas contemporâneas.	132
Quadro 3 — Distribuição das bolinhas entre as edições 6 e 15 da <i>Animal</i>	223
Quadro 4 — Presença de quadrinhos (HQs e tirinhas) no <i>Mau</i>	228
Quadro 5 — Distribuição dos textos sobre música no <i>Mau</i> (edições 1 a 15).....	232
Quadro 6 — Consolidação da diagramação do <i>Mau</i> (edição 16 em diante).	238
Quadro 7 — Etapas no processo de organização do conteúdo do <i>Mau</i> : visão das páginas.	240
Quadro 8 — Etapas no processo de organização do conteúdo do <i>Mau</i> : visão geral.	241
Quadro 9 — Etapas no processo de organização do conteúdo do <i>Mau</i> : <i>Mau Música</i>	242
Quadro 10 — Etapas no processo de organização do conteúdo do <i>Mau</i> : <i>Maudito Fanzine</i>	243
Quadro 11 — Etapas no processo de organização do conteúdo do <i>Mau</i> : <i>Mau Amor</i>	244
Quadro 12 — Etapas no processo de organização do conteúdo do <i>Mau</i> : distribuição dos quadrinhos.	245

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Conteúdo da primeira edição da Frigidaire (1980).....	111
Tabela 2 — Conteúdo da Animal e do Mau segundo seu formato.....	168
Tabela 3 — Temas abordados (Comparação).	170
Tabela 4 — Proporção de páginas entre Animal e Mau	170
Tabela 5 — Ocorrência de conteúdos	171
Tabela 6 — Distribuição dos agrupamentos temáticos entre Animal e Mau.	173
Tabela 7 — Quadrinhos segundo país de origem: HQ.....	194
Tabela 8 — País de origem dos autores de quadrinhos (geral).	204
Tabela 9 — Páginas de HQ segundo país de origem.	205
Tabela 10 — Páginas de HQ coloridas segundo país de origem.....	206
Tabela 11 — Quadrinhos segundo país de origem: tirinhas.....	208
Tabela 12 — Distribuição de tirinhas entre Animal e Mau.....	208
Tabela 13 — País de origem dos autores, segundo a ocorrência de quadrinhos (geral).....	280
Tabela 14 — Quadrinhos segundo país de origem: HQ.....	280
Tabela 15 — Quadrinhos segundo país de origem: Tirinhas.	281
Tabela 16 — Páginas de HQ segundo país de origem.	281
Tabela 17 — Distribuição de tirinhas entre Animal e Mau.....	282
Tabela 18 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau.....	284
Tabela 19 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau: Crime e violência.....	292
Tabela 20 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau: Sexo, práticas sexuais.	294
Tabela 21 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau: Sexualidade.	295
Tabela 22 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau: Fantasia, ficção científica, aventura.	296
Tabela 23 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau: Música. ..	297
Tabela 24 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau: Arte, literatura e afins.	298
Tabela 25 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau: Cultura e circuito cultural.	300
Tabela 26 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau: Comportamento.	304
Tabela 27 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau: Humor. ...	305
Tabela 28 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau: Tecnologia.	306
Tabela 29 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau: Ciência... ..	306

Tabela 30 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau: Quadrinhos como tema.	307
--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACMP	Association of Comics Magazine Publishers
CBD	Club des Bandes Dessinées
CCA	Comics Code Authority
CMAA	Comics Magazine Association of America
DENTEL	Departamento Nacional de Telecomunicações
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
FCC	Federal Communications Commission
FSP	Folha de S. Paulo
HQ	História em quadrinhos
HV	Humor-Verdade (revista)
JB	Jornal do Brasil
SOCERLID	Société civile d'études et de recherches des littératures dessinée.

SUMÁRIO

1	PRÓLOGO	19
2	INTRODUÇÃO	24
3	QUADRINHOS, JUVENTUDE E ARTICULAÇÃO CULTURAL	32
3.1	ESTRUTURA DE SENTIMENTO	34
3.2	VONTADE DE MUDANÇA	39
3.2.1	Década de 60	39
3.2.2	Década de 70	44
3.2.3	Década de 80	57
4	QUADRINHOS: AUTORALIDADE E LEGITIMAÇÃO	75
4.1	AUTORALIDADE NOS QUADRINHOS	76
4.1.1	O autoral nos quadrinhos	77
4.2	VERTENTES DE LEGITIMAÇÃO DOS QUADRINHOS.....	79
4.2.1	Europa Ocidental: quadrinhos como arte	80
4.2.2	Estados Unidos: quadrinhos como subversão	92
4.2.3	Transposição do Atlântico: síntese e desdobramentos	104
4.2.4	Brasil	119
5	CONTEXTO DA REVISTA <i>ANIMAL</i>	128
5.1	ASPECTOS FÍSICOS DA <i>ANIMAL</i> : PAPEL E CORES	133
5.2	<i>ANIMAL</i> EM RELAÇÃO A OUTRAS REVISTAS DE QUADRINHOS ...	140
5.3	APROXIMAÇÃO DA <i>ANIMAL</i> E DO <i>MAU</i>	151
5.3.1	Entrevistas: quem fez e/ou leu a <i>Animal</i>	151
5.3.2	Fichamento da <i>Animal</i>	160
5.4	MAPEAMENTOS DOS CONTEÚDOS	168
5.4.1	<i>Mau</i> e <i>Animal</i>: divergências	170
5.4.2	<i>Animal</i> e <i>Mau</i>: convergências	175
6	<i>ANIMAL</i> E <i>MAU</i>	177
6.1	<i>ANIMAL</i> : FEIA, FORTE E FORMAL	178
6.1.1	<i>Animal</i>: primeiros passos	179
6.1.2	Dando a cara da revista	182
6.1.3	Lema e nome da revista	187
6.2	<i>MAU</i> : FEIO, SUJO E MALVADO	192
6.2.1	Aspectos físicos do <i>Mau</i>	200
6.2.2	Presença brasileira no <i>Mau</i>	203
6.2.3	Relação com o público	211
6.2.3.1	<i>Maudito Fanzine</i>	212
6.2.3.2	Seção de cartas	217
6.2.3.3	<i>Bolinhas</i>	219
6.3	PADRONIZAÇÃO DO CONTEÚDO DA REVISTA.....	226
6.4	FIM DA <i>ANIMAL</i>	246

7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	251
8	EPÍLOGO	257
	REFERÊNCIAS	264
	ACERVOS CONSULTADOS	277
	REVISTAS CONSULTADAS	277
	APÊNDICE A — Comparação da distribuição dos quadrinhos	279
	APÊNDICE B — Fichamentos (tabulação dos dados)	283
	APÊNDICE C — Fichamentos	308

1 PRÓLOGO

Desenho 1 — Prólogo, parte 1.



Desenho 2 — Prólogo, parte 2.



Fonte: Autoria própria (2022).

Desenho 3 — Prólogo, parte 3.



Fonte: Autoria própria (2022).

Desenho 4 — Prólogo, parte 4.



Fonte: Autoria própria (2022).

Desenho 5 — Prólogo, parte 5.



Fonte: Autoria própria (2022).

2 INTRODUÇÃO

Figura 1 — Capa do álbum *Money Jungle*, de Duke Ellington, Charles Mingus e Max Roach, mencionado na *Animal* nº 15 (1991, p. 15-16).



Fonte: LondonJazzCollector (2013), Autoria própria (2023).

Money Jungle (1962)

Lado A:

1. Money Jungle
2. Le Fleurs Africaines (African Flower)
3. Very Special
4. Warm Valley

Lado B:

1. Wig Wise
2. Caravan
3. Solitude

Na visão de um leitor que vinha acompanhando as histórias em quadrinhos (HQs) autorais brasileiras¹, numa década de 80 que estava começando a ficar para trás, a revista *Animal* poderia parecer ser o ápice de um processo que se iniciara há apenas alguns anos, com os quadrinhos da Circo Editorial. De acordo com o fanzineiro, grafiteiro e artista plástico Alex Cabral, “finalmente um troço bom”². A *Animal* reunia algumas características que, se não eram todas uma inovação quando consideradas separadamente, eram vistas juntas na revista como em poucos momentos dos quadrinhos brasileiros: papel couchê³, impressão de parte do seu miolo em cores, uma seleção de HQs autorais de um nível ainda não visto em publicações nacionais, principalmente de artistas europeus, entre outras. Uma novidade, isso sim, foi o encarte que trouxe nos seus cadernos centrais, o *Mau*, com quadrinhos e muitos textos e resenhas sobre os assuntos variados, falando sobre tatuagem, shows de rock, fetiches sexuais, novas drogas etc.

Esta tese partiu da premissa de que a *Animal*, pela sua localização no tempo (1988-1991), foi a última revista de quadrinhos autorais do Brasil. Aqui não se trata de desconsiderar os títulos que a sucederam, mas propor que a *Animal* foi um marco final em uma forma de publicar e distribuir quadrinhos no Brasil. Guardadas as diferenças e proporções devidas, é algo como considerar o álbum *Nevermind* um marco final num certo modelo de indústria fonográfica e sua autora, a banda *Nirvana*, como a última banda do século XX.

É possível afirmar que o Nirvana foi a última banda do século XX, a carona derradeira no velho esquema centralizado em uma grande corporação, capaz de fazer decolar aos céus uma carreira musical e forjar um ídolo eterno através de pouco mais do que talento, uma boa banda e uma boa gravação – e *Nevermind* é uma espécie de canto do cisne desse esquema. (PAIVA, 2016)

Pela maneira como atuou, pelos temas que abordou, reuniu e articulou, a *Animal* não foi, nunca, superada ou igualada e, ainda assim, um silêncio parecia ter se estabelecido após o seu encerramento. Como um navio que afunda num lago

¹ Esta tese irá, de maneira geral, se referir aos quadrinhos dentro de um âmbito de quadrinhos autorais (ver definição no capítulo 4).

² Entrevista concedida por Alex Cabral a Guilherme Caldas dos Santos em 06/10/2021.

³ Ao mencionar a *Revista Goodyear*, Millôr Fernandes se refere ao seu papel couché de alta gramatura como um de seus grandes diferenciais (Jornal do Brasil, 15/08/1991, p. 9.).

de águas tranquilas a *Animal* se foi sem, aparentemente, deixar vestígios. Um indício disso é a quase inexistente literatura a seu respeito. Uma pesquisa rápida de outros títulos importantes como *Grilo* (1971-1973), *Gibi Semanal* (1974-1975) ou *Versus* (1975-1979) é o bastante para constatar a aridez da literatura acadêmica sobre quadrinhos autorais brasileiros – com a possível exceção de *Chiclete com Banana* (1985-1990).

Por que a *Animal* se destacava de outras revistas dedicadas aos quadrinhos adultos em sua vertente autoral? Não era só porque publicava um número expressivo de páginas em cores, mesmo que isso fosse uma questão importante a ponto de *Aventura e Ficção* veicular um anúncio, em maio de 1989, afirmando publicar "o melhor do quadrinho em preto e branco" (Figura 2)⁴.

Figura 2 — *Aventura e Ficção* reivindica publicar "o melhor do quadrinho em preto e branco" em anúncio veiculado na revista Bizz, em 1989.

**FANTÁSTICA VIAGEM
EM PRETO E BRANCO.**

Ação, suspense, mistério, espionagem, terror,
guerra, violência, surrealismo, loucura e prazer.
Histórias incríveis. Grandes autores.
O melhor do quadrinho em preto e branco
está aqui.

**AVENTURA
E FICÇÃO**

 Nas bancas

Fonte: Bizz n. 46 (1989, p. 64).

Era pela seleção de autores que fazia? Talvez. *Animal* trouxe uma seleção de quadrinhos estrangeiros, na maioria europeus, representativos do que havia de mais

⁴ Bizz n. 46 (1989, p. 64.).

atual naquele momento – muitas vezes sendo publicados no Brasil pela primeira vez. Isso ajuda a entender e traz mais perguntas: por que optou por publicar alguns autores em detrimento de outros? Por que sua curadoria podia deixar de fora da revista trabalhos de excelente nível, de gente conhecida, amiga, e, ainda por cima, que já colaborara com a revista em funções de letreiramento ou assistência de arte? Os capítulos a seguir foram escritos na tentativa de responder a essas perguntas: o que foi a *Animal*? Qual o seu papel nos quadrinhos brasileiros entre as décadas de 80 e 90? Deixou algum legado? Fez alguma diferença? Estes anos foram de constantes retornos ao objeto de pesquisa desta tese. Afinal, do que se trata a *Animal*?

Esta pesquisa começou movida pela certeza de que uma revista como a *Animal* merecia, ao menos, uma tentativa de olhar mais atento e demorado, aberto a receber dela o que ela pudesse dar, mesmo depois de três décadas de seu encerramento. As perguntas enunciadas acima foram condensadas na pergunta de pesquisa "Qual (ou quais) o(s) efeito(s) da *Animal* na produção de quadrinhos no Brasil?". O mote inicial da pesquisa traduziu-se na hipótese de que a *Animal* legitimou uma certa produção de quadrinhos brasileira do período em que circulou

Um dos pontos mais trabalhosos nesta investigação foi tentar entender o funcionamento da revista e de seu encarte. Num primeiro momento, *Animal* e *Mau* pareciam ser coisas tão distintas que se chegou a cogitar um recorte que privilegiasse o encarte, por este representar uma instância de interação muito mais direta com o público leitor da revista. Ao publicar resenhas de shows que aconteciam, em sua maior parte, em São Paulo, além do trabalho de artistas brasileiros vindos de um extrato ou do circuito alternativo dos fanzines, o *Mau* foi o elemento de ligação de um ambiente cultural brasileiro com algo que parecia, a seus integrantes e agentes, um circuito de abrangência mundial. Expresso em manifestações culturais em meios e formatos diversos com elementos de ligação entre si, esse circuito, por estar presente em países diversos do centro do sistema cultural mundial, atendia às pretensões cosmopolitas de seus adeptos brasileiros (PRYSTHON, 1999) de forma similar ao que ocorrera poucos anos antes na ascensão do Rock Nacional. Música, cinema, literatura, moda, quadrinhos foram parte de um circuito que possuía ramificações em outros centros urbanos relevantes

do país a partir de sua principal cidade. No entanto, a investigação encontrou indícios de que esse funcionamento se deu em consonância com a parte mais "certinha" da revista, ou seja, todo o resto. Antes de ater-se à revista, porém, é importante tentar entender os processos envolvidos na formação do contexto em que ela foi elaborada e em que efetivamente circularam suas edições.

Compreender o papel da *Animal* e do seu encarte *Mau* como um ponto de encontro e ressonância nos quadrinhos e na cultura brasileira do período em que circulou foi a questão que orientou as ações ao longo do processo de investigação sobre a revista. Delineou-se uma abordagem que encontrou no conceito de *estrutura de sentimento* proposto por Raymond Williams uma chave para sua leitura como objeto de pesquisa. O conceito será abordado com mais detalhe no capítulo 3 (Quadrinhos, juventude e articulação cultural), mas, colocado de forma resumida, trata-se de considerar aspectos na análise que nem sempre podem ser diretamente referenciados na materialidade da obra de arte ou de obras ou artefatos resultantes da produção cultural em um determinado recorte histórico.

Relacionar uma obra de arte a qualquer parte do todo pode, em graus variados, ser útil; mas é uma experiência comum, na análise, perceber que, quando se mede a obra em relação às partes separáveis, ainda resta algum elemento para o qual não há contrapartida externa. É isso, em primeiro lugar, que quero designar como a estrutura do sentimento. Ela é tão firme e definida quanto a palavra "estrutura" sugere, mas se baseia nos elementos mais profundos e, muitas vezes, menos tangíveis de nossa experiência. É uma maneira de responder a um mundo específico que, na prática, não é sentida como uma forma entre outras - uma "forma" consciente -, mas é, na experiência, a única forma possível. Seus meios, seus elementos, não são proposições ou técnicas; são sentimentos incorporados e relacionados. (WILLIAMS, 1969, p. 18)⁵

Em meio aos processos culturais implicados no surgimento da *Animal*, a consolidação da juventude como segmento relevante na produção de significados e como nicho mercadológico integra-se a processos sócio-históricos que têm como

⁵ To relate a work of art to any part of that whole may, in varying degrees, be useful; but it is a common experience, in analysis, to realize that when one has measured the work against the separable parts, there yet remains some element for which there is no external counterpart. It is this, in the first instance, that I mean by the structure of feeling. It is as firm and definite as "structure" suggests, yet it is based in the deepest and often least tangible elements of our experience. It is a way of responding to a particular world which in practice is not felt as one way among others — a conscious "way" — but is, in experience, the only way possible. Its means, its elements, are not propositions or techniques; they are embodied, related feelings. (WILLIAMS, 1969, p. 18)

pano de fundo, o processo de reabertura política ocorrido ao longo do final da década de 70 até meados dos 80, conectando-se às vicissitudes do primeiro governo presidido por um civil, José Sarney, após a ditadura.

O capítulo 4 procura lidar com os processos de legitimação em torno dos quadrinhos e o surgimento de publicações que formaram o ambiente que possibilitou a criação da *Animal*. Essas publicações incluem algumas de suas influências diretas, como *El Víbora*, *Cannibale* e *Frigidaire*, ou indiretas, como *Linus* ou *Métal Hurlant*. Esses processos têm um marco significativo com o início da produção de artigos, livros e ensaios que procuraram tratar os quadrinhos como um objeto de estudos merecedor de uma abordagem séria e comprometida. Essa produção acadêmica estava inserida em um movimento mais amplo que procurou problematizar a noção de que havia uma "alta" cultura sob a ameaça da subcultura ou do "lixo cultural". Essas iniciativas têm estreita ligação com os movimentos dos quadrinhos europeus e estadunidenses que, ao se recombinarem, ajudaram a dar forma ao ambiente que possibilitou o surgimento de HQs como *Watchmen*, *O Cavaleiro das Trevas* e, principalmente, *Maus*.

Em seguida, esta tese se propõe a localizar a revista em relação às suas congêneres, analisando tanto seus aspectos materiais quanto de conteúdo. Nesta etapa, a pesquisa se baseou nos dados colhidos através do fichamento das 22 edições da revista, em entrevistas com pessoas ligadas a ela e na articulação destes procedimentos entre si.

O fichamento proporcionou uma visão de conjunto da revista e do encarte e possibilitou o mapeamento dos seus conteúdos, a contextualização de suas pautas e a análise das diferentes etapas pelas quais passou. Já as entrevistas procuraram elucidar questões surgidas durante a investigação, estabelecer ligações entre as pessoas envolvidas na produção da revista e ter uma indicação sobre como esta era percebida por uma parte de seu público leitor e sobre como este agia sobre ela.

Um modo de sistematizar esta etapa da investigação foi o recurso a uma metodologia derivada da história oral (MEIHY; HOLANDA, 2015). Quanto ao procedimento, mais especificamente, estas entrevistas foram múltiplas (conforme o caso ou a necessidade), direcionadas e estimuladas. Optou-se pela sua realização via videoconferência e, neste aspecto, é importante ressaltar as limitações e as vantagens da videoconferência ou da troca de mensagens textuais (via e-mails ou

aplicativos de mensagens). Dois motivos importantes levaram à adoção destes procedimentos. Um deles refere-se às distâncias geográficas, e o outro, à vigência da pandemia de SarsCov-2 (COVID-19) que chegou ao Brasil no primeiro trimestre de 2020 e permaneceu em situação indefinida ao longo de boa parte desta pesquisa. Da mesma forma que os silêncios e lacunas, as limitações de uma ferramenta como a videoconferência não precisam ser necessariamente fator de interdição de sua utilização, desde que isso não represente prejuízo à investigação. A interferência nas nuances relativas à linguagem corporal, ao contexto mais abrangente do entrevistado, ao seu comportamento diante do entrevistador pode ser compensada por uma facilidade no seu acesso que de outra maneira seria muito dificultada. Do mesmo modo, o recurso a mensagens de texto é um procedimento válido de investigação, desde que se lide com isso no processo de análise do material.

Procurando seguir as práticas de pesquisa em história oral⁶ as entrevistas foram, quando possível, gravadas, sempre com a anuência dos entrevistados, que eram, ainda, informados dos objetivos do procedimento bem como de sua duração aproximada. O recurso à gravação visou principalmente permitir uma interação mais ágil entre entrevistador e entrevistado, sem a necessidade de interrupções constantes para a tomada de notas, permitindo a fluidez nas falas e formulações narrativas do entrevistado. Ao conjunto de pessoas entrevistadas, assegurou-se, ainda, que este material seria mantido em posse do pesquisador, sendo incluído como transcrição literal sob forma de apêndices apenas na condição de autorização expressa do entrevistado.

No capítulo 6 constrói-se um olhar sobre a revista, seu processo de criação, seu funcionamento e seu encerramento, procurando detalhar essas etapas relacionando os eventos e pessoas citadas e consultadas com o seu entorno.

Como uma maneira de se aproximar do caráter "ecumênico" da *Animal*, esta tese traz HQs e *playlists*, mesclados ao seu conteúdo. As HQs estão no início e no final da tese. A primeira, incluída como prólogo, foi especialmente pensada para ela. A segunda, incluída como epílogo, é anterior ao início das pesquisas sobre a *Animal*,

⁶José Carlos Meihy e Fabíola Holanda (2015) proporcionam uma boa base para a elaboração de um projeto de pesquisa em história oral, tendo suas considerações sido importantes no momento de estruturar as entrevistas para esta pesquisa.

e foi produzida como posfácio para o livro *Ouçá este livro*, de Cassiano Fagundes (2017). Em comum, a alusão a alguns aspectos de como se consumia música antes das plataformas digitais – época em que se recorria frequentemente às fitas cassete – e, ainda, a alusão à convergência entre quadrinhos e música, materializada na *Animal*. A inclusão das *playlists* foi outra maneira de se referir à diversidade de manifestações culturais abordada na *Animal*. Incluídas no início de cada capítulo, todas elas vêm de citações diretas na revista e são um reflexo da diversidade de estilos abordados na *Animal* e no *Mau*. A ideia, com essas listas, é proporcionar aos leitores desta tese uma dimensão adicional de contato com o seu objeto de pesquisa.

3 QUADRINHOS, JUVENTUDE E ARTICULAÇÃO CULTURAL

Figura 3 — Capa do álbum *Sister*, do Sonic Youth, mencionado na *Animal* nº 7 (1989, p. 39).



Fonte: Discogs (2010), Autoria própria (2023).

Sister (1987)

Lado A:

1. Schizophrenia
2. (I Got A) Catholic Block
3. Beauty Lies In The Eye
4. Stereo Sanctity
5. Pipeline / Kill Time

Lado B:

1. Tuff Gnarl
2. Pacific Coast Highway
3. Hot Wire My Heart
4. Cotton Crown
5. White Cross

Esta investigação parte da hipótese de que a *Animal* foi uma importante instância de legitimação de uma parte da produção brasileira de quadrinhos entre o final da década de 80 e o início da década de 90. Para discutir como se deu esse processo, usaremos fundamentos dos estudos culturais a partir de Raymond Williams (1960, 1969, 1977, 1989, 2011). Tomamos como base, também, as categorias de valorização e instâncias de leitura propostas por John Thompson (2011). O propósito deste capítulo é pensar o contexto cultural com que a *Animal* dialogou, articulando-o com esses conceitos, antes de passar para a discussão dos processos de legitimação dos quadrinhos, em que a revista se situa.

Uma questão que foi se delineando ao longo da investigação é que a *Animal* pode ser entendida como parte do conjunto de processos que teve lugar na cultura, na sociedade e na política brasileira a partir da década de 1960. Como tal, foi uma das instâncias de materialização das contradições, demandas e anseios do momento em que foi produzida – o que se deu, em boa medida, a partir dos quadrinhos publicados em suas 22 edições. Sendo um meio de expressão, não faz sentido pensar os quadrinhos dissociados do momento em que atuam (CEVASCO, 2001).

Maria Elisa Cevasco (2001) ressalta uma característica importante dos estudos culturais, presente abordagem de Raymond Williams, é que, neles, se pensam

as características da arte e da sociedade em conjunto, não como aspectos que devem ser relacionados, mas como processos que têm diferentes maneiras de se materializar, na sociedade e na arte. Os projetos artísticos e intelectuais são constituídos pelos processos sociais, mas também constituem esses processos na medida em que lhes dão forma (CEVASCO, 2001, p. 64).

Isso implica considerar os quadrinhos, incluindo os publicados pela *Animal*, como produtos e agentes, simultaneamente, dos processos em curso no contexto em que foram produzidos ou veiculados. No caso da *Animal*, trata-se de quadrinhos produzidos para a revista – especialmente para seu encarte *Mau* – mas, também, de quadrinhos produzidos em um momento anterior à revista, nas décadas de 60 – caso dos quadrinhos de Bill Griffith ou Magnus – ou 70 – caso de Hunt Emerson ou das HQs de *Ranxerox*. Mesmo a HQ *O caso das nuvens geladas de*

*Vênus*⁷ publicada em sua primeira edição, fora escrita e desenhada por Newton Foot para uma segunda edição de *Brigitte*, o fanzine que produzia com Fábio Zimbres, que nunca foi lançada⁸. Sua integração nas páginas da *Animal* foi reflexo e, também, instância de formulação de significados em uma década de 80 que ia começando a ficar para trás (Figura 4).

Figura 4 — Quadrinhos produzidos antes da *Animal* e a pedido da revista.



Fonte: Foot (1988, p. 21); Winnesburg e Farias (1989).

3.1 ESTRUTURA DE SENTIMENTO

Dentro dos chamados estudos culturais, um conceito importante proposto por Raymond Williams é o de *estrutura de sentimento*. Tal como estabelecido por Williams, esse conceito decorre de uma "visão organizadora" (WILLIAMS, 2011, p. 32), que sistematiza e ajuda a compreender a relação das práticas culturais de uma época com as demais esferas, econômicas, políticas e sociais (PAZ, 2017).

⁷*Animal*, n. 1, p. 20–26, 1988.

⁸Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Newton Foot em 21/10/2021.

O fundamento dessa abordagem é a crença em toda a atividade humana como uma tentativa de oferecer uma resposta expressiva a uma situação objetiva particular. Quem oferece essa resposta? [...] Nem o indivíduo nem qualquer grupo abstrato, mas indivíduos em relações sociais reais e coletivas (WILLIAMS, 2011, p. 32).

Raymond Williams formulou, em parte, esse conceito como um diálogo com a ideia proposta por Lucien Goldmann, de articulação de uma consciência real com aquela chamada consciência possível. Essa distinção se daria entre a percepção ontológica de um certo período (consciência real) em relação a tipos de literatura variados como dramaturgia ou romances deles resultantes (consciência possível). Sem refutar completamente Goldmann, o conceito de Williams problematiza a diferenciação entre essas instâncias de consciência, nem sempre verificadas ou verificáveis empiricamente:

[...] o que me pareceu acontecer, em algumas das maiores obras da literatura, foi simultaneamente uma simulação de e uma resposta a essas estruturas subjacentes e formativas. Na verdade, isto constituiu, para mim, o fenômeno literário específico: a dramatização de um processo, a criação de uma ficção em que os elementos constitutivos reais da vida social e das crenças foram simultaneamente atualizados e, de forma importante, vividos de modo diverso, a diferença residindo no ato criativo, no método imaginativo e na organização imaginativa específica e genuinamente sem precedentes (WILLIAMS, 2011, p. 34).

A consciência possível funciona como balizamento de mudanças nos conceitos que permeiam os processos culturais conforme são formulados pelos grupos envolvidos numa determinada vertente ou conjunto de vertentes. O "possível" também se refere ao quanto um pensamento pode ser mantido, sua extensão no tempo, antes que ocorra uma transformação, que pode se dar dentro da classe social relacionada a ele ou se dar pela substituição dessa classe por outra. Por meio da estrutura de sentimento, Williams propõe uma análise que evite ater-se a elementos evidentes, de modo a superar eventuais ausências de relações aparentes atendo-se ao "princípio organizador pelo qual uma visão específica do mundo e, em decorrência disso, a coerência do grupo social que a mantém realmente atuam na consciência" (WILLIAMS, 2011, p. 31).

O que me parece especialmente importante nessas estruturas de sentimento em transformação é que elas costumam preceder as transformações mais reconhecíveis do pensamento e da crença formais que compõem a história habitual de consciência e que, embora correspondam muito de perto a uma verdadeira história social de homens vivendo em relações sociais reais e em transformação, precedem, mais uma vez, as alterações mais reconhecíveis nas instituições formais e nas relações sociais que constituem a história mais acessível e, de fato, mais habitual (WILLIAMS, 2011, p. 35).

Um aspecto interessante nesse conceito é o fato de ele ser uma ferramenta versátil na análise de elementos que atravessam as diversas instâncias de cultura, sociedade, história, política, entre outros, e que nem sempre são mensuráveis por meio dos procedimentos usuais de pesquisa. Ângela Prysthon considera que

a estrutura de sentimento caracteriza a experiência vivida em um lugar e um tempo particulares, é a cultura de um momento histórico específico e sugere um conjunto comum de percepções e valores compartilhados por uma geração e é mais claramente articulado a partir de convenções e formas artísticas (PRYSTHON, 2014, p. 5).

De acordo com Maria Elisa Cevasco (2001), também se encontra na origem do conceito a necessidade de superação de modelos de análises com os quais Williams precisava lidar. Em *Preface to Film* (1954), Williams procura solucionar uma lacuna percebida entre as análises formalistas e as "de cunho 'sociológico'" (CEVASCO, 2001, p. 152). No primeiro caso, o problema é a falha em colocar de maneira clara o papel das escolhas de grupos historicamente situados como resposta a mudanças que nem sempre se dão dentro do entendimento de arte ou cultura. No segundo, a aplicação irrefletida de conceitos sobre ideologia em que a cultura seria resultado direto na superestrutura de elementos de base (CEVASCO, 2001). A estrutura de sentimento é, portanto, uma ferramenta que permite lidar com aspectos residuais, ajudando a evitar a aplicação automática de conceitos ao objeto de análise.

Relacionar uma obra de arte com qualquer aspecto da totalidade observada pode ser, em diferentes graus, bastante produtivo; mas muitas vezes percebemos na análise que quando se compara a obra com esses aspectos distintos, sempre sobra algo para que não há uma contraparte externa. Este elemento é o que denominei de estrutura de sentimentos, e só pode ser

percebido através da experiência da própria obra de arte. (WILLIAMS apud CEVASCO, 2001, p. 152)

Em outro estudo sobre Raymond Williams e os estudos culturais, Maria Elisa Cevasco (2003) considera que o recurso ao conceito de estrutura de sentimento permite "descrever a presença de elementos comuns em várias obras de arte do mesmo período histórico que não podem ser descritos apenas formalmente" (CEVASCO, 2003, p. 153). A autora ilustra esse entendimento citando a pesquisa realizada por Michael Denning (1987)⁹ sobre modalidades de literatura barata – as "Dime Novels" – produzidos para a classe trabalhadora dos Estados Unidos abrangendo a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Conforme observado por Cevasco (2003), Denning consegue identificar uma conexão entre coisas tão diferentes entre si quanto os locais onde se apresentava a cantora de jazz Billie Holiday, os protestos de cartunistas da Disney, o cinema de Orson Welles ou a música de Duke Ellington, por meio da constatação de que foram diferentes materializações de um mesmo movimento amplo: "Um pomo de união entre expressões tão dispares era o esforço de criar uma cultura democrática nos Estados Unidos, defendendo valores de igualdade social e racial" (CEVASCO, 2003, p. 153).

É importante lembrar que os estudos culturais surgiram num momento de incremento massivo da produção de conteúdos variados, visando o abastecimento uma indústria cultural em expansão (CEVASCO, 2001, 2003). Representaram, ainda, uma resposta aos conceitos organizados e difundidos por meio da revista *Scrutiny* (1932-1953)¹⁰, defendendo a necessidade de proteção de uma forma de cultura superior, colocada em risco pela crescente padronização e mediocridade com o avanço da cultura de massa (CEVASCO, 2003). Segundo essa linha de pensamento, uma estratégia de resistência seria o resgate de valores superiores de uma tradição sólida, que poderiam ser transmitidos por meio da "alta" literatura. Williams alerta para o fato de que os elementos que compõem a tradição são selecionados ou descartados de acordo com os desígnios dos grupos que a elaboram. O recurso ao conceito de tradição seria, assim, um subterfúgio que

⁹ DENNING, Michael. *Mechanic Accents: Dime Novels and Working-Class Culture in America*. London; New York: Verso, 1987.

¹⁰ Conceitos desenvolvidos por T. S. Eliot, Ivor Armstrong Richards e Frank Raymond Leavis. A revista *Scrutiny* era editada por Leavis e sua esposa Queenie. Ver Cevasco (2003).

permitiria a esses grupos o controle e a eventual interdição do debate. Williams define esse procedimento no conceito de "tradição seletiva":

O que acontece, e sempre acaba se descobrindo se procurarmos com cuidado, é que outras coisas foram deixadas de lado, ou simplesmente excluídas, e ainda outras foram interpretadas de forma a ter um outro sentido, [...] e outras foram supervalorizadas, porque estabeleciam uma conexão com alguma ênfase que interessava a essa classe dominante e a suas instituições educacionais (CEVASCO, 2001, p. 72).

A consolidação dos estudos culturais, conforme propostos por Raymond Williams, Richard Hoggart e E. P. Thompson coincide, ainda, com a da *New Left*, em que a esquerda britânica começara a se reorganizar. De acordo com Cevasco (2003), no *front* externo, essa esquerda precisava se haver com o desmantelamento do mito da utopia stalinista¹¹ e com a crise representada pela intervenção soviética na Hungria, ambas em 1956¹². No interno, com a percepção de decadência do país que fora, até aproximadamente duas décadas antes, o centro do maior império do planeta. Declínio esse que teve como um de seus marcos a Crise de Suez (1956) – a invasão da região do canal que havia sido nacionalizada pelo governo egípcio de Gamal Abdel Nasser¹³.

Para muitos, essa retirada evidencia a derrocada final do poderio imperial britânico. A direita, chocada, percebe que Britânia não mais governa os mares. Igualmente chocada, a esquerda constata que a classe trabalhadora também tinha sido, nas palavras de Williams, "terrivelmente corrompida" pelo imperialismo. [...] A transformação marcante desses anos pode ser resumida, de forma radical, no movimento que levou da "Great Britain" à "Little England" (CEVASCO, 2003, p. 84).

¹¹ No encerramento do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956, o Secretário Geral do partido, Nikita Krushev realizou um discurso em que denunciou seu predecessor, Josef Stalin, pelo desvirtuamento da Revolução de 1917 com o uso indiscriminado da violência para perseguir opositores do regime, e por seu culto à personalidade, entre outras mazelas. O evento é visto como um dos primeiros sinais do futuro desmantelamento da União Soviética. (HOBSBAWM, 1994)

¹² Uma das consequências da desestabilização ocasionada pela denúncia a Stalin feita por Krushev, foi a iniciativa do líder comunista húngaro Imre Nagy de retirar a Hungria do Pacto de Varsóvia, em 1956. O movimento foi reprimido por uma invasão militar do país por tropas soviéticas. (HOBSBAWM, 1994)

¹³ Uma coalizão formada por Israel, Inglaterra e França interveio militarmente na região do Canal de Suez que havia sido nacionalizada pouco tempo antes pelo governo de Nasser. Sem poder se contrapor às pressões exercidas pelos Estados Unidos para o encerramento do conflito, precisaram abdicar de suas pretensões. (MCDERMOTT, 1998)

Os estudos culturais problematizaram a ideia de que haveria uma cultura "superior" em detrimento de uma cultura "inferior" ou "corrompida", que se articulava com a noção de que a cultura operaria segundo uma lógica interna, apartada do seu contexto sócio-histórico. O momento em que se estruturou teve como pano de fundo, ainda, um conjunto de guerras de libertação, o movimento por Direitos Civis nos EUA, e a Campanha pelo Desarmamento Nuclear no Reino Unido. No final dos anos 1960, o levante e a posterior intervenção soviética na Checoslováquia – a Primavera de Praga – e o conjunto de manifestações e greves na França – o Maio de 68 – contribuíram para dar o tom de uma década em que parecia que "nada seria como antes amanhã" (CEVASCO, 2003, p. 68).

3.2 VONTADE DE MUDANÇA

3.2.1 **Década de 60**

Essa vontade de mudança que se manifestava em diversos lugares, tanto nos países centrais do sistema capitalista, como no então chamado Terceiro Mundo, tinha sua contrapartida cultural na recombinação de formatos e significados ligados a extratos culturais variados. Os questionamentos implicados nessa estrutura de sentimento começavam na própria ideia do que deveria e do que não deveria integrar o cânone da cultura. É o caso do *jingle* para a multinacional petrolífera *Shell*, incluída pela banda *Os Mutantes* como a quinta faixa do lado 1 no seu álbum *Mutantes* (1969). O incômodo causado por essa atitude pode ser atestado na sua própria capa, em que Nelson Motta faz a defesa da música e de sua inclusão no álbum "como uma música qualquer".

Quem vive numa sociedade de consumo tem duas alternativas: ou participa ou é devorado por ela. Não há saída fora desta opção. O jingle dos Mutantes que prefiro chamar simplesmente de "música", é melhor, infinitamente melhor, que a maioria das canções que andam pelas praças e paradas. Por que não gravá-lo em disco?

Eles gravaram, sem orgulho ou vergonha, normalmente, como uma música qualquer. A intenção com que foi feita, pouco importa, o que vale é o som final. Além de cumprirem os objetivos de promoção de vendas de imagem pública da Shell e de divulgação de uma marca, eles estão colaborando para a música brasileira contemporânea, com grandeza e competência (MOTTA, 1969).

Como parte dessa ação de propaganda, *Os Mutantes* foram transformados em personagens de quadrinhos e, como tal, publicados num formato em que barreiras entre o que era anúncio e o que era conteúdo ficavam, se não ausentes, fluidas (Figura 5).

Figura 5 — Mutantes como personagens de HQ.



Fonte: Acervo Estadão - O Estado de S. Paulo (2019).

No mesmo momento, o jornal *O Pasquim* (1969-1991) mandava o *copydesk*¹⁴ para o espaço (BUZALAF, 2009), enquanto a atriz Leila Diniz combinava em sua figura personagens que iam desde a professorinha de *Todas as mulheres do mundo* (1966) até a Rainha da Banda de Ipanema (SANTOS, 2008).

No Brasil, essa foi a década em que as movimentações políticas entre setores identificados com a esfera de influência liderada pelos Estados Unidos conseguiram tomar o poder num golpe de estado que vinha tomando forma desde, pelo menos, a

¹⁴Em jornalismo, *copydesk* é o procedimento de revisão e adequação de um texto à norma culta antes de ser publicado. No caso de uma entrevista, significa evitar elementos comuns em falas coloquiais, como repetições de palavras ou o uso de gírias e jargões.

década anterior (FAUSTO, 1995). A quebra e o posterior remodelamento da institucionalidade política do golpe foi contemporâneo à consolidação de uma cultura jovem, que começava a ser objeto de atenção dos meios de comunicação e da indústria cultural brasileira (MIRA, 1997). Baseado tanto em elementos da cultura americana difundida por meio do cinema, música, imprensa (em revistas dedicadas aos segmentos citados, por exemplo), quanto na exaltação de elementos da cultura popular, entre outros, esse segmento teve, entre suas referências significativas, o programa de televisão *Jovem Guarda* (1965-1968) e os *Festivais de Música Popular Brasileira* (1960; 1965-1969) ambas transmitidas pela TV Record.

Manifestações culturais associadas a esse público materializavam-se, também, em mudanças relacionadas aos costumes, especialmente na segunda metade da década. A adoção de roupas, penteados e trejeitos alimentavam debates e conflitos em torno de temas como o papel dos jovens ou das mulheres na sociedade ou a sexualidade relacionada a esses grupos. A abordagem dessas pautas na imprensa podia se dar de maneira simultânea – caso da cena de um parto na 10ª edição de *Realidade*¹⁵, prontamente apreendida pela censura (MIRA, 1997). Além de *Realidade*, a veiculação desse e de assuntos como mães solteiras, aborto ou temas relacionados à sexualidade da juventude se dava em revistas como *Manchete*, *O Cruzeiro* ou *Claudia* (CUNHA, 2001). O fato de isso ser tratado em revistas de grande tiragem em um momento em que a simples menção de quaisquer métodos contraceptivos era ilegal dá uma medida do tom de contestação daquele período.

No cinema, essa estrutura de sentimento podia ser percebida em movimentos como o Cinema Novo – em filmes como *Cinco Vezes Favela* (1962), *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) ou *Macunaíma* (1969) – ou como o Cinema Marginal – em filmes como *O Bandido da Luz Vermelha* (1968), *A Mulher de Todos* (1969) ou *Bang Bang* (1970) – ou, mesmo, em filmes sem afiliação clara a esses movimentos – filmes, inclusive bastante distintos entre si, como *O Pagador de Promessas* (1962), o já citado *Todas As Mulheres do Mundo* (1966) ou *Os Monstros de Babaloo* (1971).

No teatro, essa abordagem estava implicada em montagens como a do show *Opinião* (1964), a de *Arena Conta Zumbi* (1965) ou a de *O Rei da Vela* (1967).

¹⁵KALILI, Narciso; ANDUJAR, Cláudia. Nasceu! *Realidade*, n. 10, p. 68–74, 1967.

Na música, no citado show *Opinião*, na trilha de Sérgio Ricardo para *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. A música brasileira da segunda metade da década foi o lugar de releituras e recombinações de elementos da cultura, como na junção de música caipira com ficção científica feita pela banda *Os Mutantes* em *2001* (1969) ou de ritmos populares com guitarras e instrumentação erudita, como fez Gilberto Gil em *Domingo no Parque* (1968), ou, ainda, como fez Rogério Duprat na *Música Nova*¹⁶ e, depois, na *Tropicália* (1967-1969) – ela mesma com origens em uma confluência de música e artes visuais (NAPOLITANO, 2014). Mesmo em canções como *Negro Gato* (ARAÚJO, 2006), na interpretação de Roberto Carlos (1966), havia, latente, uma ideia de transgressão. Como alertava, ironicamente, Stanislaw Ponte Preta (1966), a subversão estava à espreita, mas ela estava implicada em instâncias culturais diversas. *Jovem Guarda*, *Tropicália* ou a canção de protesto estavam mais próximos do que seus entusiastas gostariam de admitir em alguns casos.

A imprensa estava implicada nesses processos. Em outubro de 1963, após longa hesitação (ZIRALDO, 2005), a coluna *Pif Paf*, que Millôr Fernandes vinha produzindo para a revista *O Cruzeiro* desde 1945 (BUSETTO, 2016), publicou uma visão satírica sobre a versão bíblica da criação do mundo (Figura 6).

¹⁶Sobre a Tropicália e o grupo Música Nova, ver Jonas Lana (2013).

Figura 6 — O Gênesis, segundo Millôr Fernandes.



Fonte: Fernandes (1963).

A reação contrária foi forte o suficiente para que a revista encerrasse a coluna e demitisse Millôr após vinte anos de casa. Duas semanas depois (BUSERO, 2016), *O Cruzeiro* trazia em seu editorial, um texto de desagravo pela "matéria insultuosa às convicções religiosas do povo brasileiro" (FERNANDES, 2005, p. 9), e continuava:

Prometemos aos nossos leitores, agravados de forma tão brutal... que isso não mais se repetirá [...]. Confiamos na honestidade intelectual de nosso colaborador. Confiamos e erramos [...]. Esta revista sempre deu a seus leitores, com autenticidade, seu testemunho de cristianismo. É perante Deus que nos penitenciamos" (FERNANDES, 2005, p. 9)¹⁷.

Em resposta à atitude da revista, reuniu-se em torno da figura de Millôr um grupo que transformaria a coluna de *O Cruzeiro* numa revista de mesmo nome. *O Pif*

¹⁷A perplexidade expressada por Millôr, mesmo após décadas do ocorrido (FERNANDES, 2005), talvez se desse porque o material publicado pela revista não era inédito. De acordo com Áureo Busetto (2016), quando foi publicada em *O Cruzeiro*, já havia sido exibida na televisão e no teatro em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife.

Paf, apesar de sua curta vida, estabeleceu poucos anos depois as bases para *O Pasquim* – uma das principais referências da imprensa alternativa brasileira.

3.2.2 Década de 70

Publicações como a revista *Grilo* (1971-1973), o tabloide *Versus* (1975-1979) ou o jornal *Raposa* (1978-1983), entre outras, passariam a publicar HQs produzidas por artistas do *underground* americano e europeu, como Robert Crumb ou Guido Crepax, em alguns casos mesclado ao material de artistas brasileiros com graus de notoriedade variados. As páginas de *O Bicho* (1975-1976) podiam publicar um Luiz Gê ainda iniciante (Figura 7), por exemplo, trazendo na edição seguinte um veterano como Luiz Sá.

Figura 7 — Luiz Gê: Tamanduás do espaço atacam nas páginas da 5ª edição de *O Bicho* (1975).



Fonte: Santos (2017, p. 75).

Essas movimentações combinavam-se a outras, na cultura, caso da exposição de quadrinhos no MASP, na academia, com o surgimento de estudos sobre quadrinhos conforme tratado no capítulo seguinte. Na política, uma década que começara sob a égide do Milagre Econômico¹⁸, tanto em sua plena vigência quanto em seu esgotamento, via mudanças na maneira como se organizavam os protestos contra os governos autoritários. Uma abordagem mais ligada à pauta de comportamento e costumes começava, aos poucos, a assumir maior preponderância em relação àquela mais estritamente politizada¹⁹. Essa abordagem expressava-se numa produção cultural que era, a um só tempo, moldada pelas condições em que era elaborada e era instância de produção dos significados que influenciavam os rumos dos debates e de correntes de pensamento circulantes no seu contexto. Questões como a censura, seu gradual afrouxamento e a, também gradual, reabertura política, não deixavam de estar colocadas em filmes, jornais e revistas, música ou teatro. Essa expressão podia se dar de forma indireta, como nas apreensões das tiragens de jornais da imprensa alternativa, caso do jornal *Opinião* ou no surgimento de um compositor de sucesso que assinava como Julinho de Adelaide – nome adotado por Chico Buarque para driblar a má vontade dos censores com suas músicas. Podia, claro, se dar de forma mais assertiva, como nos quadrinhos de Henfil em que este trata dos Esquadrões da Morte²⁰ (Figura 8), ou da redemocratização. Podia, ainda, vir na forma de uma linha editorial, como a de *Versus* e sua proposta de pensar a América Latina, sua cultura e integração por meio da cultura (KUCINSKI, 2001).

¹⁸O período do chamado 'milagre' estendeu-se de 1969 a 1973, combinando o extraordinário crescimento econômico com taxas relativamente baixas de inflação. O PIB cresceu na média anual, 11,2%, tendo seu pico em 1973, com uma variação de 13%. A inflação média anual não passou de 18%" (FAUSTO, 1995, p. 485).

¹⁹Conforme discriminação feita por Marcos Napolitano (2014).

²⁰Esquadrões da Morte foram grupos clandestinos formados no final dos anos 50 por agentes do Estado sob o pretexto de uma suposta "ofensiva contra o crime". Na prática, agiam segundo interesses de setores ligados à exploração da prostituição, jogo ilegal, tráfico de drogas, ou, mais tarde, a setores empresariais, na repressão a opositores do regime militar. (COMISSÃO DA VERDADE, 2015)

Figura 8 — O Esquadrão da Morte no traço de Henfil.



Fonte: Benett (2019).

As pautas comportamentais e políticas integravam as correntes contestatórias, ainda que com eventuais conflitos entre si (NAPOLITANO, 2014). Uma certa irreverência sempre estivera presente em maior ou menor grau nas críticas ao regime. Em alguns casos, essa irreverência tinha origem na própria atuação da repressão, como nos casos em que Sófocles foi intimado a depor no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), sendo impedido de comparecer por estar falecido há mais de dois mil anos (PONTE PRETA, s.d.) ou quando *Pif Paf* declara, ao final de sua última edição que

Quem avisa, amigo é: se o governo continuar deixando que certos jornalistas falem em eleições; se o governo continuar deixando que determinados jornais façam restrições à sua política financeira; se o governo continuar deixando que alguns políticos teimem em manter suas candidaturas; se o governo continuar deixando que que algumas pessoas pensem por sua própria cabeça; e, sobretudo, se o governo continuar deixando que circule esta revista, com toda sua irreverência e crítica, dentro

em breve estaremos caindo numa democracia ("Quem avisa [...]", 1964, p. 24).

Essa postura já estava colocada no próprio fato de *O Pasquim* ser uma publicação de humor que incluía pautas comportamentais em seu conteúdo. Estava, também, presente na ideia de uma "esquerda festiva", conforme descrito por Antônio Callado em *Bar Don Juan* (1971). O fechamento do regime a partir do AI-5, com o decorrente endurecimento da repressão, combinados a um certo bem-estar e a ilusão de progresso econômico davam a sensação de que a ditadura poderia se manter indefinidamente, conforme depoimento de Nelson Motta para a série documental sobre o grupo de teatro *Asdrúbal Trouxe o Trombone*: "estava se tornando cada vez mais claro que aquilo [a ditadura] veio pra ficar mesmo" (NO DORSO..., 2017). Com o desmantelamento de qualquer possibilidade de reação, fosse institucional ou armada (GASPARI, 2004), as vozes da contestação ficaram circunscritas aos circuitos alternativos ou às instâncias menos propensas ao monitoramento do aparato repressivo – caso da juventude de classe média da Zona Sul do Rio de Janeiro, que, em um momento em que não se tinha notícia de nada, se informava como podia:

Jornais censurados, ou seja, o jornal não podia dizer exatamente o que estava acontecendo na cidade, no Brasil e no mundo. O que se tinha de conhecimento de vida é o que se trocava com os garotos e as garotas da geração, nas festas nas esquinas ou através das músicas através dos espetáculos – também censurados (NO DORSO..., 2017).

Nesse sentido, o deboche, a irreverência ou, mesmo, uma postura aparentemente descompromissada podiam se converter em modo de resistência. Como quando o corpulento ator Jorge Alberto Soares entra em cena, ao final da encenação da peça *O Inspetor Geral*, de Nikolai Gogol, vestido de bailarina e dançando a *Morte do Cisne*. Ao lembrar dessa passagem com o diretor da montagem, Hamilton Vaz Pereira, ambos concordam com o quanto aquilo tudo era uma tolice:

- Era muito bobo, né?
- Era bobíssimo. Mas era um Gogol. (NO DORSO..., 2017)

Apesar de tolo, era libertador – talvez por essa razão mesmo. O desbunde encontrado pelo cineasta Cacá Diegues, voltando do exílio, ao se defrontar com as chamadas *Dunas do Barato*²¹, fizeram com que tivesse um entendimento melhor daquele momento, daquela década de 70 que, ainda no seu início, guardava pouca ou nenhuma semelhança com a agitação cultural pré-AI-5. Diegues considera que começava a crescer no país, de forma sub-reptícia, uma reação subversiva e libertadora num nível pessoal: "Essa foi uma coisa muito importante que aconteceu no início dos anos 70, que liberou a gente dessa 'maldição da tristeza', dessa obrigação de ser triste pra poder ser revolucionário" (NO DORSO..., 2017).

Expressão que passou a circular no meio artístico a partir dos anos 60, o termo *desbunde* tinha uma conotação pejorativa (DINIZ, 2017). Conforme o jornalista Luiz Carlos Maciel, "o desbunde era denominado pela esquerda ortodoxa como um movimento 'imaturo', subjetivo e individualista" (apud DINIZ, 2017, p. 73)²². No decorrer dos anos 70, no entanto, o estrangulamento das possibilidades de atuação política dentro da institucionalidade ou nos meios culturais e midiáticos fez com que a dimensão pessoal, sendo menos propensa ao escrutínio do aparato repressivo, aumentasse de importância como local de expressão. Assumia, desta forma, uma dimensão de atitude de contestação social e, ao mesmo tempo, de descrença nas possibilidades da luta armada contra a ditadura (GONÇALVES, 2008). Ainda que o desbunde se aplicasse menos ao sistema político que à vida (DINIZ, 2017), seus adeptos não deixavam de ter que se haver com a repressão, como comenta a atriz Regina Casé: "tomava três duras [batidas policiais] por dia, de minissaia, sozinha, no auge da ditadura, chegando em casa [...] era uma loucura, esse período" (NO DORSO..., 2017).

Nos quadrinhos brasileiros desse período essa "subversão sub-reptícia" encontra-se em alguns trabalhos de Luiz Gê, como *Nuestras Raíces* (1973) ou *Bang Bang do Far East* (1976). *Nuestras Raíces*, publicada na 6ª edição da revista *Balão* (1972-1975), é uma alegoria das agruras políticas da América Latina, com especial destaque para o Palácio *La Moneda* (Figura 9), em referência direta ao

²¹ Sobre as Dunas do Barato, ver o documentário *Dunas do Barato* (2017).

²² A versão completa da entrevista pode ser lida em Patrícia Barros (2017).

golpe de estado que derrubara o governo de Salvador Allende (1970-1973) no Chile pouco tempo antes naquele mesmo ano.

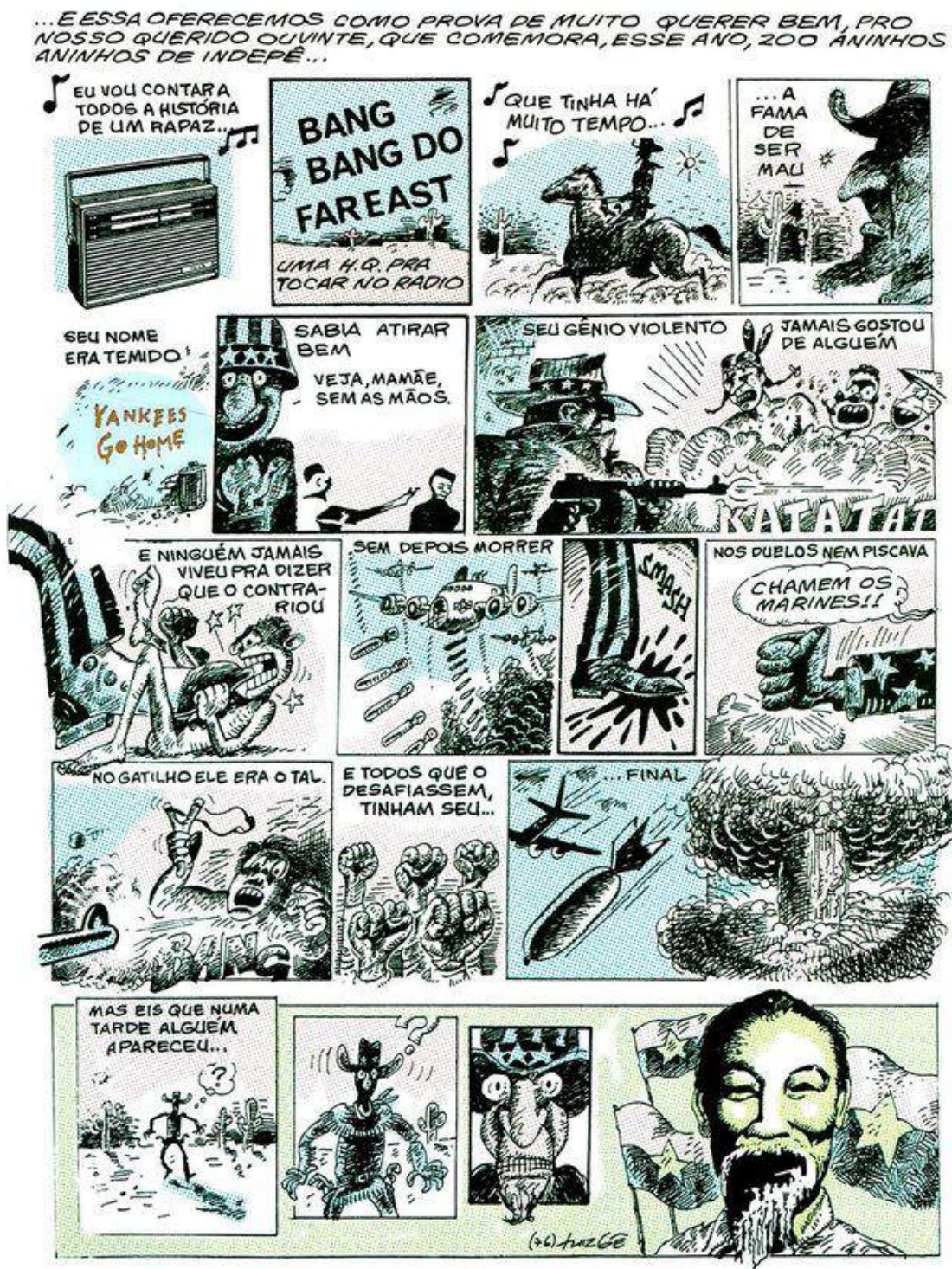
Figura 9 — Nuestras Raíces, de Luiz Gê, publicada na Balão e, depois, no álbum Quadrinhos em Fúria (1984).



Fonte: Santos (2017, p. 46).

Bang Bang do Far East, publicada no jornal *Ovelha Negra*, é uma versão em quadrinhos da letra de *História de um Homem Mau*, sucesso na voz de Roberto Carlos pouco menos de uma década antes. A diferença está na abordagem: um apanhado conciso, mas abrangente, dos conflitos decorrentes das ações do governo dos EUA. Questões internas como o racismo e o genocídio dos povos indígenas ou de política externa como a Guerra do Vietnã (1955-1975) sucedem-se até o encerramento da HQ, com um vitorioso Ho Chi Minh (Figura 10).

Figura 10 — História de Um Homem Mau, na versão de Luiz Gê.



Fonte: Bienal de Quadrinhos de Curitiba (2021).

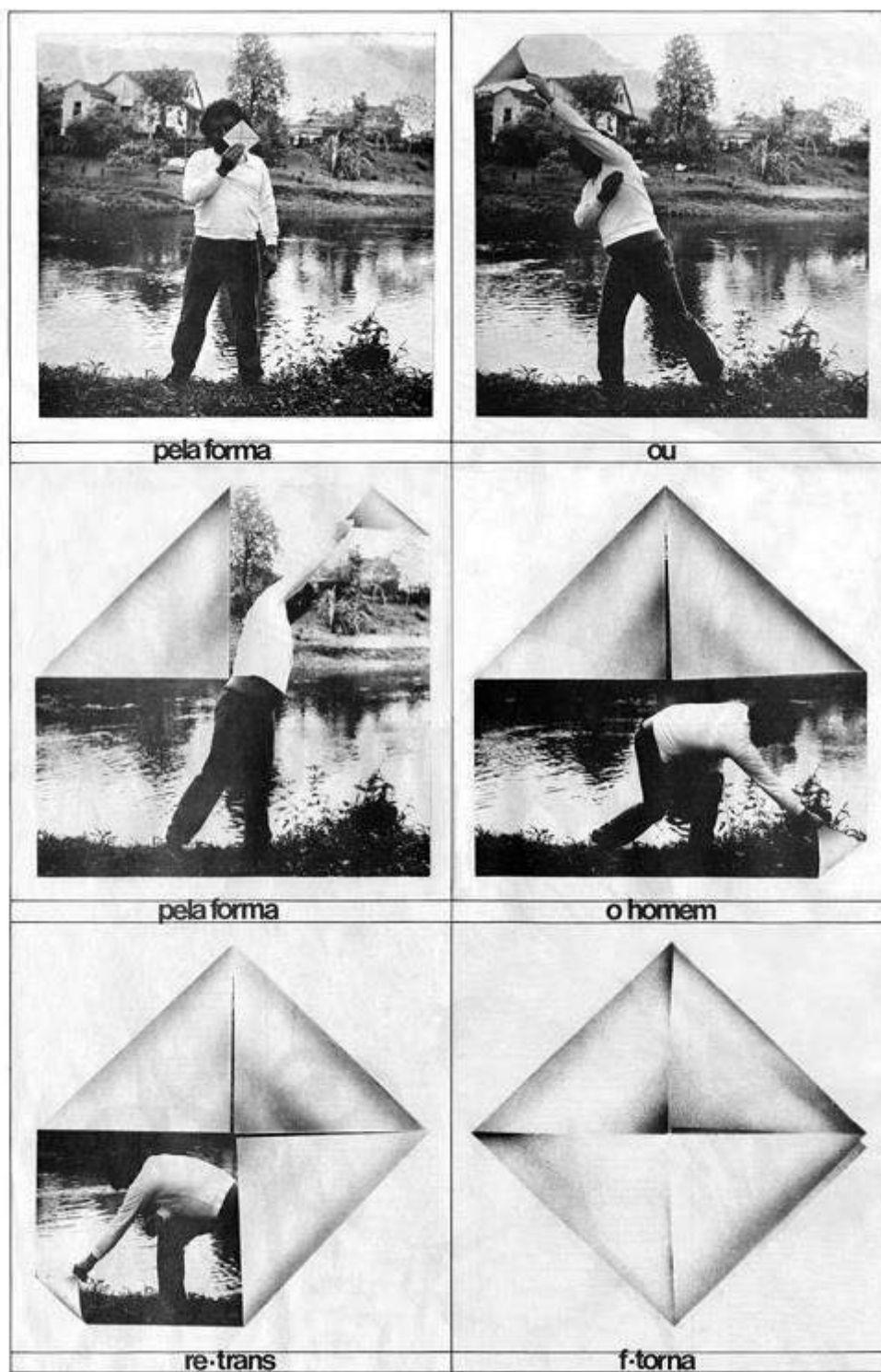
Essa estrutura de sentimento vinculada à vontade de mudança está implicada nessa postura subversiva. É o caso da versão quadrinizada do filme de Jorge Bodanski e Orlando Senna, *Iracema: uma transa amazônica*, publicada na edição nº 7 do jornal *Versus* (1977). O filme mescla ficção e documentário ao contar a história da prostituta Iracema e do caminhoneiro Tião Brasil Grande (mencionado como *Tião Motorista* na HQ). Nos encontros e desencontros entre eles, o filme elabora uma alegoria da ideologia que orientou parte considerável das iniciativas dos governos militares no período, bem como de suas consequências. Pelo seu teor, embora tenha sido finalizado em 1974, *Iracema, uma transa amazônica* foi exibido nos cinemas apenas em 1981 – ou seja, sua publicação em *Versus* não deixava de ser, por si só, um ato de desafio ao governo. Obras de grande porte como a ponte Rio-Niterói (1969-1974), a usina hidrelétrica de Itaipu (1975-1982) ou as usinas nucleares de Angra dos Reis (1971-1985) foram elementos importantes em um regime que procurava colocar-se como depositário e fomentador de uma ideia de Brasil moderno. Destas iniciativas, a Rodovia Transamazônica (BR 230), foi uma das mais desastrosas:

[A rodovia] foi construída para assegurar o controle brasileiro da região - um eterno fantasma na óptica dos militares - e para assentar em agrovilas trabalhadores nordestinos. Após provocar muita destruição e engordar as empreiteiras, a obra resultou em fracasso (FAUSTO, 1995, p. 487-488).

A atitude subversiva nos quadrinhos como expressão do novo podia, também, se dar em níveis mais sutis, ou menos literais considerados estritamente o texto ou os desenhos. É o caso da produção de Luiz Rettamozo, em que a própria ideia de quadrinho pode ser subvertida, caso de *Rettamorfose* (1978), publicado no jornal *Polo Cultural* (1978-1979). Nele, o próprio artista figura, como em uma fotonovela, interagindo com os elementos constituintes do quadrinho. Ao longo da sequência de imagens, Rettamozo começa a "dobrar" cada quadrinho sobre si próprio, acompanhado pelo texto "Pela forma / ou / pela forma / o homem / re-trans / f-torna" (MORAES, 2016, p. 291), resultando, ao final, na imagem de um quadrinho "envelopado" (Figura 11). Em outros trabalhos, imagem e texto se combinam sem nenhuma organização que remeta à ideia de quadrinhos ou ilustração ou texto,

como no *Grafite Para Rettamozo*, produzido por Paulo Leminski para o caderno *Anexo* do jornal *Diário do Paraná* (Figura 12).

Figura 11 — Rettamorfose/Emoções geométricas, produzido por Luiz Rettamozo, para o jornal *Polo Cultural* (1978).



Fonte: Moraes (2016, p. 291).

Figura 12 — Rettamorfose/Emoções geométricas, produzido por Luiz Rettamoço, para o jornal Polo Cultural (1978).

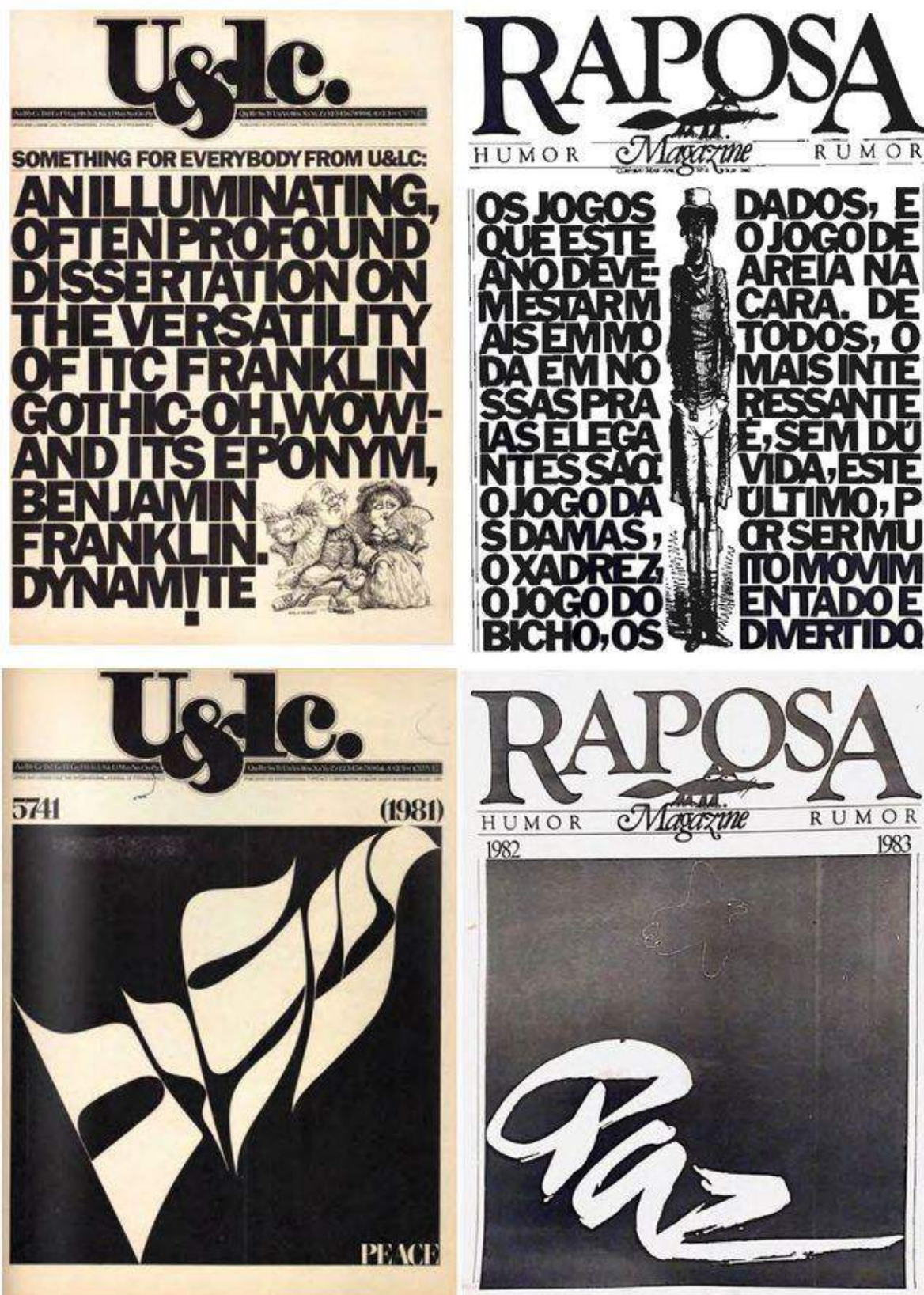


Fonte: Moraes (2016, p. 70).

Essa intervenção intencional e premeditada sobre os elementos constituintes do meio com que lida, coloca sua produção em contato com o procedimento contemporâneo em arte, sendo parte de sua produção exibida/veiculada através do circuito artístico em eventos como o Salão Paranaense ou a Bienal de São Paulo (MORAES, 2016). Esse manuseio dos recursos visuais, explora a indefinição entre o

que é e o que deixa de ser HQ, texto ou ilustração, expressa-se também na diagramação inventiva de publicações ou suplementos como *Espalhafato* (1974), *Polo Cultural* (1978-1979) ou *Jornal de Humor* (1976-1977). Uma indefinição intencional de limites que se verifica em outros níveis, caso do *Raposa* (1978, 1980-1983), que se situava numa espécie de zona cinzenta em relação a outros veículos de imprensa alternativa (PERBICHE, 2021). Tendo iniciado sua trajetória como suplemento do jornal *Diário do Paraná* em 1978, teve uma segunda fase entre 1980 e 1983, em que foi subvencionado pela Prefeitura de Curitiba através de sua Fundação Cultural (FCC). Com uma equipe integrada por profissionais vinculados ao design gráfico ou à publicidade, o *Raposa* (agora rebatizado como *Raposa Magazine*), como os demais veículos citados logo acima, era tributário de uma certa "cultura publicitária" em evidência em Curitiba naquele momento expressa, inclusive, em uma programação visual aberta e inovadora – ainda que, em alguns casos, essa inovação beirasse o plágio, como nas capas das edições do *Raposa* que remetem diretamente a capas do jornal *Upper & Lowercase*, voltado para o design gráfico, especialmente para a tipografia e publicado em Nova York (Figura 13).

Figura 13 — Comparação entre as capas do Upper & Lowercase e do Raposa.



Fonte: Perbiche (2021, p. 38–39).

A metade da década viu, ainda, o lançamento da versão brasileira da revista de humor *Mad* (1974-2016), que em sua versão original, como veremos, tem forte ligação com os processos envolvidos na reelaboração de significados relativos à maneira como quadrinhos eram vistos até a década de 60.

Além disso, a década de 70 foi marcada, na imprensa, por um processo de rearranjo de seus principais veículos. Os da mídia hegemônica – a grande imprensa – procuravam dissociar-se dos governos militares, ou, pelo menos, de seus efeitos ou aspectos mais deletérios, como os meios violentos utilizados na repressão política ou do desencanto que começava a tomar forma a partir do esgotamento do ciclo econômico do Milagre. Os da imprensa alternativa, tendo sido o local de atuação possível a partir do endurecimento da censura (NAPOLITANO, 2014) precisavam lidar com uma alteração gradual no quadro político-institucional, em que a abertura "lenta, gradativa e segura" (GASPARI, 2002, p. 26) significava que organizações políticas podiam voltar, aos poucos, a assumir seu papel na sociedade. Na imprensa, isso significou um aumento no número de publicações que compunham o circuito alternativo, já que cada partido ou agremiação política podia novamente dar as caras – inclusive por meio de seus próprios jornais ou revistas (KUCINSKI, 2001). Outro processo importante, especialmente a partir da metade da década, foi o de cooptação de elementos da imprensa alternativa, fossem estes seus realizadores, seu visual ou, mesmo, algumas de suas pautas – o exemplo mais evidente tendo sido o lançamento do caderno *Folhetim*, pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 1977.

Na imprensa alternativa, a virada dos 70 para os 80, embalada pelo retorno dos exilados, viu o esgotamento do "oposicionismo ranheta", nas palavras de Laerte (SANTOS, 2012). Apesar de referir-se ao *Pasquim*, um dos melhores exemplos desse processo pode ser visto na trajetória do jornal *Versus* que, de um dos jornais alternativos mais interessantes, bem cuidados e acabados, tornou-se pouco mais que um apêndice na criação de um partido político (KUCINSKI, 2001). Obrigados a recorrer a subterfúgios os mais variados na tentativa de evitar a intervenção da censura, os processos culturais se viram às voltas com uma certa falta de clareza ocasionada por um hermetismo que podia se voltar contra os próprios agentes culturais. A impossibilidade de elaborar conteúdos e discursos de forma direta foi uma das consequências do longo hiato representado pelos dez anos de vigência do

AI-5²³. Conforme observado por Rubinho Gomes, em editorial da 4ª edição do *Raposa*: “É preciso lembrar que a fechadura política em que estivemos mergulhados, gerou um grande número de 'intelectuais' de obras trancadas, mas que não tinham o que mostrar quando os tempos mudaram” (apud PERBICHE, 2021, p. 154).

3.2.3 Década de 80

Correndo mais ou menos por fora desde a década de 1960, o rock como catalisador comportamental dos jovens começara a ganhar força no início da década de 1980 (ALEXANDRE, 2013; AFONSO, 2016). Entre o impasse da MPB e o boicote da crítica ao *Black Rio*²⁴, uma vertente que havia atravessado a década de 1970 muito mais como algo latente, começou a ganhar contornos de um movimento artístico, cultural e comercial que foi um dos definidores da década: o Rock Nacional. Era, em certa medida, um movimento de reação ao boletim dos anos 70 (SANTOS, 2015) e a uma MPB que começara a se acomodar após a tomada do sistema fonográfico pelos "baderneiros tropicalistas" (ALEXANDRE, 2013, p. 19) articulados a outros grupos que integravam o que era "uma instituição cultural, mais do que um gênero musical ou mesmo um movimento artístico" (NAPOLITANO apud SANTOS, 2014, p. 18). Existe aí uma ligação entre a adoção da Frequência Modulada (FM) e do rock por parte das estações de rádio que começavam a voltar-se para o público jovem.

As emissoras em Frequência Modulada [...] crescem somente quando o rádio brasileiro descobre o ouvinte jovem. Isto acontece a partir de maio de 1977, com a entrada no ar da Cidade FM, do Rio de Janeiro. A inspiração vem das rádios musicais dos Estados Unidos. Com o sucesso de diversas estações que copiam este novo perfil, a faixa cresce de importância em termos de participação no bolo publicitário. (FERRARETTO apud FONTES, 2022, p. 65)

No início da década de 80, a Fluminense FM foi um dos marcos na alteração cultural relacionada ao rock. De acordo com Luiz Antônio Mello (2019), um dos

²³Promulgado em 13/12/1968, o AI-5 teve sua revogação aprovada pelo Congresso Nacional em outubro de 1978, entrando em vigor em 01/01/1979 (FAUSTO, 1995).

²⁴Sobre o movimento Black Rio, ver Luciana Oliveira (2015).

idealizadores da rádio, a tarefa de montar uma emissora dedicada ao rock não foi fácil. Além dos limitadores de uma estrutura precária e da falta de verba, havia o desafio de lidar com uma percepção segundo a qual "roqueiro brasileiro sempre teve cara de bandido" (MELLO, 2019, p. 133), como cantava Rita Lee em *Orra, meu* (1980).

Ainda de acordo com Mello (2019), logo no segundo dia de funcionamento da rádio, um ouvinte chegou ao estúdio com uma fita cassete gravada ao vivo no *Circo Voador*. Na fita, um show com a banda *Blitz*, cuja música *Você não soube me amar* foi ao ar com todos os chiados e defeitos técnicos de uma gravação feita no calor do momento. "Engraçada e teatral" (MELLO, 2019, p. 119), tanto a música como a forma como a banda se apresentava tinham ligação direta com o grupo teatral *Asdrúbal Trouxe o Trombone*, por onde passara seu vocalista Evandro Mesquita. Em muito pouco tempo, essa rádio tornou-se uma das principais referências culturais no Brasil na primeira metade da década de 80. No vácuo representado pela programação inócua das FMs (ESTRELLA apud SANTOS, 2014), o Rock Nacional foi tomando forma a partir da articulação entre as apresentações no *Circo Voador* e a programação da Fluminense FM, que divulgavam mutuamente os mesmos artistas (ALEXANDRE, 2013; SANTOS, 2014), antes de se espalhar pelo país.

Grandes nomes da MPB ajudaram a compor a trilha musical do momento em que os governos militares iam saindo de cena, mas um dos hinos oficiais daquele momento foi *Inútil*, da banda *Ultraje a Rigor* (SOUZA, 2005), lançada como compacto em 1983 e, depois, sendo um dos grandes sucessos de seu álbum de estreia *Nós vamos invadir sua praia* (1985). Chegou-se a criar lendas em torno da música, em uma delas o deputado Ulisses Guimarães, uma das principais figuras da transição para um governo civil, teria lido a letra da música na sessão da Câmara dos Deputados que barrou a Emenda Dante de Oliveira – que propunha eleições presidenciais em 1984 (FAUSTO, 1995). Em outra, o deputado teria enviado ao porta-voz da Presidência da República, uma cópia do compacto (AFONSO, 2016). Mesmo que o fato nunca tenha sido confirmado pelo deputado ou pelos músicos da banda, não foi à toa que a primeira edição da revista *Chiclete com Banana* (1985) mostrou um *Bob Cuspe* citando a letra ao completar sua transformação de um *office*

boy oprimido para o terror de burocratas, donas-de-casa, professores e outros reacionários que entrassem na alça de mira do seu cuspe (Figura 14)²⁵.

Figura 14 — A origem de Bob Cuspe nas páginas da primeira edição de *Chiclete com Banana* (1985).



Fonte: Angeli (1985, p. 10).

²⁵ANGELI. *Bob Cuspe é a salvação*. *Chiclete com banana*, n. 1, p. 6–13, 1985.

A "Maldita", como a Fluminense se referia a si própria em uma de suas primeiras vinhetas (MELLO, 2019), destacava-se tanto das rádios voltadas ao público jovem, que, na época, operavam em AM, quanto das demais FM's. Das AM's porque, como mencionado, a Frequência Modulada permitia um som com muito mais qualidade: "Todo mundo só queria ouvir FM, som muito melhor" (MELLO, 2019, p. 33). Das FM's por conta da programação direcionada e com um enfoque claro em rock, embora ainda houvesse espaço para programas como *O Assunto é Jazz*, mantido da antiga versão da rádio – gênero que Luiz Antônio Mello chamava de "tio do rock" (MELLO, 2019, p. 28).

A Fluminense também inovava no formato: blocos de música mais extensos do que o usual, sem cortes e sem a interferência dos locutores ou de vinhetas sobre as músicas – recurso utilizado para evitar que fossem gravadas em fitas cassete pela audiência. Também inovou no modo como se apresentava ao escalar uma equipe de locução inteiramente formado por mulheres em sua programação regular. E, talvez, a característica mais importante da "fase de ouro" da Fluminense: não praticava o *jabá* (ou *jabaculé*), que era o procedimento em que as gravadoras pagavam às rádios para que executassem apenas, ou preferencialmente, artistas por elas selecionados para serem promovidos (AFONSO, 2016)²⁶.

A esse respeito, é interessante trazer a ressalva feita por Raymond Williams em relação ao conteúdo dos meios de cultura de massa. Boa parte do elitismo que embasou os estudos em literatura articulado principalmente na revista *Scrutiny*, citada anteriormente, deu-se a partir da percepção de que o lixo cultural colocava em risco uma alta cultura que, assim, necessitava ser resguardada de seus efeitos nocivos (CEVASCO, 2001, 2003). Sem discordar da avaliação quanto à qualidade de muito do que é veiculado para as massas, Williams observa, no entanto, que esse lixo, muitas vezes, não é produzido por essas massas, mas para elas a partir de uma combinação da ideia da elite do que seria o gosto popular com preceitos comerciais. Trata-se de uma produção, sob esse ponto de vista, orientada por expectativas de vendagem buscando suprir uma demanda induzida de forma direta, através de peças e campanhas publicitárias, ou indiretas, através de práticas como o *jabá*.

²⁶Sobre o *jabá*, ver Pedro Alexandre Sanches e Laura Mattos (2003).

Pouco menos de três anos depois do início da operação da nova versão da Fluminense FM, aconteceu um evento de enorme alcance e proporções: o *Rock in Rio*. Não era o primeiro festival de música destinado ao público jovem. Nisso, fora precedido por eventos como o Festival de Águas Claras, que em suas quatro edições, entre 1975 e 1984 passara de uma iniciativa pouco mais que mambembe a um dos principais eventos musicais entre as décadas de 70 e 80. Todavia, o *Rock in Rio* já começava com pretensões de grandeza, começando pelo seu idealizador, Roberto Medina, um dos maiores publicitários do país naquele momento, detentor de uma experiência na organização de grandes eventos musicais. O *Rock in Rio* aconteceu em terreno que já vinha sendo preparado. Shows de nomes importantes no rock, como *Queen* (1981), *Van Halen* e *Kiss* (ambos em 1983) serviram como termômetro de que um festival de proporções maiores era viável (GARCIA, 2022). O fato deste ter ocorrido em janeiro de 1985, precedido de uma massiva campanha de divulgação, significou que o intervalo de tempo entre a ascensão da dobradinha Circo Voador-Fluminense FM e os efeitos do evento na mídia foi ainda menor. Em 26 de agosto de 1984, a matéria assinada por Pepe Escobar anunciava: "Rio pega fogo com o rock 40 graus"²⁷. Menos de três semanas depois, a organização do festival publicava anúncio em que comunicava as agências de turismo sobre o início da venda de ingressos para o festival no dia 8 do mês seguinte²⁸. Vendas que, de fato, começaram somente uma semana depois, conforme anúncio de página dupla publicado na Folha de S. Paulo e no O Estado de S. Paulo²⁹.

O fato de que um dos primeiros anúncios sobre o festival se deu em uma matéria de um caderno de cultura é um dos indícios da força do jornalismo cultural na década de 80. De acordo com Ângela Prysthon (1999), esse foi um setor da imprensa que ganhou relevância inédita até aquele momento, articulando-se em torno de um entendimento de pós-modernidade muito mais vinculado ao seu sentido estético.

²⁷ESCOBAR, Pepe. Rio pega fogo com o rock 40 graus. Folha de S. Paulo, São Paulo, n. 20234. 63 p, 26 ago. 1984. Ilustrada.

²⁸ROCK IN RIO FESTIVAL. Comunicado às agências de turismo. O Estado de S. Paulo, São Paulo, n. 33600. 9 p, 14 set. 1984. Suplemento de Turismo.

²⁹ROCK in Rio. Folha de S. Paulo, São Paulo, n. 20283, p. 6-7, 14 out. 1984a. 1º caderno. ROCK in Rio. O Estado de S. Paulo, São Paulo, n. 33626, p. 8-9, 14 out. 1984b.

A imprensa cultural brasileira vive a partir dos primeiros anos da década de 80 uma transformação radical em relação às épocas anteriores. Ela passa de reduto relativamente fechado dos literatos “à moda antiga” e intelectuais acadêmicos a espaço publicitário intensamente rentável e agitado. Nos suplementos culturais diário (*Ilustrada*) e semanal (*Folhetim*) da Folha de São Paulo de 1980 a 1989, encontra-se a síntese de um projeto jornalístico que realiza claramente a transição para esta cultura pop. Não é arriscado dizer que a *Ilustrada* — também o *Folhetim*, mas numa escala mais reduzida e de maneira mais sofisticada — vai definindo ao longo da década o perfil do consumidor (e às vezes até do produtor) de cultura pop no país (PRYSTHON, 1999, p. 170).

Poucos meses depois do festival, estreou na Rede Globo, a principal rede de televisão no Brasil desde a ditadura, o programa *Armação Ilimitada* (1985-1988), que mesclava referências culturais variadas. Desde a linguagem que remetia às FMs, às gírias dos jovens e aos *video clips*, passando pelo rock na sua trilha sonora e pelos quadrinhos (AFONSO, 2016), como quando o personagem Bacana pensa, em um balão de pensamento exatamente como os dos quadrinhos, "ai, meu saquinho" ou "antes só do que mal-abandonado!!!" (Figura 15).

Figura 15 — Referência direta aos quadrinhos na série televisiva *Armação Ilimitada*, veiculada pela Rede Globo (1985-1988).



Fonte: Globoplay (2017).

Aqui, vale mencionar que *Armação Ilimitada* precedeu outro programa bastante lembrado quando se menciona os anos 80, a *TV Pirata* (1988-1992). Sua equipe de redação era composta por nomes importantes ligados aos quadrinhos autorais daquele momento, como Laerte e Glauco, além dos editores de duas publicações importantes surgidas entre o final dos anos 70 e meados da década de 80: *Casseta Popular* e *Planeta Diário*. Adeptas de uma linguagem anárquica e avessa à abordagem diretamente politizada que caracterizara as pautas da imprensa alternativa da virada dos anos 70 para os 80, são representantes de uma mudança importante na imprensa brasileira em relação aos veículos alternativos que continuaram atuantes após a reabertura política. Esse conflito geracional ficou bastante evidente na polêmica envolvendo seus editores e a "turma" do *Pasquim*, em especial Henfil (SANTOS, 2012). O programa de TV trazia em seu nome uma subversão implícita ao remeter às rádios piratas, então uma questão importante no período (SANTOS; PRATA; MEDEIROS, 2019). Além disso, seu elenco era integrado por alguns egressos do grupo teatral *Asdrúbal trouxe o trombone*. Desse modo, o programa pode ser entendido como um dos momentos de síntese cultural daquele período.

Segundo Ângela Prysthon (1999), essas movimentações culturais, especialmente por parte do jornalismo cultural, foram direcionadas especialmente aos jovens da classe média urbana, letrados e que procuravam se distanciar de qualquer coisa que remetesse ao popular em sua acepção mais direta. O casamento entre mercado e produção cultural, no caso do rock, expresso no investimento e nas estratégias de divulgação dos artistas e de seus trabalhos por parte de gravadoras e na integração destas com a televisão e o rádio, teve no jornalismo cultural oitentista um importante formulador e difusor de tendências. Conforme mencionado por Caetano Veloso, foi a época dos "rótulos de pós, neo, pré que [a Ilustrada] cria" (apud PRYSTHON, 1999, p. 170–171).

Essa dinâmica descrita por Veloso tem a ver, novamente, com a lógica de um sistema que se retroalimenta, a ponto disso se converter numa "necessidade permanente de inventar tendências para ter o que publicar no dia seguinte" (CARVALHO apud PRYSTHON, 1999, p. 171). Nessa ânsia pelo novo, podiam ser criados neologismos como o termo "dark" para referir-se ao que, em outros lugares, era chamado de "gótico" (PRYSTHON, 1999): colocando em linhas gerais, fãs de

bandas como *Siouxsie & the Banshees*, *Bauhaus*, *Sisters of Mercy*, *Xmal Deutschland*, entre outras, que dão preferência a roupas e acessórios em tons neutros ou escuros, podendo usar maquiagem carregada, também em tons escuros. É um estilo ligado a um estado de espírito sombrio, ou, como declarou Bernard Sumner, tecladista e guitarrista do *Joy Division* (1977-1980) em 1979, ao comentar sobre o filme *Nosferatu* (1922): "A atmosfera é realmente maléfica, mas você se sente confortável nela" (apud SPRACKLEN; SPRACKLEN, 2018, p. 43).

Nessa disputa pelo novo, valia, ainda, uma certa subversão da escrita, com a incorporação de sons da fala ou outras onomatopeias, como quando Pepe Escobar, tido, aliás, como o responsável pelo uso do termo *dark* para referir-se aos góticos, escreve: "Da última vez que cheguei aqui [no Brasil] tinham "descoberto" os darks E tudo era dark, como nos últimos anos, andou sendo *punk*, *beat*, uêive, póisshh-moderrrrrno (sic) etc." (ESCOBAR, 1986, p. 68). Essa subversão podia também se dar pelo uso de símbolos deslocados de contexto como o e *comercial* ("&"), pensado para o uso em placas ou marcas comerciais. Roberto Piva se entregava ao prazer de distribuir "&s" num texto bastante curto, na segunda edição do suplemento *JAM*³⁰ da revista *Chiclete com Banana*, publicado em fevereiro de 1989:

A confraria reacionária Unidos em Série promovedora de festivais de telenovelas nas fábricas, jogou uma substância criadora de CBK7 no reservatório de água de um colégio de freiras & as alunas peidaram 3 dias & 3 noites sem parar & depois se flagelaram & crucificaram. (PIVA, 1989, p. 29)

O recurso já havia sido usado na edição anterior e o seria na edição seguinte, em uma árvore genealógica da direita brasileira³¹ e em uma coluna assinada por Toninho Mendes e Glauco Mattoso sobre os principais semanários brasileiros³². Esse uso do "&", mais a alusão a certas terminologias do jornalismo cultural irá aparecer de uma forma ou de outra na revista até seu encerramento, em novembro de 1990.

³⁰O suplemento *JAM* passou a ser publicado na *Chiclete com banana* a partir de sua edição nº 15 (nov.-dez. 1988) e permaneceu como parte da revista até seu encerramento, na edição nº 24 (dez. 1990).

³¹CHICLETE COM BANANA. Light Right: a direitinha brasileira. *Chiclete com banana*, São Paulo, n. 18, p. 26-27, ago.-set. 1989.

³²MENDES, Toninho; MATTOSO, Glauco. Semanários. *Chiclete com banana*, São Paulo, n. 18, p. 30-31, ago.-set. 1989.

A vontade de mudança, materializada no jornalismo cultural em processos que, ao mesmo tempo inventa e procura pelo novo expressa-se em chamadas de capa, como as da edição nº 10 da revista *HV* (Humor-verdade) de 1988. Nela, o novo está associado à aceção de pós-moderno como conceito de estilo, conforme citado por Ângela Prysthon (1999):

Os prepotentes: por pouco, uma lição de estilo

Arte: arquitetura pós-moderna

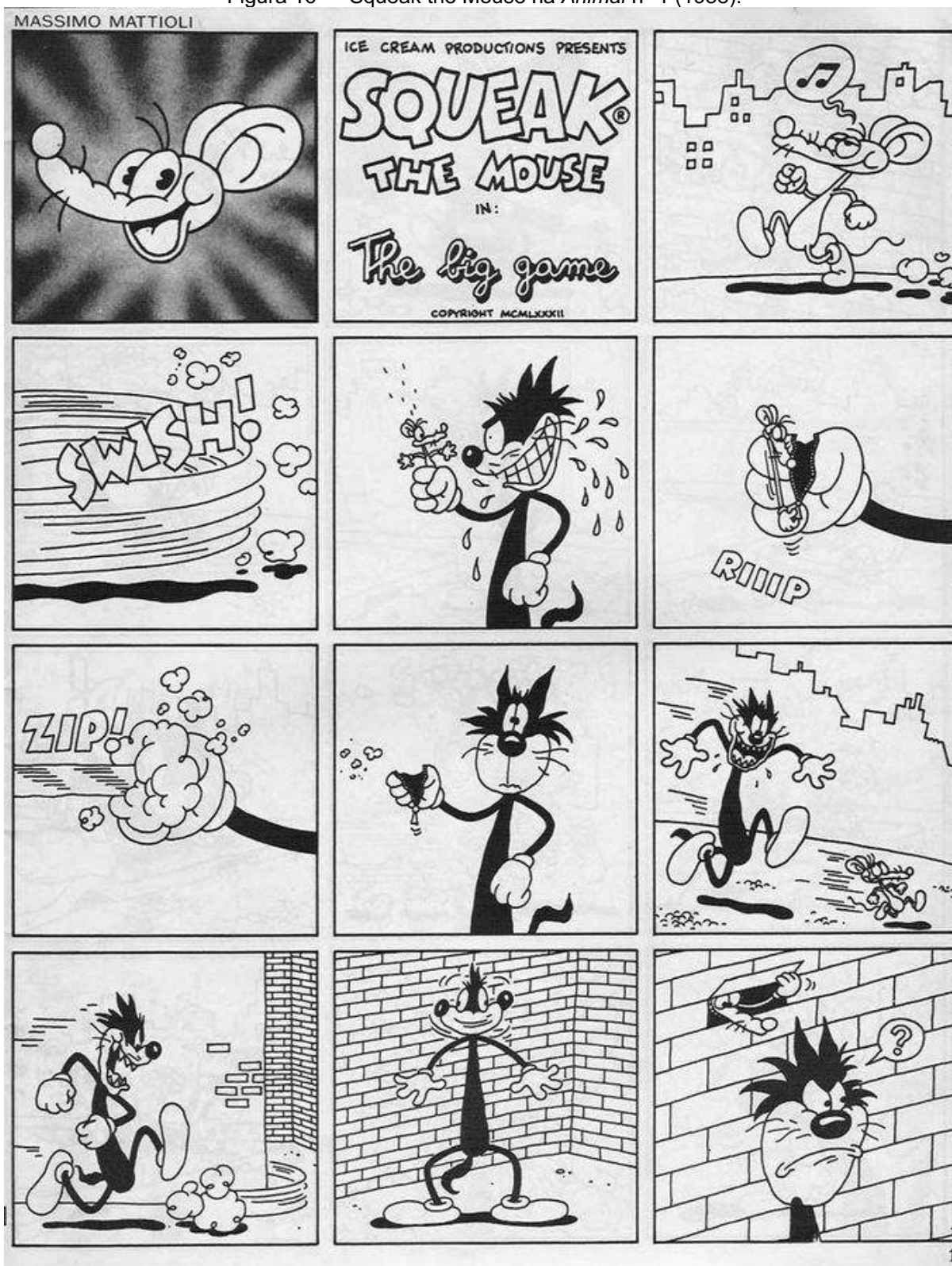
Pepsi e o novo rock

Moda: novas atitudes

Teste: você é jeca? (HV n. 10, p. 1)

Nesse momento, a revista *Animal* já estava em ação. Esse movimento de renovação do rock em particular e da cultura em geral, a partir das releituras de ícones da cultura de massas se expressa em suas páginas. Como na versão ultraviolenta dos desenhos animados clássicos produzida por Massimo Mattioli, *Squeak the Mouse*³³, com direito a cenas de sexo e violência, em alguns casos no mesmo quadrinho (Figura 16) ou da HQ *Lezard Tonnerre*, de Jean-Marie Arnon, em que um *rock'n'roll* agressivo e movido por uma rebeldia genuína vai, aos poucos, dando lugar a um hedonismo vazio de significado e saturado de sexo e drogas – uma alegoria da crueza *punk* em relação à sua versão cooptada e embalada para o consumo, o *new wave* (SAVAGE, 1992) (Figura 17).

³³*Animal* edições nº 1 (1988), 6-8 (1989).

Figura 16 — Squeak the Mouse na *Animal* nº 1 (1988).

Fonte: Mattioli (1988, p. 11).

Figura 17 — Decadência e renovação do rock na HQ Lezard Tonnerre.



Fonte: Arnou (1989, p. 57).

Ao longo da década, o rock se consagrara, a ponto de constar nas trilhas sonoras das novelas da Globo em números comparáveis ao de nomes importantes da MPB (ENCARNAÇÃO, 2015). Mas isso significou que o que era novo em 1982, já não era tão novo assim em 1987.

Após brilhar com intensidade por um período entre cinco e seis anos, o Rock Nacional, em 1988, dava os primeiros sinais de uma crise que iria se arrastar até os primeiros anos da década seguinte. Nas palavras de um de seus principais expoentes, Paulo Ricardo, do *RPM*, “Do mesmo jeito que, em 1984 e 1985, tudo dava certo, chegou um momento em que tudo passou a dar errado” (ALEXANDRE, 2013, p. 289). O “dar errado” mencionado por Paulo Ricardo precisa ser considerado com uma certa cautela. O que ocorreu é que após a cooptação do estilo, este passou a ser considerado dentro das estratégias comerciais de gravadoras e difusoras (rádio e TV). Quando deu sinais de esgotamento, esse sistema passou a promover outros estilos como o pagode, a axé *music* ou a lambada. A legitimidade de uma abordagem centrada numa juventude de classe média urbana, letrada e pautada pelo modelo estadunidense começara a dar lugar àquela focada em estilos que permaneceram no gosto popular ao longo da vigência do Rock Nacional – na *Bizz*, podia-se ler, em meio a matérias sobre *heavy metal* e *jazz*, textos sobre frevo e afoxé³⁴ ou sobre pagode³⁵. Outro processo importante foi a mescla de expoentes surgidos dentro do crescimento do rock com nomes de renovação da MPB, a exemplo do álbum *Mais* (1991), de Marisa Monte, em colaboração com nomes como Arnaldo Antunes, Nando Reis (*Titãs*), Renato Russo (*Legião Urbana*) e Herbert Vianna (*Paralamas do Sucesso*), dando continuidade a uma postura eclética (terminologia bastante em voga no final dos anos 80) que já havia sido a base de *MM* (1989), seu primeiro álbum. O “dar errado” do Rock Nacional é algo bastante relativo quando se considera que, no final do século XX, a *Legião Urbana* continuou a ser a maior vendedora de discos de sua gravadora, mesmo anos após a dissolução da banda (AFONSO, 2016).

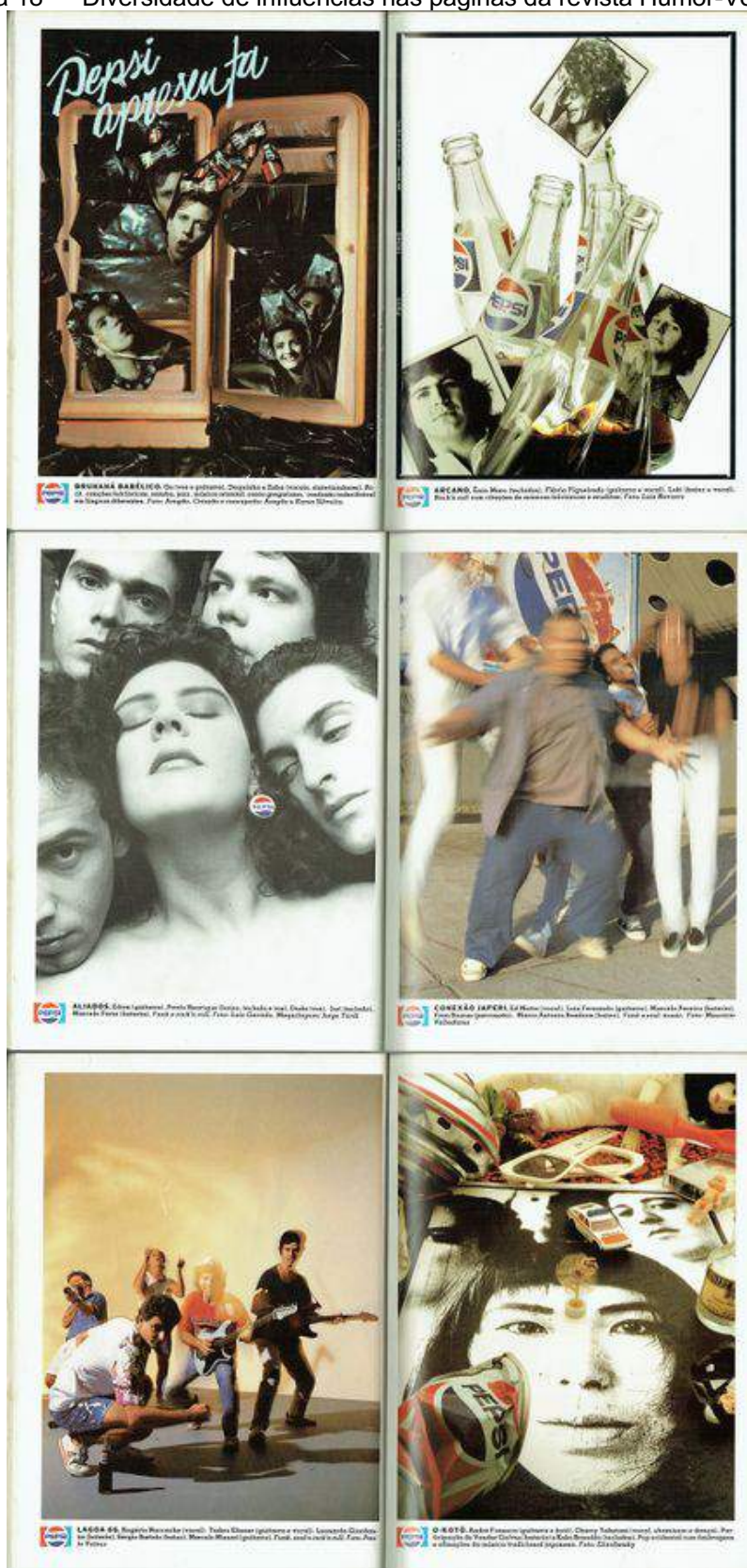
³⁴LEMOS, José Augusto. Atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu. *Bizz*, n. 20, p. 48–49, 1986.

³⁵PAPPON, Thomas. A verdade sobre o pagode. *Bizz*, n. 20, p. 42–45, 1987.

O ecletismo oitentista foi, também, uma vontade de antecipar o que viria após a "Geração 80"³⁶. Décadas depois, esse movimento parece revestido de uma certa ansiedade relacionada à velocidade com que a indústria fonográfica e os agentes de difusão cultural (televisões, rádios, jornais, revistas) procuravam suprir uma demanda criada por eles mesmos. O publieditorial da Pepsi veiculado na revista *Humor-Verdade* nº 10 (HV) é um bom exemplo. A revista trazia seis novas bandas, uma por página, acompanhadas de textos curtos que incluíam os nomes dos integrantes de cada uma delas. Mencionava, ao longo de suas seis páginas, canções folclóricas, samba, jazz, música oriental, canto gregoriano, música erudita, funk, soul music, pop e música tradicional japonesa, além de rock e uma certa "confusão indecifrável em línguas diferentes" (JWT, 1988, p. 23) (Figura 18).

³⁶Geração 80 foi um programa de televisão veiculado pela Rede Globo de agosto de 1981 a agosto do ano seguinte (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

Figura 18 — Diversidade de influências nas páginas da revista Humor-Verdade.



Fonte: JWT (1988).

Como uma revista brasileira, a *Animal* participou desse processo dinâmico de transformações, de superação do ciclo de governos militares. Ao mesmo tempo, procurava lidar com o desencanto (tal como a espanhola *El Víbora*) de uma transição que não havia se desvinculado totalmente de figuras proeminentes e atuantes ligadas à ditadura. Para ficar em apenas um exemplo, o primeiro presidente civil desde 1964, José Sarney (1985-1990), havia sido figura de destaque do Partido da Frente Liberal (PFL), que sucedera a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), legenda que reunia os políticos adesistas dos governos militares.

Em suas 22 edições, a *Animal* jamais se referiu a nomes vinculados ao Rock Nacional, exceto em alguns anúncios que veiculou, caso do álbum *Amor à arte* de Lulu Santos, em anúncio de página dupla³⁷ – algo que soou, aliás, bastante anacrônico para um certo jovem leitor da revista na época, que não estava interessado no que tocava na programação regular das rádios. Por outro lado, muitos dos estilos listados no ecletismo da *HV* foram abordados regularmente ao longo de toda a sua existência.

Em termos culturais, essa superação incluía uma ansiedade de captar o que viria de novo, o que iria suceder aos "loucos anos 80". Essa ansiedade materializou-se, por exemplo, na publicidade, com "a nova década" (ou seja, os anos 90) servindo como mote para o anúncio de produtos variados, como vestuário ou automóveis ou, mesmo, em textos jornalísticos como o de Caio Tulio Costa, no caderno *Folha D' da Folha de S. Paulo* ao referir-se ao "vírus do final dos anos 80"³⁸. A banda *Gueto*, por exemplo, em 1987, já vaticinava que "os anos noventa / É misturando que a gente inventa" (X et al., 1987).

Especialmente na segunda metade dos 80, alimentava-se uma ideia de que havia algo além daquilo que o sistema da grande mídia permitia ver. Havia uma valorização por parte de alguns grupos sociais do que era referido, de forma genérica, de alternativo. Tratava-se de jovens urbanos, de classe média, letrados e que tinham como referência importante os países do centro do sistema capitalista: Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, principalmente os dois primeiros – um grupo bastante similar ao público-alvo do Rock Nacional do início dos anos 80. Frestas no sistema permitiam entrever que havia vida além da grande mídia e das

³⁷*Animal* nº 5 (1989), pp. 2-3.

³⁸COSTA, Caio Tulio. Pariscópio. Folha de S. Paulo, 21998. ed. p. 6–7, 1989.

seções de discos das grandes lojas. Isso acontecia em alguns nichos da grande mídia que operavam como rachaduras num dique, furos em uma cortina ao mesmo tempo em que mantinham em funcionamento um laboratório de ideias e tendências que poderiam vir a ser cooptados pelo sistema caso se revelassem viáveis comercialmente.

Essas brechas estavam representadas em programas de rádio como *Novas Tendências* (Estácio FM, Cidade FM, 1984-1998) – que lançou diversas coletâneas em álbum com as músicas de sua programação – *Estação Treblinka* (Estação Primeira, c. 1986), ou, *Rock Report* (89 FM, 1991-1996). Podiam estar, também, em algumas colunas dos jornais, em seus cadernos de cultura (*Ilustrada*, *Caderno B*, *Caderno 2* e congêneres), surgia de vez em quando em revistas como *Bizz* ou *Trip*. Mesmo em grandes emissoras, em programas como o *Fantástico* (Rede Globo) ou *Documento Especial* (TV Manchete) quando estes falaram sobre o *punk*³⁹. Podia estar em algum documentário exibido na TV, como o *Punks em São Paulo* (1983)⁴⁰, na TV Gazeta ou *Rota ABC* (1991)⁴¹, exibido no Festival de Curtas-Metragens de São Paulo (1991) e no Festival de Brasília (1991). Essas brechas estavam em lojas como a *Bizarre*, a *Final Solution* nas *Grandes Galerias* no centro de São Paulo, na *Juke Box*, na *Música Viva*, em Curitiba, ou na *Spider*, no Rio de Janeiro, entre outras.

Não é possível traçar uma divisão clara e inequívoca sobre o que era ou o que deixava de ser *alternativo* e, portanto, interessante para o grupo social em questão. Como no caso da autoralidade em relação aos quadrinhos, conceito que será tratado no próximo capítulo, podia-se falar em algo como "níveis de alternativo". Por exemplo, o programa *Shop Show* da TV Manchete que dedicou um programa inteiro à banda *Jesus and Mary Chain*⁴² e *REM*. A *Bizz* podia trazer em uma mesma edição⁴³ *Siouxsie & the Banshees*, Marina, Jards Macalé, entremeados de

³⁹A reportagem do *Fantástico* foi ao ar em 1983, a do *Documento Especial*, em 1990. Sobre a cobertura da mídia sobre o punk, ver BOTINADA: a origem do punk no Brasil. Gastão Moreira. São Paulo: Toro Production Company, 2006. Documentário (75min.). Disponível em: <https://youtu.be/trIAXkc003k>. Acesso em: 13 ago. 2020.

⁴⁰A reportagem da TV Gazeta pode ser assistida na lista de reprodução: *Punks em São Paulo* (TV Gazeta, 1983) - YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLflqAlGb84mVxc4on19z4FOkCkG8uHKv>. Acesso em: 11 abr. 2023.

⁴¹O documentário pode ser assistido em: <https://youtu.be/r2mleHNIYyQ>. Acesso em: 11 abr. 2023.

⁴²*Shop Show*, exibido em 28/07/1990.

⁴³*Bizz* nº 18 (jan. 1987).

indicações de *video clips* de Michael Jackson ou lançamentos de James Taylor e Caetano Veloso. A própria ideia de *alternativo*, como algo intrinsecamente representativo de qualidades ligadas a algo genuíno tinha seu valor a partir do referencial do que era *mainstream* (portanto, enviesado pelos desígnios da indústria cultural) – o que nem sempre funcionava de forma precisa. É o caso da banda *Siouxsie & the Banshees* já citado, com álbuns que podiam ser facilmente encontrados em lojas de discos sem uma ligação com o circuito *underground* ou *alternativo* – aqui compreendido como uma instância de cultura: “um conjunto de práticas [...] preocupada com a produção e a troca de significados - o ‘dar e receber de significado’ - entre os membros de uma sociedade ou grupo” (HALL, 1997, p. 2). É o caso, também, do *New Order*, originada diretamente do *Joy Division*⁴⁴ – banda que entraria em qualquer lista de bandas ou intérpretes seminais de vertentes *underground* do rock.

O *alternativo* expressava-se, também, nos fanzines e num circuito que ganhara força no Brasil nos anos 80, relacionado, em boa medida ao *punk* (MUNIZ, 2010). e que começara a se articular em alguns espaços na imprensa. Caso de *Circo, Chiclete com Banana*, e, especialmente, da *Animal* através da coluna *Maudito Fanzine*, publicada no seu suplemento *Mau*. Essa vontade de mudança se traduzia numa mescla de estilos e formatos, conforme pressentido pela banda *Gueto*, que, aliás, praticava o que pregava misturando ritmos e sons em seu primeiro álbum *Estação Primeira* (1987). Revistas como a citada *HV* traziam essa mescla de filmes de terror e arquitetura pós-moderna. Na *Animal* havia a mistura de *jazz* com fetiches sexuais com tatuagem com música, às vezes sob a forma de matérias dedicadas a esses assuntos, às vezes como temas de seus quadrinhos, caso de *Madonne*, que mescla música com filmes *noir* e terror *trash* ao contar a história um detetive em busca da virgindade perdida por uma grande estrela da música pop (Figura 19).

⁴⁴O *New Order* foi formado pelos membros remanescentes do *Joy Division* após o suicídio de seu vocalista Ian Curtis em 18/05/1980. Sobre a trajetória do *Joy Division* e do *New Order* e para um panorama do rock entre meados da década de 70 e início da década de 90, ver 24 HOUR Party People. Michael Winterbottom. Andrew Eaton. Reino Unido: United Artists, FilmFour, Revolution Films, Baby Cow Productions, UK Film Council, The Film Consortium, 2002. Comédia dramática (117 min.).

Figura 19 — O detetive Rockfort é contratado por Madonna para que reencontre sua virgindade perdida.



4 QUADRINHOS: AUTORALIDADE E LEGITIMAÇÃO

Figura 20 — Capa do CD *Voodoo Jive - The Best of Screamin' Jay Hawkins*, de Screamin' Jay Hawkins, mencionado na *Animal* nº 20 (1991, p. 43).



Fonte: Imageshack.us (2015), Autoria própria (2023).

Voodoo Jive - The Best of Screamin' Jay Hawkins (1990)

1. I Put a Spell on You
2. Little Demon
3. Alligator Wine
4. I Love Paris
5. Person To Person
6. Frenzy
7. Do You Really Love Me?
8. This Is All
9. Just Don't Care
10. You Made Me Love You
11. Yellow Coat
12. I Hear Voices
13. Orange Colored Sky
14. (She Put The) Wamee (On Me)
15. Feast Of The Mau Mau
16. Move Me
17. Constipation Blues

Este capítulo se propõe a estudar o processo de legitimação em termos históricos, com ênfase na abordagem proposta por Beatriz Carvalho (2017), que considera o encontro de duas vertentes mais abrangentes nos quadrinhos ocidentais que resultaram em obras emblemáticas na década de 80. Nesse processo, a pesquisadora destaca *Maus*, de Art Spiegelman, publicado como série a partir de 1980, mas lançado como o primeiro de dois volumes em 1986, sendo o segundo volume lançado cinco anos depois. Em sua pesquisa, Carvalho (2017) considera que a obra de Spiegelman foi resultado de movimentos diretamente relacionados com um esforço de compreender os quadrinhos como mídia e como linguagem, um meio capaz de dar conta de temas sérios, relevantes e densos. Nesses movimentos ocorreu a adoção de algumas de características ligadas aos chamados quadrinhos autorais por parte dos grandes produtores de quadrinhos. A busca da legitimidade dos quadrinhos teve correspondência num processo de cooptação de algumas de suas características visuais e discursivas por parte de uma indústria que vinha tentando revitalizar alguns de seus segmentos, no recorte temporal desta pesquisa.

4.1 AUTORALIDADE NOS QUADRINHOS

Na segunda metade da década de 1980, as HQs autorais, brasileiras ou estrangeiras, tinham uma forte presença na imprensa do país dentro de um processo de legitimação dos quadrinhos que vinha se desenvolvendo já há algumas décadas. A pesquisa realizada por Beatriz Sequeira de Carvalho (2017) traça um cenário em que duas grandes vertentes de legitimação se desenvolvem, na Europa Ocidental e nos Estados Unidos a partir dos anos 60, numa convergência gradual que, aproximadamente duas décadas mais tarde, resultaria numa conjuntura que teve reflexos no Brasil.

A *Animal* foi parte de um contexto que teve em *Watchmen*, *O Cavaleiro das Trevas* e *Maus* marcos na mudança da percepção dos quadrinhos como manifestação cultural sendo, também, obras referenciais nos quadrinhos americanos do final do século XX (ASSIS, 2016). Lançadas no mesmo ano (1986), essas HQs marcaram um momento importante de cooptação, por parte dos grandes estúdios, de características antes relacionadas a uma produção de quadrinhos voltada ao

público adulto. Para o público leitor, isso resultou em HQs com mais ênfase nas características autorais, indicando uma relação estreita desse aspecto com a legitimação dos quadrinhos em curso naquele período, caso de *Marshal Law*, *Batman, ano 1* e *Sandman*. Por este motivo, é bom discutir, ainda que rapidamente, a ideia de autoralidade nos quadrinhos.

4.1.1 O autoral nos quadrinhos

Em quadrinhos, o termo “de autor” ou “autoral” é usado para diferenciar uma determinada produção daquela realizada em moldes comerciais (*mainstream*), normalmente envolvendo trabalho em diversas etapas por parte de profissionais variados, de modo que, em geral, perdem-se características pessoais ou intimistas no produto final. No recorte temporal desta pesquisa, os quadrinhos autorais se relacionam de forma bastante próxima com o *underground*, caso da revista *Chiclete com Banana* e da própria *Animal*. Santiago Garcia designa o *underground* como uma ruptura em relação aos quadrinhos tradicionais, que procuravam produzir conteúdo “dirigido a um público adulto, ou, pelo menos, mais adulto do que o que lia habitualmente *Batman*, *Archie* e *Pato Donald*” (GARCIA, 2012, p. 32).

A definição de HQ *underground* de Mark James Estren (apud CARVALHO, 2017), em que este procura diferenciá-lo do *mainstream*, dá algumas pistas adicionais do que poderiam ser quadrinhos autorais:

os quadrinhos do *underground* eram produzidos às dezenas de milhares, ou menos, e não às centenas de milhares; seus artistas eram, em sua maioria, jovens e politicamente conscientes e suas formas de expressão eram normalmente contemporâneas e satíricas; cada artista era responsável por sua própria contribuição para um livro, diferente da produção em cadeia do *mainstream*; não havia a pressão do prazo que atrapalhava a criatividade do artista; aqueles quadrinhos [...] simplesmente não estavam sob o julgo e nem sua produção era determinada pelo CCA⁴⁵ e, por conta disso, não tinham como público alvo toda a família; os artistas do movimento realmente se importavam com o que desenhavam e como desenhavam; independentemente do assunto tratado, os artistas não tinham nenhum compromisso com questões visuais ou verbais que pudessem ofender, e por isso nas suas capas sempre constava a frase “apenas para adultos”. (CARVALHO, 2017, p. 86–87)

⁴⁵ Sobre o CCA, ver subitem 3.2.2.

Falando sobre música, a socióloga Deena Weinstein (apud COELHO, 2020), discorre sobre o conceito de *underground* a partir de seus estudos sobre o *heavy metal*:

Underground, em sentido de purgatório, é um termo para bandas e estilos que não são comumente populares, mas que podem ou têm possibilidades de vir a ser. *Underground*, no sentido de inferno, refere-se a uma música que é tão extrema, em termos de sonoridade, de letras, ou ambos, que não atraem a grande audiência. Bandas que tocam metal *underground*, de tipo infernal, não possuem esperança ou desejo (se eles forem conscientes) de ir em direção ao outro lado, ao céu do estrelato pop. Como outras formas de artes elitistas, o metal *underground* é apreciado por uma audiência diferenciada (COELHO, 2020, p. 55) .

No entanto, quando se fala em quadrinhos “de autor” isso pode remeter a uma produção visualmente coesa e diferenciada. Liber Paz (2017), por exemplo, prefere referir-se a graus entre autorialidade e uma produção, em certa medida, industrial, o que ajuda a entender por que determinadas produções como a linha *Graphic MSP*, dos Estúdios Maurício de Sousa, podem ser as duas coisas ao mesmo tempo. No caso, há um tratamento autoral, ou seja, com a marca de uma autoria reconhecível, para personagens estabelecidos dentro de uma produção em moldes marcadamente *mainstream*⁴⁶.

O termo “autoral” costuma ser usado para se contrapor a certos segmentos estabelecidos, como, por exemplo, os quadrinhos de super-heróis. Aqui, também, mostra-se limitado. Basta pensar na obra de Jack Kirby ou Frank Miller, artistas com um traço e um estilo altamente reconhecíveis, ou em Carl Barks, com uma obra realizada dentro dos estúdios Walt Disney, também objeto de reconhecimento e culto por parte de fãs de quadrinhos.

Mesmo a distinção entre “comercial” e “não-comercial” ou entre “*mainstream*” e “independente” ou “alternativo” precisa ser problematizada, já que muitos autores de quadrinhos vinculados a estes segmentos produzem a sua obra com a expectativa de algum ganho financeiro, além de reconhecimento.

⁴⁶ Para uma discussão mais aprofundada sobre quadrinhos autorais e mainstream, ver Liber Paz (2017), capítulos 2 e 3.

4.2 VERTENTES DE LEGITIMAÇÃO DOS QUADRINHOS

Ao longo desta investigação, percebeu-se que a *Animal* foi uma revista tributária destas duas vertentes relacionadas com a ideia de quadrinhos como arte (no sentido de uma "grande arte") conforme mencionadas por Beatriz Carvalho (2017). Estas foram vertentes também relacionadas com a ideia de quadrinhos como um meio capaz de dar conta de temas densos e complexos e como parte integrante dos processos de produção de significado relacionados a correntes de pensamento subversivas, como no *underground*.

A pesquisadora observa que, a partir da primeira metade do século XX, quadrinhos poderiam ser percebidos de formas distintas, dependendo da forma como eram publicados. Tiras de jornais tendiam a revestir-se de maior respeitabilidade por estarem inseridas e associadas ao conteúdo de veículos de imprensa, de maneira geral, levados a sério pela sociedade – numa situação mais específica dos Estados Unidos.

[...] Nos anos 1920, o formato ganhou certo grau de respeitabilidade ao apelar para o público nacional de maneira geral e ao incorporar um grande número de personagens que evocavam os indivíduos de classe média. Apesar de alguns leitores criticarem alguns trabalhos em particular, o status cultural das tiras de jornais acabou se estabilizando com o tempo [...] (CARVALHO, 2017, p. 76).

Já no caso de revistas, o acesso às HQs se dava sem a intermediação do jornal, e fora do controle dos pais, podendo, assim, ser danoso à formação moral de crianças e jovens.

As tirinhas de quadrinhos, como os filmes, eram uma forma pública e cerimonial. Eram parte de uma experiência maior do jornal, integradas em uma linha de guerras, esportes e sociedade. Tinham um lugar em uma hierarquia. Uma revista de história em quadrinhos, por outro lado, era algo que se tinha que entrar numa loja e comprar; estava em sua própria essência fora do controle dos pais. [...] A revista de quadrinhos pressupunha, como condição para sua existência, a fragmentação do

público genuinamente de massa ou popular que tinha abraçado a tirinha de quadrinhos (VARNEDO; GOPNIK apud CASTALDI, 2010, p. 12)⁴⁷.

As tiras de jornais estavam vinculadas à atuação dos *syndicates*, que tinham condições de pagar melhor que as editoras das revistas. Desta maneira, o espaço dos quadrinhos nos jornais agregava um prestígio muito maior, sendo o objetivo de muitos artistas passar a integrar o elenco das grandes distribuidoras de tirinhas (CARVALHO, 2017).

No caso do Brasil, Gonçalo Junior (2004) compara a percepção dos quadrinhos em jornais, no início da década de 1930, à dos folhetins – textos com relatos ficcionais publicados em série, seguidos pelo público de forma bastante similar à que seriam as novelas de rádio e, algumas décadas mais tarde, de televisão⁴⁸.

Esse início do que, mais tarde, se tornaria a Editora Brasil-América (Ebal) descrito no livro *A guerra dos gibis*⁴⁹ é, também, o início de um modo de ler, compreender e abordar os quadrinhos no Brasil que ainda estaria em vigência na década de 1960. Isso é importante porque esse é o período dos processos sócio-políticos que está nas origens remotas das revistas dedicadas aos quadrinhos autorais publicados no país ao longo da década de 1980 – o que inclui o recorte temporal e o objeto desta investigação. Especialmente após a promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5) no final de 1968, o que acirrou o caráter autoritário da ditadura militar iniciada quatro anos antes, os quadrinhos no Brasil passaram por processos de legitimação que, em grande medida, articularam movimentações que ocorriam nos países centrais do sistema político e cultural ocidental.

4.2.1 Europa Ocidental: quadrinhos como arte

⁴⁷No original: "Comic strips, like the movies, were a public and ceremonial form. They were part of a larger experience of the newspaper, integrated into a ribbon of wars and sports and society. They had a place in a hierarchy. A comic book, on the other hand, was something you had to walk into a store and buy; it was in its very nature outside parental control. (...) The comic book presupposed, as a condition for its existence, the fragmentation of the genuinely mass or folk audience that had embraced the comic strip." (CASTALDI, 2010, p. 12)

⁴⁸Quadrinhos em si não eram uma novidade no Brasil naquele momento, com a publicação de narrativas sequenciais na imprensa desde o século anterior. O Tico-Tico, responsável pela introdução no país o formato de quadrinhos conforme era publicado nos EUA – os comics – já vinha sendo publicado desde 1905 (GONÇALO JUNIOR, 2004).

⁴⁹GONÇALO JUNIOR. *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

De acordo com a pesquisa de Beatriz Carvalho (2017), a partir da década de 1960, na Europa, os quadrinhos começaram a ser referidos por parte expressiva da intelectualidade. Alguns livros sobre quadrinhos já haviam sido publicados nos Estados Unidos, na década de 40, mas detinham-se sobre as biografias de alguns artistas importantes naquele período ou versavam sobre técnicas de produção (RODRIGUES, 2019)⁵⁰. A abordagem dos quadrinhos como um assunto que merecia estudos sérios teve suas primeiras manifestações nos círculos intelectuais europeus. O meio passou a ser mencionado como referência ou como temas de estudos sérios por nomes como Federico Fellini, Pablo Picasso, Marshall McLuhan e Alain Resnais, entre outros.

Alain Resnais foi um dos incentivadores da fundação do *Club des Bandes Dessinées* (CBD) (Clube dos Quadrinhos), em 1962⁵¹. Com cerca de 300 pessoas, o grupo incluía estudiosos como o semiologista Francis Lacassin⁵² e o historiador da arte Pierre Couperie (HORTON, 2017). Seus objetivos incluíam "promover os quadrinhos como objetos culturais dignos de estudo" (HORTON; GRAY, 2022, p. 14). Seu boletim informativo, *Giff-Wiff* (1962-1967) (Figura 21), em pouco tempo evoluiu para se tornar possivelmente a primeira publicação a tratar seriamente dos quadrinhos como tema de artigos e ensaios (HORTON; GRAY, 2022)⁵³.

⁵⁰Os livros citados por Antonio Alves Rodrigues (2019) são *Comics and Their Creators*, de Martin Sheridan (1942) e *The Comics*, de Coulton Waugh (1948).

⁵¹Álvaro de Moya (2020) se refere ao grupo como "*Amis de la Bande Dessinée*" (Amigos dos Quadrinhos).

⁵²Francis Lacassin é tido como o criador do termo "nona arte" para referir-se aos quadrinhos e foi responsável pela criação do curso sobre quadrinhos na Sorbonne, em 1971.

⁵³Grande parte das edições de *Giff-Wiff* pode ser consultada on-line em: <https://bit.ly/giffwiff>, acesso em 09/04/2023.

Figura 21 — Giff-Wiff em quatro momentos (n. 1, 5-6, 11 e 23): de um boletim informativo datilografado e mimeografado para uma publicação produzida em moldes profissionais.



Fonte: CÉLEG - MandrakeWiki (2020), Giff-Wiff (2015).

Dois anos depois de sua fundação, o grupo mudou seu nome para *Centro de estudos de literatura de expressão gráfica* ("CÉLEG - MandrakeWiki", 2020)⁵⁴ e, de uma dissidência deste, surgiu a *Sociedade civil para o estudo e pesquisa da literatura em quadrinhos* (SOCERLID)⁵⁵. Esta seria responsável, em 1967, pela organização de uma exposição fundamental na busca pela legitimação dos quadrinhos: *Quadrinhos e figuração narrativa* (Figura 22), no *Musée des Arts Décoratifs*, em Paris (HORTON, 2017). Exposição que ganharia algumas versões

⁵⁴Centre d'études des littératures d'expression graphique.

⁵⁵Société civile d'études et de recherches des littératures dessinée.

pelo mundo, incluindo uma brasileira, organizada no MASP, *História em Quadrinhos & Comunicação de Massa*, em novembro de 1970 (COUPERIE et al., 1970).

Figura 22 — Cartaz de divulgação da exposição Quadrinhos e figuração narrativa (1967).



Fonte: Munson (2020, p. 105).

Nesse período, outro momento importante de inflexão foi a publicação de *Apocalípticos e Integrados* (1964), reunindo diversos ensaios e análises sobre quadrinhos produzidos por Umberto Eco. Esses estudos, por sua vez, podiam ser vistos como parte de um debate dos meios de cultura de massa – o que incluía os quadrinhos. Esse debate começara, naquele momento, a ser influenciado pelos chamados estudos culturais que vinham se estruturando a partir dos conceitos de Raymond Williams, Edward Thompson e Richard Hooger, entre outros (CEVASCO, 2003), que tinham como um dos eixos de discussão a problematização da dicotomia entre alta e baixa cultura.

O livro de Umberto Eco procurava, também, dar conta de uma estruturação de dois campos de pensamento mais amplos em torno da ideia de cultura de massa. De um lado, seus detratores, os *apocalípticos*, que viam no conteúdo veiculado por esses meios um divertimento sem aspirações maiores ou uma forma de anestesiamento das classes populares. De outro, os *integrados*, que viam a cultura de massa como uma instância cultural a não ser desconsiderada como um objeto de pesquisas acadêmicas e tema de debates sérios ou menosprezada como algo alheio a uma suposta cultura superior (CARVALHO, 2017).

Esses são debates que se relacionam com discussões anteriores acerca do que deveria ou não integrar o cânone da arte e/ou da alta cultura, o que inclui os processos de elaboração e apagamento de elementos sócio-históricos na formulação do que Raymond Williams denomina "tradição seletiva" (apud CEVASCO, 2001) – que vem a ser uma forma de exercício da hegemonia.

O que a classe dominante faz é [...] controlar a tradição [...]. O que acontece, e sempre acaba se descobrindo se procurarmos com cuidado, é que outras coisas foram deixadas de lado, ou simplesmente excluídas, e ainda outras foram interpretadas de forma a ter um outro sentido, [...] e outras foram supervalorizadas, porque estabeleciam uma conexão com alguma ênfase que interessava a essa classe dominante e a suas instituições educacionais (WILLIAMS apud CEVASCO, 2001, p. 72)

Vinculado à esquerda marxista, Williams se baseia na ideia de hegemonia, conforme elaborado por Antonio Gramsci. Segundo este pensamento, a hegemonia é exercida de forma sub-reptícia sobre as classes aliadas, cooptadas, e não coincide totalmente com o uso da força – sendo esta reservada às classes opositoras

(PORTELLI apud ALVES, 2010). Um ponto importante no exercício da hegemonia é que este não implica a subordinação ao grupo hegemônico,

pelo contrário, ela pressupõe que se leve em conta os interesses dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que estabeleça uma relação de compromisso e que faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa. Entretanto, ele aponta que esses sacrifícios nunca envolvem os aspectos essenciais do grupo hegemônico, pois se a hegemonia é ético-política, ela é também econômica. (ALVES, 2010, p. 78)

Seu exercício, Williams observa, é dinâmico, mantendo-se “pela cultura do vivido, pela saturação do hábito, da experiência, dos modos de ver, sendo continuamente renovada em todas as etapas da vida” (WILLIAMS, 1989, p. 74). Portanto, o que se coloca como uma base sólida da tradição e como o aspecto rígido e inflexível do exercício de poder é reelaborado de acordo com os interesses das classes sociais hegemônicas.

Coloca-se, assim, em xeque, a pretensão de inabalável solidez e perenidade de uma tradição que é continuamente invocada em nome da defesa de uma alta cultura sob permanente ameaça de aviltamento por parte das classes incultas, ao mesmo tempo em que alega estar situada além dos processos históricos sociais e políticos da civilização (CEVASCO, 2001). Da mesma maneira, o questionamento dessa solidez é um modo de promover a opacidade de elementos fundamentais no estado de coisas que são naturalizados pela classe que exerce a hegemonia.

A hegemonia não é então um nível superior articulado da "ideologia", e nem suas formas de controle são aquelas em geral vistas como "manipulação" e "doutrinação". Trata-se de um conjunto de práticas e de expectativas que envolvem a vida toda: nossos significados, as consignações de energia, nossas percepções formadoras da subjetividade e de visão de mundo. É um sistema vivido de significados e valores - constituídos e constituintes - os quais, ao serem vivenciados como práticas, parecem confirmar uns aos outros. Constitui-se então em um sentido da realidade para muitas pessoas em uma sociedade, um sentido de realidade absoluta porque vivenciada (WILLIAMS, 1977, p. 110)

As discussões em torno da definição do que era ou não cultura não eram novidade, mas quando Umberto Eco publicou seu livro, os debates voltavam-se para uma produção de imagens em quantidades inéditas na história da Humanidade

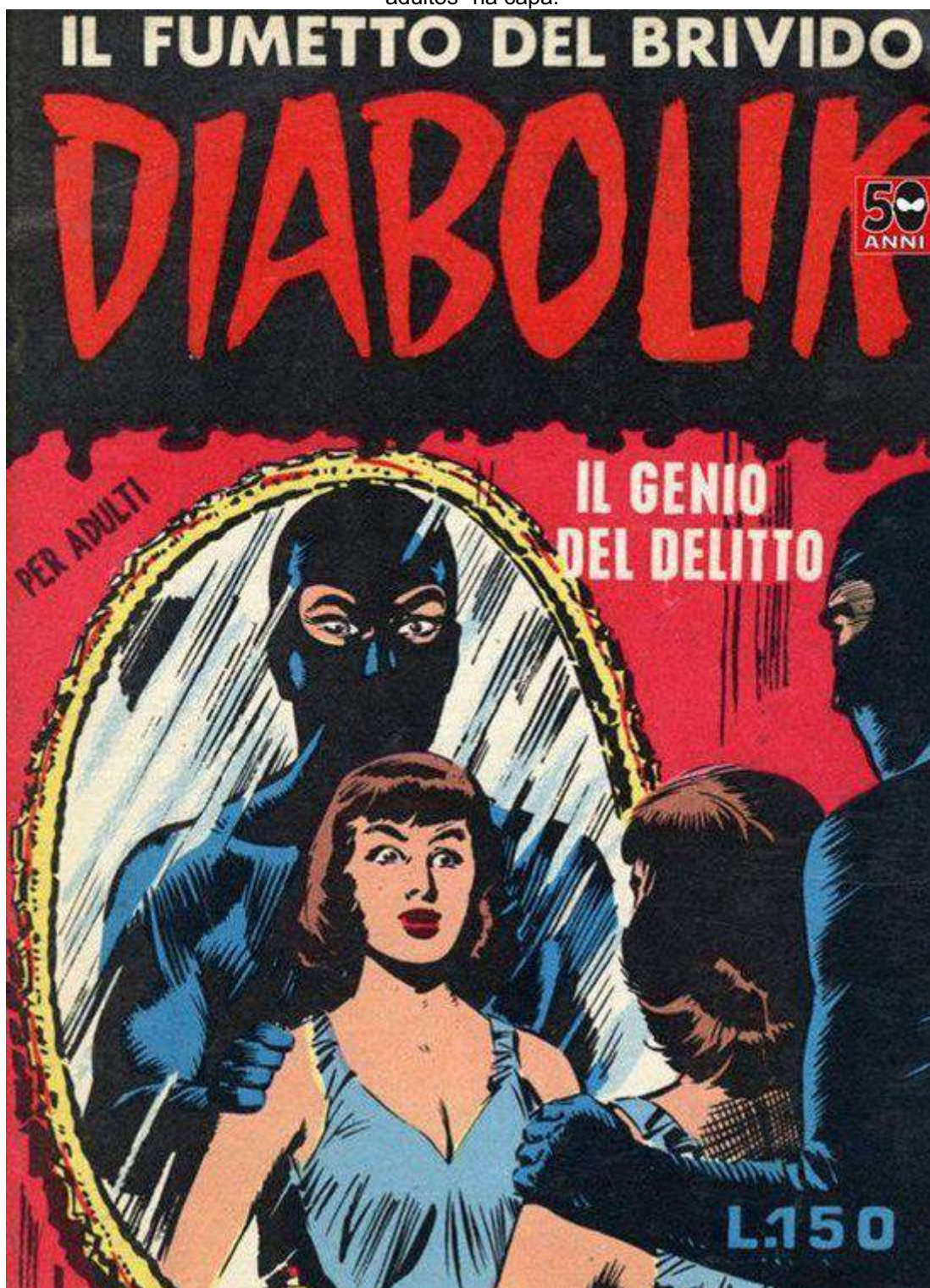
(BERGER, 1999). Esse volume de produção e difusão de quadrinhos, ao lado das *pulp fictions*, das séries televisivas e da música popular, acirrou as discussões sobre arte, entretenimento, divertimentos e conteúdos voltados para ou produzidos pelas camadas populares.

O incremento na respeitabilidade dos quadrinhos, especialmente na Bélgica, França, Alemanha, Itália e Espanha – nesta, de modo tardio (GARCIA, 2012) – passou pela reedição dos quadrinhos de aventuras das décadas anteriores em formato com acabamento luxuoso, voltado a um público que crescera lendo essas histórias e que, naquele momento, dispunha de maior poder aquisitivo (CARVALHO, 2017). Essa estratégia das editoras encontrou um público em potencial anteriormente preparado, com leitores já habituados com quadrinhos editados em álbuns – formato estabelecido e considerado padrão na indústria francesa de quadrinhos, e que consiste em 48 páginas coloridas e capa dura, com dimensões aproximadas do A4 (210 x 297 mm), ou seja, um formato bem mais cuidado do que aquele usualmente visto nas revistas (GARCIA, 2012).

Na Itália, os *quadrinhos negros (fumetti neri)* foram os primeiros no país a trazerem a advertência "para adultos" em suas capas, com o lançamento de *Diabolik* em 1962 (Figura 23) (CASTALDI, 2010). Nomeados a partir de um jargão adotado pela imprensa italiana, em que o caderno policial era nomeado "negro", estes eram quadrinhos de mistério bastante alinhados com uma literatura do gênero que trazia personagens como *Fantomas* (de Pierre Souvestre e Marcel Allain) ou *Arsène Lupin* (Maurice Leblanc). Sua temática também se relacionava com uma produção cinematográfica italiana, iniciada no final da década de 1950, de filmes de mistério e suspense, que passariam a ser designados como *giallo* (amarelo) (CASTALDI, 2010)⁵⁶.

⁵⁶Segundo Simone Castaldi (2010), a explicação mais aceita para o uso do termo deriva das novelas de mistério publicadas pela editora Mondadori a partir de 1929, sempre com uma capa amarela.

Figura 23 — Diabolik, produzido pelas irmãs Ângela e Luciana Giussani, com a advertência "para adultos" na capa.



Fonte: Bol.com (2012).

Essa produção iniciou a definição de um público diferente daquele a quem os quadrinhos tradicionalmente vinham se dirigindo – o público infantojuvenil – que

vinha, até aquele momento, sendo atingido de forma incidental por uma parte dessa produção. Era o caso dos quadrinhos de aventura de Milton Caniff, como *Terry e os Piratas* (Figura 24) ou de uma produção que se relacionava com esses quadrinhos, além da literatura ou do cinema de aventura, como *Corto Maltese*, de Hugo Pratt

Figura 24 — *Terry e os Piratas*, um dos grandes clássicos dos quadrinhos de aventura.



Fonte: Magalhães (2017).

No ano seguinte ao da publicação do livro de Umberto Eco, foi lançada a revista *Linus*, em 1965. De acordo com Simone Castaldi (2010), foi nela que começou a se consolidar a ideia de que era viável a produção de quadrinhos para o público adulto em termos que fossem além de algumas temáticas tradicionalmente desenvolvidas nos quadrinhos, na literatura ou no cinema. A *Linus* procurava expandir o raio de atuação dos quadrinhos, incorporando alguns dos debates acadêmicos daquele momento e, ao mesmo tempo, assumindo uma postura política alinhada à esquerda.

[...] tanto *Linus* como *Alter* [revista surgida a partir da *Linus*] pertenciam ao ambiente cultural de esquerda, que dominava o setor de cultura italiano desde os anos do pós-guerra, e suas políticas editoriais estavam, em certa medida, de acordo com a política do Partido Comunista Italiano (PCI). (CASTALDI, 2010, p. 3)⁵⁷.

Linus foi fundamental na mudança de percepção dos quadrinhos, até então tidos como inadequados para a tratar de temas "sérios" (CARVALHO, 2017). Essa ampliação teve na revista francesa *Métal Hurlant* (1975-1987; 2002-2004) um momento importante na articulação de linguagens diversas em suas páginas, onde ocorreu "o primeiro diálogo significativo entre mídia – música pop, moda, cinema, literatura – o que conectou fortemente os quadrinhos a uma teia ativa de sistemas culturais" (CASTALDI, 2010, p. 35)⁵⁸.

Embora citadas juntas com frequência, a *Métal Hurlant* representou uma relativa ruptura em relação à sisudez politizada da linha editorial de revistas como a *Linus* ou de sua contraparte francesa, a *Charlie Hebdo* (GONÇALO JUNIOR apud PAZ, 2017). Esse caráter disruptivo da *Métal Hurlant* já vinha da formação do grupo responsável por sua criação, os *Humanoides Associados* (*Humanoides Associés*). Dos seus quatro membros, três eram artistas na *Pilote* (1959-1989) importante publicação francesa voltada ao público juvenil: Mœbius (Jean Giraud), Philippe

⁵⁷ No original: "[...] both *Linus* and *Alter* belonged to the milieu of left-wing culture dominating the Italian landscape since the post-war years, and their editorial policies were to some extent in line with the politics of the Italian Communist Party (PCI)". (CASTALDI, 2010, p. 3)

⁵⁸ No original: In the pages of *Metal Hurlant* the first significant dialogue between media—pop music, fashion, cinema, literature—occurred, which tightly connected comics to an active web of cultural systems. (CASTALDI, 2010, p. 35)

Druillet, Jean-Pierre Dionnet, sendo o quarto *Humanoide* Bernard Farkas, encarregado da parte administrativa e financeira.

A ideia na *Métal Hurlant* era poder se desvencilhar de um tipo de quadrinho e de humor em relação ao qual os *Humanoides* não se sentiam à vontade. Na visão de Mœbius, a *Pilote*, entre o final dos anos 60 e o começo dos 70, consistia numa espécie de arranjo, em que dois grupos conviviam tão bem quanto possível. De um lado, os autores vindos da então banida *Hara-Kiri*⁵⁹ e aqueles que ele designava como "novatos delirantes", e, de outro, representantes de um velho estilo, ligados à produção de quadrinhos infantojuvenis e que, em muitos casos, estavam naquela atividade antes mesmo da criação da *Pilote* (POUSSIN; MARMONNIER, 2005).

A *Métal Hurlant* deu origem a versões em outros países e idiomas, começando pela americana *Heavy Metal* que optou por uma tradução mais livre do nome ("Metal Uivante") – o que logo se refletiu numa mudança na própria linha editorial da revista que, gradualmente, começou a se distanciar do título que lhe dera origem (POUSSIN; MARMONNIER, 2005). A decisão relativa ao nome foi tomada por motivos mercadológicos, pois uma tradução literal para o inglês foi considerada confusa pelos editores nos Estados Unidos (CAIL, 2008), tendo sido seguida por outras revistas como a alemã *Schwermetall* (1980-1999) ou a brasileira *Metal Pesado* (1997), contemporânea de um título nomeado a partir da versão americana – *Heavy Metal Brasil* (1995-1999).

Na década de 1980, os quadrinhos franceses eram referência na produção de quadrinhos "artísticos" graças a revistas como *Métal Hurlant* e outras, surgidas no mesmo período, como *L'Écho des Savanes* (1972-2006), *Fluide Glacial* (1975-) (PIZZI, 2004). Parte dessa influência se fez presente nas páginas da *Animal*, em HQs como a série *Burton e Cyb* (Figura 25), como observado por Newton Foot⁶⁰.

⁵⁹ Publicada entre 1960 e 1986, a revista francesa *Hara-Kiri* foi censurada e proibida de circular em diferentes períodos. (MAZURIER, 2008)

⁶⁰ Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Newton Foot em 21/10/2021.

Figura 25 — Primeira aparição da dupla de vigaristas espaciais, Burton e Cyb, na *Animal* n. 3.

Antonio Segura & José Ortiz



Selecciones Ilustradas

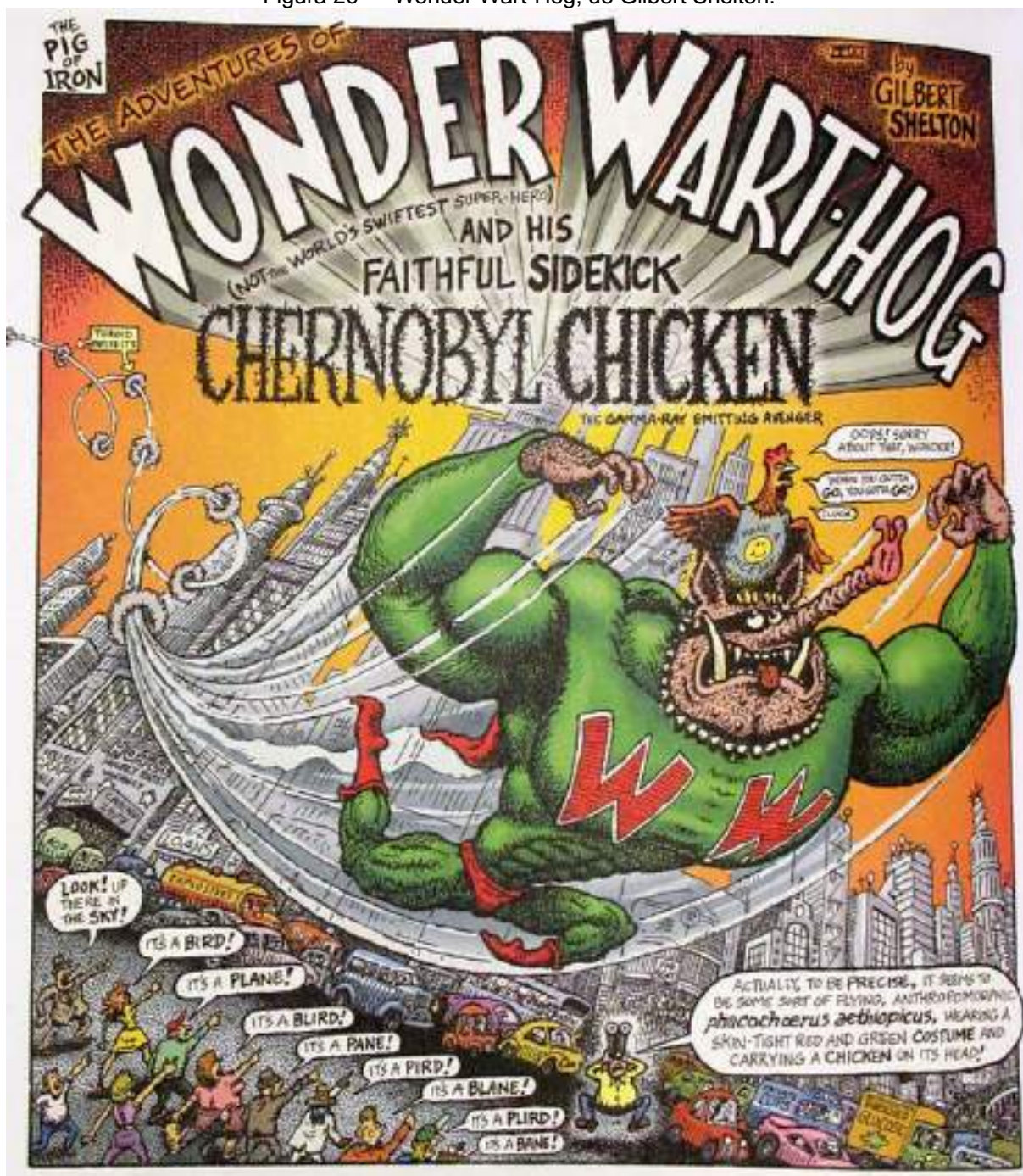
Fonte: Segura e Ortiz (1988).

De acordo com Beatriz Carvalho (CARVALHO, 2017), essa ampliação no entendimento do que vinha a ser quadrinhos, como um meio que poderia dar conta de temáticas densas, variadas e complexas, contribuiu para a formação de um ambiente de maior respeitabilidade para os quadrinhos na Europa Ocidental, com a participação também da academia e dos meios de comunicação hegemônicos. A esse respeito, Mila Bongco (apud CARVALHO, 2017) observa que ao longo das décadas de 1960 e 1970, veículos de imprensa importantes na Alemanha já traziam resenhas de quadrinhos e, na França, quadrinhos eram tratados e referidos como produtos culturais de relevância. A mesma pesquisadora lembra, ainda, que disciplinas sobre quadrinhos passaram a integrar currículos de universidades nesses países – caso do Instituto de Arte e Arqueologia da Universidade de Sorbonne. Houve um aumento expressivo na produção de estudos sobre o tema a partir do *Maio de 68* (BOLTANSKI, 1975), com pesquisas que também versaram sobre os quadrinhos produzidos nos Estados Unidos – incluindo a produção alternativa, ou *underground*.

4.2.2 Estados Unidos: quadrinhos como subversão

No momento em que começavam os *quadrinhos negros* na Itália, estavam sendo dados os primeiros passos na reorganização dos quadrinhos dos Estados Unidos. Ao passar a editar a revista universitária de humor *Texas Ranger*, em 1962, Gilbert Shelton publicou sua sátira aos super-heróis, *Wonder Wart-Hog* (Figura 26). Mais ou menos na mesma época, foi para as páginas de *Help!*, editada por Harvey Kurtzman.

Figura 26 — Wonder Wart-Hog, de Gilbert Shelton.



Fonte: Gilbert Shelton Comics (2020).

Era, segundo Santiago Garcia (GARCIA, 2012), a época dos primeiros rearranjos importantes em um mercado que estava tendo sérias dificuldades para se manter em meio às coerções que resultaram na adoção do *Comics Code Authority* (CCA) (CARVALHO, 2017). Esse código foi uma forma que as editoras de quadrinhos encontraram para responder às pressões num momento em que o meio

estava sob ataque cerrado, ainda marcado pela paranoia do combate ao inimigo interno e que teve na Comitê de Investigação de Atividades Anti-Americanas, sob o comando do senador Joseph McCarthy, uma de suas manifestações mais violentas, em meados da década de 1950 – período referido como macartismo.

Tradicionalmente considerados como algo descartável ou, no melhor dos casos, como uma mídia de conteúdo de baixo nível, os quadrinhos haviam passado a sofrer ataques mais incisivos sob o argumento de que seriam nocivos à formação moral da juventude (GONÇALO JUNIOR, 2004; GARCIA, 2012). De acordo com Gonçalo Junior (2004), o lançamento de *Sedução dos Inocentes*, livro do psiquiatra Fredric Wertham foi um golpe duro num mercado editorial que vinha de bons resultados até 1954, ano de sua publicação. Coincidindo com a fase mais acirrada do macartismo, as conclusões de Wertham acerca da relação estreita entre quadrinhos e criminalidade convergiram com as teses de que os Estados Unidos, seus valores e modo de vida estavam sob ataque. Pouco mais de seis meses após o lançamento do livro, foi anunciada a criação do *Comics Code Authority* (CCA) pela *Comics Magazine Association of America* (CMAA) – sucessora da *Association of Comics Magazine Publishers* (ACMP). O CCA era um código de conduta, que visava adequar o conteúdo publicado pelas editoras de quadrinhos aos padrões condizentes com uma moral e ética cujos valores fundamentais giravam em torno do ideal de família americana e do *american way of life*, e se materializavam em outras mídias, como o cinema⁶¹. David Hajdu (2009) observa que o novo código era muito mais rígido que os parâmetros anteriores da ACMP, que nunca chegou de fato a ser implementado (GRAVETT, 2012), ou que outros códigos reguladores de mídias culturais como as diretrizes da Comissão Federal de Comunicações (*Federal Communications Commission* – FCC), ou o *Hays Code*, este relativo à produção cinematográfica. Com a implantação do CCA, as diversas editoras que passaram a integrar a CMAA sinalizavam que, desta vez, providências seriam tomadas de fato no esforço para conter os malefícios resultantes dos quadrinhos de terror ou que trouxessem conteúdos nocivos à moral da juventude. Na prática, o CCA significava um aprofundamento da autocensura. Liber Paz (2017) faz uma seleção das regras

⁶¹Sobre os valores americanos e sua relação com o cinema, ver: CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da, *American way of life: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950*, Tese (Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo), ESPM, São Paulo, 2017.

mais diretamente relacionadas ao enfrentamento que seria representado pelos quadrinhos *underground* a partir da década de 1960:

Policiais, juízes, autoridades do governo e instituições de respeito jamais devem ser mostrados de modo a demonstrar desrespeito à autoridade estabelecida.

O divórcio não deve ser tratado com humor nem deve ser representado como algo sedutor.

As histórias sobre amor devem enfatizar o lar como valor e o caráter sagrado do casamento.

Relações sexuais ilícitas não devem ser insinuadas nem representadas (PAZ, 2017, p. 109)⁶².

A observância ao código poderia ser facilmente atestada, para alívio de pais e educadores, por meio de um selo de aprovação (Figura 27) cuja ausência poderia acarretar consequências graves para os editores, como multas e o banimento da editora por meio de uma lista negra (MANNING, 2021). Um dos primeiros efeitos do Código foi a remoção dos quadrinhos de horror e crime dos pontos de venda e a sua substituição por "versões higienizadas" (MANNING, 2021, p. 24). Quadrinhos que não tivessem o selo em suas capas seriam boicotados pelas bancas de jornal (PLUMMER, 2021).

⁶²Conforme informa Liber Paz (2017), uma tradução para o português do documento completo por ser encontrada no livro *A Guerra dos Gibis* (GONÇALO JUNIOR, 2004), entre as páginas 400 e 402. A redação original do documento pode ser encontrada em: CBLDF. Comics Code History: The Seal of Approval – Comic Book Legal Defense Fund. Disponível em: <https://cbldf.org/comics-code-history-the-seal-of-approval/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

Figura 27 — Selo de aprovação da Comics Code Authority (CCA).



Fonte: Tanzillo (2022).

O ataque aos quadrinhos foi severo a ponto de forçar o encerramento da linha de ficção científica e de terror de uma editora como a *Entertaining Comics* (EC), referência no segmento (GARCIA, 2009), que foi obrigada a ater-se a um único título de humor, a *Mad Magazine*, lançada em 1952. Para Santiago Garcia (2012), o surgimento da *Mad* teria se dado pelo fato de que seu criador, o desenhista Harvey Kurtzman, ganhava menos que seu parceiro, o roteirista Al Feldstein. Juntos, a dupla produzia duas séries para a EC, *Two-Fisted Tales* e *Frontline Combat*, ambas publicando HQs de guerra.

A necessidade de Kurtzman de se documentar a fim de poder desenhar equipamentos, paisagens e uniformes de forma verossímil fazia com que seu ritmo de trabalho fosse muito mais lento do que o de Feldstein "que produzia seus roteiros – muitos deles diretamente plagiados da literatura, alta ou baixa – com a velocidade

de um relâmpago" (GARCIA, 2012, p. 144). Kurtzman achava que o esforço que despendia no seu trabalho e a alta qualidade dele resultante merecia uma remuneração melhor do que a que vinha sendo praticada – que era por página, não importando se desenhada ou de roteiro. Nisso, a EC não era diferente de outras editoras de quadrinhos, que tratavam seus artistas como a outros fornecedores, ou com "um pouco mais de status que um encanador" (SPIEGELMAN *apud* CARVALHO, 2017). O fato é que, mesmo envolvido em uma produção de quadrinhos que não se diferenciava de outras mídias culturais tidas como descartáveis, Harvey Kurtzman enxergava a si e ao seu trabalho como merecedores de um tratamento dado a outras formas de arte com maior prestígio junto ao senso comum.

Eu idealizei meu trabalho e meu propósito como escritor, e eu trabalhava muito duro nisso. Estávamos trabalhando em uma base de pagamento por história entregue, e Feldstein estava ligado no automático, e o pensamento era: 'Bem, [esse sistema de trabalho] é perfeitamente justo'. Os quadrinhos de horror fazem muito dinheiro, e você recebe os mesmos valores por página". E eu não podia aceitar isso emocionalmente, por razões óbvias. Eu ficaria sempre em péssimo estado, enquanto o Al enchia os bolsos (SCHELLY, 2015, p. 218).⁶³

Kurtzman já havia provado que tinha talento para o humor em trabalhos como as tiras *Hey Look!* (pirateado pela revista brasileira *Nocaut* em 1986) e *Silver Linings*, produzidos para outras companhias, e, na concepção de Bill Gaines, proprietário da EC, a criação de um título que demandasse menos pesquisas em bibliotecas serviria como o complemento na renda que Kurtzman vinha reivindicando (GARCIA, 2012). Mesmo tendo sido recebida com pouca expectativa, a *Mad* foi um dos maiores sucessos da EC, sendo a única a permanecer após os demais títulos de mistério e horror serem descontinuados (SCHELLY, 2015).

O novo título não representou um alívio financeiro, ao contrário, saturou a capacidade de trabalho de Kurtzman a um ponto em que este decidiu deixar a editora em 1955, após a edição nº 28 de *Mad* e depois de encerrados os títulos de

⁶³No original: I idealized my role and my purpose as a writer, and I used to work very hard at it. We were working on a piece-work basis, and Feldstein would be turning the sausage machine, and cranking them out, you know, and the thinking was, 'Well, it's perfectly fair. The horror stuff makes lots of money, and you get the same per-page rates.' And I couldn't accept that emotionally for obvious reasons. I'd be piss-poor all the time, and Al would be raking in the dough. (SCHELLY, 2015, p. 218)

guerra que, de certa forma, estavam implicados na criação da revista (GARCIA, 2012; SCHELLY, 2015). Segundo Santiago Garcia (2012), Kurtzman seguiu no intento de produzir uma revista satírica o que, após alguns títulos de vida curta, iria resultar na revista *Help!* (Figura 28) em que muitos dos artistas precursores do *underground* publicariam suas primeiras HQs (ROSENKRANZ, 2008).

Figura 28 — Capa da primeira edição de *Help!* (1960).



Fonte: Warren Publishing (2016).

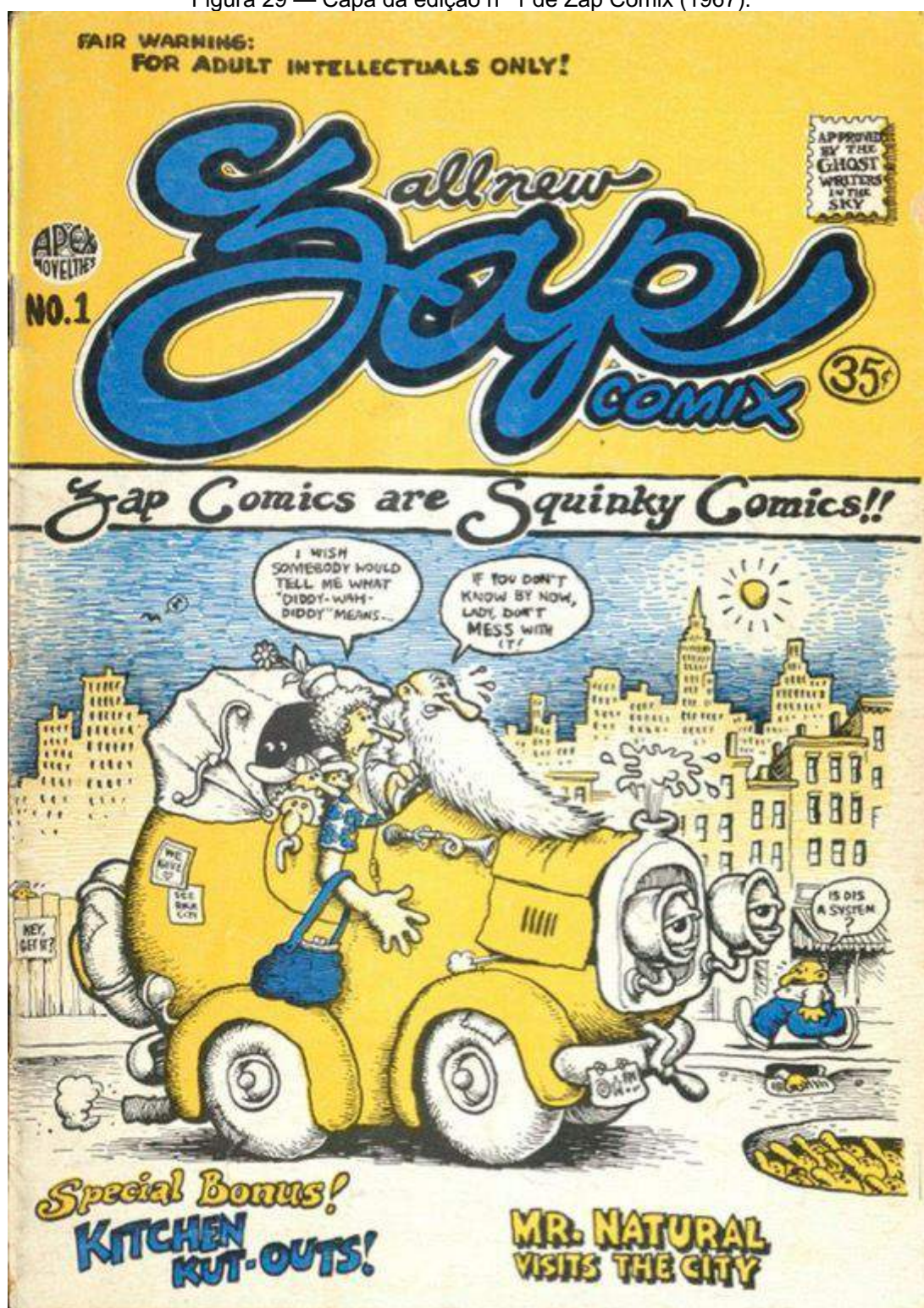
O termo pelo qual essa produção passaria a ser referida, *comix*, surgiu como uma forma de fazer a diferenciação inequívoca das HQs *underground* em relação às aquelas que seguiam o CCA, ao mesmo tempo em que mantinha a pronúncia do termo original (*comics*). *God Nose* foi uma das primeiras revistas a informar na sua capa que aquela era uma publicação para adultos, através de um rótulo escrito *Adult Comix*, em 1964 (GARCIA, 2012). De acordo com seu desenhista e editor Jaxon,

Comix – com o "x" sugerindo *x-rated* [classificação indicativa da pornografia], ou seja, um público leitor adulto – foi nossa grafia para livros alternativos, para que os leitores soubessem num relance que se tratava de livros especiais, diferentes dos livros de quadrinhos normais. Os temas eram drogas, sexo e alterações de consciência de algum tipo, em oposição aos temas convencionais (SKINN, 2004, p. 12)⁶⁴.

Nesse período de contestação política e cultural, foram, pouco a pouco, criando-se as condições necessárias para que os quadrinhos *underground* se estruturassem como um movimento e ganhassem impulso entre 1965 e 1967 – ano em que Robert Crumb lança o número 0 de sua revista *Zap Comix*, que avisava, já na edição seguinte, que aquela era uma revista "apenas para intelectuais adultos" (Figura 29). Seu lançamento se deu em São Francisco, onde Dez Skinn (apud CARVALHO, 2017) localiza o centro do movimento, mais precisamente na esquina das ruas Height e Ashbury, ou na "Height-Ashbury", como ficaria conhecida.

⁶⁴No original: *Comix*—the "x" suggesting *x-rated* or an adult readership—was Our spelling for alternative books so readers would know at a glance that these were special books, different than regular comic books. The subjects were dope, sex and altered consciousness of some sort as opposed to mainstream subjects. (SKINN, 2004, p. 12)

Figura 29 — Capa da edição nº 1 de Zap Comix (1967).



Fonte: RISD (2022).

A reação ao CCA e ao clima geral de cerceamento, ocasionou "uma revolução no formato, na temática, na produção e na maneira de consumir

quadrinhos" (CARVALHO, 2017, p. 83). Santiago Garcia (2012) enumera algumas características que ajudam a definir os quadrinhos *underground*. Em primeiro lugar, eram quadrinhos marginais, ou seja, produzidos à margem do CCA e do sistema de produção e distribuição das editoras que operavam dentro de padrões comerciais. Eram, também, editados de forma independente, muitas vezes auto editados, sem a necessidade de corresponder a metas de vendas ou a diretrizes que não as do autor e do seu comprometimento com a mensagem que queria passar. Mesmo com o surgimento de editoras dedicadas aos *comix*, esta foi uma premissa que permaneceu fundamental (ROSENKRANZ, 2008), com artistas e editores atuando com uma proximidade e afinidades muito maiores do que o que se verificava nas editoras que vinham publicando quadrinhos nos EUA até então. Como observa Mark James Estren "uma das coisas mais legais [dos *comix*] é que vinham em diferentes formatos e estilos" (apud CARVALHO, 2017, p. 85). Nesse aspecto, as publicações *underground* eram continuadoras de um modo de editar e distribuir ligados aos fanzines.

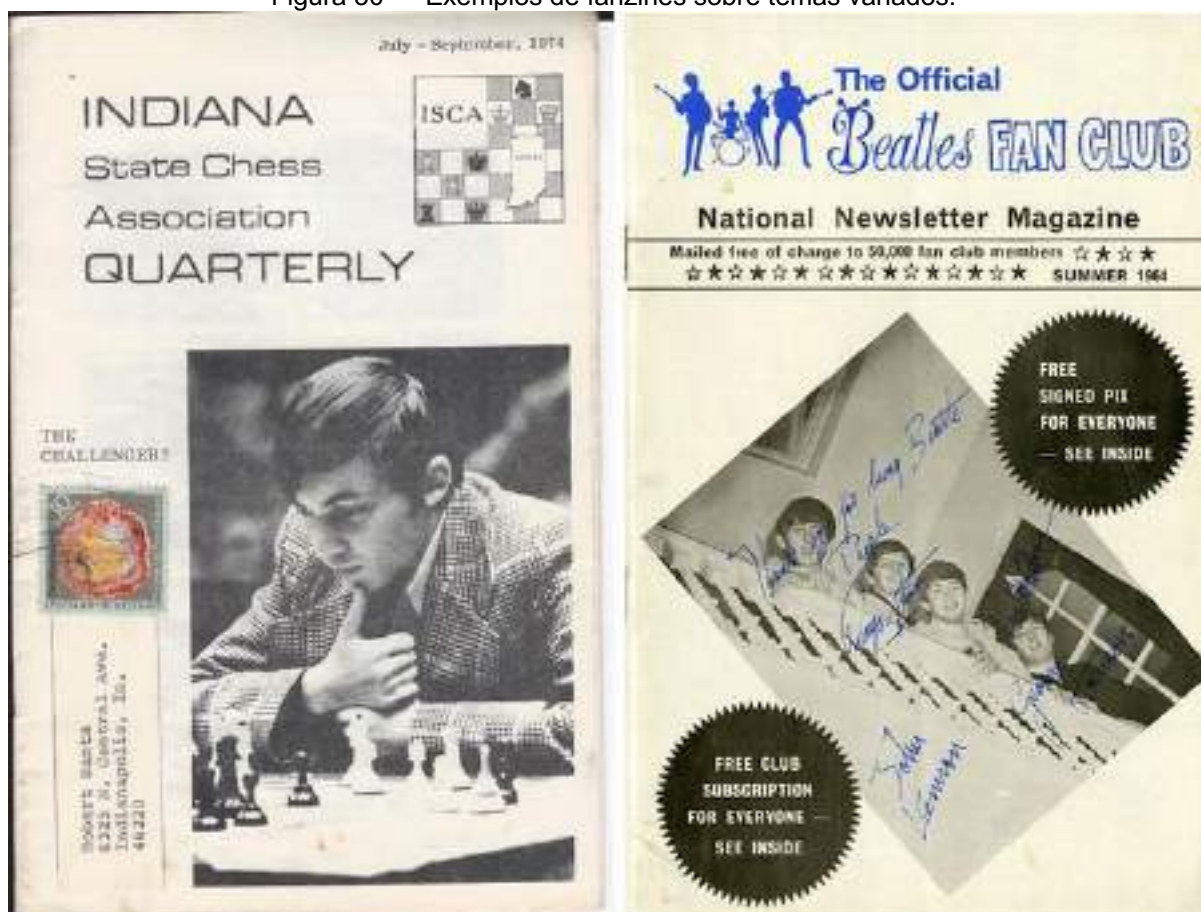
O termo teria sido cunhado na edição de outubro de 1940 do fanzine *Detours*, de Russ Chauvenet (SF DICTIONARY, 2020), para designar uma produção de publicações amadoras, em acabamento tendendo para o artesanal e com baixas tiragens. Essas publicações vinham circulando desde o final da década de 1920, principalmente entre os entusiastas de ficção científica – *The Comet* (1930), geralmente considerado o primeiro fanzine, foi editado por Raymond Arthur Palmer para o Clube de Correspondência de Ciência (*Science Correspondence Club*). A contração de *fan* (fã) e *magazine* (revista) teria acabado prevalecendo sob a designação "fanzine" a partir de uma reivindicação de Chauvenet, em detrimento de outras possibilidades como "fanmag" (ou "fanag", como escrito em *Detours*): "Por meio deste, protestamos contra a palavra não-eufônica 'fanag' e anunciamos nossa intenção de conectar 'fanzine' como a melhor forma abreviada de 'fan magazine'" (DORAN, 2018)⁶⁵.

Do circuito dos entusiastas da ficção científica, a ideia de uma publicação feita com acabamento artesanal, tiragem baixa e de forma independente – ou seja, fora

⁶⁵Sobre fanzines no Brasil, ver Moraes (2010) e Muniz (2010).

da organização de editoras em padrões comerciais – passou a ser usada por fãs-clubes ligados a temas variados como música ou o jogo de xadrez (Figura 29).

Figura 30 — Exemplos de fanzines sobre temas variados.



Fonte: Banta (2012), Tracks (2022).

No final da década de 1950, nos EUA, passaram a constituir um circuito de trocas de informação e conteúdo com alcance suficiente para fazer com que um garoto desiludido, chamado Robert Crumb, mudasse de ideia e continuasse a produzir quadrinhos após o desinteresse demonstrado em *Foo*, revista satírica criada por ele e por seu irmão mais velho, Charles (ROSENKRANZ, 2008). Crumb descobriu, lendo a seção de cartas da revista *Humbug* (Farsa), um fanzine chamado *Spoof* (Paródia) – sendo a *Humbug*, vale observar, uma das revistas editadas por Harvey Kurtzman, após sua saída da *Mad* e alguns anos antes da *Help!*. Em pouco tempo, os irmãos Crumb estavam em contato com uma rede de trocas de informações sobre quadrinhos, conforme observou Robert: "isso abriu um

mundo inteiro para Charles e para mim [...]. Descobrir os fã-clubes de quadrinhos nos libertou do isolamento de nosso pequeno mundo [...] e mudou nossas vidas" (ROSENKRANZ, 2008, p. 24)⁶⁶.

Mas, talvez, uma das principais mudanças operadas dentro do circuito e do modo de produção *underground* nos Estados Unidos, foi o fato de que os autores passaram a receber *royalties* pelos seus trabalhos, rompendo com a lógica segundo a qual a editora passava a ser a proprietária de todos os direitos relativos a cada HQ que fosse entregue. Caso um título fosse bem-sucedido nas vendas, havia a possibilidade de reimpressão, com o artista sendo remunerado de acordo com as vendas. Nas palavras do quadrinista e editor Denis Kitchen:

Os *royalties* tratavam os cartunistas como autores literários e lhes garantiam uma parte justa [na divisão do dinheiro]. As grandes editoras tradicionalmente pagavam aos artistas uma taxa por página, independentemente das vendas ou de outros benefícios que a editora viesse a ter; um sistema obviamente injusto. Os [editores] *undergrounds* também foram os primeiros a reconhecer o direito dos criadores de quadrinhos de possuírem os direitos autorais de sua criação. A geração de cartunistas de vanguarda do meu grupo de colegas conhecia bem as histórias horrendas de artistas sendo enganados e juramos não deixar acontecer conosco o que aconteceu com [os criadores do Superman] Jerry Siegel e Joe Shuster; e tantos outros (ROSENKRANZ, 2008, p. 222)⁶⁷.

Tanto nos EUA, como nos países europeus citados, havia uma desconfiança em relação às gerações precedentes, condensada na frase do ativista político Jack Weinberg "não confie em ninguém com mais de 30 anos". Essa desconfiança se expressava no conteúdo dos *comix*, em seus desenhos e ideias por eles representados e, importante frisar, na forma como eram produzidos. A ideia de que a produção e distribuição de quadrinhos fora das grandes estruturas (editoras, gráficas, distribuidoras) não só era factível como se apresentava como possibilidade

⁶⁶No original: [...] and that opened up a whole world to Charles and me [...]. Discovering comic fandom broke us out of the isolation of our own little world [...] and changed our lives. (ROSENKRANZ, 2008, p. 24)

⁶⁷No original: "Royalties treated cartoonists like literary authors and guaranteed them their fair share of the pie. The big publishers traditionally paid the artists a per-page rate regardless of ultimate sales or ancillary benefits to the publisher; a system of obvious inequity. Undergrounds were also the first to recognize me comic creators right to own the copyright to his or her creation. The generation of upstart cartoonists in my peer group had heard the familiar horror stories about artists being cheated and we vowed not to let happen to us what happened to [Superman creators] Jerry Siegel and Joe Shuster; and so many others." (ROSENKRANZ, 2008, p. 222)

de uma cultura jovem emergente se integrar e intervir nas grandes transformações sociais, políticas e culturais em curso entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970.

O fato de que a frase de Weinberg assim como um dos slogans mais lembrados do *Maio de 68*, "É proibido proibir" seriam musicados no Brasil depois de um curto período de tempo indica a circulação e conexão de correntes de pensamento no país com o que ocorria nos países centrais⁶⁸. A ideia de quadrinhos como uma mídia com mérito próprio animaria as publicações brasileiras de quadrinhos autorais e tem relação com um processo de transformação na imprensa em que os *comix* – os quadrinhos *underground* – foram ao mesmo tempo resultantes e catalisadores. Essa abordagem marginal, entendida como de confrontação, especialmente no Brasil após o AI-5, estaria implicada nas publicações da chamada imprensa alternativa, da qual os quadrinhos e seus congêneres (cartuns, charges) foram parte importante – caso de publicações como *O Pasquim* (1969-1991), *Grilo* (1971-1973), ou *Versus* (1975-1979)⁶⁹. Na *Animal*, essa produção, mais livre em conteúdo e em forma, iria se materializar nas páginas do *Mau*, seu encarte anárquico e malcriado.

4.2.3 Transposição do Atlântico: síntese e desdobramentos

A importância da convergência entre as duas vertentes tratadas é entendida, de modo geral, pela estruturação de parcela dos quadrinhos em sintonia com os processos culturais, sociais e políticos nos países centrais. Na Europa, esse movimento resultou no surgimento de uma produção que se articulava com outras manifestações culturais. Música, cinema, literatura apareciam em publicações como *Métal Hurlant*, sendo abordadas enquanto mídia ou dentro de uma confluência temática. Esse foi, ainda, um movimento resultante da busca de superação de uma certa produção comercial, voltada ao público infantojuvenil ou, no melhor dos casos, materializada num quadrinho "para todas as idades". As publicações surgidas dentro

⁶⁸A canção "É proibido proibir" foi lançado por Caetano Veloso em 1968, "Com mais de trinta" foi lançado por Marcos Vale em 1971.

⁶⁹Às vezes se faz uma distinção entre a fase em que *Versus* foi publicada por Marcos Faerman, seu fundador, entre 1975 e 1978 e a fase final do jornal, quando o controle passou para os membros da Liga Operária. Sobre este processo, ver KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2001.

desse movimento são representativas de uma vontade de mudança, ao considerar algumas questões formais e temáticas da produção de quadrinhos.

A gradual confluência das vertentes europeia e americana, principalmente a partir do *Mai de 68*, foi fundamental para o processo de alteração de *status* dos quadrinhos, que seguiria em curso pelo restante da segunda metade do século XX. Um dos desdobramentos dessa combinação se deu de modo que a produção europeia, suas conquistas e entendimentos, foram absorvidos por uma indústria de quadrinhos nos Estados Unidos que procurava se renovar, enquanto seus artistas tateavam caminhos para se manterem relevantes – inclusive adotando discursos, aspectos visuais e ideológicos dos *comix*.

A ida da *Métal Hurlant* para os EUA, em 1977, sob o nome *Heavy Metal*, foi um momento importante nesse sentido⁷⁰, mas essa foi uma iniciativa que floresceu em terreno preparado previamente – e não apenas por artistas *underground*. Trata-se de desenhistas vindos, por exemplo, dos quadrinhos de super-heróis, como Steve Ditko ou Gil Kane (GARCIA, 2012), gente que – inclusive por uma questão geracional – não conseguia se inserir na produção *underground*, mas não deixava de ter aspirações de maior liberdade formal e criativa, algo ainda limitado nas grandes editoras de quadrinhos no final da década de 1960 e ao longo da década de 1970. Da busca pelo novo faziam parte artistas que não se viam representados pelos temas ou cuja produção não tinha lugar nos quadrinhos *mainstream*, e, também, artistas dessa indústria que queriam se manter significativos. Nesse esforço, surgiram quadrinhos de transição, que, de certo modo, remetiam a alguns maneirismos das antigas editoras, como a EC. É o caso de *His name is... Savage!* (1968), de Gil Kane, que anunciava em sua primeira (e única) edição "histórias de terror e ação ilustradas" (Figura 31). Outro exemplo desses quadrinhos de transição citado por Santiago Garcia (2012) é o fanzine *witzend* (sic) (1966-1985), editado por Wally Wood, este um egresso das HQs de ficção científica da EC.

⁷⁰Sobre a criação e o posterior afastamento entre *Métal Hurlant* e *Heavy Metal*, ver: POUSSIN, Gilles; MARMONNIER, Christian. *Métal Hurlant 1975-1987: La Machine à Rêver*. 1. ed. Paris: Éditions Denöel, 2005.

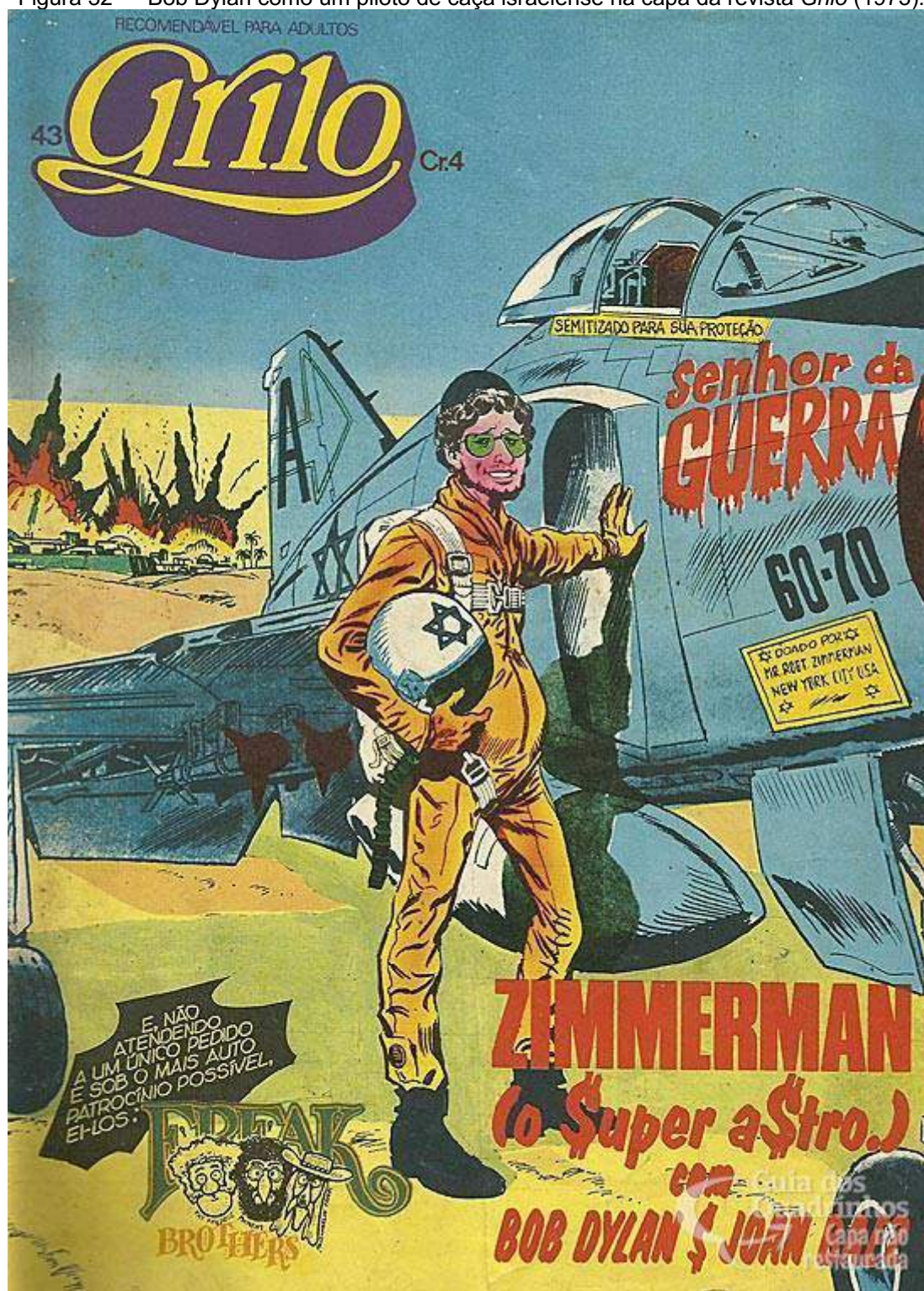
Figura 31 — Capa e página de miolo da edição nº 1 de *His Name is... Savage!* (1968).



Fonte: Read Comic Online (2018).

Santiago Garcia considera como reivindicações limitadas sob a alegação de que "a liberdade criativa que Wood e seus colegas ansiavam se traduziu em pouco mais que a presença de nus, pois a maioria do material caía nas fórmulas da ficção científica e da fantasia" (GARCIA, 2012, p. 178). Foram, num certo sentido, quadrinhos híbridos, ou seja, tinham algum nível de inspiração ou afiliação nos *comix* e não seguiam as imposições do CCA, mas mantinham uma forte ligação, principalmente visual, com quadrinhos *mainstream* que operavam dentro das regras do código. O fato é que essa foi uma produção que rendeu desdobramentos e teve algum alcance. No Brasil, apareceu em publicações como *Gribo* (1971-1973), na sátira ao cantor Bob Dylan, *As Aventuras de Zimmerman* (Figura 32), na versão setentista de *Gibi Semanal* (1974-1975) e, depois, no título *Aventura Ficção* (1986-1991), para ficar em alguns exemplos.

Figura 32 — Bob Dylan como um piloto de caça israelense na capa da revista *Grilo* (1973).



Fonte: Maranhas e Braga (2008).

A *Heavy Metal*, por sua vez, representou um incremento no padrão visual das HQs americanas, ainda que seus quadrinhos fossem vistos com desprezo pelos *Humanoides* originais (POUSSIN; MARMONNIER, 2005). Sua linha editorial

passou, em pouco tempo, para temas de ficção científica e fantasia que moldou parte significativa dos quadrinhos oitentistas.

Uma coisa para se ter em mente é que esse trânsito entre quadrinhos *underground*, quadrinhos "artísticos", estudos sobre quadrinhos e os processos culturais implicados nessas instâncias se deram de forma multidirecional e integrada. A *Métal Hurlant*, importante elemento de transformação dos quadrinhos americanos era, ela própria, resultado da influência destes nos quadrinhos franceses. É uma das alegações de Jean-Pierre Dionnet, quando menciona que seu parceiro, o quadrinista Jean Solé, "já tinha visto [o trabalho de] Crumb" (POUSSIN; MARMONNIER, 2005, p. 18). Esses quadrinhos foram produzidos como parte dos processos políticos e sociais de seu tempo – e não foram apenas reflexo, mas produto e instância de formulação de discursos e significados de sua época.

Outras publicações, por onde passaram alguns dos *Humanoides* são tributárias da verve satírica representada por *Mad*. Gosciny passara pela revista, Mœbius passara por *Hara-Kiri* enquanto outros autores publicados nos primeiros números de *Métal Hurlant*, *L'Echo des Savanes* ou *Fluide Glacial* tiveram trajetórias semelhantes. As questões ideológicas e discursivas dos *comix*, sua iconoclastia expressa em temáticas que incluíam sexo em várias modalidades, drogas, violência de naturezas variadas (Figura 33), entre outros assuntos, foram formuladas e entendidas como elementos de subversão radical e, como tais, encampados por uma produção que começava a considerar que as conquistas das revistas francesas citadas acima eram pouco mais que cosméticas – opinião compartilhada por Santiago Garcia (2012).

Figura 33 — Subversão: Isaac Newton descobrindo a gravidade segundo o artista Mark Stafford.



Fonte: Skinn (2004, p. 104).

Na Itália, publicações como *Cannibale* e *Frigidaire* foram resultado direto do chamado *Movimento de 77*, que agitou a Itália, especialmente o norte do país, entre

1977 e 1979, e tinha origens numa esquerda não-parlamentar composta por estudantes universitários, jovens operários e outros setores sociais marginalizados em meados da década de 1970. Entre as origens do *Movimento* estava a rejeição de uma centro-direita que vinha exercendo o poder político desde o final da Segunda Guerra Mundial, e de uma esquerda institucionalizada, dominante dos meios culturais de forma geral – incluindo a televisão, que estava em sua esfera de influência apesar de ser estatal até a metade da década de 1970. Seus integrantes opunham-se ao arranjo político entre o Partido Comunista Italiano (PCI) e o Partido Democrata Cristão (PDC) e à falta de perspectiva no futuro (BERARDI, 2017), e teve em Bolonha seu centro criativo (CASTALDI, 2010), com a circulação de uma infinidade de pequenas publicações e com uma atuação integrada entre estas, rádios livres, bandas de rock etc.

Nas fissuras do arranjo político entre PDC e PCI surgiu uma militância que desafiava um estado de coisas incapaz de apresentar alternativas viáveis em relação a uma situação econômica e social que vinha se deteriorando. A multiplicidade de linguagens e de meios, sua interconexão, as apropriações e a liberdade formal empregadas pelos manifestantes italianos no final da década de 1970, iriam se materializar numa produção cultural em que as definições dos veículos de comunicação tornaram-se obsoletas. Isto incluiu as citadas *Cannibale* e *Frigidaire*, além de uma miríade de pequenas publicações, de um circuito alternativo de música, rádios livres – sendo uma das mais célebres a *Radio Alice* – entre outras mídias.

Fundada por Stefano Tamburini, a *Cannibale* colocava-se como uma continuadora da revista *Dada*. Com duas edições publicadas em abril e maio de 1920, a revista *Cannibale* original foi onde

[Francis] Picabia explorou o canibalismo como motivo para chocar a burguesia', uma vez que esta atitude, a de criticar o espírito burguês ou a mercantilização da arte, era uma das constantes do dadaísmo, do qual o artista era militante. A revista contém contribuições literárias de membros do grupo Dada parisiense composto por Tristan Tzara, André Breton, Louis Aragon e Philippe Soupault. Além disso, Picabia aproveita suas páginas para atacar através de uma linguagem combativa, irônica e insolente aqueles que questionam o movimento Dada. Por meio de breves comentários e frases soltas, seu diretor questiona o comercialismo na arte e

a validade do cubismo, chegando a ridicularizar alguns de seus membros (hoyesarte.com, 2013)⁷¹.

Por esta razão, a revista criada por Tamburini iniciou suas atividades no número 3 – o que logo se mostrou pouco mais que uma formalidade, uma vez que a edição seguinte foi lançada como 4/5/6/7, podendo ser lida em mais de uma direção, seguida pela edição de número 0. Ao longo de sua existência, a *Cannibale* associou-se à revista *Il Male (O Mal)*, que iniciara suas atividades em 1978, como uma revista satírica semanal (CASTALDI, 2010). Nesta junção, formou-se o grupo responsável pelo lançamento da *Frigidaire*, no final de 1980, editada por Vincenzo Sparagna e que, tal como sua predecessora *Cannibale*, aprofundava o diálogo intermediático que teve na *Métal Hurlant* seu primeiro momento importante nos quadrinhos (CASTALDI, 2010). Uma rápida olhada nos autores publicados na sua primeira edição dá uma ideia da sua influência na linha editorial seguida pela *Animal* alguns anos depois (Tabela 1). Destes, apenas Chandler não integrou a revista brasileira, sendo que três, *Liberatore*, Tamburini e Mattioli, apareceram em seu primeiro número.

Tabela 1 — Conteúdo da primeira edição da *Frigidaire* (1980).

2	Primo Carnera e o concurso de iguarias	Primo Carnera	Scòzzari	duas cores	episódio	13 páginas
3	Joe Galaxy e os lagartos malignos de Calisto IV	Joe Galaxy	Mattioli	policromia	parte 1	4 páginas: de 1 a 4
4	Secret Agent Man		Scòzzari	policromia	história completa	2 páginas
5	Bordel		Liberatore	duas cores	história completa	5 páginas
6	A Dália Azul	Dália Azul	Scòzzari, Scòzzari, Chandler (sic)	duas cores	parte 1	6 páginas: de 1 a 6
7	<i>Ranxerox</i>	<i>Ranxerox</i>	Liberatore, Tamburini	policromia	parte 1	7 páginas: de 1 a 7

Fonte: Slumberland (2016).

⁷¹É possível visualizar digitalizações destas duas primeiras edições em https://digital.lib.uiowa.edu/islandora/object/ui:dada_24847 (Acesso em 14/12/2021).

Santiago Garcia (2012) considera que na Espanha essas movimentações dos quadrinhos se deram de forma relativamente tardia, em grande medida, devido à ditadura franquista (1939-1975). De acordo com Pedro Solar (2013), esse foi um movimento integrado por duas vertentes principais. De um lado, surgiram revistas que procuravam combinar a produção de novos artistas locais com o que havia de mais recente ou mais radical na produção internacional, caso da *Star* (1974-1980) ou de sua sucessora *Besame Mucho* (1980-1982). Surgiram, também, revistas que buscaram levar para o país o que havia de mais atual nos quadrinhos internacionais, mas geralmente publicando autores já consagrados, caso da *Totem* (1977-1991, 1994). Era um momento de exploração das possibilidades editoriais e de reacomodação das correntes de pensamento da sociedade espanhola – em que a ditadura se encerrara junto com parcela significativa da censura: as bancas "se encheram de pornografia, mas também se abriram para a sátira política" (SOLAR, 2013, p. 27).

Revistas como a já citada *Star* serviram como porta de entrada e laboratório para uma geração de autores que, a partir das páginas de *El Víbora* (1979-2005) e *Cairo* (1981-1991), deram o tom dos quadrinhos espanhóis oitentistas que serviriam como base para parte do conteúdo e da linha editorial da *Animal*. *El Víbora* foi uma iniciativa do quadrinista Josep Maria Berenguer e do editor Josep Toulain e tinha como premissa ser, sobretudo, uma revista "perigosa" (SOLAR, 2013). Isso estava expresso no seu lema "quadrinhos para sobreviventes"⁷² e no seu nome original *Goma 3*, em alusão ao explosivo *goma 2*, tornado célebre pelos atentados do grupo terrorista ETA – um nome prontamente interdito por uma censura que, enfim, não tinha acabado por completo. Seu nome definitivo não era menos "ameaçador" ao fazer alusão a um animal "perigoso, que morde, venenoso...; ou, melhor, quando se refere a alguém – qualquer pessoa – que é como aquele animal: 'um' víbora" (SOLAR, 2013, p. 56)⁷³.

Surgida em 1979, a *El Víbora* materializou em suas primeiras edições, em editoriais, quadrinhos e outros conteúdos, o desencanto de uma sociedade que via

⁷²No original, "historietas para supervivientes". Esse lema seria alguns anos mais tarde usado na capa da revista argentina *Fierro* entre sua primeira edição (setembro de 1984) e sua edição nº 26 (outubro de 1986), ligeiramente alterado: "historietas para sobrevivientes".

⁷³No original: "un animal peligroso, que muerde, que envenena; o, mejor, al referir a alguien — cualquiera — que sea como ese animal: 'un' víbora" (SOLAR, 2013, p. 56).

as expectativas do pós-ditadura refreadas e domesticadas pelas correntes de pensamento operando naquele período e pela política institucional. Concretizava, a um só tempo, vontade de mudança com o desencanto com um processo político que começava a ganhar contornos mais nítidos. De acordo com Pedro Solar (2013), sua postura era decorrente da gradual mudança de um terreno de certezas – pois em uma ditadura é fácil saber a quem culpar e, principalmente, quem são os alvos – para as incertezas próprias de uma democracia representativa em que as diversas demandas precisam dialogar, em uma interação multifacetada e aberta – ao menos em princípio. Conforme Solar (2013), um exemplo desse estado de espírito é a série de HQs *Tony Nuevaola y Lola Lista contra los N.A.D.A.*⁷⁴. Nela, os protagonistas Tony e Lola impedem o dismantelamento do processo de transição política, mas se veem, ao final, tragados pelo "cotidiano sem sentido", a ponto de Lola lamentar: "gostava mais de quando a vida era como um faroeste e nós éramos os mocinhos e matávamos todos os bandidos" (RIERA; HOYUELOS, 1980) (Figura 34).

Figura 34 — Desencanto nas páginas de *El Víbora*: "Gostava mais quando a vida era como um faroeste".



Fonte: Riera e Hoyuelos (1980).

Ainda que tivesse raízes firmemente fincadas no *underground*, *El Víbora* se propunha, desde o começo, a ser um empreendimento comercial viável. Para alcançar seus objetivos, a revista apostava na identificação com um público de

⁷⁴"Nuevaola" se traduz como "Nova onda" e "Lista" como "pronta [para a ação, no caso]", mas poderia ter um sentido de "alerta" ou "atenta".

"desiludidos", um público adulto voltado para o circuito *underground* espanhol. *El Víbora* buscava diálogo entre os quadrinhos e esse circuito por meio de temas em comum que podiam ser tratados também pela música, pela literatura ou pelo cinema. HQs tratando de comportamento e contendo violência, drogas e sexo em várias facetas definiam uma linha editorial que, já em seu primeiro editorial, dispensava o leitor desavisado que "ainda tivesse fé e ideais"⁷⁵ (SOLAR, 2013).

Dois anos depois de *EL Víbora*, foi lançada a revista *Cairo*, em dezembro de 1981. Pedro Solar (2013) observa que, desde a sua primeira edição, a *Cairo* procurou se contrapor a *El Víbora* de forma inequívoca. Se *El Víbora* era "a própria vida" (SOLAR, 2013, p. 44), *Cairo* procurava uma reconexão com a tradição e os grandes relatos dos quadrinhos nela implicada. Por "grandes relatos", entenda-se desde a adaptação de eventos históricos em quadrinhos até a adesão a alguns dos gêneros tradicionais dos quadrinhos: faroeste, aventuras espaciais, terror, fantasia, entre outros. Deste modo, *Cairo* anunciava seu conteúdo como "el neotebeo", em alusão a "tebeo", termo que tradicionalmente designa quadrinhos na Espanha⁷⁶.

Uma das formas encontradas por *Cairo* de se contrapor à "sujeira" de *El Víbora* foi associar-se à chamada *Linha Clara* – estilo de quadrinhos com linhas firmes e precisas que, naquele momento, tinha como expoentes artistas como o espanhol Daniel Torres, o francês Yves Chaland ou o holandês Joost Swarte, a quem se atribui o termo (GARCIA, 2012; SOLAR, 2013). Entendido como um dos definidores do estilo franco-belga, Salvador Vázquez de Parga (apud SOLAR, 2013), define *Linha Clara* como

[...] o realismo dos cenários, o detalhe e a meticulosidade, a documentação e o rigor [...] a linearidade da linha, contínua e acabada, a tendência à geometrização, a eliminação do supérfluo, a escassez [de áreas preenchidas] de negros e a ausência de tons intermediários e a falta de

⁷⁵ *El Víbora* n. 1 (1979, p. 2)

⁷⁶ De maneira similar ao termo "gibi", no Brasil, tebeo vem de TBO, revista espanhola de quadrinhos surgida em 1917 (ALARY, 2007). Sobre o nome, Viviane Alary (2007) considera que seria derivada expressão *te veo* ("te vejo"). Já Rosa Segura (apud MESÓN, 2012), que trabalhou por muitos anos como secretária na revista, afirma, em seu livro «Ediciones TBO ¿dígame?» (2006), que o nome teria sido sugerido à diretoria da revista por Joaquín Arqués, um empregado amante de teatro que teria visto a sigla na capa de um libreto teatral.

relevo nas figuras, o que tornava o desenho facilmente inteligível (apud SOLAR, 2013, p. 49)⁷⁷.

Essa associação começava pela capa do primeiro número de *Cairo*, também como modo de contrastar com a violência e cruzeza da primeira edição de *El Víbora*, bem como de suas demais capas (Figura 35).

Figura 35 — Comparativo de capas *El Víbora* (1979) e *Cairo* (1981).



Fonte: *El Víbora* nº 1 (1979), Alvarez (2009).

Mesmo com a ênfase de *Cairo*, o que ocorria é que quadrinhos dessa escola já vinham sendo presença constante em *El Víbora*, incluindo Joost Swarte. Pedro Solar (2013) chega a mencionar uma extrapolação dessa relação conflituosa entre as duas revistas, segundo a qual *Cairo* e, por extensão, a *Linha Clara*, seriam expoentes da direita, enquanto *El Víbora* seria afiliada a uma esquerda anarquista e radical. O próprio Solar alerta para o fato de que essa é uma percepção simplista,

⁷⁷No original: "...el realismo de los escenarios, el detalle y la minuciosidad, la documentación y el rigor [...] la linealización del trazo, continuo y acabado, la tendencia a la geometrización, la eliminación de lo superfluo, la escasez de negros y ausencia de tonos intermedios y la falta de relieve en las figuras, lo que originaba la fácil inteligibilidad del dibujo" (apud SOLAR, 2013, p. 49)

mas *Cairo* realmente assumia uma postura elitista em relação aos quadrinhos, sua leitura e significado – ao mesmo tempo em que procurava reafirmar sua conexão com uma tradição nos quadrinhos representada, entre outras, pelas histórias de Hergé e seu personagem *Tintin*. Não é por outro motivo que seu primeiro editorial afirmava que aquela era uma revista para ser lida "confortavelmente instalado em sua residência em Moulinsard" (SOLAR, 2013, p. 47)⁷⁸.

Parte disso foi, como já colocado, uma necessidade de se afirmar em relação a uma das revistas que em pouco tempo se tornara referência nos quadrinhos espanhóis, parte foi posicionamento ideológico, uma reação por parte dos editores de *Cairo* à verborragia e falta de modos tanto por parte de *EL Víbora* quanto dos quadrinhos e quadrinistas *underground* em geral. É relevante mencionar que o final da década de 1970 é o momento de afirmação da *New Wave*, um amadurecimento e desdobramento das movimentações que vinham sendo feitas a partir do final da década de 1960 e ao longo da década 1970 (MCNEIL; MCCAIN, 2017) por bandas, estilistas, artistas atuantes em vários meios e reunidas sob a designação genérica *punk*.

Embora o termo⁷⁹ pudesse ser usado para designar tanto o som de bandas como *New York Dolls*, *Blondie* ou *The Jam* quanto para referir-se ao trabalho da estilista Vivienne Westwood na loja *Sex*, havia um aspecto que parecia atravessar essas manifestações: o da crueza. Expresso no lema "faça você mesmo" (do *it yourself*), essa crueza resultava da reação à gradativa complexificação observada, por exemplo, em um *rock* que começara a aproximar-se de estilos como o *jazz fusion*, caso do *rock* progressivo, ou de conceitos como a ópera-rock. O "faça você mesmo" representava o questionamento e o antagonismo a isso, por parte de jovens insatisfeitos procurando ter em mãos, novamente, seus desígnios culturais, sociais, políticos. A *New Wave* era a sistematização dos ganhos dos primeiros tempos turbulentos do *punk*, representando, ainda, a sedimentação e a cooptação da sua estética, atitude, sonoridade e procedimentos. Talvez não chegasse a ser

⁷⁸Moulinsard é a mansão onde mora o Capitão Haddock, um dos personagens de *Tintin*. É um lugar que aparece frequentemente nas histórias da série.

⁷⁹Uma das lendas em torno do uso do termo para referir-se, em especial, à música é a de que teria se originado no fanzine de mesmo nome que circulou em Nova York entre 1975 e 1978. John Holmstrom, um dos editores do fanzine, refuta essa versão, embora reivindique que sua publicação "o colocou no mapa" (HOLMSTROM; HURD, 2012, p. 1). Sobre essa relação da origem do termo com a publicação, ver HOLMSTROM, John; HURD, Bridget (Orgs.). *The Best of Punk Magazine*. 1. ed. New York: HarperCollins Publishers, 2012.

"punk comercial", como observa John Savage (1992) ou um movimento de "traidores culturais", como Iggy Pop, o vocalista do *Stooges*, se refere ao *Verão do Amor* de São Francisco, em 1967 (GIMME..., 2016). Entretanto, representava uma certa domesticação de algo que começou como uma combinação de inquietação genuína e um bom tanto de irreverência (MCNEIL; MCCAIN, 2017), como materialidade de vontade de mudança. Nesse sentido, parece que, mais do que alinhamentos estritamente políticos, a ligação e a dicotomia entre *El Víbora* e *Cairo* expressava uma relação conflitante entre *punk* e *new wave*, dada pela necessidade desta de se destacar daquela. O uso do neologismo "Neotebeo" é mais um indicador de que *Cairo* procurava, sobretudo, definir-se – nisso lançando mão de um artifício que seria bastante recorrente na imprensa cultural brasileira oitentista, com sua profusão de "neos" e "pós".

Esse debate – mais evidente nos editoriais de *Cairo* do que nos de *El Víbora* – propondo refinamento e sofisticação como resposta à crueza e maus modos, passam a impressão de que ambas, décadas depois de seu surgimento e desaparecimento, eram, afinal, facetas de uma mesma coisa. Max, autor de *Peter Pank* (que seria mais tarde publicada na *Animal*), é taxativo ao afirmar que, se havia qualquer conflito entre as revistas, isso não se estendia aos artistas – que, aliás, eram publicados por ambas: "nós, os desenhistas, éramos todos amigos, como sempre tínhamos sido" (SOLAR, 2013).

Na *Animal*, essas tendências e trabalhos de artistas ligados à *Linha Clara* – como Daniel Torres, Denis Lapiere ou Kamagruka e Seele – ou com traços mais sujos ou carregados – como Jano, Jordi Bernet ou Vuillemin – também conviveram sem maiores sobressaltos. Convivência que incluiu quadrinhos "com essa pegada meio *Heavy Metal*", conforme observado por Newton Foot⁸⁰, um dos criadores da *Animal*, ou quadrinhos de Loustal, lembrando pinturas – entre outras tendências (Figura 36). Ao serem transpostos para o mercado editorial brasileiro através das páginas da *Animal*, esses estilos formaram um corpo, apesar das diferenças, coeso e carismático, em que a busca pelo novo se dava por meio de sua prática – trazendo o que havia de moderno e impactante nos quadrinhos dos países centrais do

⁸⁰Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Newton Foot em 21/10/2021.

sistema, mesclando-os a uma produção local, carente de lugares por onde se expressar.

Figura 36 — Diversidade de estilos nas páginas da *Animal*.



O BARRACÃO DEBORA DO GRUPO ALI DO VIZINHO (GRUPO) CONSUMO DA CALENCIA E A AMPLITUDE DAS ENCOMAS
O A. DETINHA E SEGRE A MAIOR. REOSTROU MESTINMENTE.



Fonte: *Animal* 3 (1988, p. 39); *Animal* 6 (1989, p. 68); *Animal* 10 (1989, p. 63).

4.2.4 Brasil

Os títulos relacionados ao longo deste capítulo estão implicados nos processos que passaram a informar e embasar a legitimação da parcela dos quadrinhos ocorrida no Brasil. Os estudos de Umberto Eco, a exposição francesa *Quadrinhos e figuração narrativa*, a ampliação do entendimento acerca dos quadrinhos materializado nas práticas editoriais e na produção dos quadrinhos *underground* americanos e europeus, foram elementos que tiveram ressonância nos processos sociais, políticos e culturais nos quais os quadrinhos foram parte, como instância de materialização e de produção de significado.

Um papel importante nesse momento foi exercido pela exposição *História em Quadrinhos & Comunicação de Massa*⁸¹ promovida pela Escola Panamericana de Arte no Museu de Arte de São Paulo (MASP), em novembro de 1970 (Figura 37). É de se notar que o MASP se negara a abrigar aquela que foi, se não a primeira, uma das primeiras exposições sobre quadrinhos no mundo: a *I Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos*, exibida, por esse motivo, no Centro Cultura e Progresso em São Paulo, em 1951 (MOYA, 2020). O evento de 1970 foi a versão brasileira da exposição *Quadrinhos e figuração narrativa*, (COUPERIE *et al.*, 1970) realizada em Paris em 1967 pelo grupo SOCERLID (HORTON, 2017), conforme mencionado anteriormente. Em consonância com as intenções de tratar dos quadrinhos como assunto digno de atenção por parte dos estudiosos de comunicação e das artes, a exposição foi acompanhada do *Congresso Internacional de Histórias em Quadrinhos*, entre os dias 23 e 29 de novembro (NOGUEIRA, 2020). Apesar da importância, esta não havia sido a primeira vez em que quadrinhos eram admitidos num espaço dedicado às artes. De acordo com Álvaro de Moya (apud RODRIGUES, 2019), em 1965, a Bienal de São Paulo trouxe a exposição de quadrinhos realizada na cidade italiana de Bordighera⁸² naquele mesmo ano.

⁸¹Parece haver uma confusão de nomes em relação a essa exposição. A publicação lançada por ocasião da exposição refere-se a ela como "História em Quadrinhos & Comunicação de Massa", mesmo nome que é mencionado em uma postagem do MASP na rede social Facebook em 2020 (MASP, 2020). No entanto, a sinalização do evento indica "Exposição Internacional de História em Quadrinhos: Seção Brasileira", mesmo nome apontado por Natania Nogueira (2020) em texto alusivo aos cinquenta anos do evento.

⁸²O evento de Bordighera deu origem ao Festival de Quadrinhos de Lucca, um dos mais importantes do mundo (RODRIGUES, 2019).

Figura 37 — Quadrinhos no MASP, em novembro de 1970.



Fonte: MASP (2020).

A iniciativa da Escola Panamericana de Arte e do MASP foi seguida por espaços dedicados à arte em outras cidades brasileiras. A primeira metade da década de 70 viu a publicação de pesquisas sobre quadrinhos conduzidas por Álvaro de Moya (1970), Moacy Cirne (1970) e Antônio Cagnin (1975) além da publicação da tradução brasileira de *Apocalípticos e Integrados*, de Umberto Eco (1970) (NOGUEIRA, 2020).

Parte significativa dos processos de legitimação dos quadrinhos no Brasil teve lugar na imprensa alternativa, ou a ela relacionada, especialmente a partir do final da década de 60. Ela representou o lugar onde quadrinhos foram tratados como material destinado a um público mais velho do que aquele a quem habitualmente se dirigia – ou seja, o público infantil ou infantojuvenil. Foi o caso da revista *Grilo* e do jornal *O Pasquim*, já citados, mas também de outros veículos alternativos tais como *Versus*, *O Bicho*, *Ovelha Negra* ou *A Raposa*.

O esgotamento do Milagre Econômico e o gradual enfraquecimento do apoio ao regime instaurado com o Golpe de 1964 deu espaço à reabertura política no país. Na imprensa, esse processo, paradoxalmente, levou a um severo enfraquecimento do segmento alternativo tal como vinha operando desde o final da década de 1960. Marcos Napolitano (2014) considera que isso, em parte, se deveu à progressiva fragmentação das esquerdas, o que tinha sua contrapartida nos jornais alternativos e, no âmbito político, tornava mais complexa a construção de uma frente ampla de oposição ao governo militar. Na avaliação de Bernardo Kucinski (2001), o papel dos jornais alternativos como simulacro de organização político-partidária em um momento de severa repressão, em que os espaços de oposição eram reduzidos, vai perdendo sentido na medida em que se amplia a abertura política.

Neste novo quadro em alteração, os maneirismos de uma imprensa que se habituara a lançar mão de subterfúgios para driblar a censura começariam a soar datados e a dar sinais de enfraquecimento. Alguns anos mais tarde, nas páginas da revista *Panacea*, Laerte comenta esse processo ao referir-se ao Pasquim:

Acho que o ponto forte do Pasquim foi na época da linha-dura, mesmo. Quando entra o Geisel, a grande vitória do MDB. [...] Essa mudança qualitativa na política brasileira corresponde (não sei se é causa ou se é efeito) a um período de decadência do Pasquim. Eles já tinham sido presos, já tinham sofrido todo o tipo de repressão. Então parece que o humor do Pasquim não conseguiu encontrar um canal adequado para um Brasil que estava ficando diferente, o Brasil do Geisel, do Figueiredo. Poderia se dar bem, mas eu acho que por algum motivo não foi possível. A minha impressão é que o Pasquim ficou muito ranheta, ficou sério. Resmungão, opositorista no sentido chato da palavra. [...] Casseta e Planeta já é a abertura total. Um jornalismo, um humorismo de democracia. (SANTOS, 2012, p. 78–79)

Integrante da mesma geração que Laerte, Angeli também se refere a este esgotamento na transição entre as décadas de 1970 e 1980 nas páginas da revista *Mil Perigos*. Gradualmente, o humor político, quase partidário, foi deixando de fazer sentido: “Eu achava que discutir comportamento era muito mais político do que discutir política oficial.” (SANTOS, 2012, p. 89) – postura que levou ao seu afastamento de Henfil⁸³, seu mentor e um dos grandes nomes do humor gráfico na

⁸³Henrique de Souza Filho (1944-1988) iniciou sua carreira na imprensa na revista *Alterosa*, como revisor, antes dos vinte anos de idade. Logo passou a atuar como cartunista a convite de Roberto

imprensa a partir do final da década de 1960. Revistas e jornais satíricos como *Casseta Popular* (1978-1992) e *Planeta Diário* (1984-1992) passaram a questionar figuras e veículos referenciais da imprensa alternativa, como Henfil e *O Pasquim*⁸⁴.

Com o abrandamento do controle e a relativa liberdade de ação os profissionais envolvidos na produção da imprensa alternativa se dispersaram nos veículos em número crescente e foram, também, absorvidos pelos principais jornais e revistas. Esta cooptação de elementos da imprensa alternativa foi parte de um processo em que a grande imprensa procurava se reorganizar diante da mudança no ambiente sociopolítico, desvincilhando-se da responsabilidade pelo contexto de crise da segunda metade da década de 70 – pois fora fervorosa apoiadora do golpe de estado – e buscando firmar-se como porta-voz dos anseios da sociedade civil por mudança. Exemplo destas movimentações foram a revista *IstoÉ* em 1976 e o *Projeto Folha*, inicialmente pensado por Claudio Abramo a partir de 1978, e antecedido pela criação do *Folhetim* (Figura 38), suplemento criado para a *Folha de S. Paulo* por Fortuna e Tarso de Castro, egressos do *Pasquim*, e que “confunde-se propositalmente em forma e conteúdo com os jornais alternativos” (KUCINSKI, 2001, p. 99).

Drummond, editor da revista e criador da alcunha pela qual passaria a ser conhecido: Henfil. Colaborou no Diário de Minas antes de se mudar para o Rio de Janeiro, em 1967. A partir daí, esteve em alguns dos principais jornais e revistas brasileiros, tais como Realidade, Placar, O Cruzeiro, Jornal do Brasil e O Pasquim – que ajudou a fundar. Sua produção, com forte viés político tinha relação direta com sua militância, inicialmente no movimento estudantil, passando à luta pela Anistia e pelas Diretas Já e participando, ainda, da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). Morreu em 1988, em decorrência da AIDS (INSTITUTO ITAÚ CULTURAL, 2017).

⁸⁴Sobre a polêmica envolvendo o cartunista Henfil e integrantes do Planeta Diário, ver Aline Santos (2012, p. 90-91).

Figura 38 — Capa da primeira edição do caderno Folhetim, na Folha de S. Paulo.



Fonte: Roschel.

Esse processo teve no *Jornal do Brasil* (JB) e na *Folha de São Paulo* trajetórias exemplares, em que estes procuraram investir-se de valores de modernidade e renovação, ligados à ideologia de superação do autoritarismo dos governos militares e do retorno à normalidade institucional. Ao integrar esses veículos, quadrinhos e seus congêneres (cartuns, charges) foram, em parte, investidos dos mesmos valores, especialmente no caso da *Folha de S. Paulo*. Nela, esse discurso de vontade de mudança passara a permear colunas assinadas, quadrinhos e outros espaços (Figura 39) – de modo similar ao descrito por

Beatriz Carvalho (2017) referindo-se às tirinhas publicadas dos EUA na primeira metade do século XX.

Figura 39 — Nas páginas do caderno Folhetim em 1977, o discurso de renovação nas colunas assinadas e nos quadrinhos.



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (2023).

Em comum, ambos são jornais que foram percebidos, em algum momento de suas existências, como irrelevantes, e passaram a ser considerados referência na imprensa brasileira. No caso do *JB*, temos um jornal que buscou reivindicar para si uma imagem de periódico moderno e combativo, com uma autopercepção de sofisticação que tem suas origens nas reformas pelas quais passou entre as décadas de 1950 e 1960 e na mitificação de sua atuação durante os governos militares. Deixou de ser o "jornal das empregadas" tornando-se o local de uma das reformulações mais importantes na imprensa brasileira⁸⁵. A Folha de S. Paulo, por outro lado, conseguiu se ressignificar a ponto de assumir uma relevância que vinha sendo, até meados da década de 1970, exercida pelo

⁸⁵A alcunha vinha, de acordo com Ítala Vieira (2019), do fato de o *JB* publicar um grande número de anúncios de emprego em seus classificados.

Estadão (GENTILLI, 2004; KUCINSKI, 2001) – escamoteando, inclusive, seu apoio e adesão à ditadura.

Um momento importante, do ponto de vista da legitimação dos quadrinhos via imprensa, aconteceu no *JB*, quando este declarou que era chegada "a vez do quadrinho brasileiro" (Figura 40) em chamada de mais de meia página na capa do seu caderno de cultura (*Caderno B*). Com isso, oferecia uma resposta aos anseios de uma produção nacional de quadrinhos que tinha dificuldade em competir com a produção americana, distribuída por meio dos *syndicates* a um preço muito menor⁸⁶. A partir de setembro de 1982, quadrinhos nacionais e importados seriam publicados na seção correspondente do jornal, que teria seu tamanho bastante ampliado – 20 tiras – em pé de igualdade. Esse destaque dos quadrinhos nos dias de semana, pensados de forma geral, teve duração de mais de dois anos e meio, até maio de 1985, quando o jornal voltou a publicar quadrinhos da maneira similar ao período anterior. A diferença é que, ao menos inicialmente, quadrinhos nacionais e estrangeiros seguiram dividindo a seção em proporções idênticas⁸⁷.

Figura 40 — Quadrinhos brasileiros em destaque no JB.



Fonte: A vez do quadrinho... (XCII).

⁸⁶Sobre *syndicates* e seu funcionamento, ver FURLAN [s.d.].

⁸⁷No dia 09/09/1982, a seção de quadrinhos do JB publicou 8 tirinhas, sendo apenas duas nacionais (As Cobras, de Luís Fernando Veríssimo e Vereda Tropical, de Nani). No dia 16/05/1985, data em que a seção passou de 20 para 10 tirinhas, foram publicados cinco quadrinhos nacionais (As Cobras, de Luís Fernando Veríssimo; Chiclete com Banana, de Angeli; Lar Doce Lar, de Hubert e Agner; Avis Rara, de Bruno Liberati e Cebolinha, de Mauricio de Sousa).

Nesse período, estava em curso uma expansão do alcance de alguns dos quadrinhos publicados nos dois jornais. Livros de quadrinhos com personagens publicados nos jornais já vinham sendo lançados pelo menos desde a década anterior, caso dos álbuns da editora L&PM com *Rango* (1974), de Edgar Vasques ou *As Cobras & Outros Bichos* (1977), de Luís Fernando Veríssimo, porém, a metade da década de 80 viu alguns desses quadrinhos chegarem às bancas de jornal como revistas. Nesse sentido, foi fundamental a atuação da Circo Editorial.

Em meados dos anos 80, o editor Toninho Mendes já estava à frente de sua segunda editora⁸⁸, na qual procurava “colocar os anos de prática na imprensa, como editor e diretor de arte, a serviço de um projeto pessoal: realizar ‘o sonho da editora própria’⁸⁹” (SANTOS, 2017). Acumulara experiência passando tanto pela imprensa alternativa quanto pela grande imprensa, tendo participado de jornais e revistas como *Versus*, *Movimento*, *Status*, *IstoÉ*, além do fugaz *Jornal da República*⁹⁰ (MALERONKA; COHN, 2010). Os primeiros lançamentos da Circo Editorial estavam previstos para coincidir com a votação das *Diretas Já*, mas um deles, o livro *Não tenho palavras*, de Chico Caruso, foi adiado a pedido do próprio autor, a fim de poder incluir nele as reviravoltas prometidas por um processo político da dimensão e da importância que foi a saída das Forças Armadas do poder após mais de duas décadas. Naquele 25 de abril de 1984, portanto, apenas um dos títulos foi lançado: *Chiclete com Banana, Bob Cuspe e outros inúteis* (FINOTTI, 2014).

Chiclete com Banana havia começado a ser publicada com este título em 1981 (ROCCO, 2015) na seção de quadrinhos do caderno *Folhetim* do jornal *Folha de S. Paulo*, reunindo personagens que já figuravam no trabalho de seu autor, Angeli⁹¹, desde 1975, quando começou a publicar naquele jornal (VERGUEIRO, 2014). Do *Folhetim*, passou para o formato de tira em seu caderno *Ilustrada* dois anos depois. Naquele espaço, foi crescendo em popularidade, a ponto de ter mais repercussão que as HQs

⁸⁸ A primeira editora de Toninho Mendes foi a Marco Zero, de curta duração, que lançou apenas três títulos em 1980: *A Confissão para o Tietê* (Toninho Mendes), *Coisas da Negra Sarará* (Roque de Souza), e *Natureza Morta* (Chico Caruso) (SANTOS, 2017).

⁸⁹ Conforme expressão da cartunista Laerte relativa a Luiz Gê (KAZI, 2009).

⁹⁰ O *Jornal da República* foi uma iniciativa do jornalista Mino Carta que mesclava elementos da imprensa alternativa em um projeto de publicação diária (KUCINSKI, 2001).

⁹¹ Arnaldo Angeli Filho (1956-) atua como quadrinista e chargista desde 1970, passando a publicar trabalhos na *Folha de S. Paulo* a partir de meados da década até 2016, quando decidiu encerrar sua participação regular no jornal (INSTITUTO ITAÚ CULTURAL, 2020).

estrangeiras (SANTOS, 2014), que tinham força no mercado brasileiro, principalmente devido à sua distribuição massiva. As boas vendas do seu primeiro lançamento e a percepção de que havia uma demanda para publicações voltadas ao público jovem (SANTOS, 2014) levaram ao lançamento de *Chiclete com Banana*, desta vez como revista, em outubro de 1985 (ANGELI, 2007). Em princípio, planejada para ser lançada simultaneamente, a revista *Circo de Quadrinhos* acabaria sendo lançada apenas no final do ano seguinte, no mês de novembro, então rebatizada como *Circo de Quadrinhos e Humor* (FINOTTI, 2014) ou, como passou a ser lembrada, *Circo*. Pouco menos de dois anos depois, foi a vez de um grupo formado pelo editor Rogério de Campos, pelo cartunista Newton Foot, pelo cartunista Celso Singo e pelo ilustrador e programador visual Fábio Zimbres darem forma a um projeto de publicação periódica de HQ imaginada, em parte, por Vincent Ducarme, um belga radicado no Brasil, dedicado ao comércio de móveis e à publicação de alguns quadrinhos franco-belgas. A primeira revista da VHD Diffusion, sua editora, chamava-se *Animal*.

5 CONTEXTO DA REVISTA ANIMAL

Figura 41 — Capa do álbum Get Rhythm, de Ry Cooder, mencionado na *Animal* nº 3 (1988, p. 30-31).



Fonte: Discogs (2021), Autoria própria (2023).

Get Rhythm (1987)

Lado A:

1. Get Rhythm
2. Low - Commotion
3. Going Back To Okinawa
4. 13 Question Method
5. Women Will Rule The World

Lado B:

1. All Shook Up
2. I Can Tell by The Way You Smell
3. Across The Borderline
4. Let's Have A Ball

É interessante localizar a *Animal* em relação à conjuntura dos quadrinhos do momento em que foi conceituada e produzida. As publicações brasileiras consideradas para essa contextualização estão entre aquelas voltadas para o público leitor adulto, publicando quadrinhos autorais. Já as estrangeiras correspondem a um grupo mencionado nas leituras da própria revista além de alguns títulos que as precederam. A noção de quadrinhos autorais foi tratada no capítulo 3, mas é interessante trazer aqui a definição de quadrinhos adultos conforme formulada por Simone Castaldi:

O termo “adulto”, em vez de se referir exclusivamente ao conteúdo (embora o conteúdo represente um fator discriminatório importante) ou a uma avaliação estética e cultural arbitrária, é empregado aqui simplesmente em referência ao grupo de idade postulado que essas obras visam e, conseqüentemente, à competência específica de seus leitores implícitos. É verdade que uma distinção estrita entre quadrinhos para jovens leitores e aqueles destinados a adultos é frequentemente problemática e, de fato, existem muitas áreas cinzentas; basta considerar as possíveis leituras duplas oferecidas por quadrinhos como Pogo, de Walt Kelly, Krazy Kat, de George Herriman, ou Kin-der-Kids, de Lyonel Feininger. No entanto, a grande maioria dessas obras, apesar de sua capacidade de proporcionar uma experiência estética envolvente e satisfatória para os adultos, foram direcionadas a leitores jovens. (CASTALDI, 2010, p. 11)

No caso dos quadrinhos produzidos e veiculados no Brasil, esta pesquisa optou por um recorte restrito a HQs com temáticas ligadas à pauta de costumes, por identificar essa abordagem como relevante no período considerado. Alusões a sexo, drogas ou outros temas adultos, ou com cenas violentas: uma pauta que ganhou força com a reabertura política nos anos 70 e o relativo relaxamento dos procedimentos de censura subsequente. Logo, chegou-se a um grupo de publicações composto por *Abutre*, *Aventura e Ficção*, *Chiclete com Banana*, *Circo*, *Inter! Quadrinhos*, *Mil Perigos*, *Megazine*⁹², *Monga*, *a Mulher Gorila*, *Nocaute*, *Piratas do Tietê* e *Porrada!*.

A intenção aqui não é um detalhamento aprofundado de cada um destes títulos, nem o esgotamento deste segmento, mas tentar considerar as publicações listadas como elementos atuantes em um ambiente que a *Animal* passou a integrar

⁹² Por questões de registro de marca, *Megazine* passou a circular como *Mega* a partir de sua 2ª edição, em janeiro de 1989.

a partir de maio de 1988. Eram revistas que tinham pontos de contato entre si no tipo de quadrinho e nos artistas que publicavam. É o caso de Mœbius ou do quase onipresente Crumb e também de artistas nacionais que chegavam a completar uma HQ em uma revista diferente da que fora publicada, como fez a dupla Faustino R. Arbesú e Issac Del Rivero com a HQ *Onnipotent!*, que começou na *Porrada!* nº 4 (junho/julho de 1988, pp. 25-35) e foi concluída anos depois, na *Abutre* nº 6 (agosto de 1992, pp. 38-59). Estas revistas têm em comum o fato de terem surgido em meados ou na segunda metade da década de 1980, quando a pauta da crítica de costumes havia adquirido importância em relação ao tom mais estritamente politizado que caracterizara a contestação veiculada pela imprensa a partir do final da década de 1960.

Além dos segmentos de quadrinhos mais ou menos óbvios deixados de fora deste recorte, como *Turma da Mônica*, personagens *Disney* ou super-heróis, optou-se por excluir publicações como *Mad* ou *Casseta Popular* por considerar que estas se identificam mais com uma vertente de humor no seu sentido mais amplo do que exatamente com quadrinhos, apesar dos pontos de contato. Da mesma maneira, publicações como *Calafrio* ou *Tex*, mesmo com as ressalvas levantadas anteriormente⁹³ e de serem destinadas a um público adulto, não parecem se relacionar com as publicações que compõem o recorte desta pesquisa, estando mais identificadas com uma estratificação temática que remete àquela do cinema ou de uma certa literatura direcionada a camadas populares (terror, faroeste, guerra, ficção científica etc.)⁹⁴.

Em relação à linha do tempo, *Nocaute* (1986) e *Monga* (1987) não foram contemporâneos à *Animal*, mas integram o recorte por terem circulado no período imediatamente anterior. Num segmento em que dificilmente revistas anunciavam o encerramento de suas atividades, eram títulos que ainda compunham o circuito de quadrinhos adultos autorais quando a *Animal* começou a circular, havendo uma expectativa de que estas revistas ainda lançassem uma edição – *Monga, a Mulher Gorila* chegou, inclusive, a ser resenhada na primeira edição da *Animal* (p. 5). Além

⁹³ Ver página 78.

⁹⁴ Outras publicações que não serão abordadas nesta tese são as que integraram as linhas complementares lançadas pela VHD Diffusion, *Coleção Animal* (1989) e *Grandes Aventuras Animal* (1990-1991), por se tratar de quadrinhos derivados diretamente do que a revista já vinha publicando, caso de *Ranxerox em New York* (1989), que reuniu as HQs publicadas nas edições n. 1 a 5.

disso, por suas páginas passaram autores que depois estiveram na *Animal* – caso de Priscila Farias e Luís Gustavo, na *Monga* e Hunt Emerson, na *Nocaute*. Os únicos títulos a circular durante todo o tempo de duração da *Animal*, foram *Abutre* e *Porrada! Special*, sendo que os anos de duração desta coincidem com os da *Animal* (Quadro 1).

Quadro 1 — Revistas contemporâneas à *Animal*. Apenas *Abutre* e *Porrada!* circularam em todos os anos de circulação da *Animal*.

	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992
Abutre									
Animal									
Aventura e Ficção									
Chiclete com Banana									
Circo									
Inter!									
Mil Perigos									
Monga									
Nocaute									
Mega									
Piratas do Tietê									
Porrada!*									

Fonte: Guia dos Quadrinhos (**Porrada!* circulou entre 1989 e 1991 como *Porrada Special*).

Em relação ao suporte físico e ao conteúdo das revistas citadas, o levantamento mostrou que a *Animal* enfatizava a publicação de quadrinhos estrangeiros – notadamente italianos, franceses, espanhóis e estadunidenses. Isso a colocava em um grupo minoritário (Quadro 2). Da mesma forma, a *Animal* foi uma das poucas revistas de sua época a publicar HQs em cores e a única a usar papel couché em seu miolo, sendo a única a combiná-lo com papel-jornal. Diferentemente de algumas de suas contemporâneas, não veiculava material pirata⁹⁵. Era, também, uma das poucas a abordar em suas páginas outros temas além de quadrinhos ou relacionados (fanzines, cartuns etc.) de maneira sistemática ao longo de toda sua duração.

⁹⁵Conforme troca de mensagens com Rogério de Campos e Fábio Zimbres em 14/04/2023.

Uma olhada no Quadro 2 mostra a *Animal* ocupando um local bastante *sui generis* em relação ao conjunto utilizado para este recorte. Ao longo do processo de investigação, confirmou-se uma das premissas iniciais deste processo: a de que a *Animal* se destacava de suas contemporâneas em termos materiais, o que inclui seu suporte físico e tipo de impressão, e que a *Animal* se destacava em termos de conteúdo.

Quadro 2 — Conteúdo e algumas características físicas da *Animal* e suas contemporâneas.

	Ênfase na produção nacional	Ênfase na produção Estrangeira	Veiculação de conteúdo pirata	Abordagem de outros temas.	Conteúdo em cores	Conteúdo PB	Miolo em papel couché*	Miolo em papel - jornal*	Miolo em papel off-set*
Abutre									
Animal	**	***							
Aventura e Ficção									
Chiclete com Banana					****				
Circo									
Inter!									
Mil Perigos									
Monga									
Nocaute									
Mega					*****				
Piratas do Tietê									
Porrada!		*****							

Fonte: Autoria própria (2022) * Em alguns casos não foi possível determinar o tipo de papel; ** No *Mau*; *** Na *Animal*; **** A partir da publicação do suplemento Jam; ***** Em sua última edição; ***** Nem sempre foi possível verificar a contagem de páginas com precisão em *Porrada! Special*.

Consideradas separadamente, muitas dessas características já podiam ser observadas em outras revistas nas bancas durante a segunda metade da década de 1980, mas na *Animal* foram reunidas pela primeira vez. Além disso, a revista combinou essas características com a publicação expressiva de material nacional – ainda que em sua parte menos "nobre" (isto é, as páginas em policromia). Foi a primeira a ser impressa com um tipo de papel diferenciado e com a abordagem de

uma multiplicidade de temas relativos à cultura – música, cinema, outros quadrinhos, comportamento e outros.

5.1 ASPECTOS FÍSICOS DA *ANIMAL*: PAPEL E CORES

Um dos diferenciais da *Animal* era o fato de ser uma das poucas revistas brasileiras de seu tempo e dedicadas a um segmento adulto e autoral a publicar regularmente HQs coloridas. Quando a única forma de veiculação massiva era a impressa, cores eram um sinal de distinção, ou de "nobreza" (CARNEIRO, 2015), como revela a insurgência de *L'Association* em seu estatuto publicado em 1990⁹⁶. (CARNEIRO, 2011). Só isso já colocava a *Animal* num lugar especial entre as revistas dedicadas aos quadrinhos autorais – a única outra publicação do segmento a ter HQs coloridas impressas naquele momento, no Brasil, parece ter sido a *Inter!*, em sua primeira fase, com seis edições publicadas entre 1984 e 1991.

Isso envolvia questões importantes de ordem prática, sendo uma delas o aumento do custo de impressão. Embora não fosse um recurso novo, muito menos inédito, o uso de cores na impressão de HQs poderia constituir um sério problema para publicações brasileiras que não estivessem ligadas aos quadrinhos produzidos de forma industrial pelos grandes estúdios e distribuídos de forma massiva por meio dos *syndicates*. A vasta maioria das publicações do segmento autoral publicou seu conteúdo impresso em apenas uma cor, normalmente em preto-e-branco (Figura 42)⁹⁷.

⁹⁶ *L'Association* foi uma editora formada a partir da reunião de Jean-Christophe Menu e Lewis Trondheim, entre outros autores, interessados na exploração e expansão das possibilidades dos quadrinhos como mídia e linguagem. Ver Maria Clara Carneiro (2015).

⁹⁷ Novamente, aqui parece que a *Inter!* foi uma das poucas exceções à regra naquele período no Brasil, optando por utilizar, em sua segunda fase, publicada entre 1991 e 1992, outras cores com um registro contrastado sobre o papel, tais como o verde, o vermelho e o lilás, em tons escuros.

Figura 42 — Impressão em uma cor.



Fonte: Angeli (1985, p. 22).

Novamente, aqui parece que a *Inter!* foi uma das poucas exceções à regra naquele período no Brasil, optando por utilizar, em sua segunda fase (1991-1992), outras cores com um registro contrastado sobre o papel, tais como o verde, o vermelho e o lilás, em tons escuros. Usadas dessa maneira, essas cores exerceram a função de definição dos desenhos e textos, tal como o preto (Figura 43).

Figura 43 — Uso de cores das páginas da Inter!



Fonte: *Inter! Quadrinhos* n. 2 (1991, p. 15), *Inter! Quadrinhos* n. 5 (1992, p. 13).

Na *Animal*, HQs eram impressas em algumas páginas da revista por meio do processo de policromia, em que quatro retículas com as cores primárias de impressão – ciano, magenta, amarelo e preto – são impressas umas sobre as outras sucessivamente, com a combinação de suas retículas formando cores nuançadas dentro do espectro visível ao olho humano (Figura 44).

Figura 44 — No processo de policromia, as retículas com as cores básicas se combinam, formando imagens com uma infinidade de cores e tonalidades.



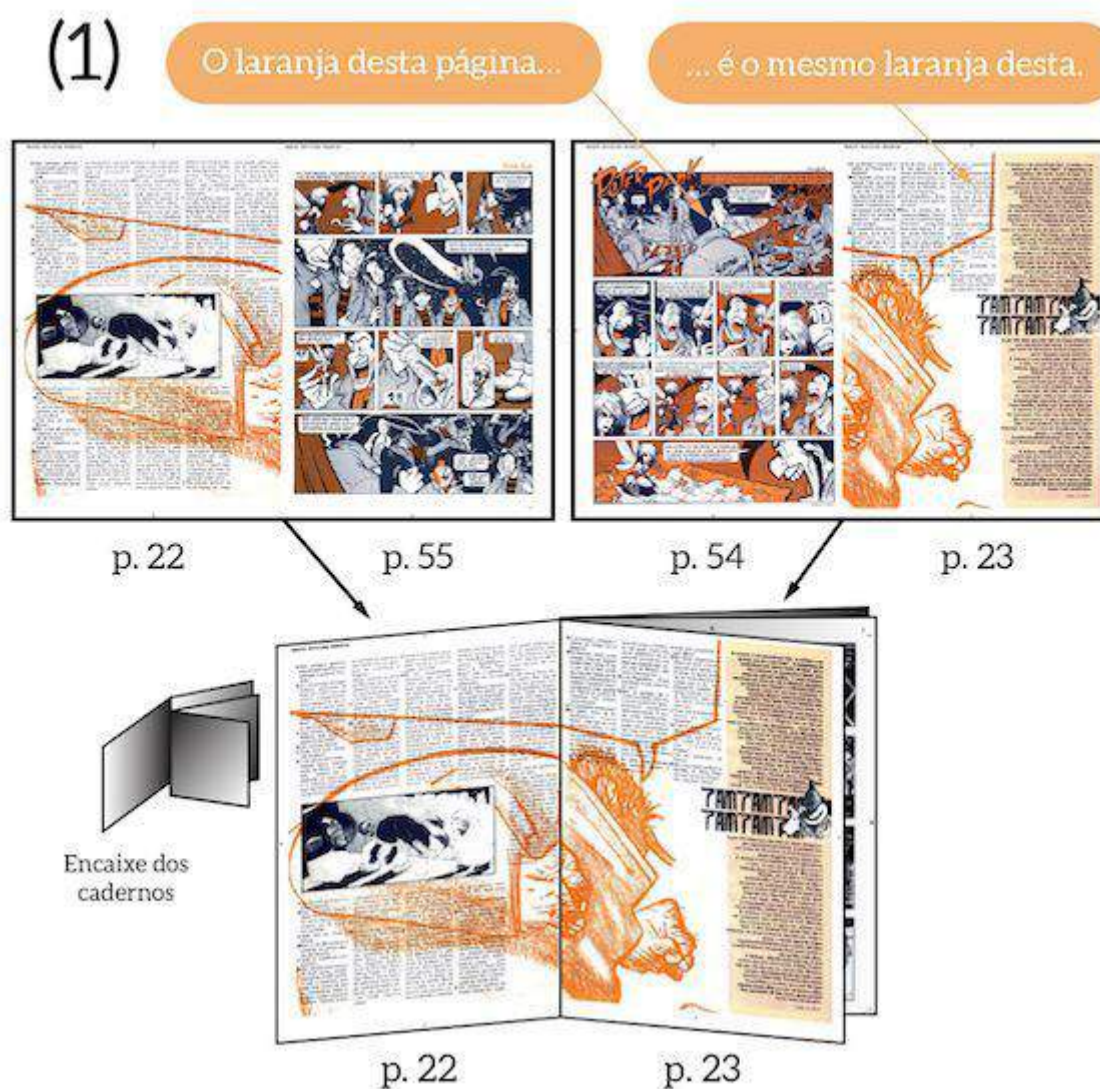
Fonte: *Animal* n. 11 (1990, p. 4), Autoria própria (2023).

Além da policromia e do recurso a uma única cor, outra forma de impressão usada em algumas edições do *Mau* e da *Animal* foi o de cor aplicada. Neste caso, as cores são impressas por meio de matrizes, uma para cada cor a ser aplicada. Ao contrário da policromia, as cores não são, geralmente, resultantes de uma combinação de retículas, mas da sua aplicação direta por meio de uma matriz correspondente. Ao invés das cores primárias de impressão, usa-se a cor já no tom e saturação pretendidos. Por exemplo, para um determinado tom de vermelho, utiliza-se uma chapa entintada na cor vermelha que se pretende imprimir. Para um tom de verde, a mesma coisa e assim sucessivamente.

Nesta forma de impressão, usa-se uma cor com a finalidade de definir a maior parte dos elementos gráficos da página – normalmente, o preto. Aos elementos impressos nesta cor, são adicionados elementos, geralmente em caráter complementar, impressos em uma cor distinta. No caso da *Animal*, usou-se um tom de amarelo-ocre em algumas edições, aproveitando as aplicações das HQs do personagem *Peter Pank*. A Figura 45 mostra como foi aproveitado o fato de que as artes usadas nas páginas da HQ (pp. 54 e 55) incluíam uma aplicação de laranja

para usar essa cor na outra página que compõe a lâmina (pp. 22 e 23). A imagem de aparência truncada da página 22 irá formar uma diagramação coesa com a página 23 da lâmina subsequente, composta pelas páginas 23 e 55.

Figura 45 — Utilização de cor aplicada na *Animal* nº 11.



Fonte: Autoria própria (2022).

O fato de as páginas com as cores aplicadas ficarem em lados opostos de suas lâminas, neste caso, implica uma distância considerável entre elas na montagem final da revista (Figura 46). No *Mau*, esse uso de cores se deu de forma um pouco diferente – o que será detalhado mais adiante.

Figura 46 — Distribuição das páginas com aplicação de cor na *Animal* nº 11.



Fonte: Autoria própria (2022).

Entre as revistas nacionais consideradas para o recorte desta pesquisa, a *Animal* foi a única a usar papel couché em quase todo o seu miolo – a exceção sendo as dezesseis páginas do *Mau*, feito em papel jornal. O couché tem esse nome porque é produzido aplicando-se uma camada ("couché" em francês) sobre papel de impressão – em geral papel *offset* (KLOCK, [s.d.]). Essa camada tende a deixar o papel mais encorpado e menos poroso, absorvendo menos tinta e fazendo com que a impressão tenha cores mais vivas que em um *offset* ou papel jornal, que absorvem mais tinta. Por este motivo, costuma ser usado, por exemplo, em livros de arte (KLOCK, [s.d.]). O processo adicional influi no preço, tornando o couché mais caro que outros papéis comumente usados na produção de revistas (VALLE, 2013). Por proporcionar uma impressão mais viva e detalhada costuma, ainda hoje, ser um papel reservado às capas, com o miolo sendo produzido em um papel mais econômico. O fato de que o couché compunha o miolo da *Animal* fazia com que esta se diferenciasse das demais revistas do segmento e mesmo em relação a outras publicações de quadrinhos coloridas, geralmente produzidas em papel jornal ou *offset*.

O papel couché é um indicador de qualidade e cuidado no acabamento gráfico havendo, assim, um significado adicional atrelado ao seu uso. Nessa equação, entra também a questão da gramatura, com um papel de gramatura mais alta – portanto, mais caro – denotando poder. Não foi por outro motivo que a *Revista Goodyear*, atuando como um elemento de relações públicas da companhia que a financiava (SANTOS, 2017), era impressa num "cuxê de 2000 quilos" – como se

referiu Millôr Fernandes à qualidade do papel usado na revista⁹⁸. A *Animal* usou, sempre que possível e disponível (DIAS; KAZI, 1994), um papel couché de densidade próxima dos 90 g/m², o que resultava em páginas encorpadas e com cores vibrantes – algo importante na hora de imprimir uma HQ repleta de cores como *Spartaco na Valvolândia*, de Lorenzo Mattotti (Figura 47)⁹⁹. Cores mais vivas e páginas encorpadas conferem status a publicações que o utilizam, como reconhece o próprio editor das primeiras dez edições da *Animal*, Rogério de Campos ao referir-se ao seu suplemento *Mau*: "não dá para fazer [o *Mau*] em couché"¹⁰⁰.

Figura 47 — As cores de Lorenzo Mattotti na HQ *Spartaco na Valvolândia*.



Fonte: *Animal* n. 12 (1990, p.5).

⁹⁸ Jornal do Brasil, 15/08/1991, p. 9.

⁹⁹ *Animal* nº 12, p. 4-5.

¹⁰⁰ Entrevista concedida por Rogério de Campos a Guilherme Caldas dos Santos em 11/02/2021.

O uso de um papel como o couché valorizava as cores da revista, o que a aproximava de suas congêneres estrangeiras, como *Totem*, *El Víbora*, *Métal Hurlant* ou *Zoulou* e contribuía para diferenciar a *Animal*, das publicações nacionais citadas.

A *Animal*, desse modo, reivindicava seu lugar entre as principais publicações mundiais de quadrinhos (*Totem*, *El Víbora*, *Métal Hurlant* ou *Zoulou*), colocando-se ao lado de revistas que a inspiraram e serviram de modelo e repositório de parte significativa do conteúdo que publicou. Lançar mão de um papel de qualidade não deixava de ser uma forma de fazer jus tanto às HQs estrangeiras (e algumas brasileiras) que publicava como às suas próprias pretensões de relevância e cosmopolitismo.

5.2 ANIMAL EM RELAÇÃO A OUTRAS REVISTAS DE QUADRINHOS

Em relação às publicações estrangeiras, os levantamentos realizados indicaram que a *Animal* teve relação estreita com a italiana *Frigidaire*, a francesa *Zoulou* e, especialmente, com a espanhola *El Víbora*. Esta serviu como referência em mais de um aspecto. Visualmente, os editoriais da *Animal* dialogam com os de *El Víbora* (Figura 48).

Figura 48 — Elementos gráficos em comum entre os editoriais de *El Víbora* e *Animal*.



Fonte: *El Víbora* n. 79 (1986, p. 4-5), *Animal* n. 1 (1988, p. 4-5).

Artistas publicados em *El Víbora* também participaram da *Animal*, como é o caso dos franceses Rochette e Veyron, com as HQs da série *Edmundo*, o *Porco*, do italiano Magnus, com *Flores Laboriosas* e *Max*, com as HQs de *Peter Pank*— este, inclusive, aparecendo em ambas as revistas (Figura 49), em capas similares (Figura 50). A maneira como a *Animal* se desdobrou, com a *Coleção Animal* (1989) e *Grandes Aventuras Animal* (1990-1991) também remete às *Historias Completas de El Víbora*. Isso não significa que a *Animal* fosse apenas um pastiche de *El Víbora*. Para ficar em apenas uma importante diferença, *El Víbora* nunca abriu suas páginas

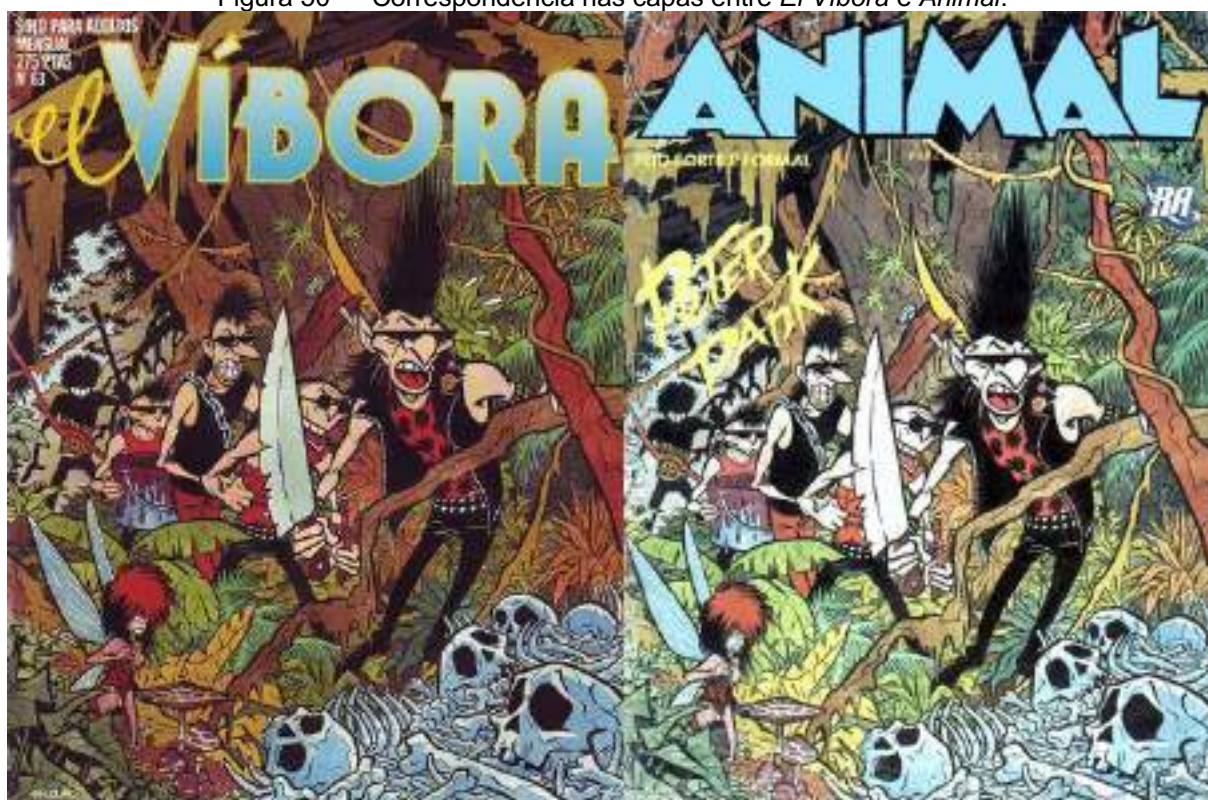
para outros temas em formatos de conteúdo que não os quadrinhos com a consistência e a abrangência da *Animal* enquanto as revistas coexistiram.

Figura 49 — Diferença nas cores usadas na *El Víbora* e na *Animal* para publicar as aventuras de Peter Pank.



Fonte: *El Víbora* n. 63 (1985, p. 8), *Animal* n. 11 (1990, p. 61).

Figura 50 — Correspondência nas capas entre *El Víbora* e *Animal*.



Fonte: *El Víbora* n. 63 (1985, p. 1), *Animal* n. 9 (1989, p. 1).

Sua identificação com a *Frigidaire* foi também bastante significativa, a começar pelas origens em comum com o mascote oficioso da *Animal*, *Ranxerox*, no *Movimento de 77*, já mencionado. De maneira similar a *El Víbora*, artistas e quadrinhos publicados na revista italiana também seriam publicados na *Animal* alguns anos mais tarde (Figura 51) – caso de *Music for Streets*, de Massimo Mattioli¹⁰¹, *Feliz Aniversário, Lubna* (1ª parte)¹⁰² ou *Big Baby*, de Charles Burns¹⁰³¹⁰⁴. Também como com *El Víbora*, *Animal* compartilhou ao menos uma capa com *Frigidaire* (Figura 52).

Outra coisa que a *Animal* tem em comum com a *Frigidaire* é o destaque dado a assuntos variados tratados em matérias e artigos, publicados intercalados com os quadrinhos. *Frigidaire* fazia questão de dispensar um tratamento gráfico de alto nível para os textos que publicava (SALVETTI, 2003) (Figura 53).

¹⁰¹Frigidaire n. 2 (dez. 1980), *Animal* n. 3 (1988).

¹⁰²Frigidaire n. 14 (jan. 1982), *Animal* n. 15 (1991).

¹⁰³Frigidaire n. 43 (jun. 1984), *Animal* n. 1 (1988).

¹⁰⁴Um bom levantamento do conteúdo publicado nas primeiras 85 edições de *Frigidaire* pode ser consultada em COMICSBOX. *Frigidaire*:: ComicsBox. Comicsbox. Disponível em: <https://www.comicsbox.it/serie/FRIGIDAIRE>. Acesso em: 14 mar. 2023.

Figura 51 — Da base para o topo, painel de *Music for Streets*, de Massimo Mattioli, *Feliz aniversário, Lubna!*, de Tamburini e Liberatore e *Big Baby*, de Charles Burns.



Fonte: *Animal* n. 1 (1988, p. 55), *Animal* n. 3 (1988, p. 13), *Animal* n. 15 (1991, p. 9).

Figura 52 — Ilustração de Liberatore nas capas de *Frigidaire* e *Animal*.



Fonte: *Frigidaire* n. 13 (dez. 1981, p. 1), *Animal* n. 10 (1989, p. 1).

A *Zoulou*, embora tenha tido uma duração curta, com apenas 8 edições entre abril e novembro de 1984, contribuiu com o conceito do encarte. Sua programação visual não deixa de ter alguma correspondência com a da *Animal*, ainda que fosse mais exuberante (Figura 52). Isso parece ter sido parte de um diálogo visual mais amplo entre as revistas citadas neste subitem e outras publicações de música, comportamento e correlatas, como a brasileira *Bizz* ou a inglesa *I-D*, para trazer dois exemplos bastante diferentes.

Figura 54 — Exuberância nas páginas de *Zoulou*.



Fonte: *Zoulou* n. 1 (1984, p. 92-93).

Uso de cores aplicadas em elementos gráficos sobrepostos, uma diagramação tendendo ao mais aberto, posicionamento de imagens sobre a dobra das páginas, são algumas características em comum entre a *Animal* e essas revistas. Podia não ser uma relação exata, mas uma comparação rápida mostra que, também em termos de programação visual, a *Animal* estava mais vinculada a estas do que a títulos como *Inter!* ou *Mega* (Figuras 49 a 51).

Essa concordância visual da *Animal* com essas publicações que ia além dos quadrinhos é materialização e um indício de uma linha editorial que buscava a

ampliação de sua abrangência – quadrinhos se relacionando com outros temas através das HQs e dos textos publicados, mas também num nível mais sutil, não-textual, que complementava e reforçava sua vontade de ser mais do que uma revista de quadrinhos.

Figura 55 — A diagramação da *Animal* e do *Mau* parece ter mais relação...



Figura 56 — ... com as páginas de uma revista como a inglesa I-D...



Fonte: Murraygm (2016).

5.3 APROXIMAÇÃO DA *ANIMAL* E DO MAU

Apesar de uma duração parecida com a de outras publicações de quadrinhos voltadas ao segmento autoral adulto naquele período¹⁰⁵, um dos primeiros aspectos a chamar a atenção no processo de investigação sobre a *Animal* foi a quantidade e a importância das lacunas a seu respeito. Além da escassa produção acadêmica sobre a revista, não há muita documentação disponível a seu respeito além de suas 22 edições. Esse silêncio não deixa de constituir um objeto de reflexão, conforme ressalta Jacques Le Goff (1990)¹⁰⁶, pois a situação da *Animal* não é, infelizmente, uma exceção. A documentação a respeito dos demais títulos que constituem o recorte desta tese, com as exceções já citadas, é esparsa quando não completamente inexistente.

Entrevistas e fichamento foram os procedimentos escolhidos para conduzir inicialmente esta pesquisa, ocorrendo de forma simultânea e integrada, com o manuseio das edições contribuindo para a definição do grupo de pessoas a ser entrevistado e estas interações, por sua vez, servindo como uma instância de problematização da revista considerada a partir de sua materialidade e conteúdo.

5.3.1 Entrevistas: quem fez e/ou leu a *Animal*

O primeiro objetivo das entrevistas foi buscar estabelecer um corpo de informações coeso sobre a *Animal*, a partir do recurso à memória de seus realizadores e leitores. Por meio delas, buscou-se localizar a revista na sua época em relação à imprensa e ao circuito de quadrinhos, por um lado, e ao circuito

¹⁰⁵ De acordo com o site *Guia dos Quadrinhos*, publicações contemporâneas da *Animal* tiveram duração semelhante: *Chiclete com Banana* (1985-1990) teve 24 edições; *Aventura e Ficção*, 21 (1986-1990), *Piratas do Tietê* (1990-1992), 14. *Geraldão* é uma exceção, com 33 edições, entre 1987 e 1994.

¹⁰⁶ Até o início desta investigação, algumas exceções foram a menção à *Animal* feitas no artigo de Roberto Elísio dos Santos (2011), “A renovação das histórias em quadrinhos nas publicações alternativas brasileiras da década de 1980”, e do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), “Um mapeamento dos fanzines impressos sobre música no Brasil de 1989 a 2009”, de Rodrigo Lariú (2010) que incluíram, mas não trataram da *Animal* com mais profundidade. Em 2018, Hugo Rafael Mees publicou um estudo focado sobre a revista: *Revista Animal: “A contracultura europeia e brasileira no período pós ditadura”*. Na imprensa, foi localizado um solitário artigo de Luciano Guerson André “Feia, Forte e Formal: a história da *Animal*”, publicado em 2004, no site Universo HQ (<https://universohq.com/materias/feia-forte-e-formal-historia-da-animal/>). Antes dele, a revista *Panacea* realizou entrevistas com alguns dos responsáveis pela *Animal*: Priscila Farias, Rogério de Campos, Newton Foot e Fábio Zimbres, ainda na década de 1990.

cultural *underground* por outro. Um circuito entendido nesta pesquisa a partir do conceito relacionado a quadrinhos, mas, também, à música. Além do significado relativo à música, conforme Deena Weinstein (ver 4.1.1 O autoral nos quadrinhos), esta pesquisa recorreu ao conceito de Santiago García (2012) em relação aos quadrinhos, que situa essa produção *underground* em termos de ruptura em relação aos quadrinhos tradicionais, abordando temáticas adultas, como já mencionado. No Brasil, o termo teria se popularizado a partir da coluna de mesmo nome do jornal *O Pasquim* (CAPELLARI, 2007).

A realização das entrevistas procurou, também, avaliar a presença da *Animal* na percepção e na produção de quadrinhos no Brasil tanto no período de sua duração quanto num período imediatamente subsequente. Buscou-se proceder ao mapeamento de contradições na formação da revista e estabelecer sua localização no ambiente de quadrinhos, imprensa, circuito *underground* da época integrado por casas de shows, lojas de discos e outros pontos de encontro. Num primeiro momento, as entrevistas decorreram das informações levantadas na documentação disponível, como ponto de partida para eventuais conversas subsequentes, confirmando, detalhando ou refutando as informações levantadas.

Por meio das entrevistas foi possível o preenchimento de lacunas a respeito de aspectos importantes na reconstituição da história da revista, tais como a atuação profissional pregressa dos seus responsáveis, suas motivações, visão de mundo, sua formação, estendendo, quando possível e quando cabível, esta abordagem aos demais grupos envolvidos com o objeto de pesquisa – detalhados abaixo. Tentou-se, nesse momento, estabelecer bases para a compreensão dos significados da revista dentro do circuito de produção, distribuição, leitura e difusão secundária (THOMPSON, 2011).

O conjunto de pessoas a ser entrevistado foi definido a partir de alguns critérios estabelecidos já na formulação do projeto de pesquisa, sendo refinado ao longo dos fichamentos executados e consistiu em três grupos. O primeiro deles (“Artífices”) compõe-se das pessoas diretamente envolvidas na concepção e produção da revista. Trata-se das pessoas encarregadas da produção de ilustrações, quadrinhos, textos, diagramação ou pautas, entre outras etapas envolvidas na elaboração das edições da *Animal*. No caso dos quadrinhos, optou-se por incluir no grupo apenas as pessoas que tivessem algum envolvimento direto com

a produção das edições da revista, excluindo os autores de quadrinhos nela publicados por meio de uma distribuição generalizada – ou seja de quadrinhos que não tenham sido produzidos a pedido ou visando especificamente a *Animal*. O segundo grupo (“Chegados”) é formado pelas pessoas que, não estando encarregadas da elaboração das pautas e da curadoria das sucessivas edições, produziram material de forma direta para a *Animal*, constituindo presença de modo às vezes mais, às vezes menos assídua em suas páginas. Os integrantes deste grupo são jornalistas, ilustradores, ou outras pessoas ligadas, de alguma forma, às suas temáticas e podem ter sido incluídas no grupo responsável pela revista. O terceiro grupo (“Leitores”) é composto pelos leitores da revista, com preferência para indivíduos diretamente envolvidos com o circuito de produção e circulação de quadrinhos ou conteúdo relacionado à música ou à cultura de modo mais abrangente, a comportamento ou a outras pautas abordadas pela revista.

Na definição dos grupos das pessoas envolvidas menos diretamente com a produção da revista e dos leitores, levou-se em consideração sua afinidade com as pautas da *Animal*. Estas eram pautas que podiam ser abordadas diretamente na revista, delineadas em textos, entrevistas resenhas e editoriais (Figura 58). Podiam, também, ser subentendidas, permeando os demais materiais publicados, notadamente os quadrinhos (Figura 59), tiras, cartuns e ilustrações na revista, podendo estar colocadas já na capa ou na sua seção de índice, por exemplo. Podiam ser abordadas visualmente, a partir do estilo de traço, do uso de cores ou outros recursos gráficos, tais como retículas, letreiramento e diagramação de textos, imagens, na articulação entre discurso textual e visual.

Figura 58 — Exemplo de abordagem direta: artigo sobre a gravação do álbum *Money Jungle* (1962), de Duke Ellington, Max Roach e Charles Mingus.



Fonte: *Animal*, n. 15 (1991, p. 14-15).

Figura 59 — Exemplo de abordagem indireta: quadrinização da sessão de gravação para do álbum *Money Jungle*, na visão dos argentinos Muñoz e Sampayo.



Fonte: *Animal*, n. 15 (1991, p. 16-17).

Ao longo do processo de investigação pôde-se observar, ainda, um diálogo com um contexto sócio-histórico resultante do processo de abertura política a partir de meados dos anos 1970, já abordado no capítulo 2. Este contexto foi orientado pela crítica do ambiente político, moral e ético que ocasionou a derrubada do governo de João Goulart em 1964 e a instauração do governo militar. Houve um diálogo que se travou no ambiente da imprensa alternativa atuante naquele momento e se deu entre publicações surgidas no período de endurecimento da ditadura – com publicações como *O Pasquim* ou *Versus* – e os veículos que materializaram a superação do discurso desses jornais a partir da primeira metade dos anos 1980 – como *Casseta Popular*, *Planeta Diário* ou *Chiclete com Banana*. Foi um processo em que a presença da pauta estritamente política e a de costumes, que eram já presentes desde pelo menos o surgimento do *Pasquim*, alternaram relevância, passando esta última a adquirir importância crescente nos processos de contestação do ciclo político consolidado a partir de 1964. Em meados da década de 1980, estas movimentações se davam na articulação da contestação política com forte identificação com a atuação institucional e a crítica de costumes, ligada à superação das teses éticas e moralistas que constituíram parte da base de sustentação do regime militar.

A seguir, apresentamos as pessoas entrevistadas como personagens inseridas em *bolinhas* – um formato desenvolvido por Priscila Farias em que eram realizadas resenhas de shows, LPs¹⁰⁷, demos¹⁰⁸ ou bandas, ligados ao circuito *underground*. Inicialmente distribuídos de forma irregular ao longo do *Mau*, estas bolinhas foram, aos poucos, integrando um formato mais regular, passando, a partir da 16ª edição, a ser agrupadas na seção *Rock This Town* dentro do *Mau*.

¹⁰⁷“LP significa Long Play. No passado, era sinônimo de registro fonográfico padronizado de 12 polegadas de diâmetro reproduzido a uma velocidade de 33,3 RPMs. Hoje, ele simplesmente se refere a um álbum completo, cuja duração varia muito devido ao aumento do formato de áudio digital do consumidor” (HOBBS, 2020).

¹⁰⁸“Uma fita demo – na verdade, uma abreviação para ‘fita de demonstração’ – é o equivalente da indústria musical a um currículo. É um exemplo de gravação sonora de uma ou mais músicas que um artista [...] usa para chamar a atenção de gravadoras e produtores” (BEAM, 2022).

Figura 60 — Os artífices.

OS ARTÍFICES



Fábio Zimbres

ILUSTRADOR
DESIGNER
GRÁFICO

VISTO HOJE COMO UMA DAS PRINCIPAIS FIGURAS NA PRODUÇÃO BRASILEIRA DE FANZINES E IMPRESSOS RELACIONADOS. NA ANIMAL, FOI UM DOS RESPONSÁVEIS PELA FORMULAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO DA REVISTA JUNTAMENTE COM NEWTON FOOT (CONFIRMAR). NO MAU, FICOU ENCARREGADO DA COLUNA MAUDITO FANZINE, EM QUE RESENHAVA E DIVULGAVA FANZINES DE DIVERSOS ESTADOS DO BRASIL E DE OUTROS PAÍSES.



Priscila FARIAS

ILUSTRADORA
QUADRINISTA
TRADUTORA
JORNALISTA
DESIGNER
GRÁFICA

UMA DAS FIGURAS DE DESTAQUE DA REVISTA. PRISCILA PASSOU A CONSTAR NO EXPEDIENTE APENAS A PARTIR DE SUA QUARTA EDIÇÃO (VERIFICAR O MAU ANTES DISSO). COM INTENSA CIRCULAÇÃO NO CIRCUITO UNDERGROUND DE SHOWS, PRISCILA PASSOU A CRIAR RESENHAS EM QUE COMBINAVA TEXTOS CURTOS E DESENHOS NUM FORMATO DEFINIDO PELA PRÓPRIA AUTORA COMO "BOLNHAS" – QUE SERVIRAM COMO INSPIRAÇÃO PARA ESTA GALERIA DE PERSONAGENS.

ESTE É O GRUPO DAS PESSOAS ENCARREGADAS DA PRODUÇÃO DE ILUSTRAÇÕES, QUADRINHOS, TEXTOS, DIAGRAMAÇÃO, PAUTAS ENTRE OUTRAS ETAPAS ENVOLVIDAS NA ELABORAÇÃO DAS EDIÇÕES DA ANIMAL. NO CASO DOS QUADRINHOS, OPTOU-SE POR INCLUIR NO GRUPO APENAS AS PESSOAS QUE TIVESSEM ALGUM ENVOLVIMENTO DIRETO COM AS EDIÇÕES DA REVISTA, EXCLUINDO OS AUTORES DE QUADRINHOS NELA INCLUÍDOS POR MEIO DE UMA DISTRIBUIÇÃO GENERALIZADA – OU SEJA DE QUADRINHOS QUE NÃO TENHAM SIDO PRODUZIDOS A PEDIDO OU VISANDO ESPECIFICAMENTE A ANIMAL.

EDITOR
QUADRINISTA
MÚSICO



Rogério de CAMPOS

FOI O PRINCIPAL IDEALIZADOR DA REVISTA, RESPONSÁVEL POR RECRUTAR FÁBIO ZIMBRES, NEWTON FOOT E OUTROS INTEGRANTES DA EQUIPE QUE IRÁ PRODUIR AS PRIMEIRAS EDIÇÕES DA ANIMAL. SEU CONTATO COM O EDITOR VINCENT DUCARME FOI FUNDAMENTAL PARA O SURTIAMENTO DA REVISTA.

Figura 61 — Os artifices (cont.).

OS ARTÍFICES



Rosane PAVAM

JORNALISTA

EGRESSA DA MILITÂNCIA NA ORGANIZAÇÃO LIBERDADE E LUTA E ENVOLVIDA COM A PRODUÇÃO DO JORNAL ALMEIDA, DO CENTRO ACADÊMICO LUPE COTRIM, NA ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES DA USP. PARTICIPOU DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DA ANIMAL E PUBLICOU TEXTOS SOBRE MÚSICA NA REVISTA. DESLIGOU-SE DA ANIMAL APÓS SUA SEGUNDA EDIÇÃO.



Newton FOOT

ILUSTRADOR QUADRINISTA

PARTICIPOU DA ELABORAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO DA REVISTA, TENDO SIDO A ELA INCORPORADO A PARTIR DO SEU TRABALHO COM A REVISTA BRIGITTE, PRODUZIDA EM PARCERIA COM FÁBIO ZIMBRES. PUBLICOU DIVERSAS ILUSTRAÇÕES E QUADRINHOS, SENDO O RESPONSÁVEL PELO DESENHO DA PERSONAGEM RITA HOT PUSSY E DOS QUADRINHOS DOS MULHERES NEGRAS, ENTRE OUTROS.



Celso SINGO

CARTUNISTA, ARTISTA PLÁSTICO, DESIGNER DE INTERAÇÃO E INFORMAÇÃO.

COMO ROGÉRIO DE CAMPOS, E ROSANE PAVAM, MILITOU NA LIBELU. NO MOMENTO DE FORMAÇÃO DO CONCEITO DA ANIMAL, FOI UMA DAS PESSOAS A ASSISTIR EM FAZER DO PROJETO UMA REVISTA COM MAIORES AMBICÕES E ALCANCE.



TONY de Marco


ILUSTRADOR, DESIGNER GRÁFICO.

FOI UM DOS PIONEIROS NO USO DE COMPUTADORES EM ILUSTRAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO NO BRASIL. NA ANIMAL, PUBLICOU ILUSTRAÇÕES E QUADRINHOS, MAS ATUOU PRINCIPALMENTE NA PRODUÇÃO DE TEXTOS FORMATADOS E OUTROS ELEMENTOS GRÁFICOS PARA USO NO PROCESSO DE DIAGRAMAÇÃO DA REVISTA.

Fonte: Autoria própria (2022).

Figura 62 — Os chegados.


OS CHEGADOS



Alex CABRAL

ARTISTA PLÁSTICO
MÚSICO
FANZINEIRO


FIGURA DE DESTAQUE NO CIRCUITO DE FANZINES ENTRE AS DÉCADAS DE 80 E 90 E GRAFITEIRO. NA FASE DE PROJETO DA ANIMAL CHEGOU A SER CONTACTADO POR FÁBIO ZIMBRES PARA COLABORAR NO MAU, TENDO ALGUM MATERIAL (TEXTO, TIRINHA) PUBLICANDO NO ENCARTE. NO PERÍODO ERA TAMBÉM VOCALISTA DA BANDA MISSIONÁRIOS.



WOP BOO

FANZINEIRO,
ARTISTA PLÁSTICO

PESSOAS LIGADAS DE ALGUMA FORMA AO GRUPO QUE FAZIA A REVISTA, TOMANDO PARTE NELA DE FORMA EVENTUAL OU REGULAR, PODEM TER SIDO TAMBÉM LEITORES DA REVISTA



MZK

FIGURA DE DESTAQUE NA PRODUÇÃO INDEPENDENTE DE QUADRINHOS E FANZINES A PARTIR DO INÍCIO DA DÉCADA DE 90, PASSOU A COLABORAR REGULARMENTE COM A REVISTA APÓS A SAÍDA DE MACARRÃO, PUBLICANDO TIRINHAS NO MAU. ANTES DISSO, COLABOROU COM A SEÇÃO MAUDITO FANZINE E TEVE DESENHOS PUBLICADOS EM VÁRIAS EDIÇÕES.

Fonte: Autoria própria (2022).

Figura 63 — Os leitores.

OS LEITORES



Alexandre
BEZZI

DESIGNER GRÁFICO, DJ
ILUSTRADOR

ALEXANDRE BEZZI ACOMPANHA HÁ DÉCADAS, O CIRCUITO MUSICAL E CULTURAL, RELACIONANDO-SE DE FORMA BASTANTE PRÓXIMA COM ALGUNS DOS SEUS PRINCIPAIS PERSONAGENS. COMO LEITOR, NÃO FOI EXATAMENTE UM CONTEMPORÂNEO DA ANIMAL, MAS LEU A REVISTA NOS ANOS IMEDIATAMENTE SEQUENTES AO SEU DESAPARECIMENTO.

QUADRINISTA,
ILUSTRADOR,
FANZINEIRO



Weaver
LIMA

UMA DAS PRINCIPAIS FIGURAS NA PRODUÇÃO DE QUADRINHOS AUTORAIS DENTRO DO CIRCUITO DE FANZINES QUE PASSOU A OPERAR E GANHOU FORÇA A PARTIR DO DESAPARECIMENTO DAS GRANDES REVISTAS DE QUADRINHOS DO SEGMENTO ADULTO-AUTORAL. VIVENDO EM FORTALEZA, ACOMPANHAVA AS EDIÇÕES DA ANIMAL, COMO LEITOR ASSÍDUO.



Mitie
Taketani

LIVREIRA,
PRODUTORA
CULTURAL

UMA DAS PROPRIETÁRIAS DA ITIBAN COMICS SHOP, QUE ESTÁ ENTRE AS LIVRARIAS DEDICADAS AOS QUADRINHOS MAIS LONGEVAS NO BRASIL, CONTEMPORÂNEA, INCLUSIVE, DA ANIMAL A PARTIR DO INÍCIO DA DÉCADA DE 2010 TORNOU-SE TAMBÉM UMA DAS PRINCIPAIS RESPONSÁVEIS PELA BIENAL DE QUADRINHOS DE CURITIBA, UM DOS EVENTOS BRASILEIROS MAIS IMPORTANTES DEDICADOS AOS QUADRINHOS. QUANDO A ANIMAL COMEÇOU A SER PUBLICADA, HAVIA SE MUDADO DE SÃO PAULO PARA CURITIBA, MAS FOI UMA FREQUENTADORA ASSÍDUA DE MUITOS DOS LOCAIS MENCIONADOS EM SUAS PÁGINAS.

Allan
SIEBER

CARTUNISTA,
ANIMADOR,
EDITOR,
ARTISTA
PLÁSTICO.

JÁ PUBLICOU QUADRINHOS NO ESTADÃO E NA FOLHA DE S. PAULO. TAMBÉM JÁ TEVE LIVROS PUBLICADOS POR EDITORAS COMO CONRAD, DESIDERATA E VENETA. ENTRE OUTRAS, PRODUZIU ANIMAÇÕES COMO 'DEUS É PAI' E 'ONDE ANDARÁ PETRUCIO FELKER?'. TEM NA ANIMAL UMA DE SUAS REFERÊNCIAS COMO QUADRINISTA.

LEITORES DA REVISTA ENVOLVIDOS COM PRODUÇÕES VARIADAS, NÃO CHEGARAM A SER PUBLICADOS, MAS TIVERAM ALGUM GRAU DE ENVOLVIMENTO COM O SEU ENTORNO CULTURAL.

Fonte: Autoria própria (2022).

5.3.2 Fichamento da *Animal*

A outra linha de aproximação no processo de investigação sobre a *Animal* foi a consulta e o manuseio de suas 22 edições, lançadas entre maio de 1988 e novembro de 1991, utilizando a ferramenta Zotero¹⁰⁹ para o fichamento. Esta etapa da investigação se baseou fortemente no fichamento realizado por Jeferson Cândido (2008), que realizou um levantamento detalhado sobre todo o conteúdo do jornal *Versus* no período em que foi editado por Marcos Faerman¹¹⁰. A partir do modelo representado por esse levantamento, foi possível estabelecer uma estrutura básica que, adaptada para utilização dentro do Zotero, possibilitou sistematizar o conteúdo de todas as edições da *Animal*. Um dos principais méritos do fichamento realizado por Jeferson Candido foi o de produzir sinopses para praticamente todo o conteúdo das 23 edições do *Versus* publicadas entre 1975 e 1978. Observa-se, no entanto uma exceção a esse tratamento minucioso e cuidadoso quando o fichamento trata dos quadrinhos publicados no jornal. Para efeito de comparação, vejamos a sinopse a redigida para o texto “Sonolentos dias de Bluefields”, de Diana Belessi¹¹¹:

A reportagem trata da costa atlântica da República da Nicarágua. Relata a história da enseada de Bluefields, desde o domínio espanhol, passando pelo domínio inglês até chegar ao domínio da região por empresas norte-americanas. (CANDIDO, 2008, p. 246)

A dissertação passa, logo a seguir, para a HQ “A espera”¹¹², de Enrique Breccia, resumida como “HQ, 1974” (CANDIDO, 2008, p. 246). Um aspecto importante nesse tratamento é o fato de que a transposição de uma HQ para texto corrido pode se reduzir a poucas palavras, como no exemplo da Figura 64. Esta pesquisa procurou incluir nos fichamentos das edições da *Animal* uma sinopse tão fiel quanto possível das HQs, tratando-as com o mesmo destaque dos demais conteúdos publicados nas páginas da *Animal* e do *Mau*.

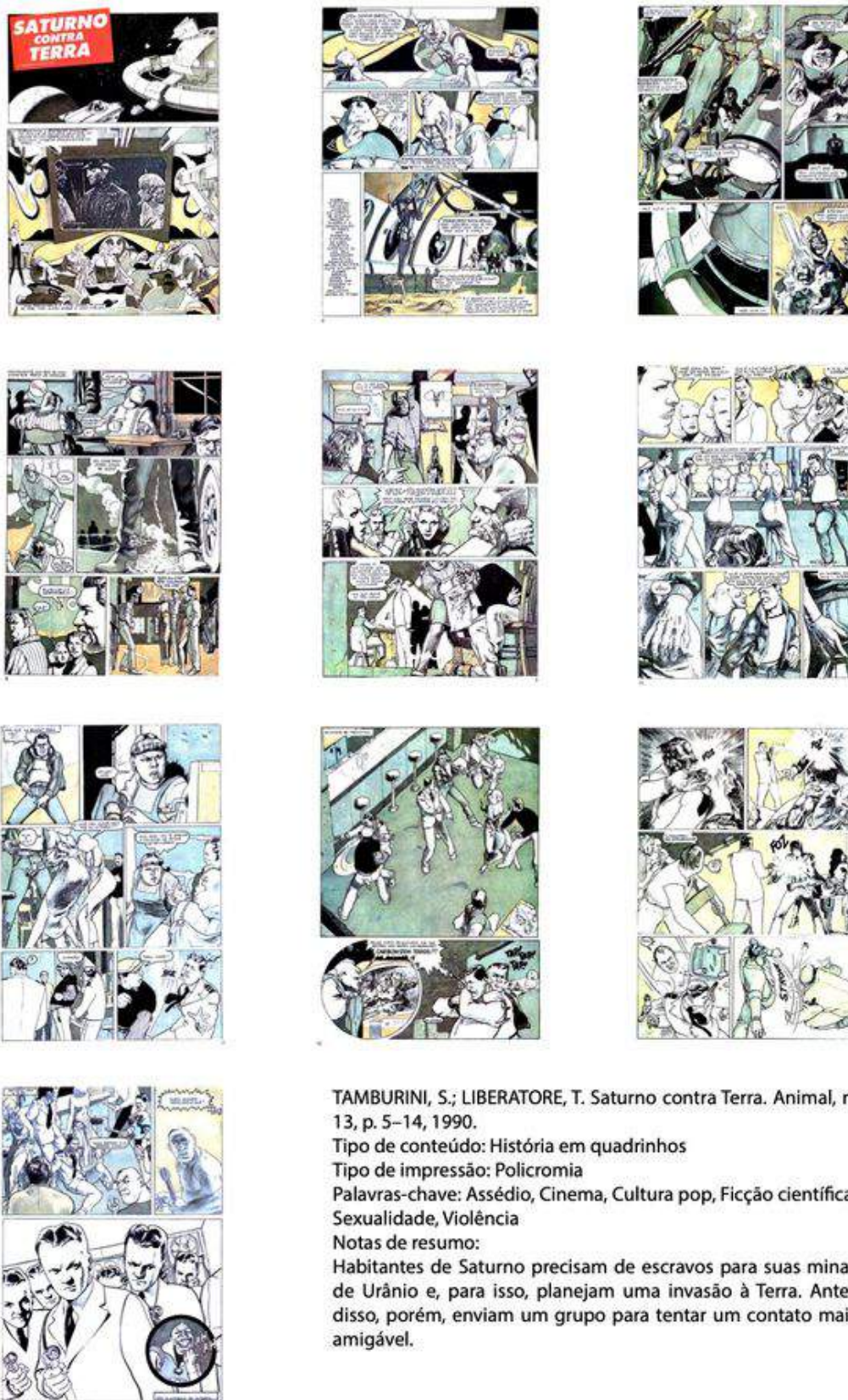
¹⁰⁹ Para outras informações a respeito da plataforma *Zotero*, ver <https://www.zotero.org/>, acesso em 07/05/2023.

¹¹⁰ Sobre o jornal *Versus*, ver Kucinski (2001).

¹¹¹ *Versus* nº 4, abril/maio de 1976, p. 24.

¹¹² *Versus* nº 4, abril/maio de 1976, p. 25-30.

Figura 64 — Exemplo de fichamento da HQ Saturno contra Terra, de Tamburini e Liberatore.



Fonte: Autoria própria (2022).

Ao longo do manuseio e sucessivas leituras das edições da *Animal*, algumas questões de ordem prática e conceitual logo se apresentaram. A abordagem direta e linear se mostrou, em pouco tempo, inadequada. Parte disso veio da dificuldade de acesso aos exemplares físicos, durante um determinado período, devido ao funcionamento errático da Gibiteca de Curitiba, onde há um acervo que poderia ter sido consultado se não fossem as restrições ocasionadas pela pandemia de COVID-19, daí decorrendo a necessidade de basear os fichamentos em digitalizações com qualidade de imagens nem sempre ideais. Mas o principal problema nessa abordagem, vem do fato de que a *Animal* e seu encarte *Mau* terem iniciado suas atividades com uma estrutura bastante orgânica, expressa em uma diagramação algo caótica, especialmente no caso do *Mau*, conforme observado por seu primeiro editor, Rogério de Campos¹¹³.

Os fichamentos possibilitaram perceber uma concorrência, quase uma dicotomia, entre a *Animal* e o *Mau*. A exemplo de outras revistas do período, a *Animal* trazia no seu bojo o *Mau*, encarte cujo mote “feio, sujo e malvado” deixava claro o seu caráter de *enfant terrible*, algo já bastante evidente no momento do fichamento das edições. Ao passo que o fichamento da *Animal* correu de forma mais ou menos rápida, o *Mau* foi um desafio cognitivo, um emaranhado que jamais se deixou dominar sem luta, ao longo de 15 das suas 22 edições – dois terços, portanto – passando, a partir de sua 16ª edição, a apresentar uma diagramação bem mais estável. Os fichamentos mostraram, também, que tanto a *Animal* quanto seu encarte insubmisso foram, aos poucos, encontrando uma estrutura de diagramação bastante definida.

O processo de fichamentos da *Animal* foi um momento de observação e leitura que se deu em relação a textos e imagens, mas, também, na relação entre eles, na materialidade da revista, na rede de significados que ia se evidenciando ao longo das atribuições de palavras-chave. O manuseio das revistas, dos exemplares físicos disponíveis ou das digitalizações, articulado com a aproximação do objeto de estudo feito por meio das entrevistas foi decisivo para situar a *Animal* como publicação no seu tempo. Embora estes fichamentos tenham se dado de forma sequencial, conforme a numeração das edições, logo ficou evidente que este seria

¹¹³ Entrevista concedida por Rogério de Campos a Guilherme Caldas dos Santos em 11/02/2021.

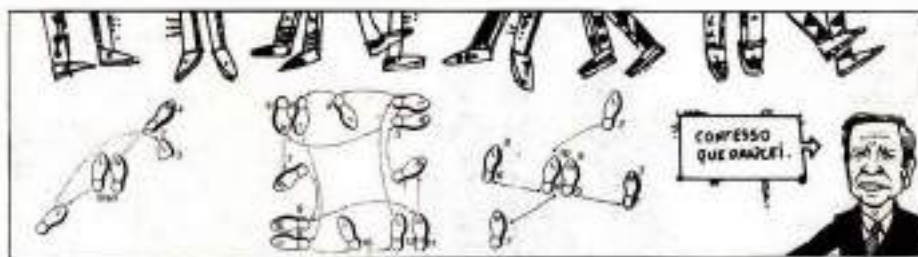
um processo repleto de idas e vindas. A sensação de mudança gradual ao longo das edições, foi substituída pela percepção do forte contraste entre o início e o final da revista.

A base do procedimento consistiu na atribuição de palavras-chave a cada um dos conteúdos de cada edição, iniciando por um termo geral de classificação dentro da revista segundo o formato do conteúdo, passando por uma classificação segundo o modo de impressão e, finalmente, com atribuições segundo as temáticas presentes nos diversos conteúdos.

Cada tipo de conteúdo foi classificado de acordo com sua característica mais importante, procurando defini-lo quanto a seu formato¹¹⁴. Desta maneira, procurou-se diferenciar uma HQ de uma tira de quadrinhos ou de um cartum, por exemplo, mesmo que isso não fosse sempre evidente e direto, como no caso da tira de autoria do fanzine Bife Sujo & Cia, publicada na 3ª edição do *Mau*. O formato remete imediatamente a uma tirinha e, possivelmente, é o que permite diferenciá-la de um cartum (Figura 65).

¹¹⁴Uma sistematização em tabelas dos dados levantados pode ser consultada nos apêndices.

Figura 65 — O que difere a tirinha de autoria do Bife Sujo & Cia (no alto) de um cartum é apenas o seu formato, uma vez que o mesmo conteúdo poderia compor um cartum (embaixo) com poucas adaptações.



Fonte: *Animal* n. 3 (1988, p. 32), Autoria própria (2022).

Notadamente nos conteúdos textuais, esta diferenciação foi, por vezes, bastante problemática. Como classificar o “Departamento verificador de boatos”, que passou a ser presença mais ou menos constante a partir da 6ª edição do *Mau*? Ou o texto (Figura 5), encontrado na primeira edição do *Mau*? Isso é uma resenha? Uma reportagem? Uma nota? Na dúvida, passou-se a atribuir, em alguns casos, uma classificação indeterminada de “texto”.

Figura 66 — Texto na primeira edição da *Animal/Mau*.

Droga!

Droga custa caro e faz mal.



ALÔALÔALÔAL

* Heroína afasta o baterista Grant Hart do trio Hüsker Dü. O grupo de Minneapolis já havia perdido seu manager, David Savoy Jr., sugado pelos Céus via suicídio. A banda se esvai, o vício impera.

* Leia a revista "Questões Polêmicas: Drogas", da Flash Editora. Uma publicação com bastante toques.

Maconha (100g.)	Cz\$ 3.500,00
Cocaína (1g.)	Cz\$ 1.200,00
Heroína (1g.)	Cz\$ 1.800,00
Benzina (100ml)	Cz\$ 261,00
Melagrião (100ml)	Cz\$ 115,00
Dalmedorm (20 comp)	Cz\$ 108,00
Dienpax (20 comp.)	Cz\$ 333,00



* Relançando o disco de Bob Marley com o hino dos fumetas: Kaya. Quando foi lançado no Brasil, o disco teve problemas com a censura, não por causa da música "Kaya", uma elegia à maconha, mas da capa, em que aparecia um bruto charutão. Não existia, naquela época, a permissividade que vemos hoje em dia.

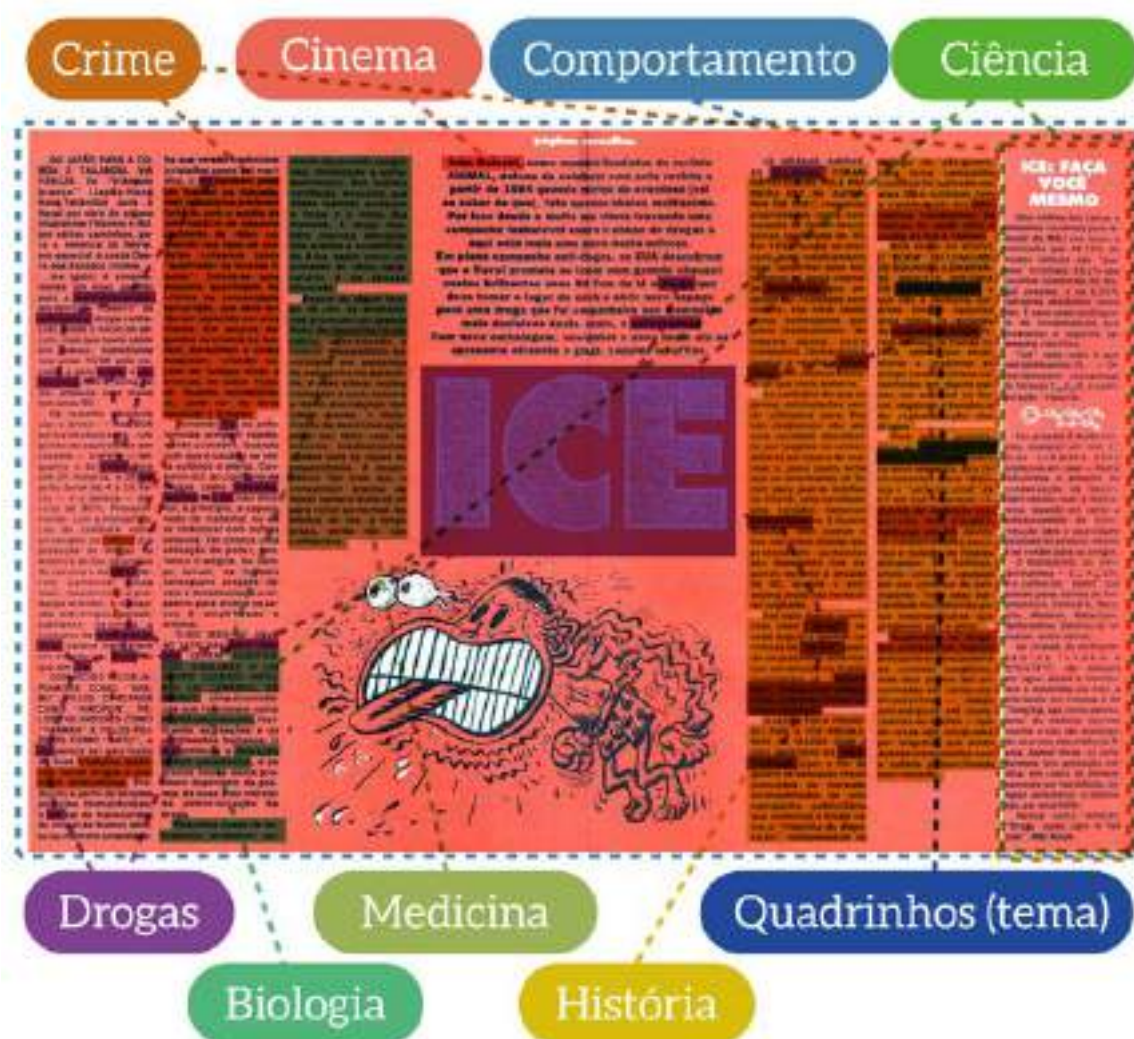
ALÔALÔALÔALÔALÔALÔALÔAL

Fonte: *Animal* n. 1 (1988, p. 32).

Uma segunda categoria de palavras-chave procurou discriminar a forma de impressão utilizada nos diversos conteúdos. Num momento em que a utilização de mais de uma cor poderia ter implicações importantes de ordem logística e financeira, pareceu relevante classificar os conteúdos da *Animal* e do *Mau* conforme a quantidade de cores, podendo estas ser preto e branco (PB), cor aplicada e policromia.

A terceira categoria de palavras-chave buscou dar conta das diversas temáticas abordadas em cada um dos conteúdos, sem, no entanto, tentar esgotar seus temas. O objetivo, a partir dessa categoria, foi a produção de uma lista temática de síntese. Ao longo das atribuições destas palavras-chave, foram ficando evidentes alguns temas recorrentes na *Animal*, tais como “violência”, “sexualidade” ou “música” – esta, em diversas vertentes. Estas palavras-chave foram obtidas a partir de uma leitura tanto textual (Figura 67) quanto imagética (Figura 68). Neste caso, pode haver uma sobreposição de temas – enquanto alguns deles localizam-se mais pontualmente em um quadro outros estão presentes na página sem uma localização específica (Figura 69).

Figura 67 — Identificação de temas no texto sobre metanfetaminas.



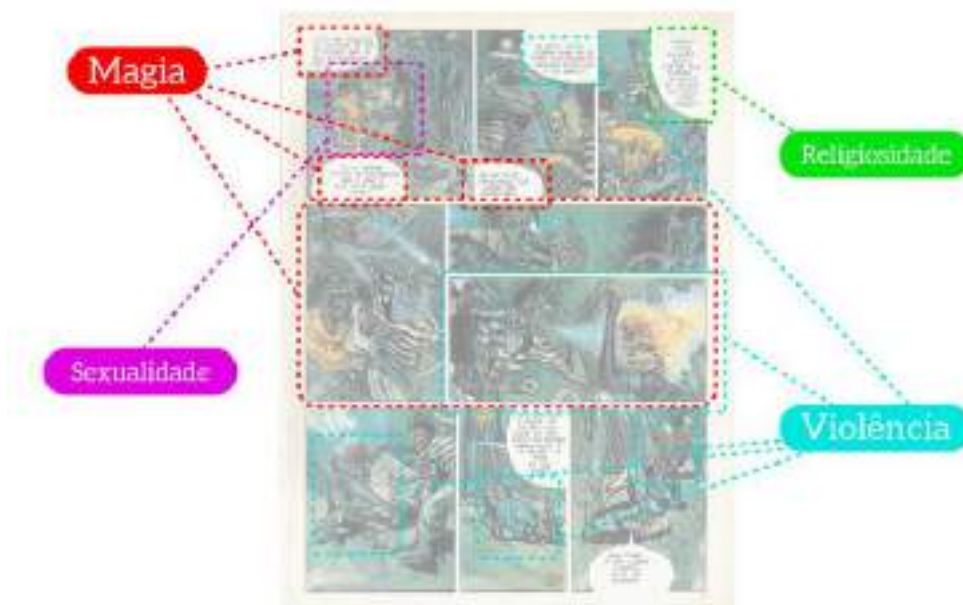
Fonte: *Animal* n. 11 (1990, p. 38-39), Autoria própria (2022).

Figura 68 — Identificação de temas a partir das imagens e textos na HQ O Sonho do Tubarão, de Mathias Schultheiss.



Fonte: *Animal* nº 20, p. 7; Autoria própria (2022).

Figura 69 — Sobreposição de temas na mesma HQ.



Fonte: *Animal* nº 20 (1991, p. 7), Autoria própria (2022).

5.4 MAPEAMENTOS DOS CONTEÚDOS

E investigação sistematizou o conteúdo da revista, chegando a uma relação em que HQs e tiras de quadrinhos somam 407 itens (Tabela 2), representando pouco mais da metade do total de itens levantado (53%), o que seria de se esperar de uma revista de quadrinhos. Se a estes juntarmos ilustrações, bolinhas e cartum, obtém-se 450 itens, quase 60% do total de 757 itens. Chama atenção a quantidade de resenhas, artigos, entrevistas, crônicas, notas e listas. Somados, correspondem a mais de 1/4 do total, correspondendo a 27% dos conteúdos da revista – mesmo com a predominância do discurso visual, é uma marca expressiva para uma revista de quadrinhos. Segundo o levantamento, o conteúdo da *Animal* e do *Mau* poderia ser divididos nas seguintes categorias:

Tabela 2 — Conteúdo da *Animal* e do *Mau* segundo seu formato.

Categoria	Total de ocorrências	<i>Animal</i>	<i>Mau</i>
História em quadrinhos	263	181	82
Tira de quadrinhos	144	102	42
Resenha	109	6	103
Artigo	53	15	38
Ilustração	34	0	34
Bolinha	31	0	31
Texto	21	4	17
Editorial	21	21	0
Entrevista	14	10	4
Cartum	12	0	12
Crônica	11	6	5
Notas	18	12	6
Seção de cartas	15	4	11
Lista	5	0	5
Colagem	3	0	3
Poesia	2	0	2

Fotografia	1	0	1
------------	---	---	---

Fonte: Autoria própria (2022).

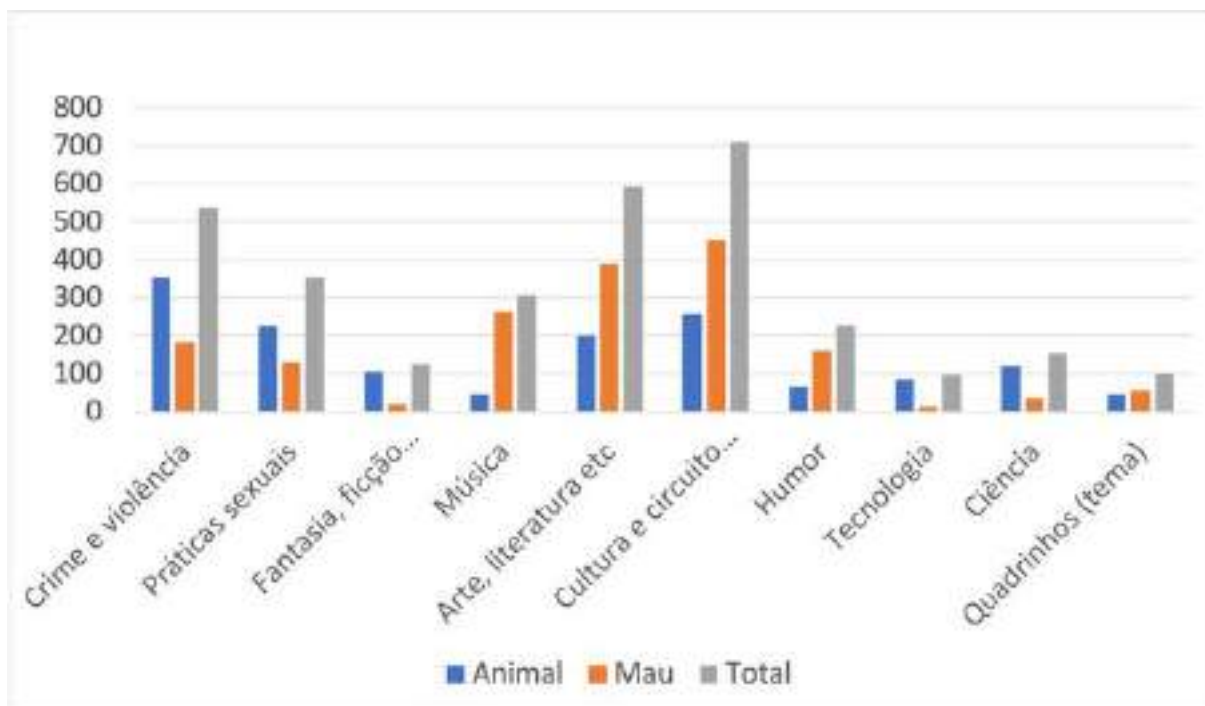
Esta presença expressiva do texto escrito na revista – sob a forma de resenhas, artigos, entrevistas, entre outros – bem como a preocupação específica com sua qualidade¹¹⁵ parecem estar na base da amplitude de temas tratados pela *Animal*. O levantamento realizado revelou uma variedade de temas ligados a música, cinema, literatura, fotografia e comportamento, entre outros – abordados diretamente em textos escritos ou nas HQs e congêneres publicados. As diferenças entre *Animal* e *Mau* se deram em relação aos seus aspectos físicos, mas, também, em relação às temáticas abordadas e ao formato destas. Antes de proceder a esse comparativo, é possível atestar a variedade de formatos veiculados pela revista considerada como um todo (ou seja, *Animal* + *Mau*), bem como a variedade de temas abordados (Tabela 3). O levantamento realizado ajudou a entender alguns aspectos da *Animal* que colocam em perspectiva a pecha de “revista de baixaria” (DIAS; KAZI, 1994, p. 29), que, diga-se, não era um privilégio seu, como demonstra a celeuma em torno da efêmera revista Dundum¹¹⁶. Os temas relacionados à cultura em geral superam os relacionados a violência e crime e a práticas sexuais (as tais “baixarias”) em número de ocorrências¹¹⁷.

¹¹⁵ Entrevista concedida por Rosane Pavam a Guilherme Caldas dos Santos em 08/12/2021.

¹¹⁶ No início da década de 1990, a Prefeitura de Porto Alegre financiou a primeira edição da revista *Dum dum* que publicava trabalhos de Jaca, Adão Iturrusgarai e Edgar Vasques entre outros. Um dia após sua chegada às bancas, a bancada de oposição na Câmara Municipal denunciou o uso de verba pública para publicação de quadrinhos “pornográficos” (RODRIGUES, 2020; GUZMAN, 2002).

¹¹⁷ Uma discriminação detalhada dos temas pode ser consultada nos apêndices. Ver tabela “Conteúdo: temas”.

Tabela 3 — Temas abordados (Comparação).



Fonte: Autoria própria (2023).

5.4.1 *Mau e Animal*: divergências

Na diferenciação entre *Animal* e *Mau*, vale a pena um olhar mais atento sobre a distribuição dos temas abordados entre as duas partes da revista. Ao longo de suas 22 edições, a *Animal* mudou sua quantidade de páginas algumas vezes, variando entre 68 e 84 páginas. O *Mau*, no entanto, manteve-se em 16 páginas – correspondendo a, no máximo, pouco menos de 1/3 das páginas da revista (Tabela 4).

Tabela 4 — Proporção de páginas entre *Animal* e *Mau*

Edição	Total de páginas	<i>Animal</i>	<i>Mau</i>	Proporção de páginas entre <i>Animal</i> e <i>Mau</i>
1	68	52	16	3,25
2	68	52	16	3,25
3	68	52	16	3,25
4	72	56	16	3,5

5	76	60	16	3,75
6	80	64	16	4
7	80	64	16	4
8	80	64	16	4
9	80	64	16	4
10	76	60	16	3,75
11	76	60	16	3,75
12	76	60	16	3,75
13	76	60	16	3,75
14	76	60	16	3,75
15	84	68	16	4,25
16	84	68	16	4,25
17	84	68	16	4,25
18	84	68	16	4,25
19	84	68	16	4,25
20	84	68	16	4,25
21	84	68	16	4,25
22	84	68	16	4,25
Total	1724	1372	352	3,90

Fonte: Autoria própria (2022).

Outra coisa que não mudou foi a densidade de conteúdo entre uma e outra parte da revista. Novamente considerando cada ocorrência de conteúdo (HQs, resenhas, artigos etc.) como uma unidade, independentemente do número de páginas ocupado por ele, o *Mau* jamais veiculou menos que a metade do total de conteúdos, chegando a quase 75% na edição nº 6 da revista (Tabela 5).

Tabela 5 — Ocorrência de conteúdos

Edição	Ocorrência de conteúdos	Ocorrência de conteúdos (<i>Animal</i>)	% de conteúdos	Ocorrência de conteúdos (<i>Mau</i>)	% de conteúdos
1	34	12	35,29%	22	64,71%

2	26	10	38,46%	16	61,54%
3	24	10	41,67%	14	58,33%
4	24	10	41,67%	14	58,33%
5	19	9	47,37%	10	52,63%
6	31	8	25,81%	23	74,19%
7	29	10	34,48%	19	65,52%
8	26	10	38,46%	16	61,54%
9	27	11	40,74%	16	59,26%
10	28	10	35,71%	18	64,29%
11	32	12	37,50%	20	62,50%
12	32	12	37,50%	20	62,50%
13	31	11	35,48%	20	64,52%
14	35	13	37,14%	22	62,86%
15	33	14	42,42%	19	57,58%
16	29	13	44,83%	16	55,17%
17	30	13	43,33%	17	56,67%
18	31	13	41,94%	18	58,06%
19	31	13	41,94%	18	58,06%
20	28	12	42,86%	16	57,14%
21	29	13	44,83%	16	55,17%
22	28	12	42,86%	16	57,14%
Total	637	251	39,40%	386	60,60%

Fonte: Autoria própria (2022).

Experimentação, liberdade formal e de pauta tiveram uma relação direta com a densidade de uma e outra parte da revista. Na *Animal*, a inquietação estava, em boa parte, expressa na linguagem visual carregada e, por vezes, caótica do *Mau*. Uma densidade também cultural, em que a produção nacional de fanzines, quadrinhos e música se acotovelava e formava o coração pulsante da revista.

Considerando que o *Mau* era a parte da experimentação e, além disso, do tom mais agressivo, não deixa de ser curioso que a ocorrência de “baixaria” se

desse de forma predominante na *Animal*. Agrupamentos de temas relacionados a esses assuntos ocorreram de maneira expressiva na parte que seria a menos agressiva da revista. É o caso de “Crime e violência” (65,92%), “Práticas sexuais” (75%) e “Sexualidade” (63,84%). Onde o *Mau* predomina largamente é na abordagem de temas ligados justamente à arte e à cultura (Tabela 6).

Tabela 6 — Distribuição dos agrupamentos temáticos entre *Animal* e *Mau*.

Categoria	nº de ocorrências	Na <i>Animal</i>	% do total (<i>Animal</i>)	No <i>Mau</i>	% do total (<i>Mau</i>)
Totais	4089	2042	49,94	1698	41,53
Crime e violência	537	354	65,92	183	34,08
Práticas sexuais	354	226	63,84	128	36,16
Sexualidade	354	226	63,84	128	36,16
Fantasia, ficção científica	124	105	84,68	19	15,32
Música	307	45	14,66	262	85,34
Arte, literatura etc.	591	200	33,84	391	66,16
Pop, cultura pop	239	124	51,88	115	48,12
Cultura e circuito cultural	710	257	36,20	453	63,80
Comportamento	240	156	65,00	84	35,00
Humor	227	67	29,52	160	70,48
Tecnologia	97	84	86,60	13	13,40
Ciência	154	120	77,92	34	22,08
Medicina	55	33	60,00	22	40,00
Quadrinhos (tema)	100	45	45,00	55	55,00

Fonte: Autoria própria (2023).

Os temas agrupados como “Pop, cultura pop” apresentam uma ligeira vantagem para a *Animal* (51,88%), mas a desproporção nos demais agrupamentos é expressiva, caso de “Cultura e circuito cultural” (63,80%), “Arte, literatura e afins” (66,16%) e, principalmente, de “Música” (85,34%) – uma diferença comparável

apenas à desproporção de “Tecnologia” em favor da *Animal* (86,60%). Os temas agrupados em “Humor” mostram também uma vantagem expressiva do *Mau* em relação à *Animal* (70,48%).

É interessante lembrar que uma das distinções buscadas pela equipe que elaborou o conceito da *Animal* em relação às suas contemporâneas era quanto ao gênero humor – a nova revista seria uma publicação de quadrinhos num sentido mais amplo. Os conteúdos relacionados a humor ficaram concentrados no *Mau*, onde correspondeu a pouco menos que 9,5% do total de conteúdos – uma presença relativamente discreta, se comparada com “Cultura e circuito cultural” (26,68%), “Arte, literatura, etc.” (23,03%) ou “Música” (15,43%). Ainda assim, representou pouco menos que o triplo da proporção de humor observada na *Animal* (3,28%).

Consideradas separadamente, a *Animal* se distanciava mais de algumas de suas principais contemporâneas ao dar relativamente pouca ênfase na questão de humor. Já o *Mau*, além de concentrar essa parte de humor, era o coração pulsante da revista como um todo. Nas suas páginas se deu parte expressiva de uma abordagem de outras manifestações culturais e da conexão entre estas e as HQs como em poucos momentos na imprensa brasileira. Foi na sua densidade, ainda, que se deu boa parte da intersecção da *Animal* com seu público, a ponto deste, por vezes, se confundir com a equipe encarregada da revista. Priscila Farias, MZK, Alex Cabral, Guazelli, são alguns exemplos deste grupo que foi incorporado à revista em graus variados. Priscila Farias, apesar de não ter sido parte do grupo inicial da revista, integrou-se a ela de tal forma que passou a ser associada com o grupo responsável pela *Animal*, mesmo após o final da revista. Já Alex Cabral esteve presente na sua fase inicial, chegando a ser contactado por Fábio Zimbres para falar sobre fanzines e tendo material de sua autoria publicado nas primeiras edições do *Mau* sem, no entanto, dar seguimento à sua colaboração¹¹⁸. Eloar Guazelli é outro exemplo de leitor-autor com trabalhos publicados no *Mau*, porém, de forma irregular. MZK, de aparições esporádicas como fanzineiro resenhado no *Maudito Fanzine*, passou a colaborador, editando a coluna eventualmente e, depois, a colaborador fixo, publicando tiras na fase final da revista, substituindo o ilustrador e artista gráfico Macarrão, a partir de sua edição nº 19¹¹⁹.

¹¹⁸ Entrevista concedida por Alex Cabral a Guilherme Caldas dos Santos em 21/12/2021.

¹¹⁹ Entrevista concedida por MZK a Guilherme Caldas dos Santos em 07/10/2021.

5.4.2 *Animal e Mau*: convergências

Como forma de obter uma visão mais aprofundada sobre as diversas temáticas veiculadas por *Animal* e *Mau*, as palavras-chave identificadas ao longo dos fichamentos foram agrupadas conforme sua afinidade¹²⁰. Desta forma, obteve-se grupos como “Comportamento” ou “Sexualidade”¹²¹. O fichamento permitiu um olhar analítico sobre o conteúdo de *Animal* e *Mau* que, como mencionado, relativiza parte da sua pecha como “revista de baixaria”. Ainda que o agrupamento de temas “Crime e violência” corresponda a pouco mais de 25% (Tabela 19) e temas ligados a sexualidade correspondam a aproximadamente 21,5% (Tabela 20, Tabela 21) do total de conteúdos, o levantamento mostra que este número é inferior a agrupamentos como “Arte, literatura e afins” (27,8%) (Tabela 24) ou “Cultura e circuito cultural” (33,5%) (Tabela 25). De maneira até surpreendente, quadrinhos como temática correspondem a um número reduzido dos conteúdos publicados (4,7%) (Tabela 30).

Quando o assunto é música, o número relativamente pequeno de entradas a respeito (14,4%) (Tabela 23)¹²² não corresponde à variedade de estilos musicais abordados. *Animal* e *Mau* jamais se relacionaram com estilos de música brasileira, no que estavam de acordo com as demais revistas de quadrinhos do período. Menções ao *jazz*, ao *blues* e ao *rhythm'n'blues* aparecem entre as edições 1 e 16, concentrando-se entre as edições 1 e 6 e desaparecendo a partir da 17ª edição sendo substituídos por *rap*, *reggae*, e congêneres, que passam a ter maior presença a partir das edições nº 11 e 18, respectivamente. O gênero que aparece em todas as edições, sem exceção, é o rock, chamando atenção a profusão de vertentes relacionadas na revista. A ênfase é nos estilos mais pesados, focando naqueles com mais afinidade com o *punk rock*, tais como *hardcore*, *grindcore*, *pós-punk* e *psychobilly*. Mesmo sendo bastante variado em relação aos seus estilos, o *heavy metal* tem presença menos marcante e menos variada na revista, sendo referido em alguns casos a partir do *crossover thrash*, que aparece nomeado apenas como

¹²⁰ Por uma questão de organização das informações, as tabelas mencionadas neste subitem ficarão disponíveis no Apêndice B – Tabulação dos dados.

¹²¹ Para uma relação completa das palavras-chave agrupadas segundo suas afinidades, ver *Tabela 18 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau*.

¹²² Estes temas podem se sobrepor, como no caso de “Música”, que integra o subgrupo de “Cultura e circuito cultural”, mas constitui um grupo próprio também.

crossover e foi visto como um estilo intermediário entre o *hardcore* e o *heavy metal*, especialmente a partir de meados dos anos 1980¹²³. De fato, a diferenciação dos estilos citados, especialmente no rock, nem sempre é algo que pode ser realizado de modo objetivo, sendo a segmentação, em alguns casos, bastante relativa. O que parecia ocorrer naquele momento era um circuito musical e cultural, num sentido mais amplo, composto por estilos diversos de rock pesado, com ouvintes de um determinado estilo frequentemente escutando e se relacionando com outras vertentes.

Neste ponto é interessante ressaltar que a relação da revista com os segmentos próximos ou relacionados ao *punk rock* ocorria de forma mais orgânica, sendo vários de seus colaboradores frequentadores do circuito de casas noturnas e lojas de discos onde este estilo era tocado. Alguns chegavam a integrar as bandas desse circuito, caso de João Gordo, com o *Ratos de Porão*, Niki Nixon, com o *S.A.R. (Soviet American Republic)* e Rogério de Campos, com a *Crime*¹²⁴.

A *Animal* foi o local onde essas e outras pessoas dedicadas aos processos artísticos e criativos os mais diversos tiveram um local privilegiado onde se expressar. Ajudava no acolhimento da diversidade de estilos, suportes e temas, o fato de que a própria *Animal* representou a convergência de mentalidades e histórias de vida as mais variadas. A *Animal* não foi apenas uma revista de quadrinhos, foi bem mais que isso. Nem todo mundo entendia sua proposta, mas quem entendia sabia que aquela era uma revista diferente das outras.

¹²³ Deena Weinstein (2000) também classifica como *crossover* o som produzido por bandas de *heavy metal* dentro de padrões palatáveis para rádios que visam uma audiência mais abrangente. Sobre a derivação do *thrash metal*, ela observa que o *crossover* “foi iniciado em meados dos anos 80 por grupos como o *Suicidal Tendencies*, que veio da cena derivada do *punk hardcore*. Seu ritmo tende a ser rápido de forma contínua, fugindo da convenção de velocidade do *speed metal*, que muda de ritmo” (WEINSTEIN, 2000, p. 308).

¹²⁴ Sobre essa integração, ver o subitem 5.2.3.3.

6 ANIMAL E MAU

Figura 70 — Capa da coletânea *Contra Ataque*, mencionada no *Mau* nº 1 (1988, p. 28).

Fonte: Fonte: Saduh Shop ([s.d.]), Autoria própria (2023).

1 234567890 7(CCN)7
 L6d278:77
 C.7I3d cis0s:7M 3s6g m7d 70m7c2mb64 34 7
 D.7I3d cis0s:7P645246s7
 E.7P0pil6s7il646d6s:7S0p 5avi4d 76di27
 F.7P0pil6s7il646d6s:7P255 s7 7g656g 3s7d27B5sil7
 □.7□s7L6563j6s:7□ 7adi27
 □.7□s7L6563j6s:7□s7g6524s7 s427c5 sc 3d277
 L6d27B:7
 C.7R públik6:7Q0 m7e7v2cê7
 D.7R públik6:7□ã27m6is7
 E.7□ã27R ligiã2:787v 5d6d i567his4567d 70m7b5sil i527
 F.7□ã27R ligiã2:7□ã27R ligiã27
 □.7Sk653i2:7□s46d27
 □.7Sk653i2:7.725ç67si3is467
 □.7□lh27S c2:7□50pçã27
 N.7□lh27S c2:7I 6mp2s7d67m254 7

6.1 ANIMAL: FEIA, FORTE E FORMAL

A *Animal* surgiu de uma convergência entre interesses variados, mas que podem ser organizados em duas vertentes principais. De um lado, havia uma editora que já vinha publicando alguns quadrinhos europeus no Brasil, a VHD Diffusion, e que se dispunha a investir numa publicação periódica para venda em bancas de jornal. De outro, um grupo de pessoas iniciando sua atuação na área de quadrinhos, como Fábio Zimbres, Newton Foot e Celso Singo, ou com pretensões de atuar no segmento, como Rogério de Campos, ou, ainda, com uma atuação ligada ao circuito de fanzines, como Priscila Farias – embora ela não tenha participado da fase de concepção da revista.

As atividades da VHD Diffusion se limitavam a publicar no Brasil alguns títulos de quadrinhos *mainstream* franco-belgas. Eram quadrinhos ligados a um formato comercialmente identificado, em grande medida, ao formato do álbum europeu. Trata-se de um padrão estabelecido, referido no mercado francês como 48CC (48 páginas, colorido, cartonado) – que Jean-Christophe Menu (apud CARNEIRO, 2011), editor de *L'Association*, chamava, de modo depreciativo, de 48CC/HF/KK "sendo HF o gênero que predominava nas novas produções (fantasia de herói) e KK (caca) significava o que ele pensava da qualidade dessas obras e dessas imposições de fôrmas" (CARNEIRO, 2011, p. 7)¹²⁵. O site Guia dos Quadrinhos (2013) lista, além dos títulos relacionados à *Animal*¹²⁶, apenas outros quatro títulos publicados pela VHD Diffusion. Em meados da década de 1980, a editora publicou *Sammy* (s.d.), *Thorgal* (1983) e *Durango* (s.d.), títulos europeus (franco-belgas) direcionados ao público infantojuvenil, podendo estender-se ao público adulto. Além desses, publicou *Níquel Náusea*¹²⁷, único título brasileiro da editora e que vinha de passagens por outras editoras, como Press e Dealer, sendo publicado pela VHD Diffusion entre 1990 e 1996. Até o lançamento da *Animal*, em maio de 1988, portanto, a VHD vinha se dedicando a uma linha editorial que poderia remeter

¹²⁵ *L'Association* é uma editora francesa voltada aos quadrinhos experimentais. Sobre sua atuação e as questões relativas ao questionamento dos quadrinhos europeus enquanto formato, ver Maria Clara Carneiro (2011, 2015).

¹²⁶ *Animal*, *Coleção Animal* e *Grandes Aventuras Animal*.

¹²⁷ Apesar de estar situada parcialmente dentro do recorte temporal desta pesquisa, *Níquel Náusea* é entendida como sendo um título sem maiores conexões com a *Animal* e, portanto, não será abordada.

vagamente à atuação de algumas revistas francesas estabelecidas e referenciais como *Pilote* e *Métal Hurlant*.

A *Pilote* (1959-1989) foi uma revista francesa de quadrinhos voltada a um público um pouco mais velho que suas antecessoras *Tintin* e *Spirou* (WIKIPEDIA, 2021). Em suas páginas surgiram séries consagradas como *Asterix, o Gaulês* (de Goscinny e Uderzo) e *Blueberry* (de Jean Giraud/Mœbius) entre outras. A revista está, ainda, na origem de revistas francesas importantes no segmento de quadrinhos voltados ao público adulto, como as já mencionadas *L'Écho des Savanes*, *Fluide Glacial* ou *Métal Hurlant*.

Esta última, talvez a mais citada, dedicou-se especialmente à ficção científica, fantasia e outras temáticas de abordagem adulta (RANIERI, 2018). O nome ("Metal Uivante") foi concebido pelo cartunista Nikita Mandryka, sugerindo "a ideia de *stress* do metal que uiva sob o impulso de reatores com a força máxima" (POUSSIN; MARMONNIER, 2005, p. 25). Simone Castaldi considera que na *Métal Hurlant*

ocorreu o primeiro diálogo significativo entre mídia – música pop, moda, cinema, literatura – o que conectou fortemente os quadrinhos a uma teia ativa de sistemas culturais. Ou seja, os quadrinhos, além dos políticos e satíricos, passaram a replicar e reformular o presente [...]. (CASTALDI, 2010, p. 35)

Revistas como a portuguesa *O Mosquito*, a argentina *Fierro*, a espanhola *Totem* tem raízes no modo como *Métal Hurlant* se propôs a produzir e veicular quadrinhos. A postura da *Animal*, colocando os quadrinhos como local privilegiado de uma articulação entre mídias e pautas diversas, tem na *Métal Hurlant* um referencial significativo.

6.1.1 *Animal*: primeiros passos

De acordo com alguns dos depoimentos colhidos¹²⁸, a gênese da *Animal* se deu no encontro de Vincent Ducarme com Rogério de Campos, tornado possível a partir do contato com o jornalista Josimar Melo, que conhecia Rogério dos tempos

¹²⁸Entrevistas concedidas a Guilherme Caldas dos Santos por Fábio Zimbres (18/01/2021), Rogério de Campos (11/02/2021) e Newton Foot (21/10/2021).

de militância na organização Liberdade e Luta (Libelu)¹²⁹ e tinha conexão com Vincent Ducarme, provavelmente por meio da atuação em comum como editores de quadrinhos¹³⁰. A convergência de ideias, no entanto, não foi um processo desprovido de percalços. De acordo com Rogério de Campos, uma primeira conversa, ocorrida entre 1985 e 1986¹³¹, para a criação de uma revista não foi muito adiante. Rogério de Campos propunha uma publicação ligada a uma linha editorial mais radical, tendo como modelo especialmente as revistas italianas *Frigidaire* e *Cannibale*, enquanto Vincent Ducarme pensava em termos comerciais, possivelmente de acordo com as linhas que já vinha seguindo nos títulos publicados pela VHD Diffusion. Neste ponto, esta investigação levantou informações conflitantes. Em entrevista concedida poucos anos após o final da *Animal*, Fábio Zimbres afirma que Vincent Ducarme não achava viável o formato de "álbum, livraria, porque exigia um estoque grande para poder render" (DIAS; KAZI, 1994, p. 28). Por outro lado, Newton Foot mencionou, em entrevista realizada décadas depois, que a proposta era "fazer uma revista naquela linha de revistas europeias, que publicava as histórias em capítulos depois lançava um álbum"¹³² – o que acabou se concretizando na linha *Coleção Animal* (1989) e *Grandes Aventuras Animal* (1990-1991).

Os títulos que inspiravam a linha editorial proposta por Rogério de Campos podiam ser entendidos dentro do contexto de transformação nos quadrinhos italianos marcado pelo surgimento da revista *Linus* (1965)¹³³, em que parte da produção de quadrinhos do país começava a visar um público leitor adulto em termos mais específicos. Na Itália, os quadrinhos haviam sido, desde o seu surgimento, direcionados ao público infantojuvenil (CASTALDI, 2010), com uma parte desta produção atingindo um público mais velho de maneira incidental – caso dos quadrinhos de aventura de Milton Caniff, como *Terry e os Piratas*, já citado, ou Hugo Pratt, com *Corto Maltese* (Figura 71). A atuação da *Linus* consolidou uma tendência que vinha tomando contornos mais nítidos a partir do início da década de

¹²⁹Sobre a Libelu, ver LIBELU: Abaixo a Ditadura. Diógenes Muniz. São Paulo: Boulevard Filmes, 2020. Documentário (90 min.). Disponível em: <https://youtu.be/BBQCWsrgbNs>. Acesso em: 9 set. 2021.

¹³⁰Conforme Rogério de Campos.

¹³¹E-mail enviado por Rogério de Campos a Guilherme Caldas dos Santos em 07/12/2021.

¹³²Entrevista concedida por Newton Foot a Guilherme Caldas dos Santos em 21/10/2021.

¹³³Ver capítulo 2.

1960¹³⁴, ao mesmo tempo em que estabeleceu uma relação deste público leitor com o espectro político orientado a partir da atuação do Partido Comunista Italiano (PCI) (CASTALDI, 2010).

Figura 71 — Primeira aparição do personagem Corto Maltese em A Balada do Mar Salgado.



Fonte: Passarello, 2015.

Inicialmente infrutífera, a conversa entre Rogério e Vincent seria retomada após um intervalo de aproximadamente dois anos, em 1987¹³⁵ – período em que Rogério de Campos se dedicou à banda *Crime*¹³⁶. De acordo com Rogério de Campos, o encontro se deu porque ele estava tentando criar uma forma para se tornar jornalista em revistas como *Bizz* e *Set*, então novidades no mercado editorial, citadas por Celso Singo entre as referências para a *Animal*. Vincent foi procurado na qualidade de editor de quadrinhos, o que poderia render alguma pauta¹³⁷. Tendo voltado de uma viagem recente à Europa, Vincent mudara de ideia e passara a considerar que uma publicação com uma linha editorial mais arrojada poderia, afinal, ser viável em termos comerciais: “Tinha passado alguns anos desde a nossa conversa e ele falou ‘olha, eu viajei, e o povo na Europa falou que você tá completamente certo, e tem que fazer uma revista mesmo. Então é o seguinte, faz a revista que eu banco’”¹³⁸.

¹³⁴ Ver subitem 3.2.1.

¹³⁵ E-mail enviado por Rogério de Campos a Guilherme Caldas dos Santos em 07/12/2021.

¹³⁶ Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Rogério de Campos em 11/02/2021.

¹³⁷ Entrevista concedida por Rogério de Campos a Guilherme Caldas dos Santos em 11/02/2021. Mensagem eletrônica recebida em 06/05/2023.

¹³⁸ Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Rogério de Campos em 11/02/2021.

6.1.2 Dando a cara da revista

A partir do segundo encontro entre Rogério de Campos e Vincent Ducarme foi possível a combinação de vontades: de um lado, um editor disposto a investir numa publicação com distribuição em bancas de jornal e circulação regular e, de outro, alguém que se definia como um vadio:

[...] Uma prioridade [minha] foi a vadiagem, ficar vadiando, sabe? Não ter um objetivo claro na vida, me organizar... como falar... Eu não tinha um plano de guardar dinheiro para comprar um carro, economizar para, no final de semana, sair com não sei quem...¹³⁹.

Rogério de Campos, até aquele momento, não tinha produzido muito mais do que o fanzine *XeroX*¹⁴⁰, relacionado à banda *Crime*, da qual fazia parte, ou tomado parte no *Almeida*, publicação do centro acadêmico da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)¹⁴¹, tendo atuado mais como desenhista do que como um editor propriamente dito. Uma parte do entusiasmo para a empreitada de produzir uma revista de grande circulação vinha de uma autoconfiança baseada num conhecimento abrangente de quadrinhos nacionais e estrangeiros, adquirido em bibliotecas, como a do SESC Pompeia, e livrarias, como a Zarvos, em São Paulo¹⁴² – combinado com indicações de quadrinhos trazidos da França por Josimar Melo¹⁴³. Outra parte vinha das pretensões do seu companheiro de militância política, Celso Singo, também quadrinista:

O Celso Singo, com esse impulso dele... eu acho que é o momento-chave, porque o meu desejo com meus quadrinhos era fazer um fanzine. Fazer umas edições piratas de quadrinhos europeus, quadrinho *underground*, fazer um fanzine... eu já estaria satisfeito com isso. O Celso é o cara que tem aquela ambição básica, que move esse negócio de falar “vamos fazer”¹⁴⁴.

Na avaliação de Celso Singo, essa ambição mencionada por Rogério deveria se traduzir em algo mais do que apenas mais um fanzine – postura também

¹³⁹Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Rogério de Campos em 11/02/2021.

¹⁴⁰*Animal* n. 1 (1988, p. 34, Maudito Fanzine)

¹⁴¹Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Rosane Pavam em 08/12/2021.

¹⁴²Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Rogério de Campos em 11/02/2021.

¹⁴³Entrevista concedida por Celso Singo a Guilherme Caldas dos Santos em 13/05/2022.

¹⁴⁴Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Rogério de Campos em 11/02/2021.

incentivada pelo contato inicial com Josimar Melo¹⁴⁵. Uma intuição mais ou menos em formação, acerca de uma demanda que poderia haver no Brasil por autores de quadrinhos ainda pouco conhecidos no país começou a tomar forma de um projeto mais audacioso, que incorporava em sua linha editorial uma convergência observada na imprensa e na cena musical.

Em meados da década de 1980, bandas como *Voluntários da Pátria*, *Titãs*, *RPM* ou *Zero* incorporavam em sua atuação elementos do contexto social, cultural e político. O diálogo do visual dos álbuns, dos adereços, da cenografia, da performance ao vivo com uma postura destas e de outras bandas do Rock Nacional, buscava um cosmopolitismo que as inserisse em uma conjuntura mundial (PRYSTHON, 1999). Essa convergência expressou-se em uma imprensa cultural que incorporara e ajudara a formular um discurso de modernidade articulado com uma vontade de mudança que ganhara impulso a partir da reabertura política no Brasil, caso da *Bizz*, citada por Celso Singo como uma das referências importantes daquele momento:

Na época [1985], a Abril estava lançando a revista *Bizz*. E porque a *Bizz* foi tão importante? Porque tinha conteúdo do nível do Pepe Escobar. Tinha o que em São Paulo? Tinha a *Bizz*, tinha a Folha Ilustrada [...] os jornalistas da Ilustrada e os jornalistas da *Bizz* [...] centralizavam essa conversa dessa tendência, que conseguia cobrir [...] a cultura que estava rolando em Londres e Nova York, Berlim etc. E colocar lá para esse público que estava sendo formado no Brasil¹⁴⁶.

Uma ideia importante que embasava a nova publicação era a de "levantar o nível" da discussão cultural, contribuindo, ao mesmo tempo, na formação ou no aprimoramento de um público latente para o que estivesse acontecendo de mais novo e instigante em quadrinhos e em cultura em geral¹⁴⁷. Parte dessa proposta baseou-se na alteração do tom discursivo – indo do mais estritamente politizado para uma pauta de costumes formada e formadora de um público consumidor identificado com um perfil jovem, urbano e conectado à produção cultural dos Estados Unidos e da Europa Ocidental.

¹⁴⁵Entrevista concedida por Celso Singo a Guilherme Caldas dos Santos em 13/05/2022.

¹⁴⁶Entrevista concedida por Celso Singo a Guilherme Caldas dos Santos em 13/05/2022.

¹⁴⁷Entrevista concedida por Celso Singo a Guilherme Caldas dos Santos em 13/05/2022.

Se não fosse no modelo de uma *Zoulou* ou de uma *Frigidaire*, uma *Alter* na questão da qualidade do conteúdo, nós não criaríamos nenhum tipo de alternativa para o para o público jovem, que estava buscando em quadrinhos a mesma qualidade que eles já estavam escutando nas bandas [do Rock Nacional], que pegavam uma parcela grande da juventude brasileira, já superando em vendas [a] MPB¹⁴⁸.

Havia uma ideia de superação, ainda que sem descartar a continuidade, em relação a publicações como *Chiclete com Banana* e *Circo*. Estas haviam sido a ponta de lança, as primeiras revistas que provaram ser possível pensar quadrinhos com um grau muito maior de autorialidade e transgressão do que o que fora proposto até o início da década de 1980 em termos de vendas em bancas e distribuição massiva.

Na visão de Celso Singo, a nova revista deveria, também, ter uma postura politizada expressa por meio de conteúdos culturais. A referência trazida por Celso é a banda *The Clash*, mas esta é uma postura que tem antecedentes na imprensa alternativa, em especial em *Versus*, que se propunha a ser um espaço de reflexão sobre a América Latina. Publicado na segunda metade da década de 1970, o jornal bimestral não se esquivava do debate político, mas procurava realizar este debate por meio de “uma narrativa mítica, operando no plano ideológico através de metáforas culturais e históricas, dos heróis das esquerdas” (KUCINSKI, 2001, p. 130). *Versus* mantinha sua independência mesmo em relação aos formatos consagrados na imprensa, era um jornal movido muito mais por sentimento que pela factualidade tradicional da reportagem (KUCINSKI, 2001). Colocava suas pautas por meio da forma combinando livremente “jornalismo, fotografia, desenho, histórias em quadrinhos, literatura, poesia” (FAERMAN apud KUCINSKI, 2001, p.130). Não por acaso, seu editor, Marcos Faerman, figura como consultor e nos agradecimentos das duas primeiras edições da *Animal*. A expressão da postura política da revista se daria, também, de maneira indireta, numa abordagem mais aberta, como observa Fábio Zimbres:

a ideia não era o leitor de quadrinhos, não era o nicho dos quadrinhos, era ela tentar botar a mão, o dedo, no pulso do que que tava acontecendo. Só

¹⁴⁸Entrevista concedida por Celso Singo a Guilherme Caldas dos Santos em 13/05/2022.

que em quadrinhos, em vez de ser de fotografia, ou de ensaio, ou de texto reportagem ¹⁴⁹.

Nesse aspecto, a Libelu e sua afiliação ao trotsquismo da 4ª Internacional Comunista parecem ter sido uma influência significativa. Além de Celso, Rogério e Josimar Melo, outras pessoas citadas no processo de elaboração da revista, como a jornalista Rosane Pavam haviam participado da organização. Isso explica o fato de que o grupo envolvido em sua criação possuía um entendimento político da situação geral¹⁵⁰, embora isso jamais tenha sido colocado em termos explícitos na *Animal*.

Como braço estudantil universitário da OSI (Organização Socialista Internacionalista), a Libelu procurou cooptar uma juventude que se opunha à ditadura militar, mas também não se via representada por “essa pomposidade, essa coisa padreco stalinista”¹⁵¹.

Adversária do dirigismo cultural e de qualquer coisa que pudesse lembrar o chamado realismo socialista, a OSI/Libelu não estimulava o preconceito contra o rock, o que era muito frequente naquela época. O pessoal gostava de MPB e ouvia muita Rita Lee, Mutantes e mesmo sucessos estrangeiros. Havia espaço para Cartola e Paulinho da Viola, também. (MENEZES, 2013)

Em termos concretos, isso frequentemente se traduziu na proximidade de militantes ou simpatizantes da Libelu com uma produção artística comprometida com a experimentação formal e estética bastante alinhada, naquele início da década de 1980, com o *punk* e, mais do que este, com o *pós-punk*. *Gang of Four*, *Talking Heads*, *Blondie*, banda já mencionada, eram alguns dos referenciais naquele momento. Havia uma juventude que inferia que os caminhos que começavam a se delinear a partir do processo de reabertura política no país poderiam seguir uma linha de contestação que não precisava se pautar pela atuação dos comunistas. De maneira similar à do *Movimento de 77*, esta era uma atuação estética em que a compartimentação de formas de expressão foi relativizada – quando não subvertida – e ganhou força a abordagem interdisciplinar na arte, com desdobramentos importantes na década de 1980 (MUNIZ, 2020).

¹⁴⁹ Entrevista concedida por Fábio Zimbres a Guilherme Caldas dos Santos em 18/01/2021.

¹⁵⁰ Entrevista concedida por Celso Singo a Guilherme Caldas dos Santos em 13/05/2022.

¹⁵¹ Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Rogério de Campos em 11/02/2021.

Para produzir uma primeira proposta para a revista, Rogério de Campos recorreu a Fábio Zimbres e Newton Foot, criadores da *Brigitte*, uma revista que ele havia conhecido na livraria Belas Artes¹⁵². Apesar de ser uma publicação pequena, com apenas um número, a *Brigitte* foi o suficiente para que Rogério, Celso e demais pessoas envolvidas na elaboração da *Animal*, tivessem confiança para que a dupla se encarregasse de parte de programação visual – algo bastante inacessível em uma época em que o uso extensivo de computadores ainda estava a alguns anos no futuro¹⁵³. Quando foram procurados por Rogério de Campos, Fábio Zimbres e Newton Foot eram alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo (USP). A *Brigitte* estava inserida em uma tradição de envolvimento dos seus alunos com a produção de publicações, especialmente de quadrinhos. Quando foi lançada, em 1986, *Brigitte* já era precedida por nove edições da *Balão* (1972-1975) além de cinco da *Garatuja* (1978-1983), que incluíam participações de artistas não necessariamente ligados à faculdade – e, em alguns casos, nem mesmo à USP. Essa ligação da FAU com os quadrinhos iria se manter ao longo da década seguinte, em revistas como *Rhino* e *Pom-pom*, no que era um desdobramento lógico em uma instituição e um curso cujo currículo incluía o Desenho Industrial e a Programação Visual, conforme observado pelo designer gráfico Sylvio Ulhoa (MAZZILLI et al., 2008), com quem Zimbres e Foot também haviam estagiado.

Na visão de Zimbres, a *Animal* também deveria expandir sua atuação em relação a revistas como *Chiclete com Banana* ou *Circo*, identificadas com uma certa vertente de humor, afinal já bem representada pelas publicações da Circo Editorial, entre outras.

[...] A *Chiclete com Banana* era uma revista de quadrinho, mas também [...], muito mais que isso, era uma revista de humor. [...] O Angeli tinha vontade de recuperar aquelas coisas meio Carlos Estevão, fazer um humor [...] que falasse da sociedade em geral. Foi isso que deu a relevância do Angeli, porque vendeu 100 mil. Mas eles eram um tipo de quadrinhos [...] de humor, num certo nicho¹⁵⁴.

¹⁵²Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Fábio Zimbres em 18/01/2021.

¹⁵³Sobre os processos gráficos antes da adoção do uso de computadores, ver Briar Levit (2017).

¹⁵⁴Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Fábio Zimbres em 18/01/2021.

Em comum com as ideias de Rogério de Campos, Celso Singo e Rosane Pavam, estava a noção de que a *Animal* deveria tratar de mais assuntos, sem ser necessariamente em quadrinhos. Ou, melhor, pensando quadrinhos como ponto de articulação, um motor a partir do qual os assuntos mais diversos pudessem ser tratados. A *Chiclete com Banana* iria ampliar suas pautas a partir de criação de seu encarte *Jam*, mas isso aconteceria somente a partir de sua 15ª edição, em setembro de 1988. Portanto, ao menos em âmbito nacional, a abordagem pensada para a nova revista era algo inovador e ousado. Daí alguns de seus principais referenciais serem publicações estrangeiras.

A *El Víbora*, por exemplo, [...] para mim era um modelo importante, [...] falava de tudo, [...] tinha travesi, tinha ficção científica, [...] e tava mostrando o melhor do quadrinho italiano [...] e [...] um monte de espanhóis malucos... [...] Não tinha tanto texto quanto a *Animal* e o *Mau* [acabaram tendo], mas tinha essa coisa de ser uma revista um pouco mais aberta¹⁵⁵.

A ideia era fazer uma revista que fosse um reflexo dos interesses de seus criadores: filmes B, música, televisão, comportamento – o que, claro, incluía "histórias que a gente gostava de ler e que a gente conhecia, mas que eram pouco conhecidas no Brasil", conforme observa Newton Foot¹⁵⁶.

Ainda de acordo com Newton Foot, o processo que se seguiu foi uma afluência e combinação de ideias vindas de vários lugares. Libelu, fanzines, quadrinhos europeus, crítica de costumes, música, cinema, articulados numa revista cujo lema "Feia, forte e formal" veio antes do seu nome e teria sido tomado emprestado de um alegado epitáfio no túmulo de John Wayne.

6.1.3 Lema e nome da revista

A motivação para o lema da *Animal*, "Feio, forte e formal", tem origem em um mito ainda hoje facilmente encontrável em uma busca rápida na internet. Segundo boa parte dos links consultados, John Wayne teria pedido que em seu túmulo fosse colocado o epitáfio "Ugly, strong and dignified" (em algumas variações a frase citada é "Ugly, strong and formal") que seria a tradução de uma expressão mexicana "Feo,

¹⁵⁵ Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Fábio Zimbres em 18/01/2021.

¹⁵⁶ Entrevista concedida por Newton Foot a Guilherme Caldas dos Santos em 21/10/2021.

fuerte y formal”. Na verdade, o túmulo de John Wayne, após ficar muitos anos sem identificação (EYMAN, 2014), ganhou uma lápide com uma frase tirada de uma entrevista célebre publicada na edição da *Playboy* de maio de 1971: “O amanhã é a coisa mais importante da vida. Nos chega à meia-noite impoluto. É perfeito quando chega e se põe nas nossas mãos. Espera que tenhamos aprendido algo com o dia de ontem”, em tradução livre¹⁵⁷. O que tem de mais próximo a esta alegação em relação ao lema “Feio, forte e formal” é uma declaração dada por Wayne a um jornalista, seis meses antes de sua morte, durante sua participação em um evento:

Eu tenho que admitir, eu tive uma vida muito boa. Não tinha como alguém ter se divertido mais. Eu não tenho reclamações. Mesmo com todas as coisas que aconteceram comigo. Há um ditado que eles têm no México. 'Ele era feio, ele era forte e tinha dignidade.' Sim, esse é o tipo de coisa que eu gostaria que dissessem sobre mim (EYMAN, 2014, p. 1017).

Esta relação da figura de John Wayne com o projeto da revista foi algo trazido por Rogério de Campos¹⁵⁸, mas tinha, ainda, conexão com uma percepção na mudança dos protagonistas heroicos dos quadrinhos ocorrida entre os anos 1970 e 1980. De acordo com Newton Foot:

[Os anos 80 eram] uma época em que o grotesco, aquele herói grotesco do cinema, estava na moda. O Conan, o Bárbaro, tinha a ver com o *Ranxerox*... os caras muito fortes, mas com um cérebro totalmente ausente. [...] A gente estava discutindo essa ideia do herói nos anos 80, essa ideia do herói ser um cara tipo Conan, *Ranxerox*, que ia totalmente contra, [que era] o avesso do que foi nos anos 70. Os heróis eram mais inteligentes! [...] Às vezes questionadores. Nos anos 70, [...] nos anos 60, até. Você tinha personagens como Corto Maltese, [...] Valentina, [tinha histórias] do Moebius... eram histórias mais questionadoras. E, de repente, nos anos 80 começam a fazer sucesso esses personagens tipo Conan!¹⁵⁹.

¹⁵⁷ No original: "Tomorrow is the most important thing in life. Comes into us at midnight very clean. It's perfect when it arrives, and it puts itself in our hands. It hopes we've learned something from yesterday" (PLAYBOY MAGAZINE, 1971, p. 75) que é, ela própria, uma adaptação do que a entrevista registra quase no seu final: "There's a lot of things great in life. But I think tomorrow is the most important thing in life. Comes into us at midnight very clean. It's perfect when it arrives, and it puts itself in our hands. It hopes we've learned something from yesterday." (PLAYBOY MAGAZINE, 1971, p. 92)

¹⁵⁸ Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Newton Foot em 21/10/2021.

¹⁵⁹ Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Newton Foot em 21/10/2021.

Essa é uma mudança de atitude bem exemplificada na franquia cinematográfica *Rambo*, em que o primeiro filme (1982) apresenta nuances políticas que dariam lugar, nos filmes seguintes, a um "espetáculo de ação descarada" (MUBI, 2023) após um intervalo de apenas três anos. Estava presente, desde o começo, um conceito de revista de linguagem ousada, violenta mesmo, expressa no personagem que figurou na capa da primeira edição, *Ranxerox*. A partir desta perspectiva, começou a se formar um consenso em torno de qual seria o nome da revista: *Mau*. Um nome que, além de sonoro, indicaria uma possível conexão com a italiana *Il Male* (*O Mal*) – hipótese considerada plausível pela jornalista Rosane Pavam¹⁶⁰. Mas, afinal, o nome acabou sendo definido por outro personagem, menos ameaçador, mas igualmente tosco e, tanto quanto é possível para um personagem dirigido ao público infantil, violento: o *Animal* do *Muppet Show* (Figura 72)¹⁶¹.

Figura 72 — Personagem *Animal*, do *Muppet Show*.



Fonte: Animais... (2018).

Rogério de Campos detalha um pouco mais esse momento de definição do nome da revista:

¹⁶⁰ Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Rosane Pavam em 08/12/2021.

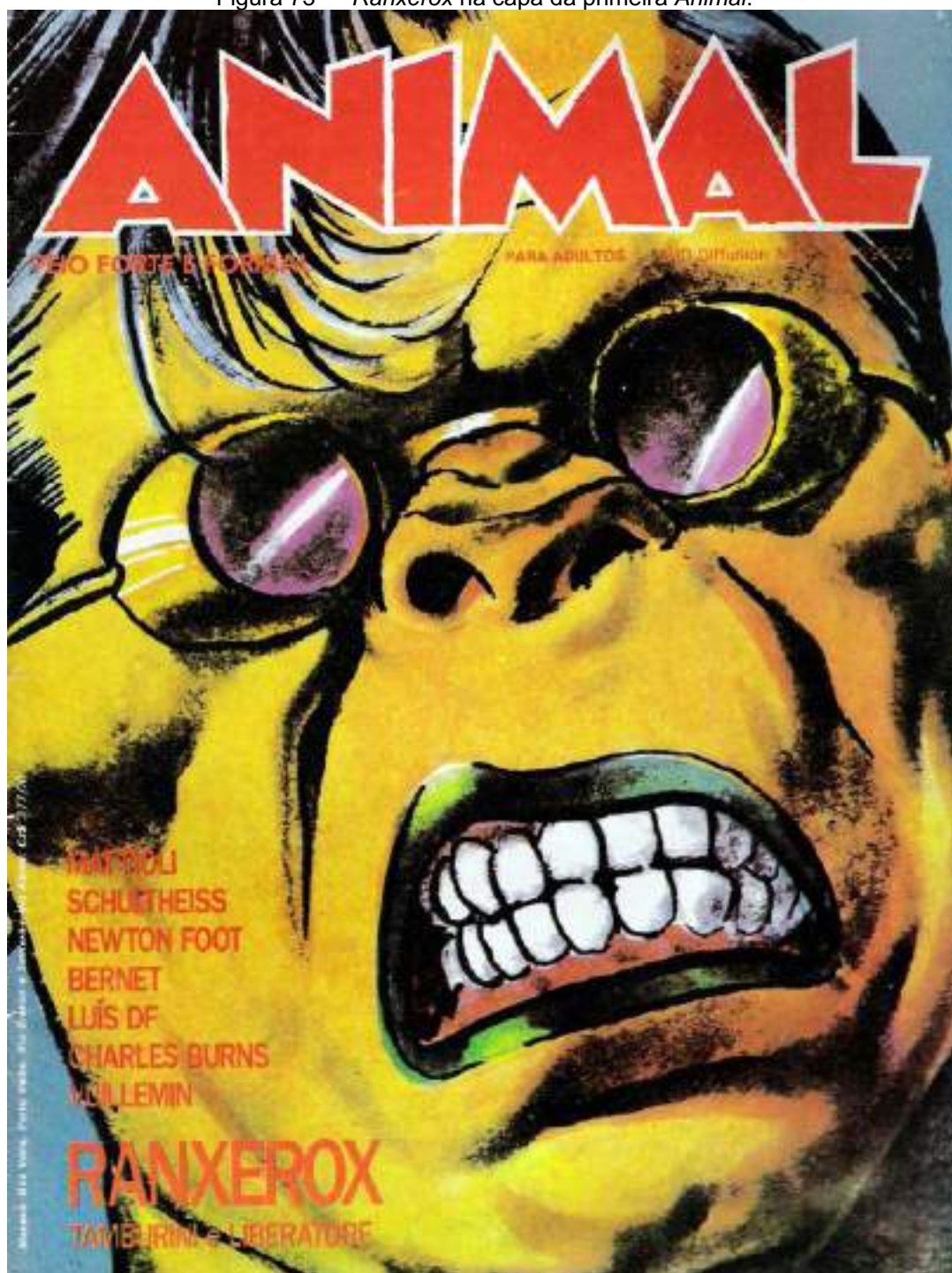
¹⁶¹ Entrevistas concedidas a Guilherme Caldas dos Santos por Rogério de Campos (11/02/2021) e por Newton Foot (21/10/2021).

Eu acordei de manhã, um dia, e [tive um] momento epifânico... eu não sei se ouvindo Lou Reed, Rock and Roll *Animal*, e o *Animal* do Muppet Show e “Revista *Animal*”... E, aí, eu sou uma pessoa muito democrática, sabe? Mas eu falo para cacete, e as pessoas, às vezes, acabam concordando comigo só para eu ficar quieto! E, aí, eu acho que a *Animal* talvez tenha se chamado *Animal* por causa disso!¹⁶².

Na capa da sua primeira edição, a *Animal* já mostrava a que vinha. Em vez de um *Conan*, ou, mesmo, um *Thorgal*, *Ranxerox* (Figura 73). Um personagem que não abdicava da força bruta, pelo contrário, mas que não deixava de ser ambíguo. Um robô que era capaz de dançar como Fred Astaire e matar usando apenas suas mãos robóticas, que podia servir como brinquedo sexual, tudo dependia da situação em que estivesse envolvido ou dos humores de sua amante Lubna – única pessoa capaz de controlá-lo. Uma mistura inquietante, improvável e perigosa, como a nova revista.

¹⁶² Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Rogério de Campos em 11/02/2021.

Figura 73 — *Ranxerox* na capa da primeira *Animal*.



Fonte: *Animal* n. 1 (1988, p. 1).

O nome *Mau*, no entanto, não seria desperdiçado, cabendo a ele designar uma inovação que a *Animal* traria ao mercado editorial brasileiro: um encarte a ser publicado em cada edição. Espécie de reverso da moeda da *Animal*, tratava-se de um encarte “feio, sujo e malvado”.

6.2 MAU: FEIO, SUJO E MALVADO

Por trás da criação do *Mau* estava a ideia de um espaço para radicalização do discurso da revista, considerados os temas abordados na *Animal* e no *Mau* como um todo. De acordo com Rogério de Campos¹⁶³, a principal influência neste aspecto foi a revista francesa *Zoulou*, que trazia o encarte *Zoo* em seu miolo, com páginas em papel diferente e dimensões menores que o restante da revista – incluindo o *Pygmée*, um encarte dentro do encarte, também com dimensões distintas (Figura 74). No caso da *Zoulou*, havia uma diferenciação inclusive nas dimensões das páginas, com algumas delas sendo menores que o formato da revista. Na *Animal*, essa diferenciação material se deu na escolha do papel e em um uso de cores aplicadas, – um processo comparativamente menos sofisticado que o da policromia, o mais usado nas páginas em cores da revista. No caso, a comparação se dava entre o papel-jornal do *Mau* e o couché da *Animal* e entre a policromia desta e o uso de cores aplicadas em geral sem a utilização de retícula, ou de apenas uma cor (preto e branco) no encarte.

¹⁶³ Entrevista concedida a Guilherme Caldas dos Santos por Rogério de Campos em 11/02/2021.

Figura 74 — Comparação entre primeira edição da revista Zoulou (1984) e a revista *Animal* (1988), com seus respectivos encartes – Zoo e *Mau*.



Fonte: Zoulou n. 1 (1984), *Animal* n. 4 (1988), Autoria própria (2022, 2023).

Newton Foot observa que uma das ideias por trás do *Mau* era “falar mal das coisas, de tudo”.

O *Mau* se chamava assim porque ele falava mal de tudo! Por exemplo, você ia fazer uma matéria, a linguagem do *Mau* era falar mal. Não importava se você gostava ou não do assunto, da matéria. Era ironia, era um deboche. Então, você ia falar de um assunto, mesmo que você gostasse daquele assunto, uma banda, por exemplo, você ia escrever um artigo como se estivesse falando mal! Mal daquele assunto¹⁶⁴.

O material rústico era uma forma de refletir isso. Para Rogério de Campos:

[Com o] papel-jornal a gente pode fazer o que a gente não pode fazer em couché. Não dá para fazer isso aqui em couché. Eu nem sei se industrialmente saia mais barato, mesmo. Mas essa liberdade de ser um encarte barato, que não fazia mal se fosse horrível, se não fosse comercial, tá valendo. Então, isso deu a liberdade pro *Mau*. Esse era o conceito do negócio. De ser uma coisa que não fazia mal se fizesse aquilo lá daquele jeito [tosco]¹⁶⁵.

Em termos editoriais, essa postura em relação ao encarte resultou em uma liberdade na diagramação que, de modo geral, não se verificava no restante da revista. Enquanto a *Animal* tinha uma aparência relativamente sóbria, o *Mau* tendia a ser mais anárquico, com elementos visuais dispostos mais livremente ao longo de suas páginas. Isso decorria, em boa parte, do fato de *Animal* e *Mau* publicarem conteúdo, principalmente HQs, oriundos de fontes distintas (Tabela 7).

Tabela 7 — Quadrinhos segundo país de origem: HQ.

País de origem	HQ (páginas)	Proporção HQ/Tirinha	% do total de HQs	Quantidade de autores
Brasil	67	16,46%	25,19%	34
Itália	52	12,78%	19,55%	11
Espanha	47	11,55%	17,67%	16
França	46	11,30%	17,29%	14
Reino Unido	15	3,69%	5,64%	7
Indeterminado	13	3,19%	4,89%	7
Estados Unidos	11	2,70%	4,14%	—

¹⁶⁴ Entrevista concedida por Newton Foot a Guilherme Caldas dos Santos em 21/10/2021.

¹⁶⁵ Entrevista concedida por Rogério de Campos a Guilherme Caldas dos Santos em 11/02/2021.

Argentina	7	1,72%	2,63%	2
Alemanha	5	1,23%	1,88%	4
Bélgica	1	0,25%	0,38%	1
Portugal	1	0,25%	0,38%	1
Canadá	1	0,25%	0,38%	1
Subtotal (autores estrangeiros)	199		74,81%	64
Total	266		100,00%	98

Fonte: Autoria própria (2022).

Enquanto as HQs publicadas na *Animal* eram adquiridas, em sua maior parte, já prontas da Europa (principalmente Itália, França e Espanha), o *Mau* tinha uma presença mais expressiva de autores nacionais, não raro com materiais produzidos especificamente para o encarte. Visualmente, isso tinha algumas implicações. A *Animal* acabava, de certa forma, vinculando-se às suas congêneres europeias e aos álbuns europeus (Figura 75). Trata-se do "48CC", já mencionado, e que, no caso da *Animal*, era uma definição que contribuía para aproximá-la do conceito de *graphic novel*, algo novo no mercado editorial brasileiro daquele momento, com a qual, no entanto, não deve ser confundida¹⁶⁶.

¹⁶⁶ Sobre a definição e um apanhado histórico do termo e do conceito de *graphic novel*, ver Santiago Garcia (2012, p. 32-34)

Figura 75 — À esquerda, *Ranxerox* na *Animal* nº 11. À direita, página do personagem Asterix.

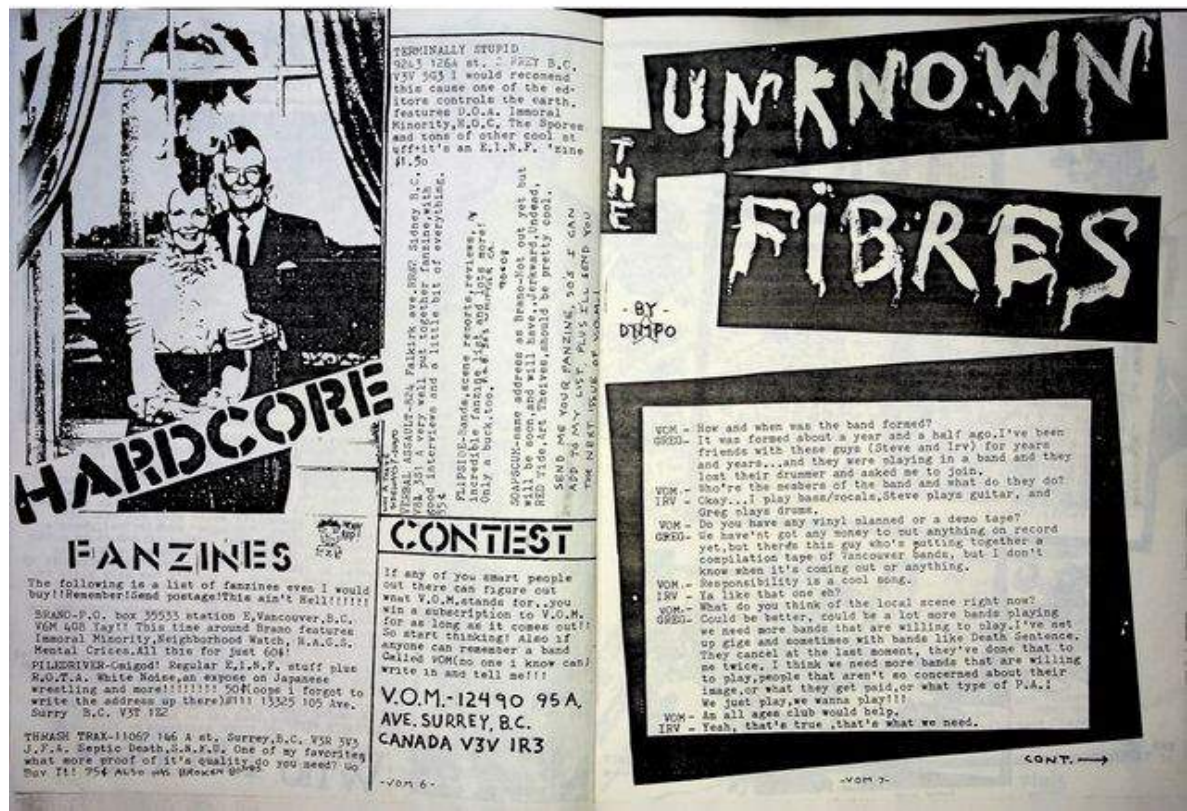


Fonte: *Animal* n. 17 (1991, p. 79), Goscinny e Uderzo (1970, p. 6).

Por sua vez, o *Mau* tendia a se relacionar com os fanzines (Figura 76) que, produzidos de maneira autônoma, apresentavam uma variação formal que tinha raízes nas pretensões experimentais de seus editores e nas dificuldades e limitações técnicas de um momento em que as conveniências proporcionadas pelo uso de computadores nas artes gráficas era, ainda, incipiente – em um processo híbrido, com parte do texto sendo gerada por computador, e a maior parte da diagramação feita com base no *paste up*¹⁶⁷.

¹⁶⁷ Ver Briar Levit (2017).

Figura 76 — Abaixo, páginas da edição nº 9 do Mau. Embaixo, páginas do fanzine V.O.M.

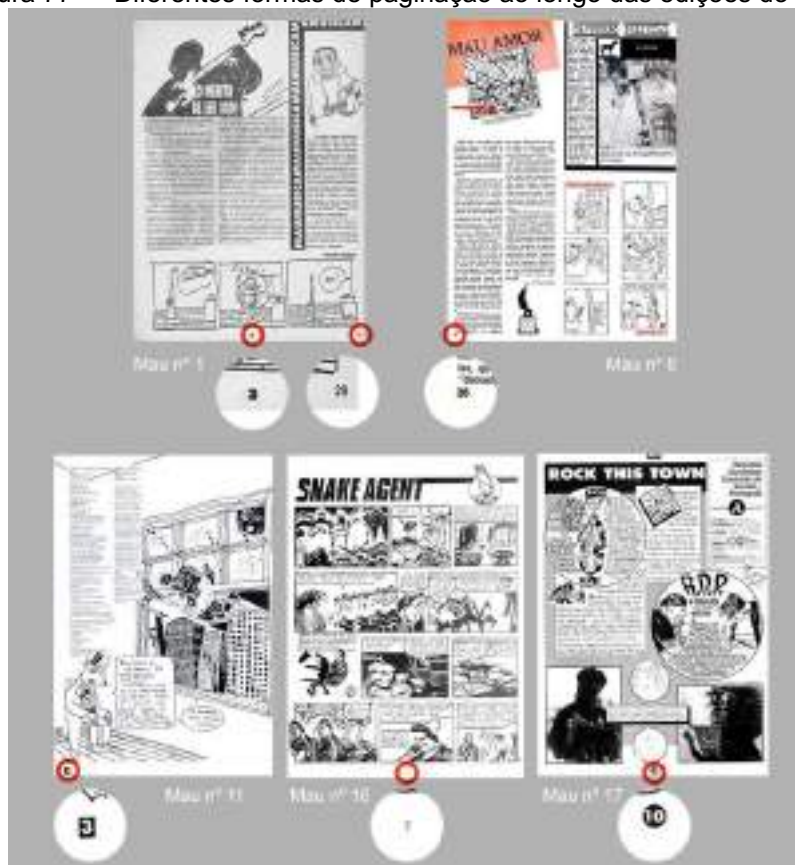


Fonte: Animal n. 09 (1989, p. 34-35); V.O.M n. 01 (1984, p. 6-7).

Essa era uma diferenciação destacada na própria revista, como quando o *Mau* publicou um texto referindo-se à *Animal* como a “revista que serve de capa protetora para o seu exemplar de *Mau*”¹⁶⁸ ou quando se refere a si própria como “revista *Mau*”¹⁶⁹. O que seria reforçado, de maneira curiosa, quando Rogério de Campos lançou uma 24ª edição do *Mau*, e não da *Animal*, em 2019, através de sua editora, a Veneta¹⁷⁰.

Outra diferenciação, esta indireta, foi a numeração das páginas em algumas edições. Na primeira edição da revista, vê-se a indicação de duas numerações de página, uma geral, de toda a revista, e outra do *Mau*. Esta ambiguidade foi abandonada logo depois, com o encarte seguindo a numeração geral até a edição 11, quando passou a exibir uma numeração própria de páginas, o que se manteria até sua edição final (Figura 77).

Figura 77 — Diferentes formas de paginação ao longo das edições do *Mau*.



Fonte: Autoria própria (2022).

¹⁶⁸ *Animal* n. 3, p. 32.

¹⁶⁹ *Animal* n. 1, p. 34.

¹⁷⁰ Ao ser indagado sobre o motivo de ter lançado uma 24ª edição, e não uma 23ª, Rogério de Campos alegou uma falta de atenção a esse detalhe.

A *Animal* manteve a numeração de páginas considerando o intervalo representado pelas 16 páginas pelo *Mau*. Ou seja, se na edição de número 15 o *Mau* começava após a página 34 da *Animal*, com sua capa correspondendo à página 35 do conjunto de páginas da revista, a paginação geral após o término do encarte iria ser retomada na página 51, sendo consideradas as páginas 1 a 16 do *Mau* como sendo as páginas 35 a 50 da *Animal* (Figura 79).

Figura 78 — Distribuição do conteúdo da *Animal* nº 19.



Fonte: Autoria própria (2022).

O artista gráfico MZK, colaborador do *Mau* em sua fase final, via essa divisão dentro da equipe responsável pela revista assim:

Era legal porque a revista tinha duas edições. Tinha a edição da *Animal*, e a do *Mau* era outra. Outra edição. Que se completavam bem, mas eram pensadas separados. [...] O *Mau* era mais a Priscila [Farias], o Fábio [Zimbres] e o Newton [Foot], e a *Animal* era mais o Rogério [de Campos]¹⁷¹

Não havia uma divisão rigorosa. Nunca houve elementos da equipe que tenham ficado exclusivamente encarregados da *Animal* ou do *Mau*. Ao longo das 22 edições, todos os responsáveis pela revista trabalharam nela como um todo.

¹⁷¹ Entrevista concedida por MZK a Guilherme Caldas dos Santos em 07/10/2021.

Era uma divisão relativizada, também, pelo próprio Rogério de Campos, que considera seu período na direção da revista como um período mais anárquico, em que a revista era “cheia de pontas soltas”, tornando-se “mais redondinha”¹⁷² após sua saída, a partir da 10ª edição. De acordo com Priscila Farias, havia essa diferenciação, com o *Mau* correspondendo a um lado “mais experimental, mais agressivo”: “Eu acho que tinha uma percepção das coisas que tinham mais a ver, entre nós, coisas que tinham cara de *Mau* e coisas que tinham cara de *Animal*”¹⁷³.

6.2.1 Aspectos físicos do *Mau*

Essa “cara de *Mau*” tinha relação estrita com o papel em que o encarte era produzido, elemento que ajudava a diferenciá-lo do restante da revista. Havia, ainda, o uso de cores aplicadas, frequentemente usada no *Mau* entre as edições 6 e 15, e, após estas, podendo ser encontrada nas edições 16, 19 e 22. Estas aplicações consistiam em elementos gráficos que podiam ser impressos em azul, amarelo, laranja, lilás ou, mais frequentemente, em vermelho. Diferente da policromia, no modo de cor aplicada, utiliza-se uma matriz em *offset* (Figura 79) para cada cor – no caso do *Mau*, normalmente duas matrizes, podendo chegar a três, como nas edições 14 e 15 ou a quatro, como na sua edição 9 – nesse caso, em decorrência de uma das raras policromias a aparecer no suplemento (Figura 80).

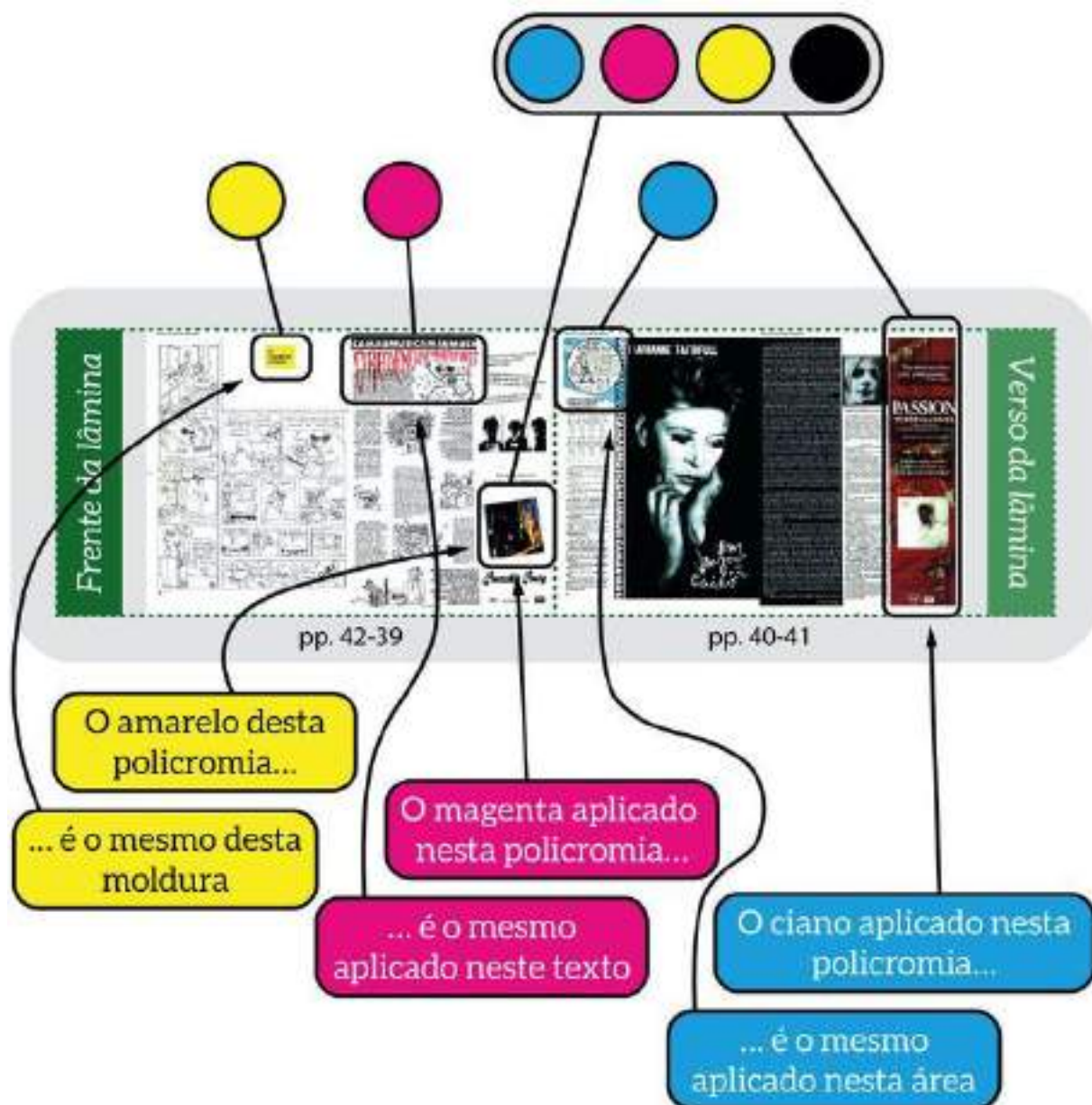
¹⁷² Entrevista concedida por Rogério de Campos a Guilherme Caldas dos Santos em 11/02/2021.

¹⁷³ Entrevista concedida por Priscila Farias a Guilherme Caldas dos Santos em 01/02/2021.

Figura 79 — Esquema de cor aplicada no *Mau* nº 14.

Fonte: Autoria própria (2022).

Figura 80 — Combinação de policromia com cores aplicadas no *Mau* nº 9.



Fonte: Autoria própria (2022).

No caso da Figura 80, houve um aproveitamento de policromias empregadas em três publicidades veiculadas na edição – para os LPs *Paul's Boutique* (Beastie Boys), *Passion* (Peter Gabriel) e *P.I.L 9* (Public Image Limited). É curioso notar que a policromia nessa edição se restringiu aos anúncios feitos pela gravadora EMI, sendo as cores nas demais páginas do *Mau* utilizadas como cores aplicadas. Questionado a respeito, Fábio Zimbres¹⁷⁴ considerou que isso pode ter se dado por uma economia de retículas – um material específico de produção gráfica e nem sempre

¹⁷⁴ Troca de mensagens realizada em 04/11/2021.

facilmente disponível. Cores impressas com 100% de cobertura da área que se pretendia colorir, ao contrário, poderiam ser indicadas com o uso de tinta nanquim ou mesmo de um papel preto.

6.2.2 Presença brasileira no *Mau*

O processo de fichamento das 22 edições e os dados obtidos ajudam a entender um pouco a diferença entre *Animal* e *Mau*. Uma das alegações a respeito da revista é a de que publicava pouco material brasileiro. Sem rebater essa acusação, Newton Foot argumenta que o material nacional que chegava à revista, muitas vezes, não tinha afinidade com a sua linha editorial - “o material parecia mais a Marvel, naquele estilo de histórias de super-heróis. E realmente não tinha a ver com a *Animal*”¹⁷⁵. Foot podia estar se referindo ao estilo “frazetoide” que chegou a causar uma certa indignação no *Maudito Fanzine* da edição nº 14 do *Mau*: “Pessoal, vê se põe a cabeça pra funcionar. Não é intenção desta seção ficar esculhambando com fanzine nenhum, mas depois do milésimo monstro Frazetoide a paciência vai pras cucuias”¹⁷⁶. Priscila Farias completa:

Tinha muitos [quadrinhos brasileiros enviados para a revista] ruins. Tinha outros que eram legais e não tinham a ver com a revista. A gente sempre tentava, se a gente não gostava ou se achava que não tinha a ver com a revista, explicar porque às vezes as pessoas entendiam, mas é difícil explicar essas coisas (DIAS; KAZI, 1994, p. 29)¹⁷⁷.

Celso Singo complementa o argumento para a atuação da equipe responsável pela *Animal*, que poderia ter levado à percepção da baixa presença de artistas nacionais na revista: não havia volume de produção brasileira que pudesse manter o nível editorial pretendido por seus idealizadores. O que ele atribui mais ao contexto de mercado de quadrinhos do que a uma eventual falta de talentos no país:

Não é que não tinha [talentos no Brasil], o Newton [Foot], Luiz Gê, esse pessoal, todos eles eram capazes [de produzir em alto nível]. Não tinha era o mercado para pagar essas pessoas. Porque se você vai na *Zoulou*, por

¹⁷⁵ Entrevista concedida por Newton Foot a Guilherme Caldas dos Santos em 21/10/2021.

¹⁷⁶ *Animal* nº 14, p. 44.

¹⁷⁷ Entrevista concedida por Priscila Farias a Guilherme Caldas dos Santos em 01/02/2021.

mais alternativo que seja, tem lá os anúncios de cigarro, carro, whisky e eles pagavam os artistas¹⁷⁸.

Um olhar sobre os dados relativos ao conteúdo da revista mostra, no entanto, que a questão é um pouco mais complexa do que isso. Considerada em número de ocorrências, ou seja, cada HQ ou tirinha de quadrinhos contando como uma ocorrência, independentemente do número de páginas, autores brasileiros correspondem a mais de 40% do total de material publicado, mais que o triplo de autores italianos (12,93%), que aparecem em segundo lugar na lista. Uma proporção que se amplia, considerando o número de artistas brasileiros e italianos publicados (45x11, respectivamente) (Tabela 8).

Tabela 8 — País de origem dos autores de quadrinhos (geral).

País	HQ+Tirinhas	% sobre o total
Brasil	168	40,98%
Itália	53	12,93%
Espanha	47	11,46%
França	46	11,22%
Bélgica	41	10,00%
Reino Unido	15	3,66%
Indeterminado	14	3,41%
Estados Unidos	12	2,93%
Argentina	7	1,71%
Alemanha	5	1,22%
Portugal	1	0,24%
Canadá	1	0,24%
Subtotal (autores estrangeiros)	242	59,02%
Total	410	100,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

¹⁷⁸ Entrevista concedida por Celso Singo a Guilherme Caldas dos Santos em 13/05/2022.

Entretanto, o que parece ser uma larga margem a favor dos quadrinhos nacionais muda de figura quando consideramos o país de origem dos autores segundo a quantidade de páginas publicadas. Neste caso, verifica-se que os 11 artistas italianos foram responsáveis pelo conteúdo de 338 páginas de HQ, entre um quarto e um terço do total das 1247 páginas publicadas de HQ (27,11%), enquanto o material nacional correspondeu a 171 páginas, menos de um sexto (13,7%) do conjunto de HQs (Tabela 9).

Tabela 9 — Páginas de HQ segundo país de origem.

País de origem	HQ (páginas)	% do total de páginas de HQ	<i>Animal</i>	<i>Mau</i>
Brasil	171	13,71%	116	55
Itália	338	27,11%	320	18
Espanha	336	26,94%	331	5
França	160	12,83%	135	20
Reino Unido	72	5,77%	58	14
Indeterminado	16	1,28%	0	11
Estados Unidos	53	4,25%	51	2
Argentina	39	3,13%	37	2
Alemanha	53	4,25%	53	0
Bélgica	5	0,40%	5	0
Portugal	3	0,24%	3	0
Canadá	1	0,08%	0	1
Subtotal (autores estrangeiros)	1076	86,29%	993	73
Total	1247	100,00%	1.109	128

Fonte: Autoria própria (2022).

Usando um outro recorte, a diferença fica mais evidente. De 338 páginas publicadas produzidas por artistas italianos, pouco menos da metade, 159 páginas (47,04%), são coloridas (policromia) (Tabela 10), apenas 12 páginas a menos que as 171 páginas de HQ produzidas por artistas brasileiros publicadas. Em resumo, 11 artistas italianos publicaram um total de páginas em cores quase igual ao total de páginas publicadas por artistas brasileiros. Uma situação que não muda muito em

relação aos artistas espanhóis, com ligeiras variações. Neste caso, são 14 artistas, com 336 páginas publicadas, 171 das quais em policromia, ou seja, a totalidade de páginas produzidas por brasileiros – isso, sem contar mais 41 páginas com cor aplicada de autoria do quadrinista espanhol Max (Tabela 10). No caso francês, a conta fica um pouco mais equilibrada, em relação ao número total de páginas, 160 a 171, mas, ainda aí, permanece a disparidade, já que se trata de 16 artistas franceses em comparação com 45 brasileiros. No caso dos franceses, a proporção entre páginas em policromia e páginas com apenas uma cor (PB) é um pouco diferente, com um pouco mais que um terço delas (36,88%) sendo impressas em cores. Ainda assim, praticamente seis vezes mais que o número de páginas coloridas em policromia produzidas por brasileiros, um placar de 59x10 páginas a favor dos franceses (Tabela 10).

Tabela 10 — Páginas de HQ coloridas segundo país de origem

País de origem	Policromia	% do total de páginas em policromia	<i>Animal</i> (cor aplicada)	% do total de páginas (cor aplicada)	<i>Mau</i>	% do total de páginas (cor aplicada)
Brasil	10	2,07%	0	0,00%	13	92,86%
Espanha	171	35,48%	41	100,00%	0	0,00%
Itália	159	32,99%	0	0,00%	0	0,00%
França	59	12,24%	0	0,00%	0	0,00%
Alemanha	53	11,00%	0	0,00%	0	0,00%
Estados Unidos	25	5,19%	0	0,00%	0	0,00%
Bélgica	5	1,04%	0	0,00%	0	0,00%
Reino Unido	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Indeterminado	0	0,00%	0	0,00%	1	7,14%
Argentina	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Portugal	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Canadá	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Subtotal (autores	472	97,93%	41	100,00%	1	7,14%

estrangeiros)						
Total	482	100,00%	41	100,00%	14	100,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

Isso reflete não tanto uma disparidade de talentos ou uma falta de ardor nacionalista por parte dos editores da *Animal*, quanto o abismo de condições de trabalho para artistas brasileiros e artistas atuando no centro do sistema (neste caso, Itália, França, Espanha e Estados Unidos principalmente). O fato é que publicar em cores era uma barreira bastante séria para qualquer publicação brasileira de quadrinhos autorais, conforme observa Priscila Farias:

[...] eu acho que tinha uma questão prática, também, porque publicar colorido era muito caro. Fazer um fotolito de uma arte colorida era caríssimo, tinha que investir um dinheiro para fazer. Então você tinha que escolher uma história, e aquelas poucas páginas coloridas que a gente tinha eram contadas. E tinha, mesmo, uma conta, super no limite, de quantas páginas poderiam ser. Então você vê que é raro, na verdade, aparecer histórias brasileiras [...] coloridas¹⁷⁹.

Havia além do custo, um lado de praticidade, conforme comenta Luiz Gê, ao lembrar da desproporção entre páginas em cores e páginas em preto e branco em sua própria produção:

A questão da cor, a gente realmente trabalhou muito em preto e branco (PB) durante os anos 1970 inteiros e parte dos 1980. Na realidade, era bem mais objetivo e ágil, o PB, porque você fazia a sua arte, mandava para a gráfica e pronto, acabou o trabalho¹⁸⁰.

Quando a atenção se volta para as tirinhas, o quadro de predominância da HQ estrangeira em relação à nacional se inverte – e de forma bastante pronunciada. Considerando novamente o critério de cada tirinha contando como uma ocorrência, temos 101 tirinhas, de um total de 144 publicadas ao longo das 22 edições, o que dá mais de 70% de presença brasileira nesse formato (Tabela 11). Em segundo lugar na lista ficam os artistas belgas Kamagurka e Herr Seele, com as aventuras de Cowboy Henk correspondendo a pouco mais de 27%.

¹⁷⁹ Entrevista concedida por Priscila Farias a Guilherme Caldas dos Santos em 01/02/2021.

¹⁸⁰ Entrevista concedida por Luiz Gê a Guilherme Caldas dos Santos em 10/09/2016.

Tabela 11 — Quadrinhos segundo país de origem: tirinhas.

País de origem	Tirinha	Proporção HQ/Tirinha	% do total de tirinhas	Quantidade de autores
Brasil	101	24,82%	70,14%	22
Bélgica	40	9,83%	27,78%	2
Itália	1	0,25%	0,69%	1
Indeterminado	1	0,25%	0,69%	–
Estados Unidos	1	0,25%	0,69%	1
Espanha	0	0,00%	0,00%	0
França	0	0,00%	0,00%	0
Reino Unido	0	0,00%	0,00%	0
Argentina	0	0,00%	0,00%	0
Alemanha	0	0,00%	0,00%	0
Portugal	0	0,00%	0,00%	0
Canadá	0	0,00%	0,00%	0
Subtotal (autores estrangeiros)	43		29,86%	4
Total	144		100,00%	26

Fonte: Autoria própria (2022).

O que esse levantamento indica é que, de fato, não houve uma ausência de produção nacional na *Animal* ou no *Mau*. O que ocorreu é que esta se dava em um formato em detrimento de outro. Quadrinhos brasileiros eram bastante raros nas HQs publicadas como páginas, especialmente as coloridas. Uma consequência disso é que a produção brasileira publicada na revista ficava quase toda restrita ao *Mau*, em detrimento da *Animal*, uma vez que a publicação de tirinhas ficava quase toda concentrada no encarte (72,22%) – a exceção eram as tiras de *Cowboy Henk* (Tabela 12).

Tabela 12 — Distribuição de tirinhas entre *Animal* e *Mau*.

País de origem	Total	% sobre o total	<i>Animal</i>	% na <i>Animal</i>	<i>Mau</i>	% no <i>Mau</i>

Brasil	101	70,14%	0	0,00%	101	97,12%
Bélgica	40	27,78%	40	100,00%	0	0,00%
Itália	1	0,69%	0	0,00%	1	0,96%
Indeterminado	1	0,69%	0	0,00%	1	0,96%
Estados Unidos	1	0,69%	0	0,00%	1	0,96%
Espanha	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
França	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Reino Unido	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Argentina	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Alemanha	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Portugal	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Canadá	0	0,00%	0	0,00%	0	
Subtotal (autores estrangeiros)	43	29,86%	40	100,00%	3	2,88%
Total	144	100,00%	40	100,00%	104	100,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

Por um lado, isso significa que autores brasileiros tinham seu material publicado, muitas vezes, na parte experimental, “rústica” da revista, ficando italianos, franceses e espanhóis com o papel e a impressão “chiques”. Nas palavras do editor Márcio Paixão Jr.: “o *Mau* é o Brasil da *Animal*, [...] a versão pobre, mal-arranjada, mas, ao mesmo tempo, mais criativa e mais casca grossa”¹⁸¹. Por outro lado – e talvez aqui se tenha mais um indicativo importante na diferenciação entre *Mau* e *Animal* – sendo um material de fôlego muito mais curto e mais direto, mais simples de produzir que uma HQ de várias páginas, tirinhas eram um campo ideal de atuação para artistas locais, em um ambiente menos estruturado do que o dos países centrais já mencionados. Encaixavam-se melhor numa parte da revista que se permitia ousadias maiores, inclusive quanto ao formato. Sendo um material mais ágil, tirinhas podiam ser mais facilmente solicitadas e cobradas dos autores por parte da equipe da revista – que, aliás, produzia também uma parte desse material. É Luiz

¹⁸¹ Conversa telefônica em 13/02/2022.

Gê que comenta sobre uma das grandes dificuldades de um mercado editorial de quadrinhos entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990:

Acho que está surgindo no Brasil uma nova quantidade de desenhistas de talento, de qualidade, mas eles precisam ter um pouco de espaço para poder exercitar e fazer a coisa ficar de alto nível. No Brasil, o cara tem que surgir pronto, como um gênio da natureza, ou então não existe. Eu me lembro de quando surgiu o Lourenço (sic) Mattotti, fiquei impressionado, porra, de onde veio esse cara, a Europa é foda! Mas de repente comecei a olhar as minhas coleções da revista italiana *Alter* e descobri que ele estava lá, bem no começo, ainda muito ruim, uma coisa que eu não dava a menor importância... e de repente o cara estoura! (MIL PERIGOS, 1991, p. 47)

Ou seja, brasileiros eram publicados, na maior parte das vezes, na parte mais experimental da revista – justamente a mais rebelde e malcriada. Durante a investigação, esse processo não pareceu nunca ser deliberado, algo como uma diretriz para selecionar artistas nacionais para a parte mais radical ou mais tosca da revista – ainda assim, há uma diferença importante aí. Levando-se em conta a consideração feita por Priscila Farias (de que algumas coisas tinham mais cara de *Animal* enquanto outras tinham mais cara de *Mau*), por qual razão os artistas brasileiros acabavam tendo sempre mais cara de *Mau*? Havia um caráter “marginal” na produção brasileira autoral do período? Se olharmos alguns dos artistas estrangeiros, em especial os italianos, veremos que suas origens não se encontram exatamente em berço dourado. Para ficar apenas em um exemplo, a ideia por trás da criação de *Ranxerox* veio da observação de uma manifestação violenta por parte de um grupo de estudantes. Segundo seu criador, Stefano Tamburini, o personagem

[...] nasceu em um ônibus, quando eu voltava para a universidade depois de uma série de batalhas contra a polícia, em 1977. Havia um fotocopadora usada sendo chutada por vários estudantes e me veio à mente que ela poderia ser transformada, de uma simples fotocopadora da realidade, em uma coisa mais ativa e mais bélica... poderia ser transformada em um robô por um estudante de bioeletrônica. Que foi exatamente o que desenhei para a *Cannibale*. (CAMPOS, 2010, p. 5)

Não havia uma ausência absoluta de artistas brasileiros de alto nível atuando nos quadrinhos¹⁸², mas, ainda assim, esta produção não teve uma presença marcante nas páginas da revista na forma de HQs coloridas. É o caso de Octavio Cariello, que já atuava como quadrinista e chegou a colaborar com a *Animal* como letrista, ilustrador, diagramador, mas que nunca teve uma HQ sua publicada na revista por uma questão de afinidade com a sua linha editorial (DIAS; KAZI, 1994).

6.2.3 Relação com o público

Ao ser perguntado sobre a referência a “o” *Mau*, em vez da “a” (revista) *Mau*, Newton Foot¹⁸³ considera que era pelo fato de ser “o encarte” *Mau*. Apesar disso, é possível encontrar no *Mau* uma referência a si próprio como fanzine, também substantivo masculino¹⁸⁴– e algo que indicaria uma autonomia em relação à *Animal*. Priscila Farias reforça o entendimento de Newton Foot, considerando que o *Mau* era um encarte, parte integrante da *Animal*, e não uma publicação autônoma – nem mesmo um fanzine¹⁸⁵.

Seja como for, o fato é que o *Mau* apresentou uma forte integração com seu público leitor, formado em parte por ilustradores, quadrinistas, fanzineiros de todo tipo, músicos, além de pessoas ligadas a outros segmentos relacionados com atividades criativas. Nisso, a *Animal/Mau* não se diferenciava muito de suas contemporâneas, mas, no seu caso, este público foi, além de leitor, tema e, em alguns casos, colaborador da revista – principalmente em seu encarte.

Nestas colaborações, que aparecem ao longo das 22 edições da revista, não era raro encontrar personagens que transitavam e atuavam no circuito *underground* paulistano. Um grupo que formava uma intersecção entre a revista e seu público produzia resenhas, ilustrações, quadrinhos ou materiais às vezes difíceis de classificar em uma categoria definida. Mesmo sendo este um grupo, em grande parte, geograficamente restrito (no caso, à cidade de São Paulo), a *Animal/Mau*

¹⁸²No início da década de 1990, havia artistas brasileiros atuando para editoras de HQ nos Estados Unidos. É o caso de Marcelo Campos, na Malibu (1989) e na DC Comics (1991), de Joe Bennett e Roger Cruz, na Marvel (1992) e Mike Deodato Jr. na Innovation (1993). (FOLHA DE S. PAULO, 2007), (MENEZES, 2007), (MARCHAND, 2014).

¹⁸³Entrevista concedida por Newton Foot a Guilherme Caldas dos Santos em 21/10/2021.

¹⁸⁴*Animal* nº 6, p. 47. Curiosamente o termo fanzine vem sendo referido nos últimos anos como “a” fanzine, principalmente pelos mais jovens.

¹⁸⁵Entrevista concedida por Priscila Farias a Guilherme Caldas dos Santos em 01/02/2021.

apresentava proximidade entre os grupos de leitores e produtores da revista, com uma fluidez, muitas vezes, expressa em seu conteúdo.

6.2.3.1 *Maudito Fanzine*

Uma das poucas seções a apresentar clareza de conteúdo e relativa estabilidade formal desde a primeira edição, o *Maudito Fanzine* (Figura 81) incorporou no seu nome a ideia de fanzines como expressão marginal combinado com o trocadilho com o nome do encarte – algo bastante presente no *Mau*, sobretudo nas suas primeiras edições. Como o nome indica, o *Maudito Fanzine* se dedicava a resenhar fanzines de procedências variadas, especialmente os produzidos no Brasil.

Figura 81 — Maudito Fanzine na edição nº 7 do Mau.



Pedimos desculpas pra quem mandou as fanzines e ainda não foi divulgado. Um dia virá em que todos vocês ficarão satisfeitos. Tempo e espaço permitindo resolveremos os problemas de todos. Glória a Deus nas alturas.



BLUES REVIEW: R. Santo Antonio, 1008, apto. 05. 01314. São Paulo, SP. — Nº 3, 1/2 ofício, 28 pgs. Fanzine do Blues Roots Bixiga's Fan Club que produz tudo que saiu na imprensa do país sobre este tipo de música.

RABO DE PEIXE: Cx. Postal 3274. 01051. São Paulo, SP. — Nº 2, 1/2 ofício, 20 pgs. Um veículo a serviço do Rock'n'Roll do incansável WAZ. Matérias sobre o Eddie Cochran e Sonny Burgess.

PHYSICAL FUN: Cx. Postal 1072. 80001. Curitiba, PR. — 1/2 ofício, 16 pgs. "Porque Curitiba é a cidade preferida pelos imbecis?" é o que pergunta este vibrante órgão do lugar de responsabilidade do Alex Gopo. Inclui: "A verdadeira história do punk no Brasil".

ANTI-RATOS: R. General Azevedo Pimentel, nº 1. Jd. Malha. Santo Amaro, São Paulo, SP. — Nº 1, 1/2 ofício, 12 pgs. Anarquista, libertário, é anti-quase-tudo.

Quilômetros
gratuitamente
o pacote com
regulamento
inscrição
ATÉ 31 DE JULHO

INSERÇÕES
ADVERTS
DE TEMAS

REVISTA

CENAPI

Caixa Postal 54027

Cap: 22290 Rio/Rj



NEWS QUADRINHOS: R. Antonio Schroeder nº 1470. 88100. São José, SC. — Nº 1, ofício, 20 pgs. Informativo, basicamente Marvel/DC. Traz uma entrevista com o Daniel HDR.

FICÇÃO 3000: R. Maria Claudino da Cruz, 1565. 88000. Florianópolis, SC. — Nº 1, ofício, 12 pgs. Na mesma linha Marvel/DC etc.

ACÃO: Conj. Promorar, Q. 1, L. 27. 88000. Florianópolis, SC. — Nº 3, ofício, 16 Págs. Especial HQ eróticas.

TATTOO COMICS: Av. Engenheiro Armando de Arruda Pereira, 1193. 04309. São Paulo, SP. — Nº 0, 1/2 ofício, 16 pgs. Muito bom graficamente, bem bolado e engraçado este fanzine de quadrinhos, tatu e música feito por um sujeito legal, o Mauricio.

AMAZING FANZINE: SQS 112, J, 403. 70375. Brasília, DF. — Nº 1, ofício, 8 pgs. — Mais um fanzine dedicado aos fanáticos por Marvel/DC. Mas faz alguma menção a outros como o Love's Rockets.

LIXO: Av. Washington Luis, 5744. 41. 04626. São Paulo, SP. — 1/2 ofício, 12 pgs. Já saíram 4. É um dos fanzines mais engraçados que eu já li. Entrevistas, matérias e HQ.



Outras revistas do período divulgaram fanzines antes da *Animal* – como é o caso da *Chiclete com Banana*, que divulgou a *Brigitte*, produzida por Fábio Zimbres e Newton Foot, em sua sexta edição (1986) – mas, quando acontecia, era algo intermitente, em geral inserido na seção de cartas da revista – caso da *Chiclete com Banana* e da *Circo*. Nenhuma dessas iniciativas teve o foco nem a duração do *Maudito Fanzine* – que, nesse aspecto, foi um espaço único no que se poderia chamar de grande imprensa: uma revista estruturada, bem-produzida, com ampla distribuição e atuação comercial definida, reservando um espaço em suas páginas para a divulgação de fanzines. Nesse aspecto, o *Maudito Fanzine* estruturou uma prática bastante comum nos fanzines do período, a da divulgação que se dava por meio da publicação dos endereços de outros fanzines – caso do *Panacea*, por exemplo – ou pela inclusão dos chamados *flyers*, peças de divulgação de tamanho reduzido, nas correspondências trocadas entre os diversos fanzineiros (Figura 82)¹⁸⁶.

¹⁸⁶ Em conversas informais, Alex Cabral (fanzineiro, grafiteiro e artista plástico) confirmou esta prática de inserir em sua correspondência materiais de divulgação de outros fanzines.

Figura 82 — Flyers diversos da primeira metade da década de 1990. Para uma ideia das dimensões, o maior deles tem 13,2x9,3 cm, aproximadamente. Os demais estão em escala correspondente.



Fonte: Autoria própria (2022).

O *Maudito Fanzine*, além de ter sido a única seção publicada em todas as edições do *Mau*, chegou a ter uma sobrevida para além da *Animal*. Foi publicado como seção no fanzine *Hauuzc*, em 1993 (Figura 83), e, depois disso, como fanzine. Foi, ainda, uma seção no site da revista *Cybercomix*, no início dos anos 2000 e, depois disso, um projeto de seção que não chegou a se concretizar no site da Editora Tonto, de Fábio Zimbres (Figura 84).

Figura 83 — Sobrevida do *Maldito Fanzine* nas páginas da primeira edição do *Hauzuc* (1993).



Fonte: *Hauzuc* (1993).

Figura 84 — Em 2001, o *Maldito Fanzine*, entrou em férias.



Fonte: Zimbres, 2001.

6.2.3.2 Seção de cartas

Outra interface importante entre a *Animal/Mau* e seu público foi, como acontecia com outras publicações do período, a seção de cartas¹⁸⁷. Esta passou a ser publicada a partir da terceira edição da revista, funcionando de modo regular por apenas mais duas edições. Nas edições nos 6 e 7, a seção não foi publicada, e, na 8ª edição, foi publicada no *Mau*, com o aviso de que seria a última seção de cartas da revista. Anúncio que foi desmentido apenas três edições depois, ainda que a seção tenha reaparecido em um formato pouco usual.

A partir da 11ª edição, a seção, agora definitivamente no *Mau*, surgiu como uma relação geral de respostas a perguntas que continuaram a chegar à redação da revista. Na edição seguinte, essa abordagem foi se desdobrando, com a seção mesclando-se ao expediente do encarte e se ocupando de responder aos leitores sem, no entanto, publicar suas cartas, referindo-se de modo mais detalhado a algumas delas sob forma de um relato em terceira pessoa, como é o caso da banda Cancro: “A banda comunica com pesar o falecimento de seu vocalista, vítima de um atropelamento. Eles também são *punks* e tem uma demo”¹⁸⁸. Foi colocado, ainda, o endereço para contato. Uma única carta, de autoria do leitor Rinaldo Araújo, foi publicada, mas, ainda assim, entre aspas. Referida como um “manifesto”, esta foi a última carta de leitor a ser publicada na revista de forma direta:

“Quero uma história para ler o dia inteiro!!! Uma looo(oooo...)oonga (sic) história em quadrinhos, cheia de sexo, velocidade, humor, violência, lirismo, música, dramaticidade, genialidade, sexo, poesia, bang-bang, romance, fantasia, aventura, sexo etc., para aproximadamente 15 horas de viagem ininterrupta, com apenas uma breve pausa para o almoço e outra para ir ao banheiro. Para calcular o nº de páginas/quadrinhos desta história, considerem que para ler (e bem) uma *Chiclete com Banana* (sic), por exemplo, um ser humano aflito leva cerca de 40 minutos. Já as Níquel Náusea e *Geraldão*, entre 15 e 30 minutos. A *Animal* demora mais tempo: 1 hora (sic), incluindo os 10 minutos indispensáveis para ir ao banheiro após a leitura” (*ANIMAL* n. 12, 1990, p. 33)¹⁸⁹.

¹⁸⁷ Prática que ainda se mantém, como no caso da revista *Piauí*, por exemplo.

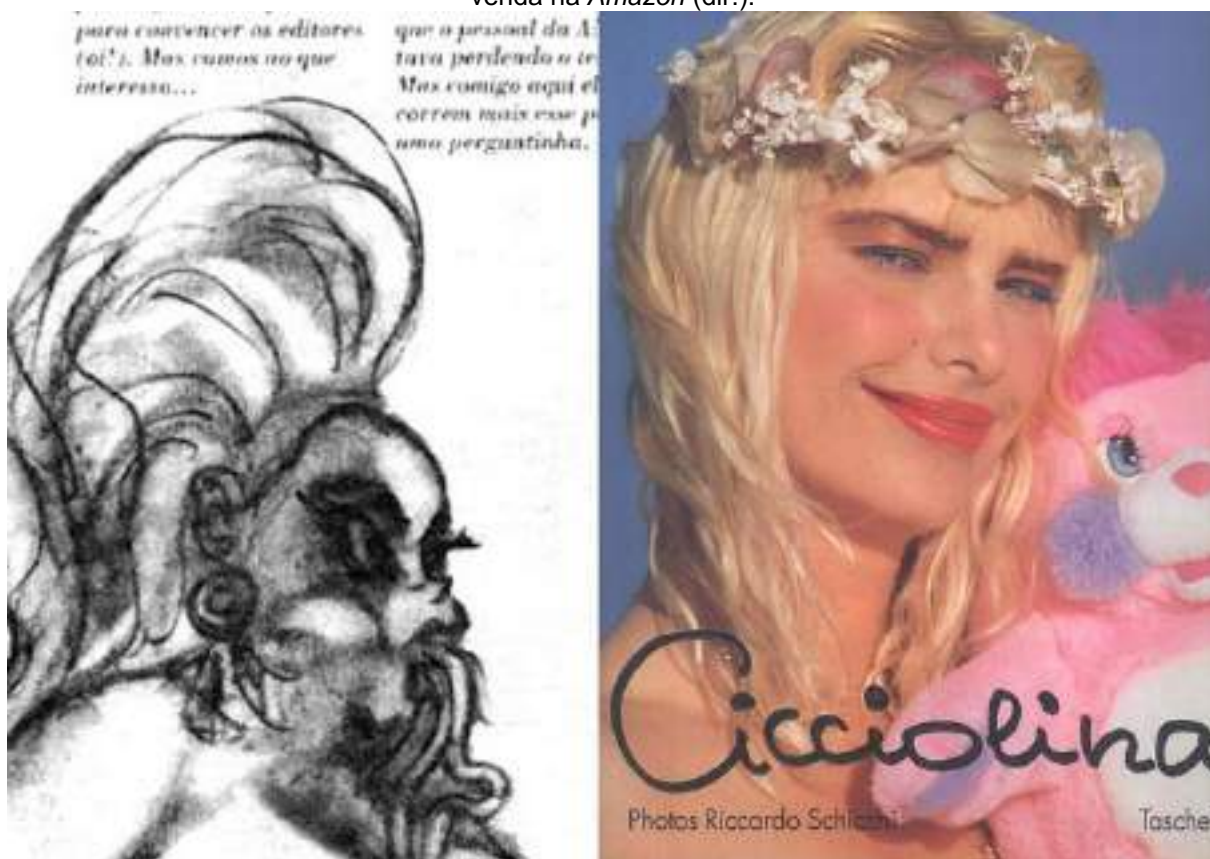
¹⁸⁸ *Animal* nº 12 (1990, p. 33).

¹⁸⁹ Entre aspas no original.

A edição seguinte trouxe referências ainda mais breves aos leitores em uma seção que, novamente, se confundiu com um expediente-quase-editorial e o índice do encarte. As respostas são curtas (“Oi Zé!” ou “Esse é pacifista.”) ou inexistentes, sendo listados apenas os nomes dos leitores e a cidade de onde escreveram.

A partir da 14ª edição, a personagem *Rita Hot Pussy* (Figura 85) anunciou que ficaria encarregada da seção de cartas, com os leitores da revista passando a ser respondidos de forma erotizada, como quando a personagem explica o motivo de ter sido deixada a cargo da seção: “Devo dizer que não foi muito difícil: uma piscadela e uma cruzada de pernas foram o suficiente para convencer os editores”¹⁹⁰.

Figura 85 — Rita Hot Pussy em sua primeira aparição no *Mau* (esq.). Ciciolina na capa de um livro à venda na *Amazon* (dir.).



Fonte: *Animal* n. 14 (1990, p. 33), *Ciciolina...* (2022).

As alusões à indústria pornográfica, chamando leitores e leitoras de “cicciolinas e cicciolinos”, era uma referência a Ciciolina, nome artístico da atriz

¹⁹⁰*Animal* n. 14 (1990, p. 33).

húngara naturalizada italiana Ilona Staller, uma das grandes estrelas da pornografia entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990 (Figura 85). Havia menções ao *Kama Sutra*, somando-se a termos e expressões como “tesão”, “sexy” ou “se virar na cama”¹⁹¹. O tom erotizado inclui, ainda, frases de sentido dúbio como no caso em que responde a um leitor indignado com a afirmação feita por Priscila Farias¹⁹² de que a banda de *heavy metal Sarcófago* era fraca: “Gente! Fraca é pouco!! O vocalista [do Sarcófago] não aguentou nem meio ‘round’ no sofá lá de casa!...”¹⁹³. A partir da 16ª edição, a seção oficializa a personagem e passa se chamar *Rita Hot Pussy responde*, permanecendo assim até o encerramento da revista. As referências às cartas recebidas, no entanto, permaneceram indiretas, com o encarte publicando apenas as respostas aos leitores.

6.2.3.3 *Bolinhas*

Bolinhas foi o nome dado às pequenas resenhas ilustradas que passaram a ser publicadas no *Mau*, como parte da seção *Mau Música*. A própria Priscila Farias não sabe ao certo quem começou a chamar as resenhas que misturavam texto e quadrinhos nem do motivo para serem denominadas assim, mas intui que isso tenha vindo do fato de estarem, muitas vezes, inscritas em círculos¹⁹⁴ – embora pudessem vir também contidas em molduras retangulares ou quadradas (Figura 86). É importante lembrar que “quadrinhos” podem ser relacionados a formatos diversos, podendo ser tiras, páginas ou outros formatos – a ponto de a definição do que é uma HQ se tornar difícil de estabelecer, como demonstra Scott McCloud no seu livro *Desvendando os Quadrinhos* (MCCLOUD, 1995, p. 8-9). A própria Priscila Farias, ao ser perguntada em um momento posterior ao encerramento da *Animal* sobre o motivo de ter deixado de produzir quadrinhos, afirmou que não só não tinha deixado, como não conseguia deixar de produzi-los, pois cada vez que mostrava seu portfólio para um potencial cliente, o comentário recorrente é de que seu trabalho “tinha cara de HQ”¹⁹⁵. Ou seja, o caráter de HQ nas *bolinhas* foi algo inerente ao estilo de desenho de Priscila Farias ao produzi-las, não estando vinculado a outros elementos

¹⁹¹ *Animal* n. 14 (1990, p. 33)

¹⁹² *Animal* n. 13 (1990, p. 35)

¹⁹³ *Animal* n. 15 (1991, p. 37)

¹⁹⁴ E-mail enviado por Priscila farias a Guilherme Caldas dos Santos em 16/10/2022.

¹⁹⁵ Revista *Animal* (14/09/1993). In: *Semana de quadrinhos na USP*. São Paulo: [s.n.], 1993.

normalmente associados a quadrinhos, tais como balões de fala ou, mesmo, uma sequência de imagens produzidas com a intenção de contar uma história.

Figura 86 — Bolinhas, por Priscila Farias.



Fonte: *Animal* n. 6 (1989, p. 40), *Animal* n. 14 (1990, p. 34).

Nas *bolinhas*, a pauta foi sempre relacionada à música – mais especificamente ao que acontecia em termos musicais no circuito *underground*, principalmente o paulistano. Priscila Farias já havia feito um primeiro ensaio com o formato na seção Rock & Samba, publicada apenas no quarto número da *Inter! Quadrinhos* (Figura 87). Segundo sua autora¹⁹⁶, as *bolinhas* foram bastante influenciadas, ainda que indiretamente, pelos trabalhos publicados por Serge Clerc na *Métal Hurlant*, especialmente da série *Rock City*, produzida em parceria com o jornalista Philippe Manoeuvre¹⁹⁷ e publicada entre março e novembro de 1977 (edições 15 a 23) (HUYE, 1985) (Figura 88).

¹⁹⁶ Entrevista concedida por Priscila Farias a Guilherme Caldas dos Santos em 01/02/2021.

¹⁹⁷ Crítico de rock da revista *Rock & Folk*, Manoeuvre foi um dos responsáveis por apresentar ao público francês o que havia de mais atual no segmento, além de ter tido influência na divulgação de bandas francesas de destaque no período (GRAVETT, 2009).

Figura 87 — Uso do formato de *bolinhas* nas páginas da revista *Inter! Quadrinhos*.



Fonte: *Inter! Quadrinhos* n. 4 (1984, p. 34-35).

Figura 88 — Rock City, por Serge Clerc e Phillippe Manoeuvre.

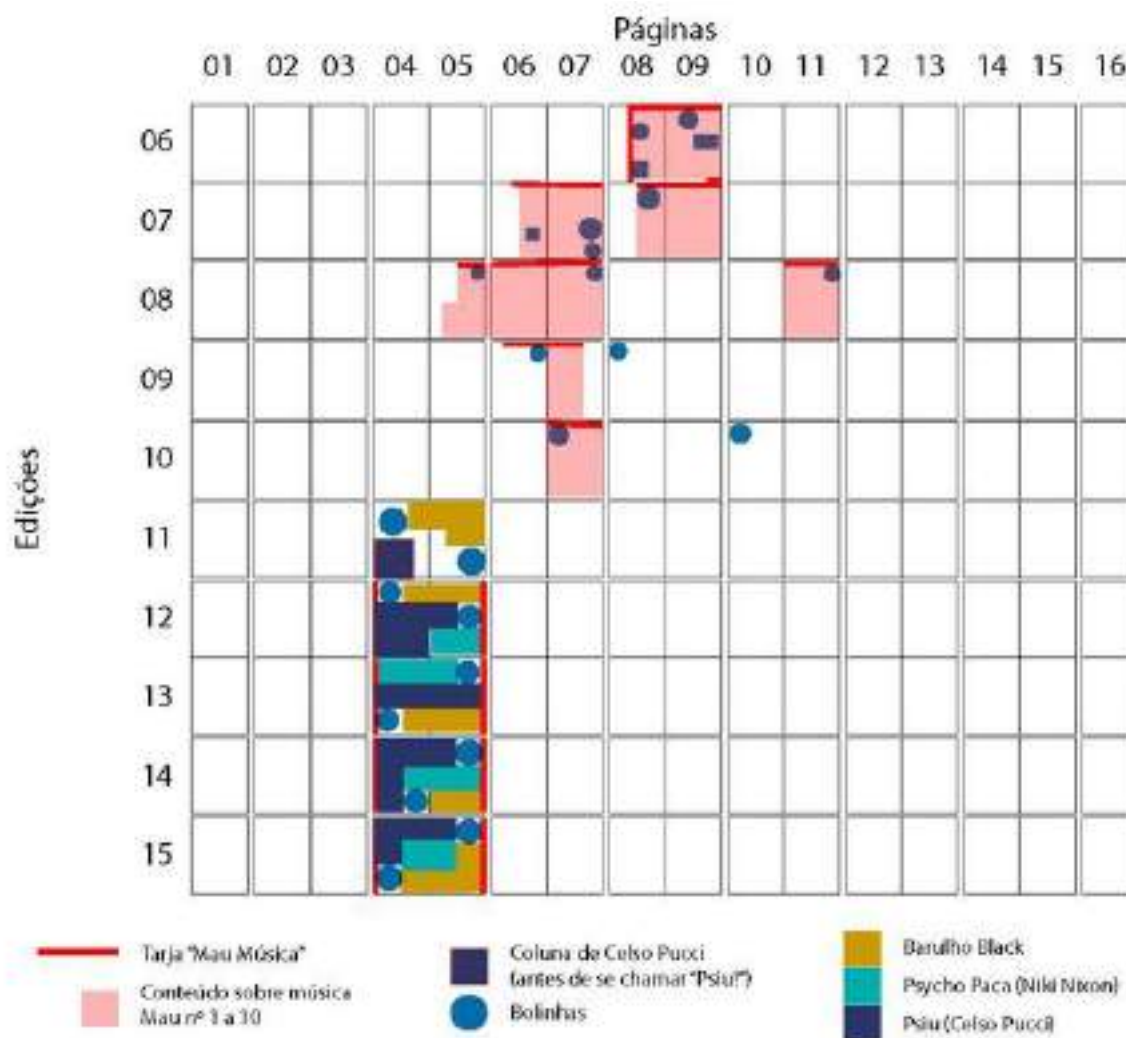


Fonte: *Métal Hurlant* n. 17 (1977, p. 34-35).

Com o subtítulo "A música ilustrada", na série *Rock City*, a dupla transformou em quadrinhos letras famosas como *LA Woman* do *The Doors* ou *Waiting for the Man* do *Velvet Underground* (GRAY, 2017). A série tratou de bandas e intérpretes de estilos variados, como Elvis Presley, *Blue Oyster Cult*, *Stooges* ou Lou Reed, comentando shows, discos ou histórias dos personagens do rock – histórias nem sempre vinculadas a fatos sob uma ótica estritamente jornalística, como na HQ em que Mick Jagger faz o papel de *Mick o Estripador*¹⁹⁸, a partir da letra de *Midnight Rambler* – inspirada em Albert DeSalvo, que confessou ser o Estrangulador de Boston (CAPUTI, 1987).

Inicialmente, as *bolinhas* foram distribuídas de forma mais ou menos solta da sexta edição do *Mau* em diante, como mencionado. Em geral, acompanhavam a sessão *Mau Música*, embora este nem sempre fosse o caso, como nas edições 9 e 10 da *Animal* (Quadro 3).

¹⁹⁸ CLERC, Serge; MANOEUVRE, Philippe. Mick, l'éventreur. *Métal Hurlant*, Paris, n. 20, p. 16-18, ago. 1977.

Quadro 3 — Distribuição das bolinhas entre as edições 6 e 15 da *Animal*.

Fonte: Autoria própria (2022).

A partir da edição 11, as *bolinhas* passaram a ser publicadas dentro de uma sessão de música mais consolidada e organizada em colunas definidas por temática: *psychobilly* (*Psycho Paca*), *reggae* (*Barulho Black*) e *rock* (*PsIU!*). Essa nova fase manteve a tarja com o nome *Mau Música*, como uma forma de delimitar o espaço dedicado à música, até a edição nº 16, quando o *Mau* passou a dedicar mais espaço aos quadrinhos. A parte dedicada à música passou, então, a ser constituída por uma coluna de página inteira, que era alternada de um número para outro, publicada ao lado da sessão *Rock This Town*, em que as *bolinhas* deixaram de constituir pequenos destaques, soltos nas páginas do encarte, e passaram a integrar um todo coeso (Figura 89).

Figura 89 — Organização do conteúdo sobre música na fase final da *Animal*.

The image is a collage of magazine pages from 'Animal' magazine, illustrating the organization of music content in its final phase. The collage includes several distinct sections:

- ROCK THIS TOWN:** A section featuring album covers and text, likely a music review or list.
- Pegasso Dicionário Ilustrado de Goodies - Português:** A section with a circular logo and text, possibly a glossary or dictionary related to music or culture.
- KING YELLOW MAN:** A large advertisement or feature for the band King Yellow Man, including a photo of a person and the band's name in large letters.
- DEPARTAMENTO VERIFICADOR DE BOATOS:** A section with text and small illustrations, possibly a satirical or humorous piece.
- Other sections:** Various columns of text, some with small photos of musicians, and a 'DEMO 7.0' section.

Fonte: *Animal* n. 18 (1991, p. 40-41).

No caso dessa fase final, pode-se considerar que as resenhas ilustradas por Priscila Farias começavam a assumir um formato menos definido e passaram a se espalhar pela sessão.

No caso das *bolinhas*, a abordagem era mais direta do que na sua inspiradora *Rock City*, com aquelas remetendo mais a pequenas notas ilustradas. Além disso, nas *bolinhas* havia um aprofundamento da simbiose entre a revista (principalmente seu encarte) e o circuito *underground*.

Esse diálogo entre a revista e seu público leitor não foi algo restrito à *Animal* ou às revistas de quadrinhos autorais citadas anteriormente. Michel de Certeau (1993) considera esse processo de leitura, de construção por parte do leitor, como algo dinâmico e multidirecional – um processo, inclusive, baseado na ideia de que o público que acessa a obra lhe atribua sentido, sendo este aspecto essencial. O autor entende que "toda leitura modifica seu objeto" (DE CERTEAU, 1993, p. 35) ressaltando, no entanto, que o público leitor

não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor. Ele inventa, nos textos, uma outra coisa além do que era a "intenção" inicial destacando-os de sua origem (perdida ou acessória). Ele combina os fragmentos do texto e o recria, tornando-o passível de uma pluralidade indefinida de significações. (DE CERTEAU, 1993, p. 36)

Nesse processo, John Thompson observa um fluxo de formas simbólicas, sendo estas definidas como

expressões de um sujeito (ou sujeitos). Isto é, as formas simbólicas são produzidas, construídas e empregadas por um sujeito que, ao produzir e empregar tais formas, está buscando certos objetivos e propósitos e tentando expressar aquilo que ele "quer dizer" ou "tenciona" nas e pelas formas assim produzidas (THOMPSON, 2011, p. 183).

Thompson compreende esse como um processo de valoração simbólica e, ainda, econômica, em que às formas são atribuídos um valor financeiro, e um valor atrelado ao modo como os objetos são "aprovados ou condenados, apreciados ou desprezados" (THOMPSON, 2011, p. 203).

No *Mau*, especialmente nas *bolinhas*, esse processo de interação e valoração se deu de modo bastante direto, com os frequentadores do circuito *underground* retratados passando, em alguns casos, a efetivamente fazer parte da revista em graus variados. É o caso de Niki Nixon, que aparece com sua banda *S.A.R. (Soviet American Republic)* numa das primeiras *bolinhas* publicadas¹⁹⁹ ou de João Gordo, da banda *Ratos de Porão*, que faz sua primeira participação nessa mesma edição²⁰⁰ sendo retratado, também com sua banda, numa bolinha na edição seguinte (Figura 90). Nesse sentido, as *bolinhas* constituíram um prolongamento orgânico da atuação da revista nesse circuito.

¹⁹⁹ *Animal* nº6 (1989), p. 40.

²⁰⁰ GORDO, R.D.P.; FARIAS, Priscila. *Flesh & Blood. Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 6, p. 36–37, 1989.

Figura 90 — *Ratos de Porão* numa das primeiras bolinhas.



Fonte: *Animal* n. 7 (1989, p. 39).

6.3 PADRONIZAÇÃO DO CONTEÚDO DA REVISTA

No seu processo de produção, as sucessivas edições da *Animal* se sobrepunham umas às outras. Ou seja, antes de uma determinada edição ir para a gráfica, a equipe já começava a trabalhar na edição seguinte. Isso era importante para que a revista saísse com uma certa regularidade, mas também dificulta um pouco determinar, com clareza, algumas etapas da revista. Por exemplo, quando Rogério de Campos afirma que sua saída abriu caminho para que a revista ficasse “mais redondinha”, este é um fato que se dá entre as edições 10 e 11 da *Animal*. Um olhar mais demorado sobre o conjunto das edições, no entanto, ajuda a perceber mais nitidamente as diferentes etapas da revista, expressas em uma organização gradual do seu conteúdo – algo especialmente evidente no *Mau*.

A revista teve em suas edições 6, 11 e 16 os três momentos principais de reorganização de seu conteúdo. Ao longo desta investigação, este foi um processo que pareceu ter ocorrido de forma intuitiva, com os realizadores da revista entendendo melhor o lugar de cada conteúdo na revista e, principalmente, no encarte, como ressalta Priscila Farias:

Eu lembro de tentar falar “Não! Não é possível! Vamos tentar fazer um cronograma!”. Então a gente, em algum momento, começou a fazer isso [...] a gente fazia o espelho inteiro da revista prevendo [o conteúdo]. [...] Ter coisas fixas ajudava a saber: vai ter uma página de *Rock This Town* nos próximos três números? [...] Isso ajudava a organizar um pouco as ideias.

Eu acho que talvez isso tenha se refletido [nas edições subsequentes]. Os primeiros números eram mais anárquicos e, depois, algumas coisas foram virando seções fixas, vamos dizer assim...²⁰¹

Ainda que, do ponto de vista da diagramação, a 6ª edição tenha se mantido mais ou menos aberta, foi nela que surgiram os primeiros sinais de organização do *Mau*, com alguns elementos que se fariam presentes e seriam importantes nas suas edições subsequentes. Foi nela, por exemplo, que o *Mau* passou a ser impresso com uma cor complementar, em geral o vermelho, destacando seu logotipo e sendo usada até sua edição nº 15 (Figura 91).

Figura 91 — Diferença no uso de cores na capa do *Mau*.



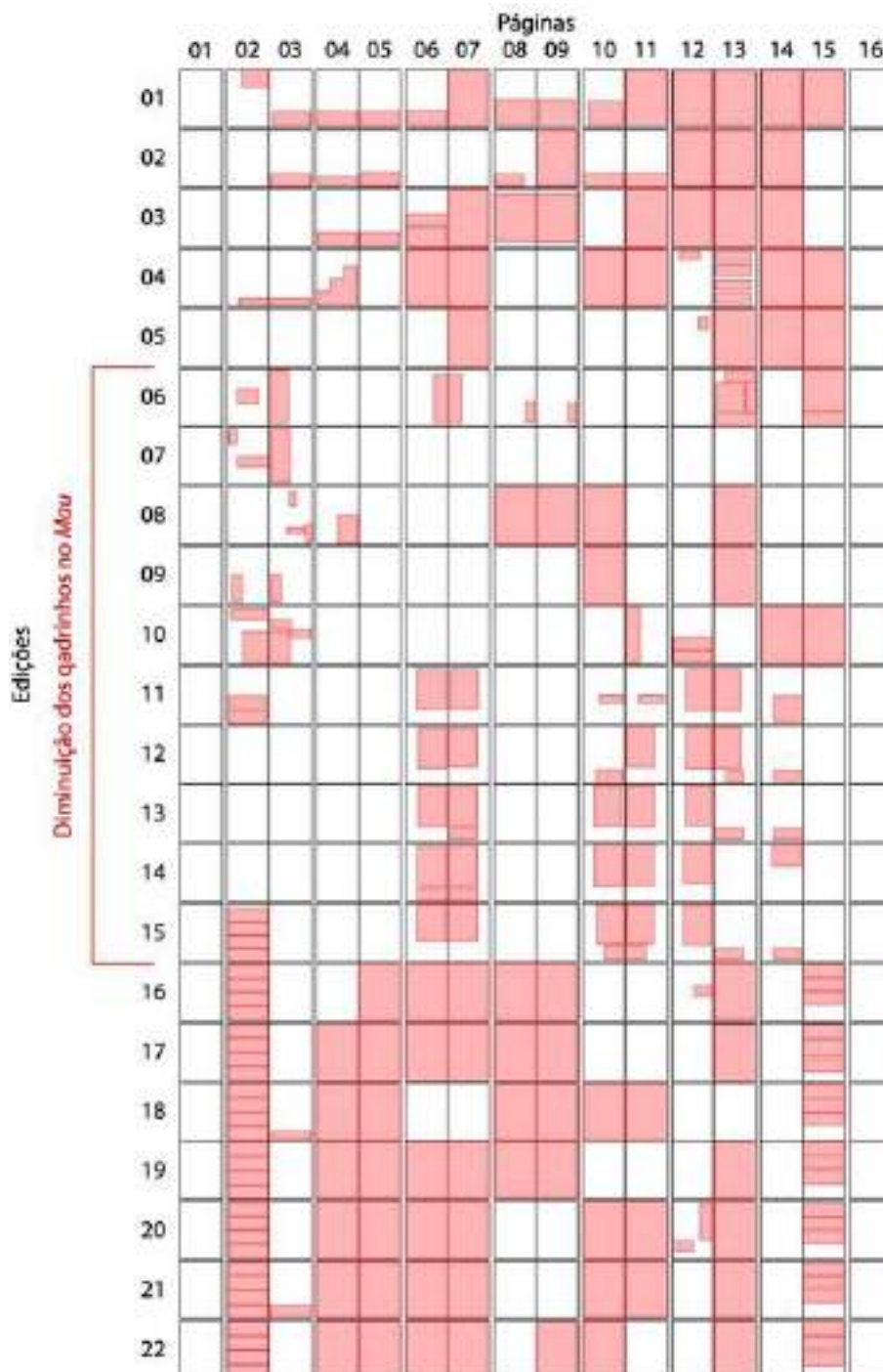
Fonte: *Animal* n. 5 (1989, p. 31); *Animal* n. 6 (1989, p. 33).

Nesta edição surgiram as *bolinhas* produzidas por Priscila Farias e, ainda, seções como o *Departamento Verificador de Boatos*, e os textos relacionados a temáticas sexuais, eróticas e/ou pornográficas, reunidos, a princípio, de forma solta, ao longo das edições do encarte, sob a denominação *Mau Amor*. A 6ª edição do

²⁰¹ Entrevista concedida por Priscila Farias a Guilherme Caldas dos Santos em 01/02/2021.

Mau marcou, ainda, a diminuição do espaço para os quadrinhos, com estes passando a ocupar apenas entre 1/4 e 1/8 de suas páginas (Quadro 4).

Quadro 4 — Presença de quadrinhos (HQs e tirinhas) no *Mau*.



Fonte: Autoria própria (2022).

Outro momento marcante nesse processo de organização foi a edição nº 11. Antes dela, textos, desenhos e colagens combinavam-se de maneira bastante livre e, talvez, confusa. A parte de música, por exemplo, podia começar na metade direita de uma página, prolongando-se pela página seguinte até terminar na metade esquerda da outra página (Figura 92).

Figura 92 — *Mau Música* na primeira edição do *Mau*.



Fonte: *Animal* n. 1 (1988, pp. 28-31).

Quadrinhos que podiam estar em formatos fora de qualquer padrão mais ou menos classificável iam se alternando com letras de músicas, resenhas de bandas e séries de TV ou um mapeamento de locais usados por homens para se masturbar a céu aberto no centro de São Paulo. Essa diagramação aberta não era resultado de inépcia: "a gente sabia fazer bonitinho, deixar tudo retinho... a gente tinha aquele cuidado [na *Anima*]. Aí, no *Mau*, a gente tinha essa possibilidade, de usar essas linguagens e incorporar erros [...]"²⁰².

O que para um leitor da revista pode ter representado uma experiência em certo grau anárquica e radical, para um pesquisador se transformou em um desafio na hora de arriscar uma análise do encarte. Foi a partir da 11ª edição que apareceram os primeiros sinais de uma tentativa de organização, como a adoção em definitivo de uma paginação própria para o encarte e, talvez, o mais evidente deles, as *Páginas Vermelhas*. Estas tiravam proveito da utilização da cor adicional que vinha sendo usada na impressão do encarte²⁰³e, também, em alguns casos, do fato de ocuparem o seu caderno central, correspondendo, no caso do encarte, às

²⁰² Entrevista concedida por Priscila Farias a Guilherme Caldas dos Santos em 01/02/2021.

²⁰³ Ente as edições 6 e 10, a 9ª foi uma exceção, sendo a única entre todas as 22 edições a usar policromia.

páginas 8 e 9. Assim, não precisavam se preocupar com os problemas de encaixe resultantes caso estivessem em outra página (Figura 93).

Figura 93 — Primeira aparição das Páginas Vermelhas no *Mau*. No destaque, a localização do texto sobre a dobra do caderno.



Fonte: *Animal* n. 11 (1990, pp. 38-39).

Pode-se dizer que as *Páginas Vermelhas* foram precedidas por uma espécie de balão de ensaio na forma de um texto sobre a banda *Joy Division*²⁰⁴ que, pela primeira vez, ocupou o espaço representado pelo caderno central com uma diagramação em página dupla, organizada e inequívoca, sem se mesclar com outros conteúdos do encarte – Antes disso, a exceção havia sido o anúncio feito pelo selo Stiletto na edição nº 5²⁰⁵, que, além de não constituir um conteúdo feito pela equipe da revista, não apresentou continuidade nas edições seguintes. Nas *Páginas Vermelhas*, textos de maior fôlego foram diagramados de modo a salientar sua organização em relação ao restante do encarte, combinando uma clareza e constância que ainda não havia sido usada na sua produção.

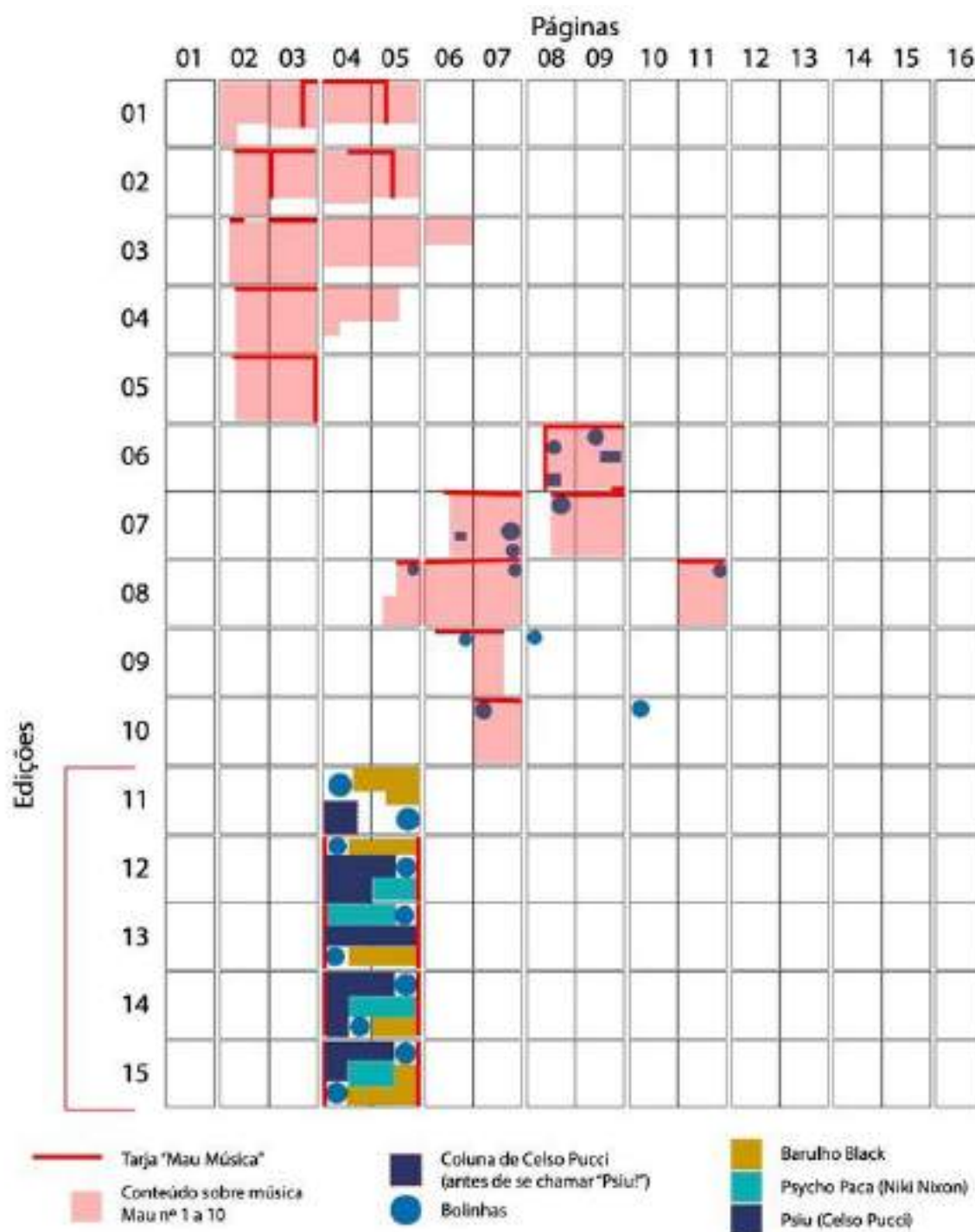
²⁰⁴ "Quieto... escute o som da música", por Celso Pucci, *Animal* n. 10 (1989, pp. 38-39).

²⁰⁵ *Animal* n. 5 (1989, p. 38-39).

Foi também a partir da edição nº 11 que a parte sobre música passou a ocupar um lugar definido no encarte. Antes disso, os textos sobre música eram distribuídos ao longo do encarte mesclados com outros conteúdos e de forma nem sempre muito definida, com a utilização de uma tarja com o texto “*Mau Música*” como indicação do tema tratado (Figura 94). Ainda que formassem grupos mais ou menos coesos desde o começo, sua organização se aprimora significativamente a partir dessa edição (Quadro 5).

Figura 94 — Uso da tarja “*Mau Música*” para identificação da seção no *Mau* nº 4.



Quadro 5 — Distribuição dos textos sobre música no *Mau* (edições 1 a 15)

Fonte: Autoria própria (2022).

Nessa fase, inicialmente, suas páginas 4 e 5 eram ocupadas com colunas de temática mais definida: Celso Pucci, escrevendo sobre rock em geral; João Gordo,

tratando de estilos musicais mais pesados, relacionados ao *punk* e ao *heavy metal*; Jay Mahal e China Kane, com uma coluna já denominada *Barulho Black*, abordando *reggae* e estilos relacionados; além das *bolinhas* de Priscila Farias, que passaram a acompanhar essas colunas. Na edição nº 12, esta parte ficou ainda mais definida. À *Barulho Black* e às *bolinhas*, juntou-se Niki Nixon falando de *psychobilly* e estilos relacionados na coluna *Psycho Paca*, e a coluna de Celso Pucci passou adotar o nome *Psui!*. Esta, passou a contar com uma logo – uma identificação visual que acompanhou as demais colunas. Ainda que com variações, foi mantida uma coerência visual que contribuiu para aprimorar a identidade das seções de música (Figura 95).

Figura 95 — Logos para as colunas sobre música.



Fonte: Autoria própria (2022).

Foi, também, a partir da edição nº 11 que a seção de cartas foi retomada e, ainda que tenha passado por algumas variações, como observado anteriormente, assumiu seu lugar na página 3 do encarte, o que foi mantido até o encerramento da publicação.

Outras iniciativas importantes de organização foram a seção *Quem Desenha*, e a consolidação da coluna *Mau Amor*. No caso da primeira, foi a retomada de uma seção publicada na 2ª edição, em novo formato, entre as edições nº 11 e 15, reforçando uma tendência de organização na diagramação vista em outras páginas do encarte. Já a segunda foi o resultado do processo de organização da temática ligada ao erotismo e à pornografia de maneira geral, em textos que vinham sendo publicados no encarte de forma constante a partir de sua 6ª edição – com exceção da edição nº 9. A partir da edição nº 11, essa temática passou a ocupar a segunda metade do encarte, com um primeiro sinal de diagramação definida representado pela coluna *Sex Drops*, publicada apenas nas edições 12 e 13, com dicas sobre filmes e publicações eróticos ou pornográficos, que se combinava a textos mais longos sobre esses assuntos. A diagramação de *Sex Drops* foi bastante similar à usada na seção *Departamento Verificador de Boatos*, que também ganhou um cabeçalho exclusivo entre as edições 12 e 15 (Figura 96).

Figura 96 — Diagramação do Departamento Verificador de Boatos e do Sex Drops.



Fonte: *Animal* n. 13 (1990, p. 40, 42).

A edição nº 16 marcou a última grande transformação no *Mau*, que coincidiu com o que Newton Foot identificou como a fase mais profissional da revista²⁰⁶. Nela, a logo deixou de ser usada na capa do encarte, sendo, no entanto, mantida como elemento gráfico no seu miolo nas edições 17, 19 e 20 (Figura 97). O esquema usado na diagramação da capa, que vinha sem grandes alterações desde a primeira edição, foi abandonado em favor de uma diagramação solta, baseada em ilustrações de autores diversos (Figura 98). Isso representou, curiosamente, uma alternância entre capa e miolo. Enquanto o miolo se organizou, a capa, praticamente única parte do encarte que manteve inequívoca coesão visual desde a primeira edição, de certa maneira, se “desorganizou”. Foi, também, na 16ª edição que a seção de cartas passou a se chamar *Rita Hot Pussy responde*, mantendo-se na sua terceira página até o encerramento da publicação.

²⁰⁶ Entrevista concedida por Newton Foot a Guilherme Caldas dos Santos em 21/10/2021.

Figura 97 — Migração da logo do Mau.



Fonte: *Animal* n. 15 (1991, p. 35), *Animal* n. 17 (1991, p. 35).

Figura 98 — Comparação da diagramação entre as capas do Mau.



Fonte: *Animal* n. 15 (1991, p. 35), *Animal* n. 16 (1991, p. 35).

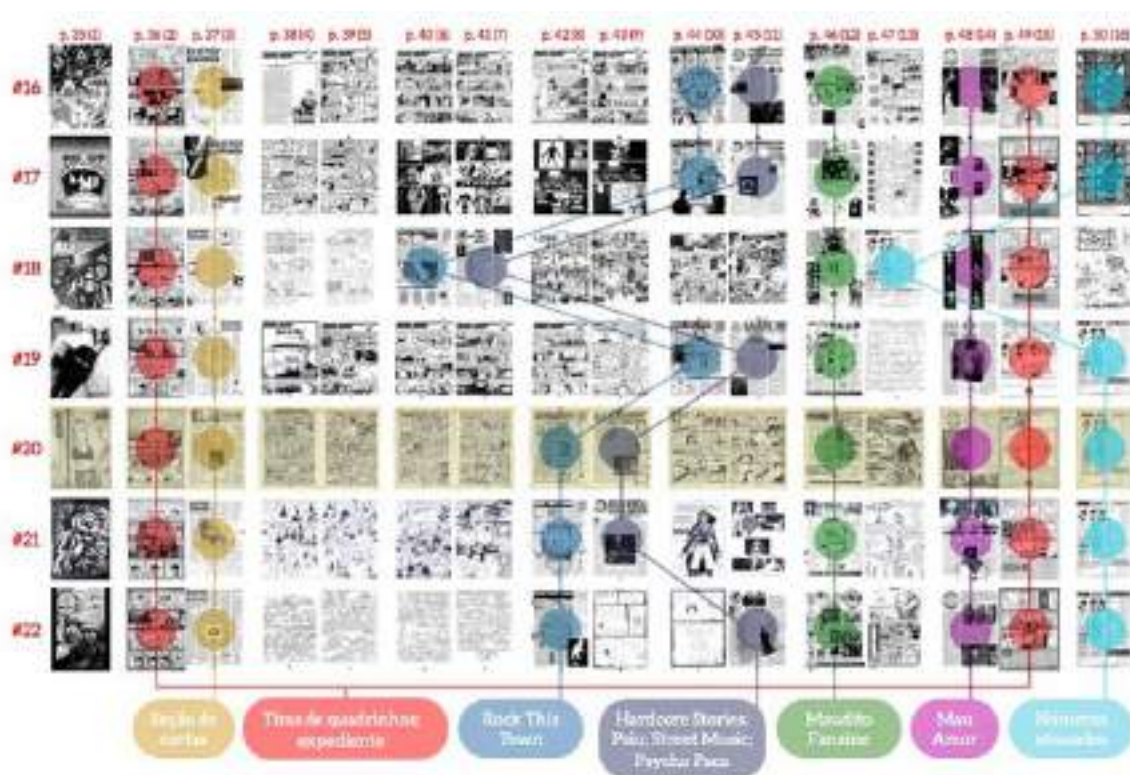
Foi a partir da edição 16 que os temas a respeito de música deixaram de ser uma mescla de colunas sobre tendências musicais distintas, dando lugar a uma coluna publicada em uma página inteira e versando sobre um estilo musical mais específico – que, no entanto, variava de uma edição para outra. Nesta fase final, a coluna *Psiu!* (*Mau* n. 17 e 21) passou a se alternar com a *Psycho Paca* (*Mau* n. 20) e novas colunas sobre *punk* e *hardcore* (*Hardcore Stories*, escrita por João Gordo e publicada no *Mau* n. 16), sobre *guitar bands* (*Oh, Yeah*, escrita por Marcelo Masky e publicada no *Mau* n. 19) e *reggae* e *hip hop* (*Street Music*, escrita por Marisa Street, publicadas nas edições n. 18 e 22). Publicadas desta maneira, formavam uma página dupla (exceto na edição nº 22) com as *bolinhas*, que se condensaram em uma sessão, *Rock This Town*, não sendo mais publicadas soltas no encarte (Figura 99, Quadro 6). Neste formato, as *bolinhas* dividiram espaço com o *Departamento Verificador de Boatos* e com o *Dicionário Gordês-Português*, que “traduzia” para o português expressões usadas ou cunhadas por João Gordo, vocalista do *Ratos de Porão* e foi publicado até a letra X, quando foi interrompido pelo encerramento da publicação²⁰⁷.

Figura 99 — Seção Rock This Town compoendo página dupla com a coluna Street Music.



Fonte: *Animal* n. 18 (1991, p. 40-41).

²⁰⁷Perguntada a respeito, Priscila Farias não soube dizer se teria havido ou não uma continuação do dicionário com a letra Z (e-mail recebido em 16/10/2022).

Quadro 6 — Consolidação da diagramação do *Mau* (edição 16 em diante).

Fonte: Autoria própria (2022, 2023).

Outra mudança importante foi a maneira como os quadrinhos passaram a ser publicados no encarte. O material, que começou sendo publicado de forma solta e vinha, aos poucos, encontrando nele um lugar mais definido, passou a ser mais organizado. As tiras passaram a ter lugar e autores definidos: na página 2 do encarte, Priscila Farias, com *Dr Bzz!*, P. Batista, com *Bum Sam*, Schiavon e Veiga, com *Zâmbala* e Fábio Zimbres e Newton Foot, com *Rastinha*. Na penúltima página, Montini, com *Os Helenos*, Macarrão, com uma tira sem título, substituída na edição nº 19 por MZK, com uma tira que continuou sem título, e, finalmente, Sekay, com *Corpos Estranhos*. Nesta penúltima página, as tirinhas precediam o expediente do encarte, que vinha, em alguns casos, acompanhado de uma frase, prática que se iniciara na primeira edição e se manteve mais ou menos inalterada nas seguintes:

- *Mau* nº 1: Quem sabe o MAU que se esconde no ANIMAL? O Sombra sabia.

- *Mau* nº 2: Quem sabe o *MAU* que se esconde no *ANIMAL*? Nem o Sombra sabe.
- *Mau* nº 3: Quem sabe o *MAU* que se esconde em cada *Animal*? Nem o diabo sabe.
- *Mau* nº 6: O Carteiro sempre toca duas vezes, o traficante não. James Cain.
- *Mau* nº 7: Respeito é BOM e conserva os dentes.
- *Mau* nº 8: A redação do *MAU* não é responsável pelas burradas e barbaridades que se cometem. Os únicos responsáveis são o Estado e a Polícia. A por ellos!!! (MOLOTOV)
- *Mau* nº 9: No Brasil, come-se como pinto e caga-se como pato.
- *Mau* nº 10: Quem disse que o *MAU* não presta?
- *Mau* nº 11: Não publicou expediente.
- *Mau* nº 14: Se te pego com outro te mato, te mando algumas flores e depois escapo.
- *Mau* nº 15: Saudosa maloca, maloca querida, dedindonde nós passemos os dias feliz de nossa vida.
- *Mau* nº 16: E lembrem-se: A boca fala, o cu paga.
- *Mau* nº 17: Não se pergunte o que o *MAU* pode fazer por você, e sim o que você pode fazer pelo *MAU* (Cheques para a redação).
- *Mau* nº 18: Agradecemos a Deus pela inspiração.
- *Mau* nº 19: Antigamente os animais falavam, agora também escrevem (Barão de Itararé).
- *Mau* nº 20: A inveja é uma merda.
- *Mau* nº 22: O *MAU* não emite opiniões em nome da *Animal*. Se quiser repetir uma frase nossa, cite a fonte direitinho.

A partir da edição nº 16, o encarte passou a publicar HQs mais extensas, duas ou mais páginas por edição, podendo chegar a seis páginas, como no caso de *Snake Agent*, de Stefano Tamburini, publicada nessa edição²⁰⁸. Considerando estas páginas em conjunto com as tirinhas, as HQs voltaram a ocupar boa parte do encarte, podendo chegar a mais da metade de suas páginas, uma tendência que fora enfraquecida no *Mau* a partir de sua 6ª edição.

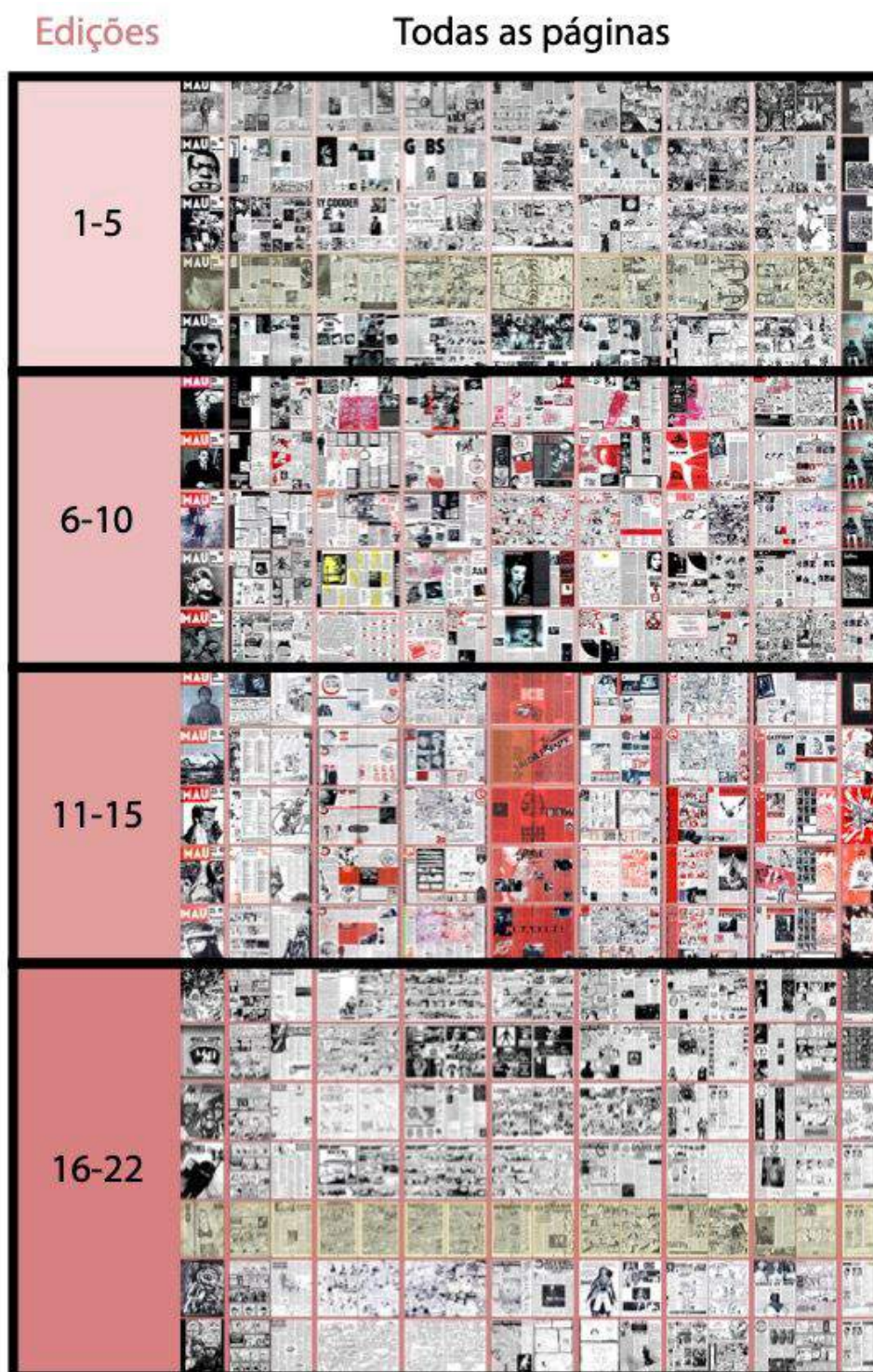
A partir da 16ª edição, também, o *Mau Amor* assumiu definitivamente o formato de uma coluna em página inteira, mantendo a temática tratada nas edições anteriores e mantendo esse formato até o final.

Entretanto, mais do que a condensação de seus conteúdos considerando apenas cada página ou lâmina, a 16ª edição do *Mau* marcou uma estabilidade da localização destes dentro do encarte. Tirinhas, seção de cartas (*Rita Hot Pussy responde*), *Maudito Fanzine* e *Mau Amor*, foram conteúdos que assumiram páginas específicas até o encerramento da revista. Mesmo a parte de música, ainda que

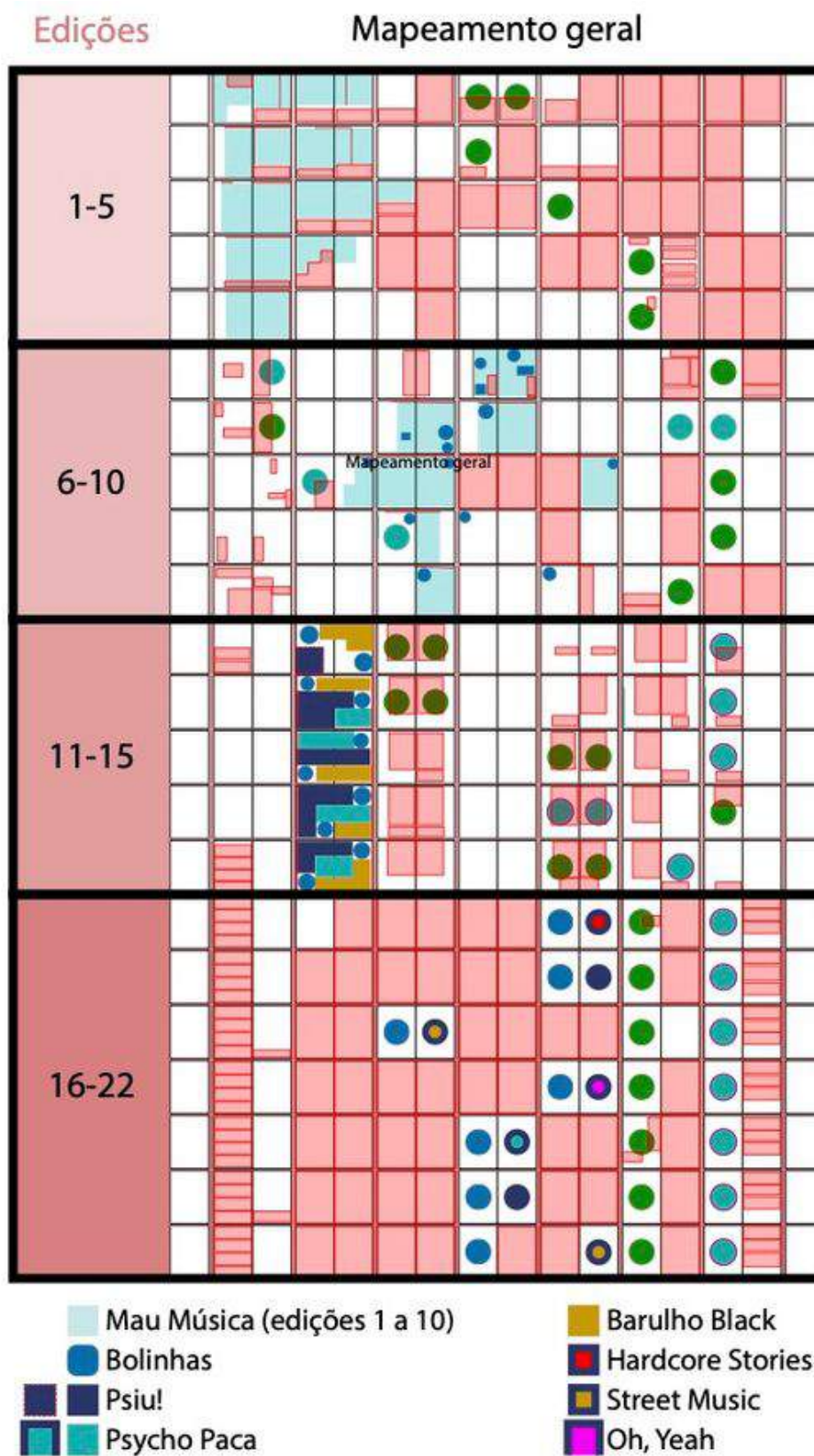
²⁰⁸ *Animal* n. 16 (1991, p. 38-43)

tenha variado algumas vezes de lugar na fase final do *Mau*, apresentou certa estabilidade formal compondo página dupla com *Rock This Town* em um arranjo que se alterou apenas na última edição do encarte (Quadros 7 a 12).

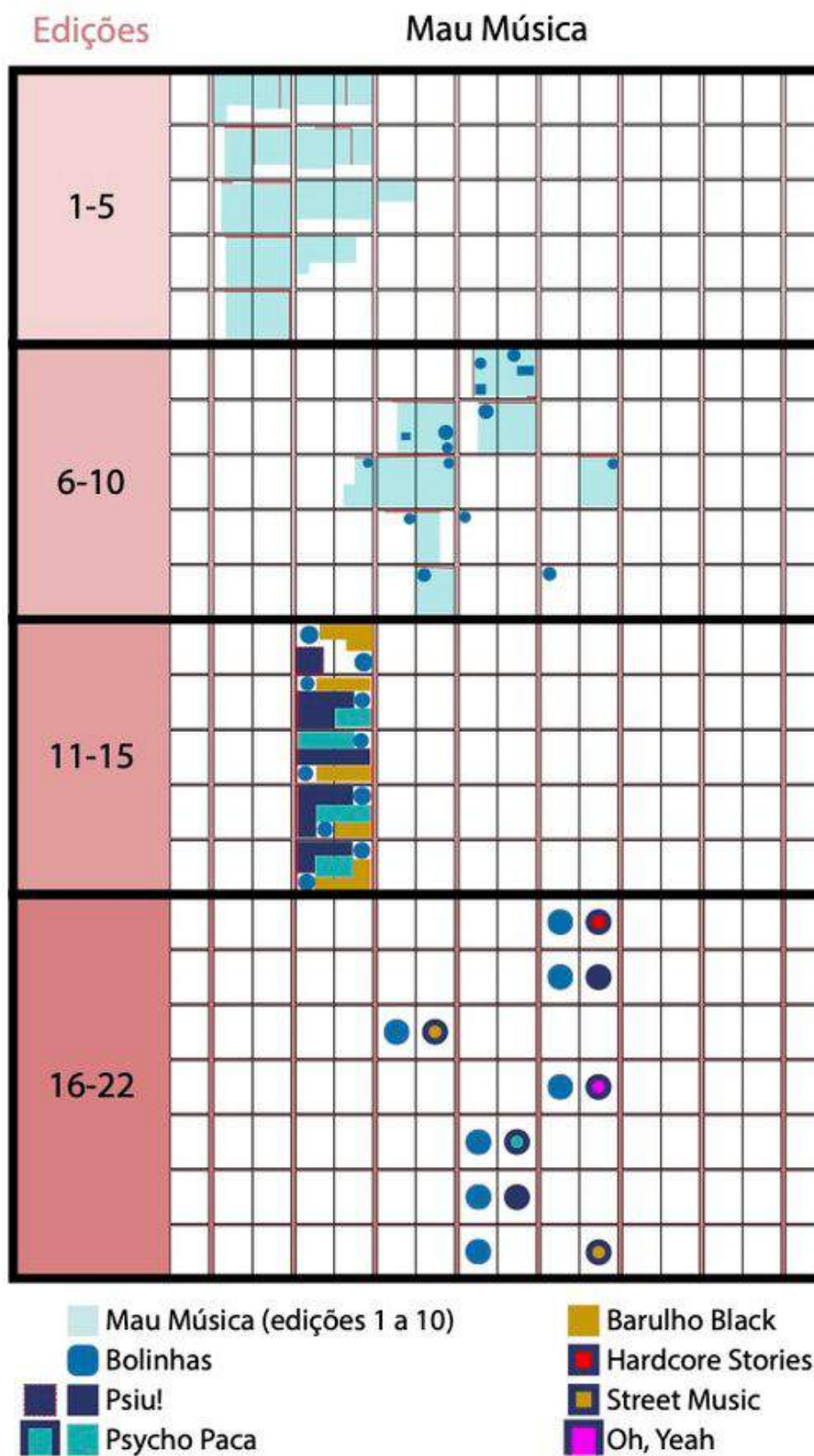
Quadro 7 — Etapas no processo de organização do conteúdo do *Mau*: visão das páginas.



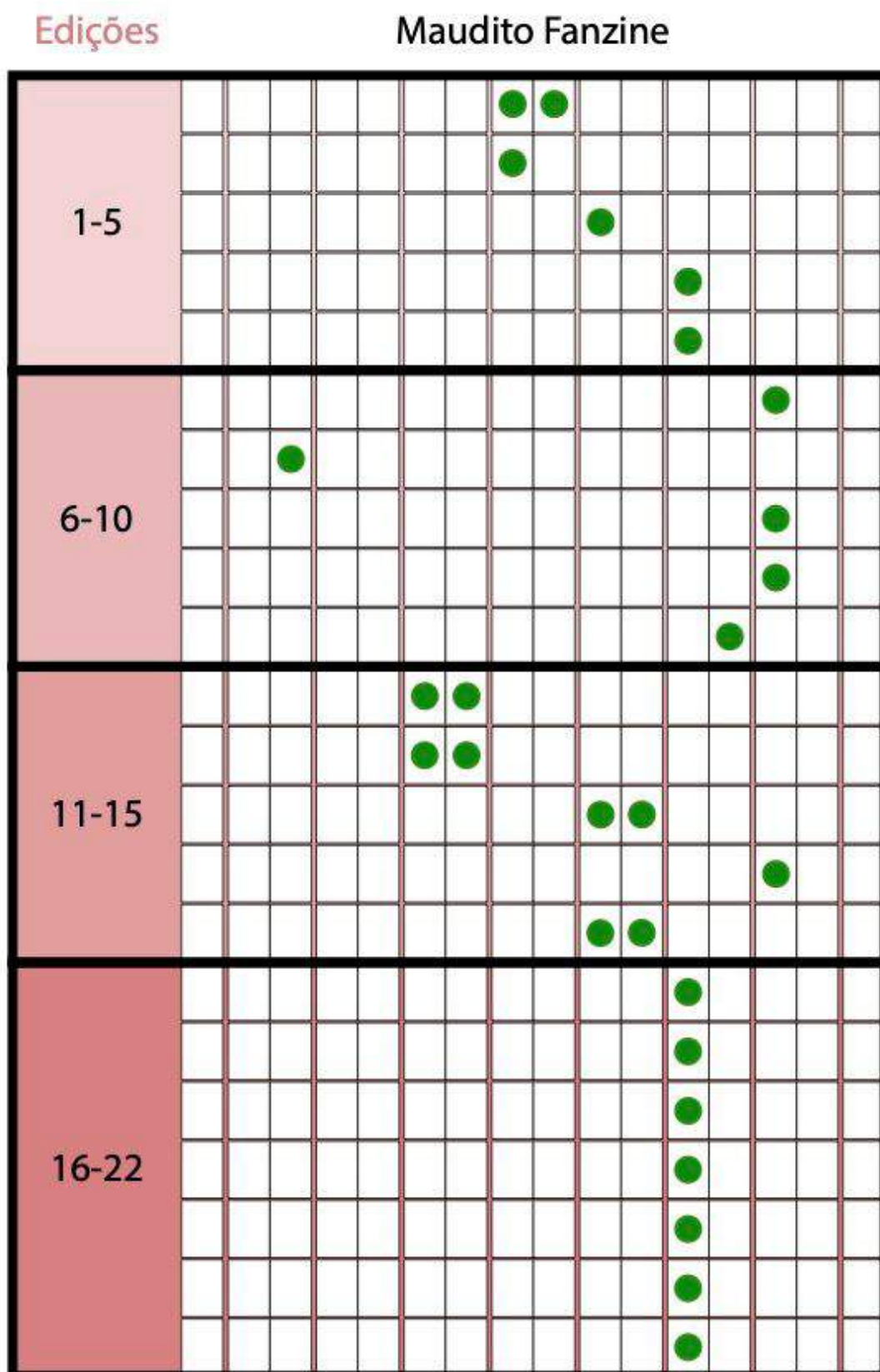
Fonte: Autoria própria (2022, 2023).

Quadro 8 — Etapas no processo de organização do conteúdo do *Mau*: visão geral.

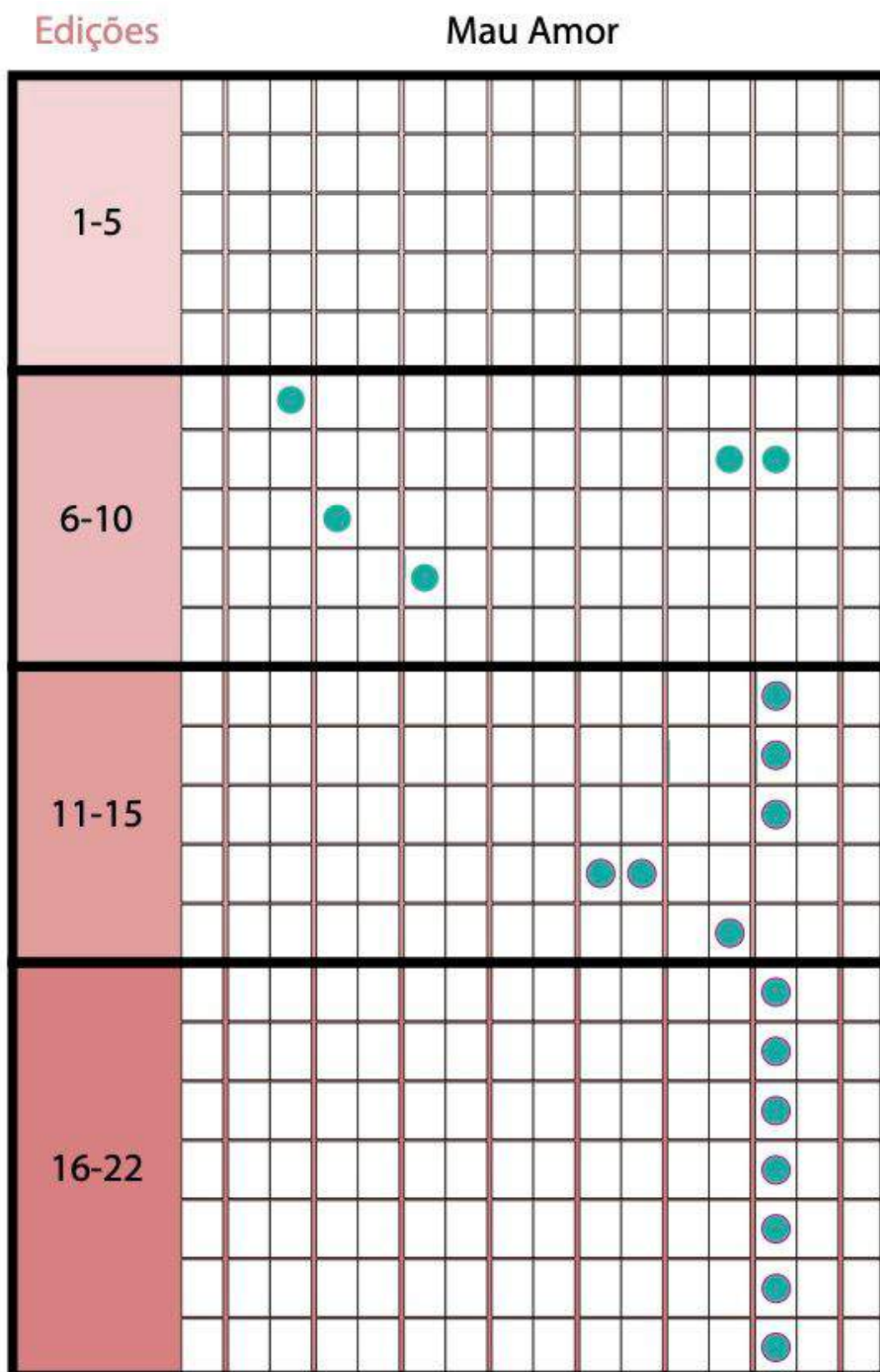
Fonte: Autoria própria (2022, 2023).

Quadro 9 — Etapas no processo de organização do conteúdo do *Mau: Mau Música*.

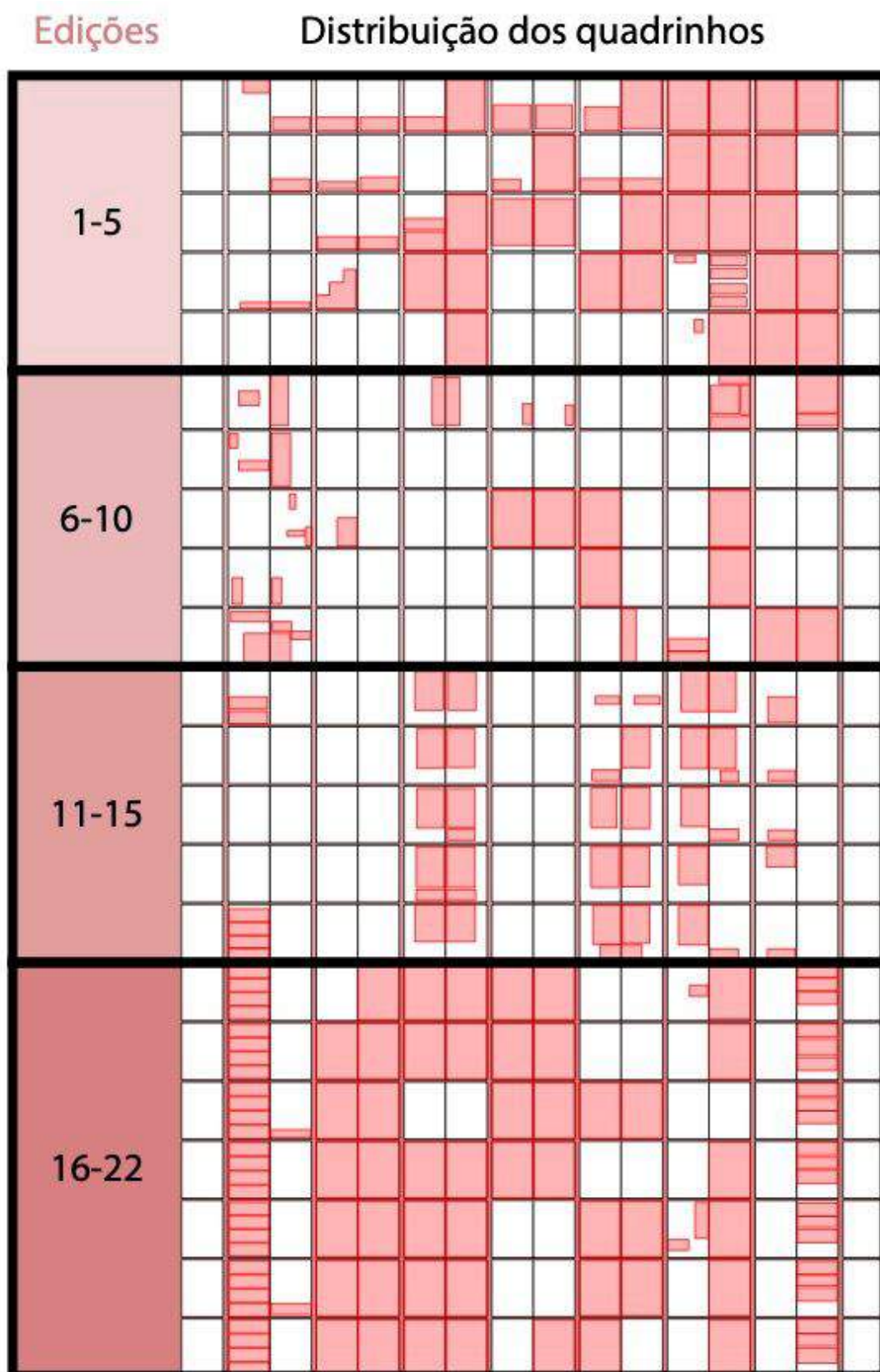
Fonte: Autoria própria (2022, 2023).

Quadro 10 — Etapas no processo de organização do conteúdo do *Mau: Maudito Fanzine*.

Fonte: Autoria própria (2022, 2023).

Quadro 11 — Etapas no processo de organização do conteúdo do *Mau: Mau Amor*.

Fonte: Autoria própria (2022, 2023).

Quadro 12 — Etapas no processo de organização do conteúdo do *Mau*: distribuição dos quadrinhos.

Fonte: Autoria própria (2022, 2023).

6.4 FIM DA ANIMAL

Na sua 22ª edição, na seção *Tam tam*, que funcionava como uma mescla de editorial e seção de resenhas curtas sobre quadrinhos, a revista anunciou que estaria presente na 1ª Bienal Internacional de Quadrinhos²⁰⁹, que estava para acontecer no Rio de Janeiro em novembro de 1991: "[...] enquanto o país está de pernas pro ar, todo mundo vai se divertir na Bienal do Rio. Inclusive nós"²¹⁰. Se teriam publicado uma cobertura a respeito de um evento dedicado aos quadrinhos de proporções inéditas no país²¹¹ é algo sobre o qual se pode apenas conjecturar, porque o mês em que a Bienal aconteceu foi o mesmo da última edição da *Animal*.

Para uma revista nacional do segmento adulto e autoral de quadrinhos no Brasil, ela até teve um tempo de vida razoável, algo em torno de três anos e meio. Suas atividades se encerraram em meio a uma brutal crise no mercado de revistas, reflexo do desarranjo da economia no governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992)²¹², em que até mesmo revistas femininas, então campeãs em vendas nas bancas²¹³, encalharam. Poucos anos depois de seu desaparecimento, Fábio Zimbres trouxe uma explicação bastante simples e direta para o fato, ainda que em tom de piada: "acabou porque você [leitor] parou de comprar [...]!" (DIAS; KAZI, 1994, p. 33). Perguntado novamente, desta vez depois de um intervalo de três décadas, detalhou melhor o processo:

[...] Mesmo nos momentos bons da *Animal*, ela ia pra banca, e só depois que o dinheiro entrava é que a gente tinha dinheiro pra fazer a próxima. Sempre foi assim. Não tinha dinheiro em caixa, não tinha nada. Então [...] lançamos a [edição nº] 22 e saímos atrás da 23. Produzimos ela. Só que não voltou dinheiro da banca. Simplesmente o que aconteceu foi uma crise

²⁰⁹ Com duas edições sediadas no Rio de Janeiro no início da década de 1990, a Bienal Internacional de Quadrinhos está na origem do Festival Internacional de Quadrinhos (FIQ) – um dos eventos mais importantes e o mais longo no país, que passou a acontecer em Belo Horizonte, em 1997, sendo realizado até hoje.

²¹⁰ *Animal* n. 22 (1991, p. 10).

²¹¹ CAMPOS, Rogério de. Bienal de HQ quer ser a maior do mundo. Folha de S. Paulo, 22846. ed. p. 5, 1991.

²¹² Sobre o Plano Collor e sua relação com a produção de quadrinhos no país, ver Guilherme Caldas dos Santos (2017, p. 62).

²¹³ Entrevista concedida por Fábio Zimbres a Guilherme Caldas dos Santos em 18/01/2021.

em que nem as revistas da Abril [venderam], foi um mês específico na História das bancas e das publicações [...]. Nada. Não vendeu nada²¹⁴.

Conforme observado por Priscila Farias, "se a perspectiva de mercado fosse boa, a revista teria continuado" (DIAS; KAZI, 1994, p. 30). Mas o fato é que o mercado editorial de revistas parecia estar em retração num momento em que ninguém tinha dinheiro para gastar em itens não-essenciais (DIAS; KAZI, 1994).

Ao contrário do que aconteceu com as revistas *Fierro* e *El Víbora*, a *Animal* não anunciou o final de suas atividades, mas, nisso, não estava desacompanhada. *Chiclete com Banana*, por exemplo, anunciou na capa de sua 24^a, e última, edição que aquela era uma edição de aniversário de "cinco anos de vida fútil"²¹⁵. Voltando à *Animal*, alguns indícios de que uma interrupção não era algo nos seus planos podem ser encontrados na seção de cartas da revista. É o caso do concurso "Na cama com a Rita", em que *Rita Hot Pussy*, personagem encarregada da seção, anuncia que "devido ao grande número de cartas que chegaram e (espero) continuarão a chegar [...]" seria mantido em aberto para que mais pessoas pudessem participar. Isso também está expresso na promessa de que uma resenha e o endereço do fanzine *Noise e Flores* seriam publicados naquela mesma edição ou na seguinte. Outro leitor "ameaça mandar de 5 a 6 cartas por mês" enquanto a revista não fizesse camisetas com o personagem *Ranxerox*. Mas o indício definitivo está na sua contracapa final, anunciando em página inteira que "nunca foi tão fácil assinar a *Animal*"²¹⁶. O leitor que quisesse receber a revista em casa poderia enviar um cheque de Cr\$ 14.400, por seis edições ou Cr\$ 28.800 (cruzeiros), por doze edições. Da maneira como se deu o final da *Animal*, foi por um golpe de sorte que a longa HQ *O Sonho do Tubarão*, de Matthias Schultheiss, teve todas as suas cinco partes publicadas. Para não dizer que ficou tudo amarrado e publicado por completo, o *Dicionário Gordês-Português* ficou na letra X mesmo, como mencionado anteriormente.

Priscila Farias expõe o sentimento geral em uma equipe responsável por uma revista que "até demorou um pouco pra começar a cair" (DIAS; KAZI, 1994, p. 30): "não foi uma decisão que partiu da gente, e não foi tipo: 'Vamos fechar a revista nesse número.' Ficou aquela coisa: 'Vamos dar um tempo, janeiro e fevereiro são

²¹⁴ Entrevista concedida por Fábio Zimbres a Guilherme Caldas dos Santos em 18/01/2021.

²¹⁵ *Chiclete com Banana* n. 24 (1990, p. 1).

²¹⁶ *Animal* n. 22 (1991, p. 83).

ruins, a gente volta em março ..." (DIAS; KAZI, 1994, p. 30). Tanto foi algo inesperado que um boneco para a edição seguinte já estava pronto: "porque a gente tava no ritmo normal. A gente fez o 23 e o [Vincent] falou: 'não, não vai dar para fazer. Eu tô com dívida para pagar a gráfica do 22'"²¹⁷.

Perguntados sobre essa 23ª edição, nunca lançada, Priscila Farias, Fábio Zimbres e Newton Foot não souberam dar notícias de seu paradeiro, se as pranchas ainda existiam ou não. O que foi possível apurar é que incluiria HQ da personagem *Tank Girl* e matérias com o grupo performático espanhol *La Fura dels Baus*, que havia se apresentado em São Paulo em outubro de 1991²¹⁸ além de uma matéria sobre caminhões-robô produzidos na Alemanha²¹⁹.

Ainda que isso se concretizasse mais efetivamente em seu suplemento *Mau*, o fato é que um certo lado "fanzinesco" da *Animal* nunca deixou de estar presente enquanto ela durou – o que é, no entanto, negado por Zimbres que afirmou que a revista não era "‘pouco além' de fanzine, porque tem uma certa grana por trás, mas não tem a estrutura pra deixar as coisas tranquilas" (DIAS; KAZI, 1994, p. 28). Ou seja, a *Animal*, assim como quase todas as outras revistas brasileiras citadas no recorte desta pesquisa, nunca funcionou amparada por uma visão empresarial de longo prazo ou por uma grande estrutura – a exceção sendo *Aventura e Ficção*, da Editora Abril, que encerrara suas atividades quase dois anos antes que a *Animal*. A onda de cancelamento de títulos²²⁰ que varreu o mercado editorial como um todo, e os quadrinhos de forma particular, marcou o começo de uma mudança de atitude por parte das bancas de jornal e dos distribuidores²²¹ para operações em escala relativamente reduzida, como passara a ser o caso da *Animal*, que, de vendagens entre 25 e 28 mil exemplares por edição, passara a vender aproximadamente metade disso, chegando a 10 mil exemplares no final (DIAS; KAZI, 1994). Apesar das dificuldades em produzir uma publicação que nunca conseguiu atrair anunciantes em número suficiente para permitir seu funcionamento independentemente da venda em bancas, o final da revista foi tomando contornos mais claros aos poucos:

²¹⁷ Entrevista concedida por Fábio Zimbres a Guilherme Caldas dos Santos em 18/01/2021.

²¹⁸ Entrevista concedida por Newton Foot a Guilherme Caldas dos Santos em 21/10/2021.

²¹⁹ Entrevista concedida por Priscila Farias a Guilherme Caldas dos Santos em 01/02/2021.

²²⁰ PLASSE, Marcel. Bial do Rio foi o sucesso possível na crise. O Estado de S. Paulo, 35823. ed. p. 2, 1991.

²²¹ Entrevista concedida por Fábio Zimbres a Guilherme Caldas dos Santos em 18/01/2021.

Claro que a gente pensou, o próprio Vincent, que, melhorando, dava para retomar... Mas é que a coisa realmente não melhorou a ponto de ele sentir que dava. Aí chegou uma hora em que ele cansou. Eu ofereci de fazer [outros projetos], ele pensou um pouco, eu argumentei, e tal, mas ele não quis mesmo, e daí paramos²²².

Na avaliação de Tony de Marco, o final da *Animal* foi um baque em outros pretendentes a editor de quadrinhos: "porque se a *Animal*, que era tão bem-feita não conseguiu virar... como é que eu vou fazer algo parecido? [O modelo baseado em revista em bancas] parecia fadado ao fracasso."²²³ Uma percepção que, no fim, acabou prevalecendo para Vincent Ducarme, o financiador da revista.

Uma coisa que aconteceu foi que as editoras de livro acordaram para o filão. Então, de repente, toda editora de livro, Martins Fontes, Brasiliense [etc.] passou editar quadrinhos adultos. Isso quebrou as pernas de quem queria fazer revista no estilo da *Animal*, porque você tinha o *Torpedo* completinho da Martins Fontes para comprar. Você tinha Guido Crepax, Liberatore... você tinha todo mundo! Todo mundo que tinha surgido e bombado com a *Animal* estava disponível agora em álbuns de capa dura, enfim, que juntavam tudo de uma vez. [...] Então eu acho que o público foi para a livraria²²⁴.

Mesmo considerada a conjuntura econômica, é curioso que a *Animal*, que começara a partir da percepção de que o modelo de livraria era inviável em relação ao das revistas em bancas de jornal (DIAS; KAZI, 1994), chegara ao fim, em parte, devido à migração do público leitor remanescente das bancas de jornal para as livrarias – procurando pelos quadrinhos que ela ajudara, ao menos em parte, a difundir no Brasil. Foi um longo processo de ajuste no mercado de quadrinhos que só começaria a ganhar maiores ares de definição com a consolidação do modelo baseado em livrarias especializadas e nas plataformas digitais: "quando chegou 2000, que a bolha [da *internet*] estourou, já estava claro que nenhuma revista sobreviveria. O problema não era só quadrinhos, era [fazer em] papel. Esse era o problema"²²⁵. Nesta fala, Tony de Marco refere-se a uma mudança de parâmetros

²²² Entrevista concedida por Fábio Zimbres a Guilherme Caldas dos Santos em 18/01/2021.

²²³ Entrevista concedida por Tony de Marco a Guilherme Caldas dos Santos em 08/12/2021.

²²⁴ Entrevista concedida por Tony de Marco a Guilherme Caldas dos Santos em 08/12/2021.

²²⁵ Entrevista concedida por Tony de Marco a Guilherme Caldas dos Santos em 08/12/2021.

relativos ao mercado de quadrinhos balizando o final de uma década "desgraçada em termos de revista"²²⁶, que, em novembro 1991, estava apenas começando.

²²⁶ Entrevista concedida por Tony de Marco a Guilherme Caldas dos Santos em 08/12/2021.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 100 — Capa do álbum *On Fire*, do *Galaxie 500*, mencionada na *Animal* nº 19 (1991, p. 45).



Fonte: Domino Music (2010), Autoria própria (2023).

On Fire (1989)

Lado A:

1. Blue Thunder
2. Tell Me
3. Snowstorm
4. Strange
5. When Will You Come Home

Lado B:

1. Decomposing Trees
2. Another Day
3. Leave The Planet
4. Plastic Bird
5. Isn't It A Pity

Não foi apenas o encerramento da *Animal* que demorou um pouco para ganhar contornos mais definidos. No início da década de 1990, toda uma maneira de produzir, veicular e consumir quadrinhos autorais no Brasil estava chegando ao final. Foram anos de frustração até que ficasse claro que a época das revistas de quadrinhos autorais voltados para o público adulto, com tiragem e periodicidade (mais ou menos) regulares, havia passado.

Com o fim da *Animal* fechou-se um dos espaços mais importantes de validação de uma produção nacional que, dali em diante, precisaria se contentar com o circuito de fanzines – rico, instigante e variado, mas muito mais limitado em termos de alcance. Nunca mais essa produção iria dispor de um local que lhe proporcionasse a visibilidade que uma publicação periódica e distribuída nacionalmente, como a *Animal*, proporcionou.

Essa validação se deu, também, devido ao fato de que essa produção nacional havia compartilhado espaço com quadrinhos de alcance muito maior, produzidos em condições materiais e profissionais muito mais favoráveis e com um nível – tanto em termos visuais quanto de conteúdo – uma quantidade e uma consistência que nunca mais iriam se repetir em uma revista brasileira. Na *Animal*, essa produção teve a oportunidade de frequentar os mesmos ambientes, por assim dizer, de uma produção estrangeira que, aos olhos do público brasileiro, parecia ousada e inovadora.

Desse modo, a *Animal* pode ser vista como uma instância de legitimação dos quadrinhos, neste caso, dos quadrinhos produzidos no Brasil. Ainda que estes não estivessem representados em pé de igualdade com as produções importadas dentro da *Animal* – afinal as páginas coloridas foram, em sua maior parte, destinadas à produção estrangeira – o fato de estarem dispostos em uma mesma publicação, como resultado da curadoria das mesmas pessoas que traziam um, digamos, Andrea Pazienza, acabava por atribuir importância a essa produção – em um processo similar ao que revestira tiras de quadrinhos de um status de maior relevância em relação às HQs publicadas em revistas na primeira metade do século XX (CARVALHO, 2017). Nesse sentido, é possível dizer que a *Animal* foi uma continuadora dos processos de legitimação dos quadrinhos, iniciados na década de 1960. A particularidade, no seu caso, é que esse processo se deu a partir dos próprios quadrinhos, com a produção estrangeira legitimando a brasileira.

Essa legitimação baseou-se, também, na abrangência das pautas tratadas na revista, onde quadrinhos passaram a ter relação estreita com temas diversos. Filmes de terror, *jazz*, fetiches sexuais variados, programas de televisão, *punk rock*, entre outras pautas, às vezes, de difícil classificação entremearam os quadrinhos publicados na revista. Nisso, ela estava em consonância com um certo ecletismo oitentista expresso em outras manifestações culturais, como na música produzida por bandas como *Ira!*, *Fellini* e *Voluntários da Pátria*, em programas de televisão como *Perdidos na Noite*, *23ª Hora* ou o *Jornal de Vanguarda* e no jornalismo cultural de veículos como *Bizz* e *Folha de S. Paulo*. Nesse aspecto, esteve em contato próximo com a atuação de ex-integrantes da Libelu, que permeou uma certa produção cultural de vocação cosmopolita e contemporânea daquele período.

A *Animal* esteve, também, relacionada à tendência modernizante que marcou o processo de legitimação dos quadrinhos na década de 1980. Seu surgimento se deu bastante próximo do lançamento no Brasil de títulos fundamentais daquele período, como *Maus* (1987) e *Watchmen* (1988), além da popularização do conceito de *graphic novel* com o lançamento da coleção de mesmo nome pela editora Abril, em 1988. Nesse sentido, a *Animal* sempre pareceu se destacar em relação às revistas de quadrinhos brasileiras do período. Parte disso explica-se pelo fato de que a *Animal* nunca tentou ser uma revista de "utilidade pública" (DIAS; KAZI, 1994) ou algum tipo de salvadora dos quadrinhos nacionais. A revista pautava-se pelo gosto dos seus editores, que procuravam trazer uma produção de alto nível e o fato é que não havia, naquele momento, uma produção nacional de alto nível em volume suficiente para sustentar uma publicação com as pretensões da *Animal*²²⁷. Não é que não houvesse artistas de talento no Brasil – o que parecia não haver era um mercado capaz de gestar esses talentos, como observado por Luiz Gê (MIL PERIGOS, 1991)²²⁸.

A *Animal* seguiu uma linha editorial que, apesar de um lado intuitivo – afinal nem sempre era simples explicitar porque uma determinada HQ não se encaixava na revista (DIAS; KAZI, 1994) – sempre pareceu ser bastante firme em não fazer concessões, conforme colocado por Priscila Farias: "A gente chamou pessoas com muito cuidado. Elas não estavam ali por acaso. A gente sentou, e pensou, e tentou

²²⁷Entrevista concedida por Celso Singo a Guilherme Caldas dos Santos em 13/05/2022.

²²⁸ Ver citação na página 210.

dar uma certa cara [para a revista]"²²⁹. A produção brasileira que melhor atendia à linha editorial da revista acabava vindo, de forma geral, do circuito alternativo (fanzines, pequenas publicações). É difícil conjecturar se a *Animal* sozinha teria sido capaz de gerar essa produção de alto nível. Alguns artistas atuantes nos fanzines de quadrinhos que seguiram circulando ou que surgiram após o fim da *Animal*, como Weaver Lima, Law Tissot, Alberto Monteiro, Yuri Hermuche ou Lauro Roberto, parecem indicar que isso teria sido possível. Por outro lado, por maior que tenha sido a abrangência e o alcance de suas abordagens, a *Animal* era uma só – longe, portanto, de constituir um mercado de quadrinhos capaz de sustentar quaisquer pretensões a uma produção de alto nível, mesmo em um médio prazo.

Ao longo deste processo, as diferenças importantes entre a *Animal* e seu encarte, que tinham adquirido contornos nítidos, pareceram novamente convergir num todo coerente, apesar de tudo. Enquanto a *Animal* tinha uma atuação similar ao de outras revistas do período, seu encarte, diagramado de forma muito mais livre e, em muitos momentos, até confusa, seguia sendo “o MAU que se esconde no ANIMAL” (sic)²³⁰. Apesar das diferenças materiais mais evidentes (como o uso de papéis e, em alguns casos, esquemas de cores distintas) ou, outras vezes nem tanto (tipo de desenho, ênfase editorial, tom da abordagem), *Animal* e *Mau* passaram a parecer, à luz desta pesquisa, uma simbiose gráfica e editorial. Um forte indicador dessa simbiose foi uma certa confusão entre as suas duas instâncias, alimentada de forma bem-humorada pela equipe responsável pela revista – que, afinal de contas, era a mesma que produzia o encarte. Não foi por outro motivo que esta publicou na última página da última edição do *Mau* um aviso a seus leitores: “O MAU não emite opiniões em nome da Animal. Se quiser repetir uma frase nossa, cite a fonte direitinho”²³¹.

É possível que nem mesmo sua equipe tivesse uma clareza consciente ao separar uma de outra, entendendo essas diferenças de forma intuitiva, apesar de coerente. Mesmo esta investigação, depois de quatro anos e passados pouco mais de trinta anos do desaparecimento da revista, não deixou de ter uma certa dificuldade ao referir-se à *Animal* e ao *Mau*, usando por vezes o binômio *Animal/Mau*

²²⁹ Entrevista concedida por Priscila Farias a Guilherme Caldas dos Santos em 01/02/2021.

²³⁰ *Animal* nº 1, p. 28.

²³¹ *Animal* nº 22, p. 49.

ou referindo-se a ambos separadamente – algo que, no encerramento deste ciclo e à luz da pesquisa realizada, segue ainda por solucionar.

Outro aspecto que contribuiu para diferenciar a *Animal* de suas contemporâneas foi o fato de que estas, em alguns casos, simplesmente não tinham carisma, como ressalta Luiz Gê (MIL PERIGOS, 1991). A *Animal* não tentava ser carismática, moderna ou transgressora. Como observa Weaver Lima, "tinha esse pessoal [nos quadrinhos] que dava até constrangimento, tentando falar gíria, ficava uma coisa mal enjambrada"²³². A *Animal* refletia em suas páginas o ponto de vista de gente que, efetivamente, transitava pelo *underground*, que percorria a paisagem urbana com a qual dialogava. Nunca um personagem publicado na *Animal* diria algo como "É uma *heavy*! Peguem-na!"²³³ pelo simples motivo de que não é assim que as coisas são. A *Animal* não tentava ser, a *Animal* era. Nisso, a revista tinha uma verdade intrínseca que podia ser encontrada, por exemplo, em *Chiclete com Banana*, mas cuja emulação soava deslocada (quando não ridícula) em publicações sem muita afinidade com o circuito *underground* ou, mesmo, com uma cultura urbana mais considerada de modo mais abrangente. Não era o fato de publicar páginas em cores e em papel couché – até porque uma parte da revista era impressa em preto e branco e em papel jornal. Tratava-se muito mais do que era publicado nessas páginas. Podia se dar, também, por um baixo nível dos roteiros ou das concepções, ou pela falta de cuidado na editoração de outras publicações – alguns dos títulos usados no recorte sequer se preocupavam em elaborar um índice do conteúdo publicado.

Outro fator de diferenciação é o fato de que em nenhuma de suas edições a *Animal* se baseou em um autor que estivesse em maior evidência que os demais, como nas revistas da Circo Editorial – caso de *Piratas do Tietê*, com Laerte, *Geraldão*, com Glauco ou *Chiclete com Banana*, com Angeli. Mesmo a *Circo*, apesar de mais plural e multifacetada do que outros títulos da editora, até então, dependia fortemente da produção e da visão editorial de Luiz Gê e Laerte.

E, finalmente, essa diferenciação se deu porque a *Animal* não pretendia ser uma revista de humor, mas de quadrinhos. A *Animal* foi uma revista inserida no longo processo de legitimação dos quadrinhos, que reivindicava que estes podiam

²³² Entrevista concedida por Weaver Lima a Guilherme Caldas dos Santos em 11/02/2021.

²³³ *Paralelas* n. 1 (1986, p. 15).

ser outra coisa, algo mais. Podiam ser catalizadores, os elementos a partir dos quais poderiam se dar discussões relevantes no seu tempo histórico, ao invés de ficarem a reboque de outras manifestações mais prestigiadas. Na *Animal*, as discussões, as pautas, giravam em torno dos quadrinhos, tiveram neles seu ponto de partida e seu referencial.

Nesse sentido, a *Animal* foi, ao mesmo tempo, resultante e produtora dos significados do seu tempo, com esses processos articulados a partir dos quadrinhos que publicou. Como tal, esteve conectada com a estrutura de sentimento oitentista, expressa em mídias e formatos culturais variados, tributária dos processos implicados numa vontade de mudança e na constituição da juventude como grupo social expressivo. Pensados como linguagem, seus quadrinhos, produzidos ao longo desse período, encamparam conflitos, contradições e demandas desse período.

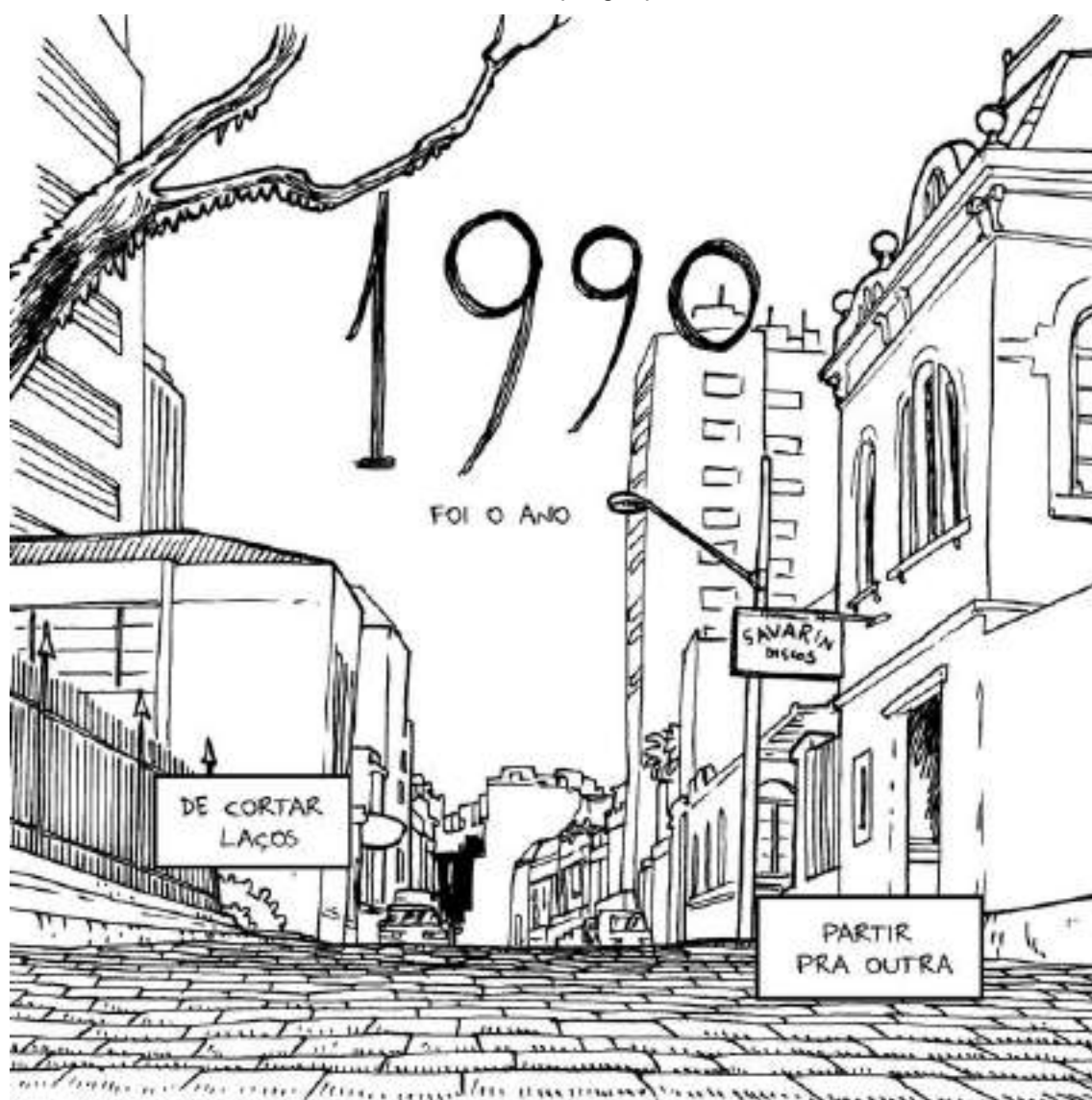
Em quase todas as formas de escrita, a linguagem, a um só tempo forma e conteúdo, inclui, ainda que no mais das vezes de forma inconsciente, as relações reais e as tensões entre estas e a relação consciente entre o escritor e os outros. (WILLIAMS, 1985, p. 74)

Considerada sob esses aspectos, a atuação da revista parece colocá-la em conexão mais direta com aquilo em que se transformaria o mercado de quadrinhos autorais no país dali a alguns anos, do que suas contemporâneas. Um modelo baseado no formato de livro – em parte lançados por editoras influenciadas pela *Animal*, quando não resultantes da atuação de gente envolvida em sua concepção – vendidos em livrarias especializadas, e em material publicado na internet (PAZ, 2017). Desde o seu começo, ainda que oscilando entre o intencional e o intuitivo, a *Animal* esteve, e nunca deixou de estar, voltada para o futuro.

8 EPÍLOGO

A HQ a seguir foi produzida e originalmente publicada como posfácio do livro *Ouça este livro*, de Cassiano Fagundes (2017), publicado pela Editora Barbante, que traz histórias curiosas e "causos" protagonizados por personalidades do mundo da música. O Cassiano foi um desses gurus sonoros que ajudaram um garoto, que viveu antes do acesso eletrônico a repositórios musicais incomensuráveis, a confirmar que sua suspeita – a de que havia um mundo além dos LPs de trilhas sonoras de novelas, dos Chacrinhas e das FMs jabazeiras – tinha, afinal, fundamento.

Desenho 6 — Epílogo, parte 1.



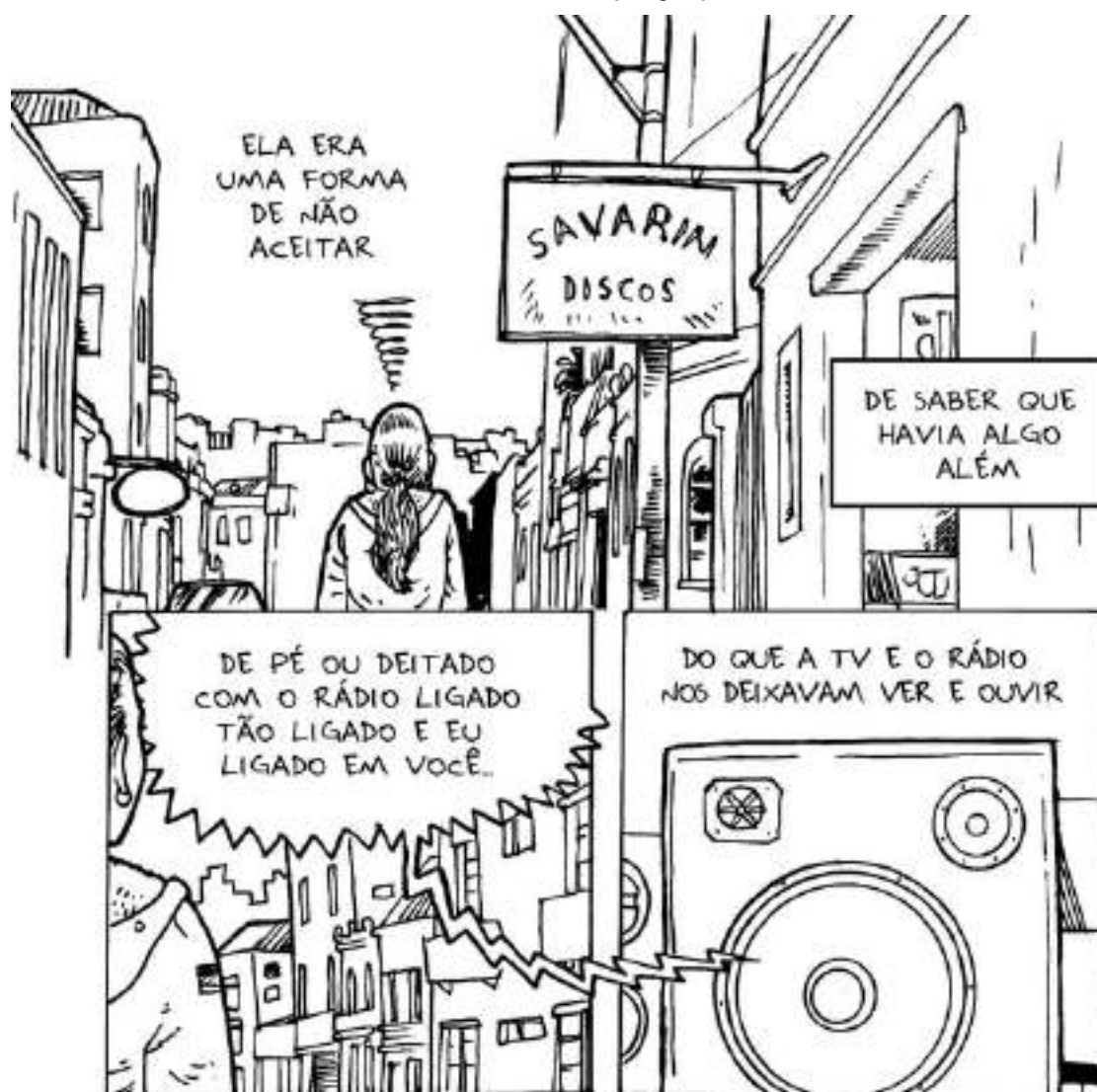
Fonte: Autoria própria (2017).

Desenho 7 — Epílogo, parte 2.



Fonte: Autoria própria (2017).

Desenho 8 — Epílogo, parte 3.



Fonte: Autoria própria (2017).

Desenho 9 — Epílogo, parte 4.



Fonte: Autoria própria (2017).

Desenho 10 — Epílogo, parte 5.



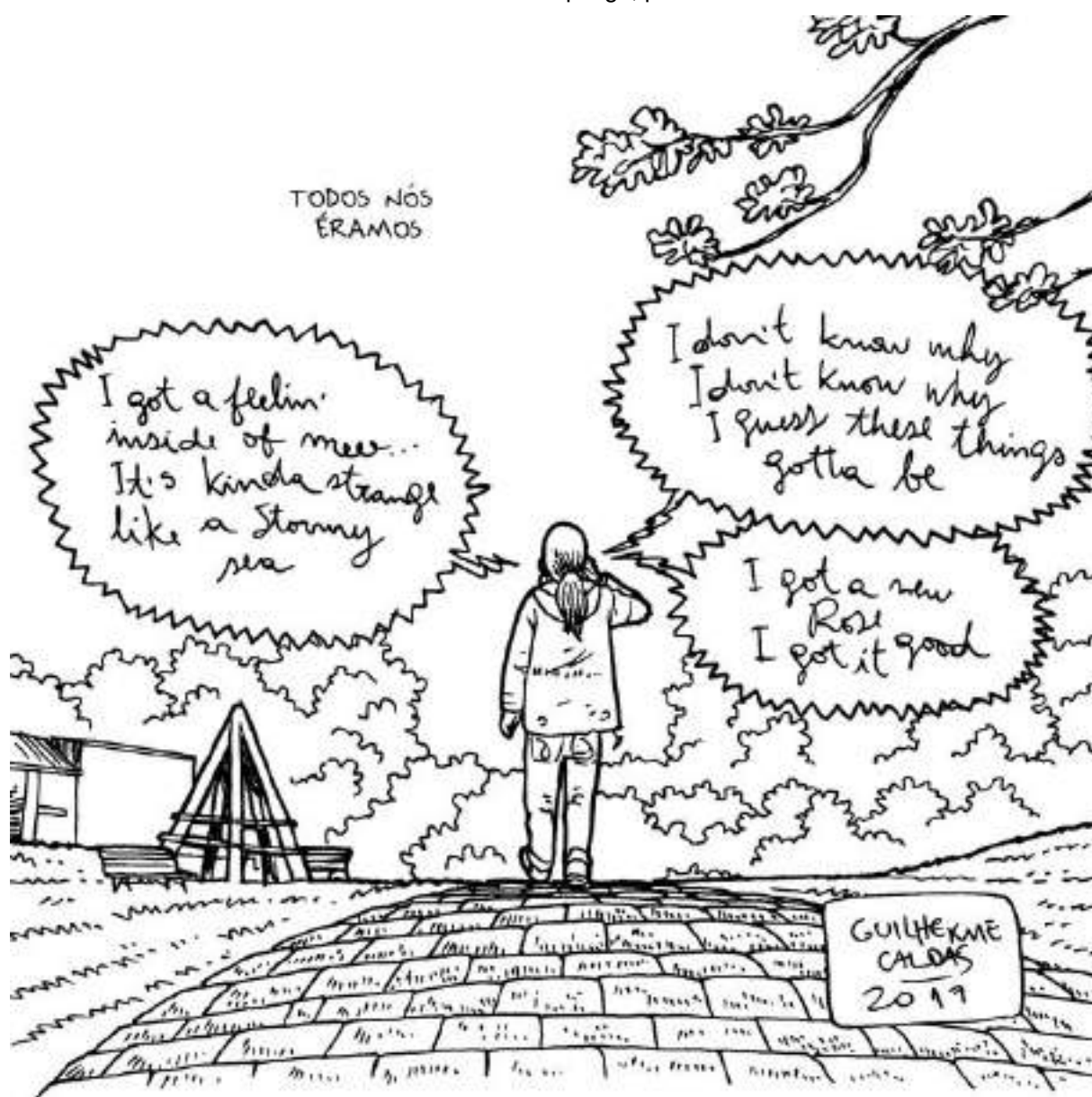
Fonte: Autoria própria (2017).

Desenho 11 — Epílogo, parte 6.



Fonte: Autoria própria (2017).

Desenho 12 — Epílogo, parte 7.



Fonte: Autoria própria (2017).

REFERÊNCIAS

24 HOUR Party People. Michael Winterbottom. Andrew Eaton. Reino Unido: United Artists, FilmFour, Revolution Films, Baby Cow Productions, UK Film Council, The Film Consortium, 2002. Comédia dramática (117 min.).

A VEZ do quadrinho brasileiro chegou. **Jornal do Brasil**, Ano XCII – nº 164. p. 1, 9, 1982.

AFONSO, Luís Felipe Fernandes. **O som e a fúria de um novo Brasil: juventude e rock brasileiro na década de 1980**. Dissertação (Mestrado em História Comparada), UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

ALARY, Viviane. Le Tebeo Espagnol. **Investigações**, v. 20, n. 1, p. 9–36, 2007.

ALEXANDRE, Ricardo. **Dias de Luta: o rock e o Brasil dos anos 80**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

ALVAREZ, Andres. **Cairo (1981, Norma) 1**. Tebeosfera. 2009. Disponível em: https://www.tebeosfera.com/numeros/cairo_1981_norma_1.html. Acesso em: 18 mai. 2023.

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. **Lua Nova**, n. 80, p. 71–96, 2010.

ANGELI. **Antologia Chiclete com Banana**. São Paulo: Nova Sampa, Devir, 2007. (Antologia Chiclete com Banana, 1).

_____. Bob Cuspe é a salvação. **Chiclete com banana**, n. 1, p. 6–13, 1985.

ANIMAIS, Muppetvision 3d, Fozzie Bear png transparente grátis. 2018. Disponível em: <https://www.gratispng.com/png-91lbqr/>. Acesso em: 7 mar. 2022.

ARNON, Jean-Marie. Lezard Tonnerre. **Animal**, n. 5, p. 54–57, 1989.

ASSIS, Érico. **30 anos de O Cavaleiro das Trevas: As curiosidades e a importância do Batman de Frank Miller**. Omelete. 2016. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/dc-comics/30-anos-de-o-cavaleiro-das-trevas-as-curiosidades-e-a-importancia-do-batman-de-frank-miller>. Acesso em: 18 mai. 2023.

BANTA, Bob. **ISCA Quarterly July-Sept 1974**. Scribd. 2012. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/90449769/ISCA-Quarterly-July-Sept-1974>. Acesso em: 22 set. 2022.

BARROS, Patrícia Marcondes de. **A Nova Consciência nos Trópicos e a Imprensa do Desbunde**. Tropicália. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/desbunde>. Acesso em: 17 fev. 2023.

BEAM, J. **What is a Demo Tape? (with pictures)**. WiseGeek. 2022. Disponível em: <http://www.wise-geek.com/what-is-a-demo-tape.htm>. Acesso em: 8 fev. 2022.

BENETT. **O Labirinto de Henfil**. Jornal Plural. Curitiba, 2019. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/o-labirinto-de-henfil/>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BERARDI, Franco. **1977: o ano do fim do futuro**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/espiritualidade/oracoes-interreligiosas-ilustradas/78-noticias/564188-1977-o-ano-do-fim-do-futuro>. Acesso em: 5 dez. 2021.

BERGER, John. **Modos de ver**. Trad. Lucia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. (Artemidia).

BIENAL DE QUADRINHOS DE CURITIBA. **Notas & Traços**: Luiz Gê + Arrigo Barnabé. Bienal de Quadrinhos. 2021. Disponível em: http://www.bienalquadrinhos.com.br/ge_barnabe. Acesso em: 17 fev. 2023.

BOL.COM. **DIABOLIK (5) (ebook), Angela E Luciana Giussani | 9788852023217 | Boeken | bol.com**. 2012. Disponível em: <https://www.bol.com/nl/nl/p/diabolik/9200000034461185/>. Acesso em: 24 jan. 2023.

BOTINADA: a origem do punk no Brasil. Gastão Moreira. São Paulo: Toro Production Company, 2006. Documentário (75min.). Disponível em: <https://youtu.be/trlAXkc003k>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BUSETTO, Áureo. Um polígrafo na telinha: o humor televisivo de Millôr Fernandes (1959-1965). **ArtCultura**, v. 18, n. 32, p. 131–151, 2016.

CAIL, Dave "Lostboy". **History**. Heavy Metal Magazine Fan Page. 2008. Disponível em: <http://www.heavymetalmagazinefanpage.com/history.html>. Acesso em: 7 out. 2022.

CAMPOS, Rogério de. Bienal de HQ quer ser a maior do mundo. **Folha de S. Paulo**, 22846. ed. p. 5, 1991.

_____. Prefácio da Edição Brasileira. *In*: LIBERATORE, Tanino; TAMBURINI, Stefano; CHABAT, Alain (Eds.). **Ranxerox**. São Paulo: Conrad, 2010, p. 5–10.

CANDIDO, Jeferson. **Dois lados da moeda?** Versus, um jornal alternativo, e cultura, uma revista do MEC (1976-1978). Tese, UFSC, Florianópolis, 2008.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970)**. Tese (Doutorado em História), FFLCH - USP, São Paulo, 2007.

CAPUTI, Jane. **The Age of Sex Crime**. Bowling Green: Bowling Green State University Popular Press, 1987.

CARNEIRO, Maria Clara da Silva Ramos. **A metalinguagem em quadrinhos: estudo de contre la bande dessinée de Jochen Gerner**. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura), UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

_____. A nova “Bande Dessinée”: L’Association e o Oubapo. *In: Brasília*: [s.n.], 2011. Disponível em: <https://www.gelbc.com/files/ugd/d35737_df8f4cc60f24497bb5e416cacfa98a4e.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2023.

CARVALHO, Beatriz Sequeira de. **O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CASTALDI, Simone. **Drawn and dangerous: Italian comics of the 1970s and 1980s**. 1. ed. Jackson: University Press of Mississippi, 2010.

CÉLEG - MandrakeWiki. MandrakeWiki. 2020. Disponível em: <https://www.mandrakewiki.org/index.php?title=C%C3%89LEG>. Acesso em: 5 fev. 2020.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHICLETE COM BANANA. Light Right: a direitinha brasileira. **Chiclete com Banana**, n. 18, p. 26–27, 1989.

COELHO, Patrícia Rodarte Silva Gomes. **Faça você mesmo!** As identidades dos sujeitos da cena underground heavy metal e punk de Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens), CEFET-MG, Belo Horizonte, 2020.

COMICSBOX. **Frigidaire :: ComicsBox**. Comicsbox. 2018. Disponível em: <https://www.comicsbox.it/serie/FRIGIDAIRE>. Acesso em: 14 mar. 2023.

COMISSÃO DA VERDADE. **Repressão Política: Origens e consequências do Esquadrão da Morte Verdade Aberta**. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://verdadeaberta.org/relatorio/tomo-i/parte-i-cap2.html>. Acesso em: 6 mar. 2023.

COSTA, Caio Tulio. Pariscópio. **Folha de S. Paulo**, 21998. ed. p. 6–7, 1989.

COUPERIE, Pierre; DESTEFANIS, Proto; FRANÇOIS, Edouard; *et al.* **História em Quadrinhos & Comunicação de Massa**. São Paulo: MASP, 1970.

CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. **American way of life: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950**. Tese (Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo), ESPM, São Paulo, 2017.

DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano, Michel de Certeau. **Linha D’Água**, Trad. José Luiz Miranda. v. 0, n. 8, p. 31, 1993.

DENNING, Michael. **Mechanic Accents**: Dime Novels and Working-Class Culture in America. London ; New York: Verso, 1987.

DIAS, Gabriela; KAZI, JMM. Conversa de comadres. **Panacea**, n. 35, p. 28–33, 1994.

DINIZ, Sheyla Castro. **Desbundados & marginais**: MPB e contracultura nos “anos de chumbo” (1969-1974). Tese (Doutorado em Sociologia) IFCH, Unicamp, Campinas, 2017.

DISCOGS. **Ry Cooder - Get Rhythm**. 2021. Discogs. Disponível em: <<https://www.discogs.com/release/743603-Ry-Cooder-Get-Rhythm>>. Acesso em: 17 maio 2023.

_____. **Sonic Youth - Sister**. 2010. Discogs. Disponível em: <<https://www.discogs.com/release/386647-Sonic-Youth-Sister>>. Acesso em: 8 maio 2023.

DOMINO MUSIC. **Galaxie 500 - On Fire (CD) | Domino Mart**. Domino Recording Company. 2023. Disponível em: <<https://www.dominomusic.com/releases/galaxie-500/on-fire-deluxe-edition/cd>>. Acesso em: 9 maio 2023.

DORAN, Jim. **Zine Scene**. 2018. Disponível em: <<https://jimdoran.art/joie-de-vivre/zine-scene>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

DUNAS do barato. Olívio Petit. 2017. Documentário (90min.). Disponível em: <https://bit.ly/DunasDoBarato>. Acesso em: 16 fev. 2023.

ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo da. “Quem não se comunica, se estrumbica”: algumas considerações sobre o rock nacional dos anos 80 e a TV brasileira. **Oficina do Historiador**, v. 8, n. 1, p. 158–176, 2015.

ESCOBAR, Pepe. Dark, eu? **Bizz**, n. 15, p. 66–71, 1986.

EYMAN, Scott. **John Wayne: the life and legend**. New York: Simon & Schuster, 2014.

FAGUNDES, Cassiano. **Ouçã este livro**. Curitiba: Barbante, 2017.

FANTÁSTICA viagem em preto e branco. **Bizz**, n. 46, p. 64, 1989.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1995.

FERNANDES, Millôr. Esta é, realmente, a verdadeira história do Paraíso. **O Cruzeiro**, p. 64–73, 1963.

_____. O PIF PAF quarenta anos depois. *In*: CARUSO, Eliana (Org.). **PIF PAF quarenta anos depois**: coleção fac-similar das 8 edições da Revista Pif Paf de Millôr Fernandes. 2. ed. Rio de Janeiro: Argumento, 2005, p. 9–12.

FINOTTI, Ivan. Um certo Toninho Mendes. *In*: MENDES, Toninho (Org.). **Humor Paulistano - A Experiência do Circo Editorial - 1984-1995**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014, p. 10–29.

FOLHA DE S. PAULO. **Folha Online - Ilustrada - Brasileiros ganham mercado internacional na ilustração de HQs - 31/01/2007**. Folha de S. Paulo. São Paulo, 2007 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u68057.shtml>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

FONTES, Helen Pinto de Britto. **Rádio endereçado a jovens: reestruturação do mercado carioca e contradições na disputa pela audiência do futuro**. Tese (Doutorado em Comunicação), UFRJ, Rio de Janeiro, 2022.

FOOT, Newton. O caso das nuvens geladas de Vênus. **Animal**, n. 1, p. 20–26, 1988.

FURLAN, Cleide. HQ e os “syndicates” norte-americanos. *In*: LUYTEN, Sônia Bibe (Org.). **Histórias em quadrinhos: leitura crítica**. São Paulo: Edições Paulinas, [s.d.], p. 27–33. (Leitura Crítica da Comunicação, 1).

GARCIA, Alberto. **EC, paradigma del horror pre-code**. Tebeosfera. 2009. Disponível em: <https://www.tebeosfera.com/documentos/ec_paradigma_del_horror_pre-code.html>. Acesso em: 23 jan. 2023.

GARCIA, André. **A primeira vinda do Kiss ao Brasil, em 1983, segundo quem estava lá**. Whiplash. 2022. Disponível em: <https://whiplash.net/materias/news_716/344499-kiss.html>. Acesso em: 24 fev. 2023.

GARCIA, Santiago. **A novela gráfica**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GASPARI, Elio. **A ditadura encurralda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 5v. (As ilusões armadas, 4).

_____. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 5v. (As ilusões armadas, 1).

GENTILLI, Victor. O jornalismo brasileiro do AI-5 à distensão: “milagre econômico”, repressão e censura. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 1, n. 2, 2004.

GIFF-WIFF. Cité de la BD. 2015. Disponível em: <<http://collections.citebd.org/in/faces/details.xhtml?id=h%3A%3Ad43d2ebc-6741-4d6a-a1c2-cc67b6ed8747>>. Acesso em: 9 abr. 2023.

GIMME Danger. Jim Jarmusch. Carter Logan, Fernando Sulichin, Rob Wilson. New York: Low Mind Films, New Element, 2016. Documentário (108 min.).

GRAPHIC Means: A History of Graphic Design Production. Briar Levit. Tugg, Inc., 2016. Documentário (85min.). Disponível em: <https://www.graphicmeans.com/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

GLOBOPLAY. **Armação** **ilimitada**: Bacana foge de casa. Globoplay. 2017. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4064157/>. Acesso em: 26 fev. 2023.

GONÇALO JUNIOR. **A guerra dos gibis**: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GONÇALVES, Daniel José. **O desbunde como manifestação política**: a identidade de gênero na obra de Ana Cristina Cesar. Dissertação (Mestrado em Letras), UFPR, Curitiba, 2008.

GOSCINNY, René; UDERZO, Albet. **Asterix e a zaragata**. Lisboa: Meribérica/Liber, 1970.

GRAVETT, Paul. **In Search Of The Atom Style: Part 2**. Paul Gravett. Disponível em: http://www.paulgravett.com/articles/article/in_search_of_the_atom_style2>. Acesso em: 9 out. 2022.

_____. **Seal Of Approval**: The History Of The Comics Code. Paul Gravett. Disponível em: http://www.paulgravett.com/articles/article/seal_of_approval>. Acesso em: 24 jan. 2023.

GRAY, Maggie. **Alan Moore, Out from the Underground**. Cham: Palgrave Macmillan, 2017. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/978-3-319-66508-5>>. Acesso em: 17 maio 2023.

GUZMAN, Sidney. A censura nos quadrinhos. **Rizoma**, n. Gibi, 2002.

HAJDU, David. **The Ten-Cent Plague**: The Great Comic-Book Scare and How it Changed America. New York: Picador, 2009.

HALL, Stuart. **Representation**. London, Thousand Oaks, New Delhi, Milton Keynes: Sage Publications/The Open University, 1997.

HOBBS, Jared. **What's the Difference Between an EP & LP Album in Music?** LedgerNote. 2020. Disponível em: <https://ledgernote.com/columns/careers-marketing/what-is-an-ep-vs-lp/>>. Acesso em: 8 fev. 2022.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: O Breve Século XX (1914-1991). 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOLMSTROM, John; HURD, Bridget (Orgs.). **The Best of Punk Magazine**. 1. ed. New York: HarperCollins Publishers, 2012.

HORTON, Ian. The Historians of the Art Form. *In*: SMITH, Matthew J.; DUNCAN, Randy (Orgs.). **The Secret Origins of Comics Studies**. New York: Routledge, 2017, p. 179–215.

HORTON, Ian; GRAY, Maggie. **Art History for Comics**: Past, Present and Potential Futures. Cham: Palgrave Macmillan, 2022.

HOYESARTE.COM. **El canibalismo dadá de Picabia**. hoyesarte.com. Madrid, 2013. Disponível em: <https://www.hoyesarte.com/literatura/el-canibalismo-dada-de-picabia_115965/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

HUVE, Christine. **Metal Hurlant**: index des cent premiers numeros. Memoire de fin d'études, École Nationale Supérieure de Bibliothécaires, Memoire de fin d'études, 1985.

IMAGESHACK. (486) **Pinterest**. Imageshack.us. 2015. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/201606520788893635/>>. Acesso em: 8 maio 2023.

INSTITUTO ITAÚ CULTURAL. **Angeli**. Enciclopédia Itaú Cultural. 2020. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6199/angeli>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

_____. **Henfil**. Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5430/henfil>>. Acesso em: 15 jul. 2021. Verbete da Enciclopédia.

JWT. Pepsi. O sabor da nova geração. **Humor-Verdade**, n. 10, p. 23–29, 1988.

KAZI, JMM. **Panacea – Entrevista com Laerte**. The Third Nipple. 2009. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20090209111347/http://thethirdnipple.com/panacea/10anos/36/laerte/laerte.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2001.

LANA, Jonas Soares. **Rogério Duprat, arranjos de canção e a sonoplastia tropicalista**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2013.

LARIÚ, Rodrigo de Sousa. **Um mapeamento dos fanzines impressos sobre música no Brasil de 1989 a 2009**. Monografia (Graduação em Comunicação Social), UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. (Coleção Repertórios).

LIBELU: Abaixo a Ditadura. Diógenes Muniz. São Paulo: Boulevard Filmes, 2020. Documentário (90 min.). Disponível em: <https://youtu.be/BBQCWsrqbNs>. Acesso em: 9 set. 2021.

LONDONJAZZCOLLECTOR. **Duke Ellington: Money Jungle (1962) UK United Artists**. LondonJazzCollector. 2013. Disponível em: <<https://londonjazzcollector.wordpress.com/2013/03/07/duke-ellington-money-jungle-1962-united-artists/>>. Acesso em: 8 maio 2023.

MAGALHÃES, Jorge. **“Terry e os Piratas” – uma série inesquecível reeditada por José Pires**. O Vôo do Mosquito. 2017. Disponível em:

<<https://ovoodomosquito.wordpress.com/2017/04/30/terry-e-os-piratas-uma-serie-inesquecivel-reeditada-por-jose-pires/>>. Acesso em: 7 dez. 2021.

MALERONKA, Fabio; COHN, Sergio. **Toninho Mendes: editor e criador da Circo Editorial**. 2010.

MANNING, Megan. **An Analysis of the Evolution of Death Narratives in Superhero Comic Books**. Tese, Middle Tennessee State University, Murfreesboro, 2021.

MARANHAS; BRAGA, José. **Grilo nº 43/Espaço-Tempo | Guia dos Quadrinhos**. Guia dos Quadrinhos. 2008. Disponível em: <<http://www.quiadinhos.com/edicao/grilo-n-43/gr241100/72619>>. Acesso em: 2 fev. 2023.

MARCHAND, Dave. **Innovation Lost In Space**. Dave's Comic Heroes Blog. 2014. Disponível em: <<https://davescomicheroes.blogspot.com/2014/06/innovation-lost-in-space.html>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

MASP, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. **tbt**. Facebook. 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/maspmuseu/posts/pfbid022asBv2QdqZDRuvS2gfbFxZHy7MVAqV91S3V342TcAqbqRB7N6KVzvY4WDzpmM3Tql>>. Acesso em: 7 abr. 2023.

MATTIOLI, Massimo. The Big Game. **Animal**, n. 1, p. 11–16, 1988.

MAZURIER, Stéphane. **Hara-Kiri de 1960 à 1970, un journal d'avant-garde**. Harakiri Chron. 2008. Disponível em: <<http://www.harakiri-choron.com/articles.php?lng=fr&pg=109>>. Acesso em: 8 mar. 2023.

MAZZILLI, Clíce de Toledo Sanjar; ARBIX, Glauco Antonio Truzzi; CINTRA FILHO, Sylvio de Ulhôa; *et al.* Design: ensino, prática e inovação. **Pós**, v. 15, n. 24, p. 190–195, 2008.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

MCDERMOTT, Rose. **Risk-taking in international politics: prospect theory in American foreign policy**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1998.

MCNEIL, Legs; MCCAIN, Gillian. **Mate-me por favor**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

MEES, Hugo Rafael. **Revista Animal: A contra cultura europeia e brasileira no período pós ditadura**. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Design Gráfico), UTFPR, Curitiba, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MELLO, Luiz Antonio. **A onda maldita: como nasceu a Fluminense FM**. 4 (Digital). Niterói: Autopublicação, 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Geração 80**. Memória Globo. 2021. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/musicais-e-shows/geracao-80/noticia/geracao-80.ghtml>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

MENDES, Toninho; MATTOSO, Glauco. Semanários. **Chiclete com Banana**, n. 18, p. 30–31, 1989.

MENEZES, Cynara. **Qual era a onda da Libelu?**. Socialista Morena. 2013. Disponível em: <<https://www.socialistamorena.com.br/qual-era-a-onda-da-libelu/>>. Acesso em: 8 dez. 2021.

MENEZES, Kauê. **Arte tipo exportação**: A história dos desenhistas brasileiros que trabalham para o mercado norte-americano de quadrinhos. Repórter - Revista Eletrônica de Jornalismo Investigativo. 2007. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/cidades/quadrinhos.html>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

MESÓN, Javier. **El origen del «TBO»**. abc. 2012. Disponível em: <https://www.abc.es/cultura/abci--201204040000_noticia.html>. Acesso em: 30 jan. 2023.

MIL PERIGOS. Caderno Gê. **Mil Perigos**, n. 3, p. 36–50, 1991.

MORAES, Everton de Oliveira. **“Cortar o tecido da história”**: condutas e imagens do tempo em Paulo Leminski e Luiz Rettamozo (1975-1980). Tese (Doutorado em História), UFPR, Curitiba, 2016.

_____. **“Deslocados, desnecessários”**: o ódio e a ética nos fanzines punks (Curitiba, 1990-2000). Dissertação (Mestrado em História), UFSC, Florianópolis, 2010.

MOYA, Álvaro de. The First International: I Exposicao Internacional de Historias em Quadrinhos. In: MUNSON, Kim A. (Org.). **Comic Art in Museums**. 1. ed. Jackson: University Press of Mississippi, 2020, p. 98–103.

MUBI. **Rambo II: A Missão**. Mubi.com. 2023. Disponível em: <<https://mubi.com/pt/films/rambo-first-blood-part-ii>>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MUNIZ, Cellina Rodrigues. **Fanzines**: autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

MUNSON, Kim A. (Org.). **The First International**: I Exposicao Internacional de Historias em Quadrinhos. 1. ed. Jackson: University Press of Mississippi, 2020.

MURRAYGM. **Vintage I-D Magazines (1981, 1983, 1984, 1985)**. paperposts. 2016. Disponível em: <<http://www.paperposts.me/posts/2016/4/24/vintage-i-d-magazines-1981-1983-1984-1985>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

NO DORSO da Pantera. In: Asdrúbal Trouxe o Trombone. Direção de Hamilton Vaz Pereira. Brasil: Casé Filmes, 2017. 30 min. son., color. Temporada 1, episódio 2. Disponível em <https://youtu.be/cUYrIZBKZsc>. Acesso em: 17 fev. 2023.

NOGUEIRA, Natania A. S. **História e ensino sem fronteiras**: os 50 anos do I Congresso Internacional de Quadrinhos. História e ensino sem fronteiras. 2020. Disponível em: <<http://historiadoensino.blogspot.com/2020/12/os-50-anos-do-i-congresso-internacional.html>>. Acesso em: 27 nov. 2022.

OLIVEIRA, Luciana Xavier de. Visões sobre o movimento Black Rio: apontamentos teóricos sobre estilo, consumo cultural e identidade negra. **Animus**, v. 14, n. 27, p. 78–93, 2015.

PAIVA, Vitor. **O som e a fúria de Nevermind, 25 anos depois**. Hypheness. 2016. Disponível em: <<https://www.hypheness.com.br/2016/09/o-som-e-a-furia-do-disco-nevermind-do-nirvana-25-anos-depois/>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

PAZ, Liber Eugênio. **Tecnologia e cultura nos quadrinhos independentes brasileiros**. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade), PPGTE, UTFPR, Curitiba, 2017.

PERBICHE, Matheus Pacheco. **A raposa e a astúcia**: redes intelectuais na imprensa alternativa curitibana (1978-1983). Dissertação (Mestrado em História), UFPR, Curitiba, 2021.

PIVA, Rodrigo. Histeria nº 1. **Chiclete com Banana**, n. 17, p. 29, 1989.

PIZZI, Katia. Contemporary comics. In: HUNT, Peter (Org.). **International Companion Encyclopedia of Children's Literature**. 2. ed. London, New York: Routledge Ltd, 2004.

PLAYBOY MAGAZINE. Playboy interview: John Wayne – candid conversation. **Playboy**, v. 18, n. 5, p. 75–92, 1971.

PLUMMER, Jessica. **10 Things You Might Not Know About the Comics Code Authority**. Book Riot. 2021. Disponível em: <<https://bookriot.com/comics-code-authority/>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

PONTE PRETA, Stanislaw. **FEBEAPÁ**: Festival de besteira que assola o país. São Paulo: Companhia das Letras, s.d.

POUSSIN, Gilles; MARMONNIER, Christian. **Métal Hurlant 1975-1987**: La Machine à Rêver. 1. ed. Paris: Éditions Denoël, 2005.

PRYSTHON, Angela. **Cosmopolitismos periféricos**: aspectos cosmopolitas no pós-modernismo brasileiro dos anos 80 e 90. Tese (Doutorado em Filosofia), University of Nottingham, Nottingham, 1999.

_____. **Raymond Williams**. Academia.edu. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/51144470/Raymond_Williams>. Acesso em: 12 fev. 2023.

PUNKS em São Paulo (TV Gazeta, 1983) - YouTube. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLflqAIGb84mVxc4o-n19z4FOkCkG8uHKy>. Acesso em: 11 abr. 2023.

QUEM avisa [...]. **Pif Paf**, n. 8, p. Contracapa, 1964.

RANIERI, Raphael. **Philippe Druillet e a revolução das HQ's sci-fi!** Formiga Elétrica. 2018. Disponível em: <https://formigaeletrica.com.br/quadrinhos/artigos-hq/philippe-druillet/>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

READ COMIC ONLINE. **His Name is Savage Full**. Read Comic Online. 2018. Disponível em: <https://readcomiconline.li/Comic/His-Name-is-Savage/Full?id=145569#1>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

RIERA, Martí; HOYUELOS, Rodolfo. Tony Nuevaola y Lola Lista contra los N.A.D.A. **El Víbora**, n. 6, p. 58–66, 1980.

ROCCO, Luigi. **Chiclete com Banana - Folha de São Paulo - 1981**. TIRAS Memory. 2015. Disponível em: <http://tvmemory.blogspot.com/2015/01/chiclete-com-banana-folha-de-sao-paulo.html>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

RODRIGUES, Antonio Alves. **Cinema e quadrinhos: relações invisíveis**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mercado), Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2019.

RODRIGUES, Gilmar. **DunDum: quando o quadrinho virou crime**. Ignorância Times. 2020. Disponível em: <https://ignoranciatices.com.br/gil-rodriques-dundum>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

ROSENKRANZ, Patrick. **Rebel Visions: The Underground Comix Revolution (1963-1975)**. Seattle: Fantagraphics Books, 2008.

ROTA ABC. Garotos Podres. 2021 (10:58 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r2mleHNIYyQ>. Acesso em: 11 abr. 2023.

SADUH SHOP. **LP Coletânea Contra Ataque 1988**. Saduh Shop. Disponível em: <https://www.saduhshop.com.br/lp-coletanea-contra-ataque-1988>>. Acesso em: 9 maio 2023.

SALVETTI, Eros. **“Frigidaire”**: il superfluo indispensabile (1980-1989). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Literatura moderna), Università degli studi di Trento, Trento, 2003.

SANCHES, Pedro Alexandre; MATTOS, Laura. **Folha Online - Ilustrada - Leia a íntegra da entrevista de André Midani à Folha - 21/05/2003**. Folha de S. Paulo.

2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u33266.shtml>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

SANTOS, Aline Martins dos. **Udigrudi**: O underground tupiniquim. Chiclete com Banana e o humor em tempos de redemocratização brasileira. Dissertação (Mestrado em História), UFF, Niterói, 2012.

SANTOS, Guilherme Caldas dos. **Visões de São Paulo**: a marca urbana segundo Luiz Gê. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – PPGTE, UTFPR, Curitiba, 2017.

SANTOS, Roberto Elísio dos. A renovação das histórias em quadrinhos nas publicações alternativas brasileiras da década de 1980. **Comunicação & Inovação**, v. 12, n. 22, p. 24–34, 2011.

SANTOS, Rodrigo Otávio dos. O rock brasileiro da década de 1980 e seus espaços culturais. 2015.

_____. **Rock e quadrinhos nas páginas da revista Chiclete com Banana (1985-1990)**. Tese (Doutorado em História), PPGHIS, UFPR, Curitiba, 2014.

SANTOS, Eliene; PRATA, Nair; MEDEIROS, Rafael. Rádios comunitárias no Brasil: entre a clandestinidade e a relevância social. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 140, p. 129–146, 2019.

SAVAGE, Jon. **England's Dreaming**: Anarchy, Sex Pistols, Punk Rock and Beyond. New York: St. Martin's Press, 1992.

SCHELLY, Bill. **Harvey Kurtzman**: The Man Who Created Mad and Revolutionized Humor in America. Seattle: Fantagraphics Books, 2015.

SF DICTIONARY. **Historical Dictionary of Science Fiction**: fanzine. SF Dictionary. 2020. Disponível em: <<https://sfdictionary.com/view/186>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

SKINN, Dez. **Comix**: the underground revolution. New York: Thunder's Mouth Press, 2004.

SLUMBERLAND. **Frigidaire n. 1, primo albo della rivoluzionaria rivista di fumetti dei giovani fumettisti cannibali Liberatore, Mattioli, Paziienza, Scòzzari, Tamburi**. Slumberland. 2016. Disponível em: <<https://www.slumberland.it/contenuto.php?id=14564>>. Acesso em: 5 out. 2021.

SOLAR, Pedro Pérez del. **Imágenes del desencanto**: Nueva historieta española (1980-1986). Madrid, Frankfurt am Main: Iberoamericana, Vervuert, 2013.

SOUZA, Fábio Francisco Feltrin de. **Canções de um fim de século**: história, música e comportamento na década encontrada (1978-1991). Dissertação (Mestrado em História), UFSC, Florianópolis, 2005.

SPRACKLEN, Karl; SPRACKLEN, Beverley. **The Evolution of Goth Culture: the Origins and Deeds of the New Goths**. 1. ed. Bingley: Emerald Publishing Limited, 2018. (Emerald Studies In Alternativity and Marginalization, 4).

TANZILLO, Francesco. **Gotham Knights è una questione di famiglia**. Outcast. 2022. Disponível em: <<https://www.outcast.it/home/gotham-knights-una-questione-di-famiglia>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9ª. Petrópolis: Vozes, 2011.

TRACKS. **B37094 - The Beatles Fan Club Summer 1964 National Newsletter Magazine (UK)**. Tracks. 2022. Disponível em: <<https://www.tracks.co.uk/product/b37094-the-beatles-fan-club-summer-1964-national-newsletter-magazine-uk/>>. Acesso em: 8 mar. 2023.

VALLE, Paulo. **Papel couchê – Saiba o que é!** Dicas Gráficas do Cardquali. 2013. Disponível em: <<https://cardquali.com/papel-couche-saiba-e/>>. Acesso em: 14 mar. 2023.

VERGUEIRO, Waldomiro. Chiclete com Banana abrindo caminhos. *In*: MENDES, Toninho (Org.). **Humor Paulistano - A Experiência do Circo Editorial - 1984-1995**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014, p. 31–165.

VIEIRA, Itala Maduell. **JB, um paradigma jornalístico: Memória e identidade em narrativas míticas sobre o Jornal do Brasil**. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Departamento de Comunicação Social, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2019.

WARREN PUBLISHING. **Help! Warren archive**. Internet Archive. 2016. Disponível em: <<http://archive.org/details/Help1960s>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

WEINSTEIN, Deena. **Heavy Metal: The Music And Its Culture**. New York: Da Capo Press, 2000.

WIKIPEDIA. **Pilote**. Wikipedia. 2021. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Pilote&oldid=1050562601>>. Acesso em: 14 dez. 2021. Page Version ID: 1050562601.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. **Culture and Society: 1780-1950**. New York: Anchor Books Doubleday & Company, 1960.

_____. **Drama, from Ibsen to Brecht**. New York: Oxford University Press, 1969.

_____. **Marxism and Literature**. 1. ed. Oxford: Oxford University Press, 1977. (Marxist Introductions).

_____. **Writing in Society**, London: Verso, 1985.

_____. “You’re a Marxist, aren’t You?” *In: Resources of Hope: Culture, Democracy, Socialism*. London, New York: Verso, 1989, p. 65–76.

WINNESBURG, J; FARIAS, Priscila. Vincent, o abutre. *Animal*, v. Encarte Mau, n. 6, p. 47, 1989.

X, Edson; CESAR, Julio; HERMES, Marcio; *et al.* G.U.E.T.O. *In: Estação Primeira*. [s.l.]: Warner Music Brasil Ltda, 1987. Disponível em: <<https://youtu.be/38tFIHy3Ypw>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

ACERVOS CONSULTADOS

ACERVO - FOLHA DE SÃO PAULO. *Acervo Digital - Folha de S.Paulo*, 2023. Página inicial. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/index.do>>. Acesso em: 20, mai. 2023.

ACERVO DIGITAL | JORNAL O GLOBO. *O Globo*, 2023. Página inicial. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/acervo/>>. Acesso em: 20, mai. 2023.

ACERVO DO JORNAL O ESTADO DE S. PAULO. *Estadão*, 2023. Página inicial. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/acervo/>>. Acesso em: 20, mai. 2023.

BNDIGITAL. *BNDigital*, 2023. Página inicial. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/>>. Acesso em: 20, mai. 2023.

COMICSBOX :: DATABASE DI COMICS E FUMETTI. *ComicsBox*, 2023. Página inicial. Disponível em: <<https://www.comicsbox.it/>>. Acesso em: 20, mai. 2023.

GUIA DOS QUADRINHOS - TODAS AS HQS PUBLICADAS NO BRASIL, NUM SÓ LUGAR!. *Guia dos Quadrinhos*, 2023. Página inicial. Disponível em: <<http://guiadosquadrinhos.com/>>. Acesso em: 20, mai. 2023.

PESQUISA DE ARQUIVOS DE NOTÍCIAS GOOGLE. *Google News*, 2023. Página inicial. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC>>. Acesso em: 20, mai. 2023.

TEBEOSFERA: REVISTA Y CATÁLOGO SOBRE CÓMIC, NOVELA Y CULTURA POPULAR. *Tebeosfera*, 2023. Página inicial. Disponível em: <<https://tebeosfera.com/>>. Acesso em: 20, mai. 2023.

WIKIPÉDIA. *Wikipedia, the free encyclopedia*, 2023. Página inicial. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 20, mai. 2023.

REVISTAS CONSULTADAS

ABUTRE. São Paulo: Flama Editorial. n. 1-6. 1987-1992.

ANIMAL. São Paulo: VHD Diffusion. n. 1-22. 1988-1991.

- AVENTURA E FICÇÃO. São Paulo: Editora Abril. n. 1-21. 1986-1990.
- BIZZ. São Paulo: Editora Abril. n. 0-59. 1985-1989.
- CANNIBALE. Paris: Au Sans Pareil. N. 1-2. 1920.
- CANNIBALE. Milano: Primo Carnera. N. 4/5/6/7. 1977.
- CHICLETE COM BANANA. São Paulo: Circo Editorial. n. 1-24. 1985-1990.
- CIRCO. São Paulo: Circo Editorial. n. 1-8. 1986-1988.
- EL VÍBORA. Barcelona: J. M. Berenguer. n. 1, 2, 6, 24, 63, 73, 96, 106, 137, 138-139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 150, 163, 264, 267, 299-300. 1979-2004.
- FIERRO. Buenos Aires: Edicciones de la Urraca. n. 100. 1992.
- HELP! James Warren: Philadelphia, New York. v. 1, n. 1-3, 5-8, 11-12, v. 2, n. 1, 3-4, 6-8, 21-26. 1960-1965.
- HUMOR-VERDADE. São Paulo: Carta Editorial. n. 10. 1988.
- INTER! QUADRINHOS. São Paulo: Ondas. v. 1, n. 2-4, v. 2, n. 1-6. 1984-1985, 1990-1992.
- MEGA. Porto Alegre: Tchê, Ortiz. n. 1-8. 1988-1989.
- MÉTAL HURLANT. Paris: L. F. Editions. n. 15-23. 1977.
- MIL PERIGOS. São Paulo: Dealer. n. 3. 1991.
- MONGA, A MULHER GORILA. São Paulo: Press. n. 1. 1987.
- NOCAUTE. São Paulo: La Selva. n. 1-2. 1986.
- PANACEA. Osasco: Panacea. n. 35. 1994.
- PARALELAS. São Paulo: Press. n. 1. 1986.
- PILOTE. Paris: Société d'Édition Pilote. n. 0-10. 1959.
- PIRATAS DO TIETÊ. São Paulo: Circo Editorial. n. 1-14. 1990-1992.
- PORRADA! SPECIAL. São Paulo: Vidente. n. 1-6. 1989-1990.
- ZOULOU. Paris: Zoulou. n. 1. 1984

APÊNDICE A — Comparação da distribuição dos quadrinhos

Tabela 13 — País de origem dos autores, segundo a ocorrência de quadrinhos (geral).

País	HQ+Tirinhas	% sobre o total	Quantidade de autores
Brasil	168	40,98%	45
Itália	53	12,93%	11
Espanha	47	11,46%	14
França	46	11,22%	16
Bélgica	41	10,00%	4
Reino Unido	15	3,66%	7
Indeterminado	14	3,41%	
Estados Unidos	12	2,93%	8
Argentina	7	1,71%	4
Alemanha	5	1,22%	1
Portugal	1	0,24%	1
Canadá	1	0,24%	1
Subtotal (autores estrangeiros)	242	59,02%	67
Total	410	100,00%	112

Fonte: Autoria própria (2022).

Tabela 14 — Quadrinhos segundo país de origem: HQ.

País de origem	HQ	Proporção HQ/Tirinha	% do total de HQs	Quantidade de autores
Brasil	67	16,46%	25,19%	34
Itália	52	12,78%	19,55%	11
Espanha	47	11,55%	17,67%	16
França	46	11,30%	17,29%	14
Reino Unido	15	3,69%	5,64%	7
Indeterminado	13	3,19%	4,89%	7
Estados Unidos	11	2,70%	4,14%	–
Argentina	7	1,72%	2,63%	2
Alemanha	5	1,23%	1,88%	4
Bélgica	1	0,25%	0,38%	1
Portugal	1	0,25%	0,38%	1
Canadá	1	0,25%	0,38%	1
Subtotal (autores estrangeiros)	199		74,81%	64
Total	266		100,00%	98

Fonte: Autoria própria (2022) * Em relação ao total de ocorrências de HQs + tirinhas (407).

Tabela 15 — Quadrinhos segundo país de origem: Tirinhas.

País de origem	Tirinha	Proporção HQ/Tirinha	% do total de tirinhas	Quantidade de autores
Brasil	101	24,82%	70,14%	22
Bélgica	40	9,83%	27,78%	2
Itália	1	0,25%	0,69%	1
Indeterminado	1	0,25%	0,69%	–
Estados Unidos	1	0,25%	0,69%	1
Espanha	0	0,00%	0,00%	0
França	0	0,00%	0,00%	0
Reino Unido	0	0,00%	0,00%	0
Argentina	0	0,00%	0,00%	0
Alemanha	0	0,00%	0,00%	0
Portugal	0	0,00%	0,00%	0
Canadá	0	0,00%	0,00%	0
Subtotal (autores estrangeiros)	43		29,86%	4
Total	144		100,00%	26

Fonte: Autoria própria (2022) * Em relação ao total de ocorrências de HQs + tirinhas (407).

Tabela 16 — Páginas de HQ segundo país de origem.

País de origem	HQ (páginas)	% do total de páginas de HQ	<i>Animal</i>	<i>Mau</i>
Brasil	171	13,71%	116	55
Itália	338	27,11%	320	18
Espanha	336	26,94%	331	5
França	160	12,83%	135	20
Reino Unido	72	5,77%	58	14
Indeterminado	16	1,28%	0	11
Estados Unidos	53	4,25%	51	2
Argentina	39	3,13%	37	2
Alemanha	53	4,25%	53	0
Bélgica	5	0,40%	5	0
Portugal	3	0,24%	3	0
Canadá	1	0,08%	0	1
Subtotal (autores estrangeiros)	1076	86,29%	993	73
Total	1247	100,00%	1.109	128

Fonte: Autoria própria (2022).

Tabela 17 — Distribuição de tirinhas entre *Animal* e *Mau*.

Pais de origem	Total	% sobre o total	<i>Animal</i>	% na <i>Animal</i>	<i>Mau</i>	% no <i>Mau</i>
Brasil	101	70,14%	0	0,00%	101	97,12%
Bélgica	40	27,78%	40	100,00%	0	0,00%
Itália	1	0,69%	0	0,00%	1	0,96%
Indeterminado	1	0,69%	0	0,00%	1	0,96%
Estados Unidos	1	0,69%	0	0,00%	1	0,96%
Espanha	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
França	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Reino Unido	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Argentina	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Alemanha	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Portugal	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Canadá	0	0,00%	0	0,00%	0	
Subtotal (autores estrangeiros)	43	29,86%	40	100,00%	3	2,88%
Total	144	100,00%	40	100,00%	104	100,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

APÊNDICE B — Fichamentos (tabulação dos dados)

Tabela 18 — Ocorrência e distribuição dos temas entre *Animal* e *Mau*.

Categoria	nº de ocorrências		Na <i>Animal</i>		No <i>Mau</i>	
	2127	100,00%	1087	51,10%	1040	48,90%
Violência	175	8,23%	99	56,57%	76	43,43%
Sexualidade	129	6,06%	82	63,57%	47	36,43%
Música	96	4,51%	19	19,79%	77	80,21%
Humor	89	4,18%	21	23,60%	68	76,40%
Ironia	80	3,76%	17	21,25%	63	78,75%
Cultura pop	69	3,24%	30	43,48%	39	56,52%
Quadrinhos (tema)	64	3,01%	36	56,25%	28	43,75%
Assassinato	41	1,93%	32	78,05%	9	21,95%
Rock	37	1,74%	8	21,62%	29	78,38%
Non-sense	33	1,55%	14	42,42%	19	57,58%
Vida urbana	30	1,41%	15	50,00%	15	50,00%
Cinema	27	1,27%	14	51,85%	13	48,15%
Pornografia	26	1,22%	6	23,08%	20	76,92%
Fanzines	26	1,22%	0	0,00%	26	100,00%
Racismo	25	1,18%	18	72,00%	7	28,00%
Homossexualidade	25	1,18%	16	64,00%	9	36,00%
Ficção científica	24	1,13%	21	87,50%	3	12,50%
Crime	24	1,13%	13	54,17%	11	45,83%
Rock - <i>Heavy Metal</i>	23	1,08%	0	0,00%	23	100,00%
História	22	1,03%	14	63,64%	8	36,36%
Política	22	1,03%	12	54,55%	10	45,45%
Distopia	22	1,03%	22	100,00%	0	0,00%
Antropozoomorfismo	21	0,99%	11	52,38%	10	47,62%
Rock - punk rock	21	0,99%	1	4,76%	20	95,24%
Circuito cultural	20	0,94%	0	0,00%	20	100,00%
Religiosidade	20	0,94%	13	65,00%	7	35,00%
Exotismo	20	0,94%	16	80,00%	4	20,00%
Assédio	19	0,89%	12	63,16%	7	36,84%
Comportamento	19	0,89%	11	57,89%	8	42,11%
Guerra	17	0,80%	13	76,47%	4	23,53%
Rock - Hardcore	16	0,75%	2	12,50%	14	87,50%
Drogas	16	0,75%	9	56,25%	7	43,75%

Prostituição	16	0,75%	13	81,25%	3	18,75%
Paródia	15	0,71%	6	40,00%	9	60,00%
Relações familiares	15	0,71%	6	40,00%	9	60,00%
Estupro	15	0,71%	12	80,00%	3	20,00%
Artes visuais	14	0,66%	9	64,29%	5	35,71%
Fetichismo sexual	14	0,66%	5	35,71%	9	64,29%
Sadomasoquismo	14	0,66%	11	78,57%	3	21,43%
Colonialismo	14	0,66%	10	71,43%	4	28,57%
Polícia	14	0,66%	7	50,00%	7	50,00%
Rock - Crossover	13	0,61%	0	0,00%	13	100,00%
Animais	13	0,61%	1	7,69%	12	92,31%
Blues	13	0,61%	2	15,38%	11	84,62%
Cinema - filmes de horror	12	0,56%	9	75,00%	3	25,00%
Paisagem urbana	11	0,52%	10	90,91%	1	9,09%
Rock - bandas independentes	11	0,52%	0	0,00%	11	100,00%
Fantasia	10	0,47%	8	80,00%	2	20,00%
Masturbação	10	0,47%	6	60,00%	4	40,00%
Literatura	9	0,42%	8	88,89%	1	11,11%
Suicídio	9	0,42%	7	77,78%	2	22,22%
Escatologia	9	0,42%	3	33,33%	6	66,67%
Nudez	9	0,42%	9	100,00%	0	0,00%
Reggae	9	0,42%	0	0,00%	9	100,00%
Nostalgia	9	0,42%	2	22,22%	7	77,78%
Erotismo	9	0,42%	2	22,22%	7	77,78%
Sexo em grupo	9	0,42%	9	100,00%	0	0,00%
Vida noturna	9	0,42%	7	77,78%	2	22,22%
Sexismo	8	0,38%	7	87,50%	1	12,50%
Rock - psychobilly	8	0,38%	1	12,50%	7	87,50%
Aventura	8	0,38%	4	50,00%	4	50,00%
Pedofilia	8	0,38%	8	100,00%	0	0,00%
Espaço urbano	8	0,38%	4	50,00%	4	50,00%
Jazz	8	0,38%	2	25,00%	6	75,00%
Cultura	7	0,33%	4	57,14%	3	42,86%
Adulterio	7	0,33%	5	71,43%	2	28,57%
Ciborgues	7	0,33%	7	100,00%	0	0,00%

Estelionato	7	0,33%	6	85,71%	1	14,29%
Magia	7	0,33%	6	85,71%	1	14,29%
Mutilação	7	0,33%	3	42,86%	4	57,14%
Rock - Guitar bands	7	0,33%	0	0,00%	7	100,00%
Assalto	7	0,33%	4	57,14%	3	42,86%
Androide	6	0,28%	6	100,00%	0	0,00%
Mitologia	6	0,28%	5	83,33%	1	16,67%
Delírio	6	0,28%	3	50,00%	3	50,00%
Drogas - Cocaína	6	0,28%	2	33,33%	4	66,67%
Tortura	6	0,28%	4	66,67%	2	33,33%
Tecnologia	5	0,24%	4	80,00%	1	20,00%
Indústria fonográfica	5	0,24%	0	0,00%	5	100,00%
Incesto	5	0,24%	4	80,00%	1	20,00%
Filosofia	5	0,24%	2	40,00%	3	60,00%
Crimes passionais	5	0,24%	4	80,00%	1	20,00%
Violência doméstica	5	0,24%	5	100,00%	0	0,00%
Arquitetura	5	0,24%	5	100,00%	0	0,00%
Faroste	5	0,24%	0	0,00%	5	100,00%
Esoterismo	5	0,24%	5	100,00%	0	0,00%
Sonho	5	0,24%	5	100,00%	0	0,00%
Guerrilha	4	0,19%	3	75,00%	1	25,00%
Moda	4	0,19%	4	100,00%	0	0,00%
Futebol	4	0,19%	0	0,00%	4	100,00%
Artes gráficas	4	0,19%	2	50,00%	2	50,00%
Voyerismo	4	0,19%	2	50,00%	2	50,00%
Ciência	4	0,19%	2	50,00%	2	50,00%
Humor negro	4	0,19%	3	75,00%	1	25,00%
Bondage	4	0,19%	2	50,00%	2	50,00%
Comunicação de massa	4	0,19%	3	75,00%	1	25,00%
Canibalismo	4	0,19%	1	25,00%	3	75,00%
Tatuagem	4	0,19%	0	0,00%	4	100,00%
Machismo	4	0,19%	2	50,00%	2	50,00%
Abuso	4	0,19%	4	100,00%	0	0,00%
Natal	4	0,19%	2	50,00%	2	50,00%
Processo criativo	4	0,19%	2	50,00%	2	50,00%

Soul music	4	0,19%	1	25,00%	3	75,00%
Alcoolismo	3	0,14%	2	66,67%	1	33,33%
Antropomorfismo	3	0,14%	1	33,33%	2	66,67%
AIDS	3	0,14%	3	100,00%	0	0,00%
Imprensa	3	0,14%	2	66,67%	1	33,33%
Traição	3	0,14%	3	100,00%	0	0,00%
Fisiculturismo	3	0,14%	0	0,00%	3	100,00%
Amizade	3	0,14%	0	0,00%	3	100,00%
Morte	3	0,14%	2	66,67%	1	33,33%
Amor	3	0,14%	1	33,33%	2	66,67%
Televisão	3	0,14%	1	33,33%	2	66,67%
Deformidade	3	0,14%	2	66,67%	1	33,33%
Hip hop	3	0,14%	0	0,00%	3	100,00%
Metáfora	3	0,14%	3	100,00%	0	0,00%
Zoofilia	3	0,14%	2	66,67%	1	33,33%
Ativismo político	3	0,14%	0	0,00%	3	100,00%
Necrofilia	3	0,14%	3	100,00%	0	0,00%
Embriaguez	3	0,14%	3	100,00%	0	0,00%
Fábula	3	0,14%	3	100,00%	0	0,00%
Travestismo	3	0,14%	2	66,67%	1	33,33%
Medicina	3	0,14%	2	66,67%	1	33,33%
Pop	3	0,14%	1	33,33%	2	66,67%
Contracultura	3	0,14%	2	66,67%	1	33,33%
2ª Guerra Mundial	3	0,14%	3	100,00%	0	0,00%
Folk music	3	0,14%	0	0,00%	3	100,00%
Rhythm and blues	3	0,14%	0	0,00%	3	100,00%
Pirataria	3	0,14%	3	100,00%	0	0,00%
Rock - rockabilly	3	0,14%	0	0,00%	3	100,00%
Drogas - Maconha	3	0,14%	2	66,67%	1	33,33%
Masculinidade	3	0,14%	2	66,67%	1	33,33%
Drogas - Heroína	3	0,14%	3	100,00%	0	0,00%
Boxe	3	0,14%	2	66,67%	1	33,33%
Chacina	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Terror	2	0,09%	1	50,00%	1	50,00%
Homofobia	2	0,09%	1	50,00%	1	50,00%

Antropofagia	2	0,09%	1	50,00%	1	50,00%
Metalinguagem	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Rock - Pós-industrial	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Felação	2	0,09%	1	50,00%	1	50,00%
Fist fucking	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Dinossauros	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Feminismo	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Terrorismo	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Poesia	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Chantagem	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Rap	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Teatro	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
São Paulo	2	0,09%	1	50,00%	1	50,00%
Interação	2	0,09%	1	50,00%	1	50,00%
Nazismo	2	0,09%	1	50,00%	1	50,00%
Subversão	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Sobrenatural	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Vandalismo	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Drogas – Anfetaminas	2	0,09%	1	50,00%	1	50,00%
Aviação	2	0,09%	1	50,00%	1	50,00%
Ilustração	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Sequestro	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Alienígenas	2	0,09%	1	50,00%	1	50,00%
Espancamento	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Solidão	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Funk	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Linchamento	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Vida cotidiana	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Strip tease	2	0,09%	1	50,00%	1	50,00%
Ação	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
<i>Frigidaire</i>	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Carros	2	0,09%	1	50,00%	1	50,00%
Doença	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%
Super-heróis	2	0,09%	1	50,00%	1	50,00%
Home video	2	0,09%	2	100,00%	0	0,00%

Fome	2	0,09%	1	50,00%	1	50,00%
Computação gráfica	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Estética	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Experimentação gráfica	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Informática	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Meios de comunicação	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Culpa	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Briga	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Jornalismo	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Noir	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Genocídio	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Reminiscências	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Africanidade	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Alteridade	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Branquitude	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Bodybuilding	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Miséria	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Vingança	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Mal-entendido	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Circo	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
SESC Pompéia (lugar de espetáculos)	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - Country music	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Censura	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Repressão	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Castração	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Inseminação artificial	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Loucura	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Resiliência	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Perversão sexual	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Freddy Krueger	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Lou Reed	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Covardia	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
George Bernard Shaw	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Antissemitismo	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Deficiência física	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%

Padrão de beleza	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Biologia	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Drogas - Crack	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Transfobia	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Dancehall	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Decadência	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Transformação	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Pobreza	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Opressão	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Amnésia	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Espionagem	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Costumes	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Pedofilia	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Spanking	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - Instrumental	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Cajun	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Fotografia	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Gangues	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Mendicância	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Cyberpunk	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Policial - noir	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Xenofobia	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Contestação	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Série de TV	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Tudo em família	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Delinquência	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Abismo social	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Luxo	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Dance Music	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Linha clara	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Adaptação literária	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Jack London	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Arnaldo Baptista	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Ninfomania	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Exibicionismo	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%

Sodomização	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Surf music	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Trash	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Gerontofilia	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - pós-punk	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
<i>Cannibale</i>	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
<i>El Víbora</i>	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
L'Eccho des Savanes	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
<i>Ranxerox</i>	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Roubo	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Concurso	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Sadismo	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Velhice	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Apropriação	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Abandono	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Graffiti	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Saque	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Andrea Pazienza	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Ciúmes	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Perseguição	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Rock - Grindcore	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Existencialismo	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
<i>Maus tratos infantis</i>	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Farsa	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Prisão	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Viagem	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Keith Richards	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Rolling Stones	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Heroísmo	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Microcefalia	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Videogames	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - Kraut Rock	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
The Bleach	1	0,05%	1	100,00%	0	0,00%
Nick Cave	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
Ejaculação	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%

Grotesco	1	0,05%	0	0,00%	1	100,00%
----------	---	-------	---	-------	---	---------

Fonte: Autoria própria (2022).

Tabela 19 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau: Crime e violência.

Categoria	nº de ocorrências		Na Animal		No Mau	
	537	100,00%	354	65,92%	183	34,08%
Violência	175	32,59%	99	56,57%	76	43,43%
Assassinato	41	7,64%	32	78,05%	9	21,95%
Racismo	25	4,66%	18	72,00%	7	28,00%
Crime	24	4,47%	13	54,17%	11	45,83%
Assédio	19	3,54%	12	63,16%	7	36,84%
Guerra	17	3,17%	13	76,47%	4	23,53%
Drogas	16	2,98%	9	56,25%	7	43,75%
Prostituição	16	2,98%	13	81,25%	3	18,75%
Estupro	15	2,79%	12	80,00%	3	20,00%
Polícia	14	2,61%	7	50,00%	7	50,00%
Suicídio	9	1,68%	7	77,78%	2	22,22%
Escatologia	9	1,68%	3	33,33%	6	66,67%
Sexismo	8	1,49%	7	87,50%	1	12,50%
Pedofilia	8	1,49%	8	100,00%	0	0,00%
Mutilação	7	1,30%	3	42,86%	4	57,14%
Assalto	7	1,30%	4	57,14%	3	42,86%
Drogas - Cocaína	6	1,12%	2	33,33%	4	66,67%
Tortura	6	1,12%	4	66,67%	2	33,33%
Incesto	5	0,93%	4	80,00%	1	20,00%
Crimes passionais	5	0,93%	4	80,00%	1	20,00%
Violência doméstica	5	0,93%	5	100,00%	0	0,00%
Guerrilha	4	0,74%	3	75,00%	1	25,00%
Bondage	4	0,74%	2	50,00%	2	50,00%
Canibalismo	4	0,74%	1	25,00%	3	75,00%
Machismo	4	0,74%	2	50,00%	2	50,00%
Abuso	4	0,74%	4	100,00%	0	0,00%
Traição	3	0,56%	3	100,00%	0	0,00%
Morte	3	0,56%	2	66,67%	1	33,33%
Zoofilia	3	0,56%	2	66,67%	1	33,33%

Necrofilia	3	0,56%	3	100,00%	0	0,00%
2ª Guerra Mundial	3	0,56%	3	100,00%	0	0,00%
Pirataria	3	0,56%	3	100,00%	0	0,00%
Drogas - Maconha	3	0,56%	2	66,67%	1	33,33%
Drogas - Heroína	3	0,56%	3	100,00%	0	0,00%
Chacina	2	0,37%	2	100,00%	0	0,00%
Homofobia	2	0,37%	1	50,00%	1	50,00%
Antropofagia	2	0,37%	1	50,00%	1	50,00%
Felação	2	0,37%	1	50,00%	1	50,00%
Fist fucking	2	0,37%	2	100,00%	0	0,00%
Terrorismo	2	0,37%	2	100,00%	0	0,00%
Chantagem	2	0,37%	2	100,00%	0	0,00%
Subversão	2	0,37%	2	100,00%	0	0,00%
Vandalismo	2	0,37%	2	100,00%	0	0,00%
Drogas – Anfetaminas	2	0,37%	1	50,00%	1	50,00%
Sequestro	2	0,37%	2	100,00%	0	0,00%
Espancamento	2	0,37%	2	100,00%	0	0,00%
Linchamento	2	0,37%	2	100,00%	0	0,00%
Fome	2	0,37%	1	50,00%	1	50,00%
Briga	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Genocídio	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Miséria	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Vingança	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Repressão	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Castração	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Perversão sexual	1	0,19%	0	0,00%	1	100,00%
Freddy Krueger	1	0,19%	0	0,00%	1	100,00%
Covardia	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Antissemitismo	1	0,19%	0	0,00%	1	100,00%
Drogas - Crack	1	0,19%	0	0,00%	1	100,00%
Transfobia	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Pobreza	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Opressão	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Spanking	1	0,19%	0	0,00%	1	100,00%
Gangues	1	0,19%	0	0,00%	1	100,00%

Mendicância	1	0,19%	0	0,00%	1	100,00%
Xenofobia	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Delinquência	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Exibicionismo	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Sodomização	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Roubo	1	0,19%	0	0,00%	1	100,00%
Sadismo	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Saque	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Perseguição	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Maus tratos infantis	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Prisão	1	0,19%	1	100,00%	0	0,00%
Grotesco	1	0,19%	0	0,00%	1	100,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

Tabela 20 — Ocorrência e distribuição dos temas entre *Animal* e *Mau*: Sexo, práticas sexuais.

Categoria	nº de ocorrências		Na <i>Animal</i>		No <i>Mau</i>	
	103	100,00%	78	75,73%	25	24,27%
Prostituição	16	15,53%	13	81,25%	3	18,75%
Estupro	15	14,56%	12	80,00%	3	20,00%
Sadomasoquismo	14	13,59%	11	78,57%	3	21,43%
Masturbação	10	9,71%	6	60,00%	4	40,00%
Sexo em grupo	9	8,74%	9	100,00%	0	0,00%
Pedofilia	8	7,77%	8	100,00%	0	0,00%
Incesto	5	4,85%	4	80,00%	1	20,00%
Voyerismo	4	3,88%	2	50,00%	2	50,00%
Bondage	4	3,88%	2	50,00%	2	50,00%
Zoofilia	3	2,91%	2	66,67%	1	33,33%
Necrofilia	3	2,91%	3	100,00%	0	0,00%
Felação	2	1,94%	1	50,00%	1	50,00%
Fist fucking	2	1,94%	2	100,00%	0	0,00%
Strip tease	2	1,94%	1	50,00%	1	50,00%
Perversão sexual	1	0,97%	0	0,00%	1	100,00%
Pedolatria	1	0,97%	0	0,00%	1	100,00%
Spanking	1	0,97%	0	0,00%	1	100,00%
Ninfomania	1	0,97%	1	100,00%	0	0,00%

Sodomização	1	0,97%	1	100,00%	0	0,00%
Gerontofilia	1	0,97%	0	0,00%	1	100,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

Tabela 21 — Ocorrência e distribuição dos temas entre Animal e Mau: Sexualidade.

Categoria	nº de ocorrências		Na Animal		No Mau	
	354	100,00%	226	63,84%	128	36,16%
Sexualidade	129	36,44%	82	63,57%	47	36,43%
Pornografia	26	7,34%	6	23,08%	20	76,92%
Homossexualidade	25	7,06%	16	64,00%	9	36,00%
Prostituição	16	4,52%	13	81,25%	3	18,75%
Estupro	15	4,24%	12	80,00%	3	20,00%
Fetichismo sexual	14	3,95%	5	35,71%	9	64,29%
Sadomasoquismo	14	3,95%	11	78,57%	3	21,43%
Masturbação	10	2,82%	6	60,00%	4	40,00%
Nudez	9	2,54%	9	100,00%	0	0,00%
Erotismo	9	2,54%	2	22,22%	7	77,78%
Sexo em grupo	9	2,54%	9	100,00%	0	0,00%
Sexismo	8	2,26%	7	87,50%	1	12,50%
Pedofilia	8	2,26%	8	100,00%	0	0,00%
Adulterio	7	1,98%	5	71,43%	2	28,57%
Incesto	5	1,41%	4	80,00%	1	20,00%
Voyerismo	4	1,13%	2	50,00%	2	50,00%
Bondage	4	1,13%	2	50,00%	2	50,00%
Machismo	4	1,13%	2	50,00%	2	50,00%
AIDS	3	0,85%	3	100,00%	0	0,00%
Zoofilia	3	0,85%	2	66,67%	1	33,33%
Necrofilia	3	0,85%	3	100,00%	0	0,00%
Travestismo	3	0,85%	2	66,67%	1	33,33%
Masculinidade	3	0,85%	2	66,67%	1	33,33%
Homofobia	2	0,56%	1	50,00%	1	50,00%
Antropofagia	2	0,56%	1	50,00%	1	50,00%
Felação	2	0,56%	1	50,00%	1	50,00%
Fist fucking	2	0,56%	2	100,00%	0	0,00%
Feminismo	2	0,56%	2	100,00%	0	0,00%

Strip tease	2	0,56%	1	50,00%	1	50,00%
Perversão sexual	1	0,28%	0	0,00%	1	100,00%
Padrão de beleza	1	0,28%	1	100,00%	0	0,00%
Transfobia	1	0,28%	1	100,00%	0	0,00%
Pedofilia	1	0,28%	0	0,00%	1	100,00%
Spanking	1	0,28%	0	0,00%	1	100,00%
Ninfomania	1	0,28%	1	100,00%	0	0,00%
Exibicionismo	1	0,28%	1	100,00%	0	0,00%
Sodomização	1	0,28%	1	100,00%	0	0,00%
Gerontofilia	1	0,28%	0	0,00%	1	100,00%
Ciúmes	1	0,28%	0	0,00%	1	100,00%
Ejaculação	1	0,28%	0	0,00%	1	100,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

Tabela 22 — Ocorrência e distribuição dos temas entre *Animal* e *Mau*: Fantasia, ficção científica, aventura.

Categoria	nº de ocorrências		Na <i>Animal</i>		No <i>Mau</i>	
	124	100,00%	105	84,68%	19	15,32%
Ficção científica	24	19,35%	21	87,50%	3	12,50%
Distopia	22	17,74%	22	100,00%	0	0,00%
Fantasia	10	8,06%	8	80,00%	2	20,00%
Aventura	8	6,45%	4	50,00%	4	50,00%
Ciborgues	7	5,65%	7	100,00%	0	0,00%
Androide	6	4,84%	6	100,00%	0	0,00%
Mitologia	6	4,84%	5	83,33%	1	16,67%
Tecnologia	5	4,03%	4	80,00%	1	20,00%
Faroeste	5	4,03%	0	0,00%	5	100,00%
Sonho	5	4,03%	5	100,00%	0	0,00%
Guerrilha	4	3,23%	3	75,00%	1	25,00%
2ª Guerra Mundial	3	2,42%	3	100,00%	0	0,00%
Piratária	3	2,42%	3	100,00%	0	0,00%
Rock - Pós-industrial	2	1,61%	2	100,00%	0	0,00%
Sobrenatural	2	1,61%	2	100,00%	0	0,00%
Alienígenas	2	1,61%	1	50,00%	1	50,00%
Ação	2	1,61%	2	100,00%	0	0,00%
Super-heróis	2	1,61%	1	50,00%	1	50,00%

Computação gráfica	1	0,81%	1	100,00%	0	0,00%
Informática	1	0,81%	1	100,00%	0	0,00%
Inseminação artificial	1	0,81%	1	100,00%	0	0,00%
Espionagem	1	0,81%	1	100,00%	0	0,00%
Cyberpunk	1	0,81%	1	100,00%	0	0,00%
Ranxerox	1	0,81%	1	100,00%	0	0,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

Tabela 23 — Ocorrência e distribuição dos temas entre *Animal* e *Mau*: Música.

Categoria	nº de ocorrências		Na <i>Animal</i>		No <i>Mau</i>	
	307	100,00%	45	14,66%	262	85,34%
Música	96	31,27%	19	19,79%	77	80,21%
Rock	37	12,05%	8	21,62%	29	78,38%
Rock - <i>Heavy Metal</i>	23	7,49%	0	0,00%	23	100,00%
Rock - punk rock	21	6,84%	1	4,76%	20	95,24%
Rock - Hardcore	16	5,21%	2	12,50%	14	87,50%
Rock - Crossover	13	4,23%	0	0,00%	13	100,00%
Blues	13	4,23%	2	15,38%	11	84,62%
Rock - bandas independentes	11	3,58%	0	0,00%	11	100,00%
Reggae	9	2,93%	0	0,00%	9	100,00%
Rock - psychobilly	8	2,61%	1	12,50%	7	87,50%
Jazz	8	2,61%	2	25,00%	6	75,00%
Rock - Guitar bands	7	2,28%	0	0,00%	7	100,00%
Indústria fonográfica	5	1,63%	0	0,00%	5	100,00%
Soul music	4	1,30%	1	25,00%	3	75,00%
Hip hop	3	0,98%	0	0,00%	3	100,00%
Pop	3	0,98%	1	33,33%	2	66,67%
Folk music	3	0,98%	0	0,00%	3	100,00%
Rhythm and blues	3	0,98%	0	0,00%	3	100,00%
Rock - rockabilly	3	0,98%	0	0,00%	3	100,00%
Rock - Pós-industrial	2	0,65%	2	100,00%	0	0,00%
Rap	2	0,65%	2	100,00%	0	0,00%
Funk	2	0,65%	2	100,00%	0	0,00%
Rock - Country music	1	0,33%	0	0,00%	1	100,00%
Lou Reed	1	0,33%	0	0,00%	1	100,00%

Dancehall	1	0,33%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - Instrumental	1	0,33%	0	0,00%	1	100,00%
Cajun	1	0,33%	0	0,00%	1	100,00%
Dance Music	1	0,33%	0	0,00%	1	100,00%
Arnaldo Baptista	1	0,33%	0	0,00%	1	100,00%
Surf music	1	0,33%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - pós-punk	1	0,33%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - Grindcore	1	0,33%	0	0,00%	1	100,00%
Keith Richards	1	0,33%	0	0,00%	1	100,00%
Rolling Stones	1	0,33%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - Kraut Rock	1	0,33%	1	100,00%	0	0,00%
The Bleach	1	0,33%	1	100,00%	0	0,00%
Nick Cave	1	0,33%	0	0,00%	1	100,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

Tabela 24 — Ocorrência e distribuição dos temas entre *Animal* e *Mau*: Arte, literatura e afins.

Categoria	nº de ocorrências		Na <i>Animal</i>		No <i>Mau</i>	
	591	100,00%	200	33,84%	391	66,16%
Música	96	16,24%	19	19,79%	77	80,21%
Cultura pop	69	11,68%	30	43,48%	39	56,52%
Quadrinhos (tema)	64	10,83%	36	56,25%	28	43,75%
Rock	37	6,26%	8	21,62%	29	78,38%
Cinema	27	4,57%	14	51,85%	13	48,15%
Fanzines	26	4,40%	0	0,00%	26	100,00%
Rock - <i>Heavy Metal</i>	23	3,89%	0	0,00%	23	100,00%
Rock - punk rock	21	3,55%	1	4,76%	20	95,24%
Rock - Hardcore	16	2,71%	2	12,50%	14	87,50%
Artes visuais	14	2,37%	9	64,29%	5	35,71%
Rock - Crossover	13	2,20%	0	0,00%	13	100,00%
Blues	13	2,20%	2	15,38%	11	84,62%
Cinema - filmes de horror	12	2,03%	9	75,00%	3	25,00%
Rock - bandas independentes	11	1,86%	0	0,00%	11	100,00%
Literatura	9	1,52%	8	88,89%	1	11,11%
Reggae	9	1,52%	0	0,00%	9	100,00%
Rock - psychobilly	8	1,35%	1	12,50%	7	87,50%

Jazz	8	1,35%	2	25,00%	6	75,00%
Rock - Guitar bands	7	1,18%	0	0,00%	7	100,00%
Arquitetura	5	0,85%	5	100,00%	0	0,00%
Moda	4	0,68%	4	100,00%	0	0,00%
Artes gráficas	4	0,68%	2	50,00%	2	50,00%
Tatuagem	4	0,68%	0	0,00%	4	100,00%
Processo criativo	4	0,68%	2	50,00%	2	50,00%
Soul music	4	0,68%	1	25,00%	3	75,00%
Televisão	3	0,51%	1	33,33%	2	66,67%
Hip hop	3	0,51%	0	0,00%	3	100,00%
Fábula	3	0,51%	3	100,00%	0	0,00%
Pop	3	0,51%	1	33,33%	2	66,67%
Contracultura	3	0,51%	2	66,67%	1	33,33%
Folk music	3	0,51%	0	0,00%	3	100,00%
Rhythm and blues	3	0,51%	0	0,00%	3	100,00%
Rock - rockabilly	3	0,51%	0	0,00%	3	100,00%
Metalinguagem	2	0,34%	2	100,00%	0	0,00%
Rock - Pós-industrial	2	0,34%	2	100,00%	0	0,00%
Poesia	2	0,34%	2	100,00%	0	0,00%
Rap	2	0,34%	2	100,00%	0	0,00%
Teatro	2	0,34%	2	100,00%	0	0,00%
Ilustração	2	0,34%	2	100,00%	0	0,00%
Funk	2	0,34%	2	100,00%	0	0,00%
<i>Frigidaire</i>	2	0,34%	2	100,00%	0	0,00%
Home video	2	0,34%	2	100,00%	0	0,00%
Computação gráfica	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Estética	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Experimentação gráfica	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Noir	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Circo	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Rock - Country music	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Censura	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Freddy Krueger	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Lou Reed	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
George Bernard Shaw	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%

Padrão de beleza	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Dancehall	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - Instrumental	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Cajun	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Fotografia	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Cyberpunk	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Policial - noir	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Contestação	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Dance Music	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Linha clara	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Adaptação literária	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Jack London	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Arnaldo Baptista	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Surf music	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Trash	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - pós-punk	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
<i>Cannibale</i>	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
<i>El Víbora</i>	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
L'Eccho des Savanes	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
<i>Ranxerox</i>	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Apropriação	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Graffiti	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Andrea Pazienza	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Rock - Grindcore	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Keith Richards	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Rolling Stones	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Videogames	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - Kraut Rock	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
The Bleach	1	0,17%	1	100,00%	0	0,00%
Nick Cave	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%
Grotesco	1	0,17%	0	0,00%	1	100,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

Tabela 25 — Ocorrência e distribuição dos temas entre *Animal* e *Mau*: Cultura e circuito cultural.

Categoria	nº de ocorrências		Na <i>Animal</i>		No <i>Mau</i>	
-----------	-------------------	--	------------------	--	---------------	--

	710	100,00%	257	36,20%	453	63,80%
Música	96	13,52%	19	19,79%	77	80,21%
Cultura pop	69	9,72%	30	43,48%	39	56,52%
Quadrinhos (tema)	64	9,01%	36	56,25%	28	43,75%
Rock	37	5,21%	8	21,62%	29	78,38%
Cinema	27	3,80%	14	51,85%	13	48,15%
Fanzines	26	3,66%	0	0,00%	26	100,00%
Rock - <i>Heavy Metal</i>	23	3,24%	0	0,00%	23	100,00%
História	22	3,10%	14	63,64%	8	36,36%
Rock - punk rock	21	2,96%	1	4,76%	20	95,24%
Circuito cultural	20	2,82%	0	0,00%	20	100,00%
Rock - Hardcore	16	2,25%	2	12,50%	14	87,50%
Artes visuais	14	1,97%	9	64,29%	5	35,71%
Rock - Crossover	13	1,83%	0	0,00%	13	100,00%
Blues	13	1,83%	2	15,38%	11	84,62%
Cinema - filmes de horror	12	1,69%	9	75,00%	3	25,00%
Rock - bandas independentes	11	1,55%	0	0,00%	11	100,00%
Literatura	9	1,27%	8	88,89%	1	11,11%
Reggae	9	1,27%	0	0,00%	9	100,00%
Rock - psychobilly	8	1,13%	1	12,50%	7	87,50%
Jazz	8	1,13%	2	25,00%	6	75,00%
Cultura	7	0,99%	4	57,14%	3	42,86%
Rock - Guitar bands	7	0,99%	0	0,00%	7	100,00%
Mitologia	6	0,85%	5	83,33%	1	16,67%
Tecnologia	5	0,70%	4	80,00%	1	20,00%
Indústria fonográfica	5	0,70%	0	0,00%	5	100,00%
Filosofia	5	0,70%	2	40,00%	3	60,00%
Arquitetura	5	0,70%	5	100,00%	0	0,00%
Esoterismo	5	0,70%	5	100,00%	0	0,00%
Moda	4	0,56%	4	100,00%	0	0,00%
Futebol	4	0,56%	0	0,00%	4	100,00%
Artes gráficas	4	0,56%	2	50,00%	2	50,00%
Ciência	4	0,56%	2	50,00%	2	50,00%
Comunicação de massa	4	0,56%	3	75,00%	1	25,00%
Tatuagem	4	0,56%	0	0,00%	4	100,00%

Natal	4	0,56%	2	50,00%	2	50,00%
Processo criativo	4	0,56%	2	50,00%	2	50,00%
Soul music	4	0,56%	1	25,00%	3	75,00%
Imprensa	3	0,42%	2	66,67%	1	33,33%
Televisão	3	0,42%	1	33,33%	2	66,67%
Hip hop	3	0,42%	0	0,00%	3	100,00%
Fábula	3	0,42%	3	100,00%	0	0,00%
Medicina	3	0,42%	2	66,67%	1	33,33%
Pop	3	0,42%	1	33,33%	2	66,67%
Contracultura	3	0,42%	2	66,67%	1	33,33%
Folk music	3	0,42%	0	0,00%	3	100,00%
Rhythm and blues	3	0,42%	0	0,00%	3	100,00%
Rock - rockabilly	3	0,42%	0	0,00%	3	100,00%
Masculinidade	3	0,42%	2	66,67%	1	33,33%
Terror	2	0,28%	1	50,00%	1	50,00%
Homofobia	2	0,28%	1	50,00%	1	50,00%
Metalinguagem	2	0,28%	2	100,00%	0	0,00%
Rock - Pós-industrial	2	0,28%	2	100,00%	0	0,00%
Poesia	2	0,28%	2	100,00%	0	0,00%
Rap	2	0,28%	2	100,00%	0	0,00%
Teatro	2	0,28%	2	100,00%	0	0,00%
Ilustração	2	0,28%	2	100,00%	0	0,00%
Funk	2	0,28%	2	100,00%	0	0,00%
<i>Frigidaire</i>	2	0,28%	2	100,00%	0	0,00%
Home video	2	0,28%	2	100,00%	0	0,00%
Fome	2	0,28%	1	50,00%	1	50,00%
Computação gráfica	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Estética	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Experimentação gráfica	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Meios de comunicação	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Jornalismo	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Noir	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Africanidade	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Alteridade	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Branquitude	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%

Circo	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
SESC Pompéia (lugar de espetáculos)	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - Country music	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Censura	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Perversão sexual	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Freddy Krueger	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Lou Reed	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
George Bernard Shaw	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Padrão de beleza	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Transfobia	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Dancehall	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Costumes	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - Instrumental	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Cajun	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Fotografia	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Cyberpunk	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Policial - noir	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Xenofobia	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Contestação	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Série de TV	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Tudo em família	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Dance Music	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Linha clara	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Adaptação literária	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Jack London	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Arnaldo Baptista	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Surf music	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Trash	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - pós-punk	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
<i>Cannibale</i>	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
<i>El Víbora</i>	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
L'Eccho des Savanes	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
<i>Ranxerox</i>	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Apropriação	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Graffiti	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%

Andrea Pazienza	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Rock - Grindcore	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Existencialismo	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Keith Richards	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Rolling Stones	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Videogames	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Rock - Kraut Rock	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
The Bleach	1	0,14%	1	100,00%	0	0,00%
Nick Cave	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%
Grotesco	1	0,14%	0	0,00%	1	100,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

Tabela 26 — Ocorrência e distribuição dos temas entre *Animal* e *Mau: Comportamento*.

Categoria	nº de ocorrências		Na <i>Animal</i>		No <i>Mau</i>	
	240	100,00%	156	65,00%	84	35,00%
Racismo	25	10,42%	18	72,00%	7	28,00%
Homossexualidade	25	10,42%	16	64,00%	9	36,00%
Religiosidade	20	8,33%	13	65,00%	7	35,00%
Assédio	19	7,92%	12	63,16%	7	36,84%
Comportamento	19	7,92%	11	57,89%	8	42,11%
Prostituição	16	6,67%	13	81,25%	3	18,75%
Relações familiares	15	6,25%	6	40,00%	9	60,00%
Vida noturna	9	3,75%	7	77,78%	2	22,22%
Sexismo	8	3,33%	7	87,50%	1	12,50%
Espaço urbano	8	3,33%	4	50,00%	4	50,00%
Adultério	7	2,92%	5	71,43%	2	28,57%
Moda	4	1,67%	4	100,00%	0	0,00%
Futebol	4	1,67%	0	0,00%	4	100,00%
Machismo	4	1,67%	2	50,00%	2	50,00%
Abuso	4	1,67%	4	100,00%	0	0,00%
Traição	3	1,25%	3	100,00%	0	0,00%
Fisiculturismo	3	1,25%	0	0,00%	3	100,00%
Amizade	3	1,25%	0	0,00%	3	100,00%
Amor	3	1,25%	1	33,33%	2	66,67%
Embriaguez	3	1,25%	3	100,00%	0	0,00%

Travestismo	3	1,25%	2	66,67%	1	33,33%
Contracultura	3	1,25%	2	66,67%	1	33,33%
Masculinidade	3	1,25%	2	66,67%	1	33,33%
Homofobia	2	0,83%	1	50,00%	1	50,00%
Feminismo	2	0,83%	2	100,00%	0	0,00%
Interação	2	0,83%	1	50,00%	1	50,00%
Vida cotidiana	2	0,83%	2	100,00%	0	0,00%
Culpa	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Briga	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Reminiscências	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Africanidade	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Alteridade	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Branquitude	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Mal-entendido	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Resiliência	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Perversão sexual	1	0,42%	0	0,00%	1	100,00%
Covardia	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Antissemitismo	1	0,42%	0	0,00%	1	100,00%
Padrão de beleza	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Transfobia	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Costumes	1	0,42%	0	0,00%	1	100,00%
Xenofobia	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Contestação	1	0,42%	0	0,00%	1	100,00%
Delinquência	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Velhice	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Ciúmes	1	0,42%	0	0,00%	1	100,00%
Farsa	1	0,42%	1	100,00%	0	0,00%
Heroísmo	1	0,42%	0	0,00%	1	100,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

Tabela 27 — Ocorrência e distribuição dos temas entre *Animal* e *Mau*: Humor.

Categoria	nº de ocorrências		Na <i>Animal</i>		No <i>Mau</i>	
	227	100,00%	67	29,52%	160	70,48%
Humor	89	39,21%	21	23,60%	68	76,40%
Ironia	80	35,24%	17	21,25%	63	78,75%

Non-sense	33	14,54%	14	42,42%	19	57,58%
Paródia	15	6,61%	6	40,00%	9	60,00%
Humor negro	4	1,76%	3	75,00%	1	25,00%
Circo	1	0,44%	1	100,00%	0	0,00%
<i>Cannibale</i>	1	0,44%	1	100,00%	0	0,00%
<i>El Vibora</i>	1	0,44%	1	100,00%	0	0,00%
L'Eccho des Savanes	1	0,44%	1	100,00%	0	0,00%
<i>Ranxerox</i>	1	0,44%	1	100,00%	0	0,00%
Farsa	1	0,44%	1	100,00%	0	0,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

Tabela 28 — Ocorrência e distribuição dos temas entre *Animal* e *Mau*: Tecnologia.

Categoria	nº de ocorrências		Na <i>Animal</i>		No <i>Mau</i>	
	97	100,00%	84	86,60%	13	13,40%
Ficção científica	24	24,74%	21	87,50%	3	12,50%
Distopia	22	22,68%	22	100,00%	0	0,00%
Paisagem urbana	11	11,34%	10	90,91%	1	9,09%
Ciborgues	7	7,22%	7	100,00%	0	0,00%
Androide	6	6,19%	6	100,00%	0	0,00%
Tecnologia	5	5,15%	4	80,00%	1	20,00%
Ciência	4	4,12%	2	50,00%	2	50,00%
Comunicação de massa	4	4,12%	3	75,00%	1	25,00%
Televisão	3	3,09%	1	33,33%	2	66,67%
Aviação	2	2,06%	1	50,00%	1	50,00%
Carros	2	2,06%	1	50,00%	1	50,00%
Computação gráfica	1	1,03%	1	100,00%	0	0,00%
Informática	1	1,03%	1	100,00%	0	0,00%
Meios de comunicação	1	1,03%	1	100,00%	0	0,00%
Inseminação artificial	1	1,03%	1	100,00%	0	0,00%
Cyberpunk	1	1,03%	1	100,00%	0	0,00%
<i>Ranxerox</i>	1	1,03%	1	100,00%	0	0,00%
Videogames	1	1,03%	0	0,00%	1	100,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

Tabela 29 — Ocorrência e distribuição dos temas entre *Animal* e *Mau*: Ciência.

Categoria	nº de ocorrências		Na <i>Animal</i>		No <i>Mau</i>	
-----------	-------------------	--	------------------	--	---------------	--

	97	100,00%	84	86,60%	13	13,40%
Ficção científica	24	24,74%	21	87,50%	3	12,50%
Distopia	22	22,68%	22	100,00%	0	0,00%
Paisagem urbana	11	11,34%	10	90,91%	1	9,09%
Ciborgues	7	7,22%	7	100,00%	0	0,00%
Androide	6	6,19%	6	100,00%	0	0,00%
Tecnologia	5	5,15%	4	80,00%	1	20,00%
Ciência	4	4,12%	2	50,00%	2	50,00%
Comunicação de massa	4	4,12%	3	75,00%	1	25,00%
Televisão	3	3,09%	1	33,33%	2	66,67%
Aviação	2	2,06%	1	50,00%	1	50,00%
Carros	2	2,06%	1	50,00%	1	50,00%
Computação gráfica	1	1,03%	1	100,00%	0	0,00%
Informática	1	1,03%	1	100,00%	0	0,00%
Meios de comunicação	1	1,03%	1	100,00%	0	0,00%
Inseminação artificial	1	1,03%	1	100,00%	0	0,00%
Cyberpunk	1	1,03%	1	100,00%	0	0,00%
<i>Ranxerox</i>	1	1,03%	1	100,00%	0	0,00%
Videogames	1	1,03%	0	0,00%	1	100,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

Tabela 30 — Ocorrência e distribuição dos temas entre *Animal* e *Mau*: Quadrinhos como tema.

Categoria	nº de ocorrências		Na <i>Animal</i>		No <i>Mau</i>	
	100	100,00%	45	45,00%	55	55,00%
Quadrinhos (tema)	64	64,00%	36	56,25%	28	43,75%
Fanzines	26	26,00%	0	0,00%	26	100,00%
<i>Frigidaire</i>	2	2,00%	2	100,00%	0	0,00%
Super-heróis	2	2,00%	1	50,00%	1	50,00%
Linha clara	1	1,00%	1	100,00%	0	0,00%
<i>Cannibale</i>	1	1,00%	1	100,00%	0	0,00%
<i>El Víbora</i>	1	1,00%	1	100,00%	0	0,00%
L'Eccho des Savanes	1	1,00%	1	100,00%	0	0,00%
<i>Ranxerox</i>	1	1,00%	1	100,00%	0	0,00%
Andrea Pazienza	1	1,00%	1	100,00%	0	0,00%

Fonte: Autoria própria (2022).

APÊNDICE C — Fichamentos

Animal nº 1

ZIMBRES, F.; CAMPOS, R. DE; REGINA, S. Tam tam. *Animal*, n. 1, p. 4, 1988.

Resumo: Editorial da 1ª edição.

Tipo de conteúdo: Editorial, resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

SÉRGIO, H. A informática cria dinossauros. *Animal*, n. 1, p. 6, 1988.

Resumo: O texto discorre sobre os usos do computador como ferramenta de desenho e diagramação visual.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Policromia,

Palavras-chave: Artes gráficas, Artes visuais, Computação gráfica, Informática

SCHULTHEISS, M. So Long. *Animal*, n. 1, p. 7-10, 1988.

Resumo: Três amigos, proprietários de uma oficina mecânica começam a tomar rumos distintos na vida. O primeiro volta a ser piloto de corridas. O segundo deles envia uma carta ao último, explicando que bateu com o carro num muro de propósito. Junto com a carta, ele envia dinheiro, pedindo que seja dado a uma prostituta para que pense nele.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Abandono, Carros, Prostituição

MATTIOLI, M. The Big Game. *Animal*, n. 1, p. 11-16, 1988.

Resumo: Paródia violenta aos desenhos animados de gato e rato, com referências da cultura pop.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Perseguição, Violência

PAVAM, R. O blues tem pai. *Animal*, n. 1, p. 17-19, 1988a.

Resumo: A trajetória de W. C. Handy, nos primórdios do blues no sul dos Estados Unidos, entre finais do século XIX e a primeira metade do século XX.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Blues, Música

FOOT, N. O caso das nuvens geladas de Vênus. *Animal*, n. 1, p. 20-26, 1988.

Resumo: Paródia dos personagens Disney (Mickey, Coronel Cintra, Mancha Negra) que combina um clima *noir* e ficção científica. Na história, *Mau Olhado* (Mancha Negra) procura se apossar do último lote disponível de uma substância vinda do planeta Vênus, capaz de produzir uma droga de efeitos devastadores.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Drogas, Ficção científica, Policial (noir), Violência

Obs.: Início do Mau

MAIAN, L. Willie Dixon. *Animal*, n. 1, p. 28 (2), 1988b.

Resumo: Texto curto sobre o baixista de blues Willie Dixon.

Tipo de conteúdo: Notas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Blues, Música

MAIAN, L. Não Religião. *Animal*, n. 1, p. 28 (2), 1988a.

Resumo: Texto breve sobre a banda Não Religião.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Música, Rock – punk rock

PAVAM, R. O mérito de ser bom. *Animal*, n. 1, p. 29 (3), 1988b.

Resumo: Texto sobre o instrumentista Arismar do Espírito Santo.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Jazz, Música, Rock

REGINA, S. *Animal*, n. 1, p. 29 (3), 1988.

Resumo: Um homem dirige-se ao balcão de informações.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Violência

PAVAM, R. Mau Música. *Animal*, n. 1, p. 29-31 (3-5), 1988c.

Resumo: Série de notas curtas sobre músicos e bandas diversos.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Blues, Jazz, Música, Rock

CAMPOS, R. DE. Inferno. *Animal*, n. 1, p. 30 (4), 1988a.

Resumo: Tudo o que se tem pra dizer já foi dito.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor

BIFE SUJO. *Animal*, n. 1, p. 31 (5), 1988.

Resumo: Personagens em um cenário caótico.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Comunicação de massa, Cultura pop, *Non-sense*

CAMPOS, R. DE. Inferno. *Animal*, n. 1, p. 32 (6), 1988b.

Resumo: Uma visão irônica da frase de Sartre "o inferno são os outros".

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Filosofia, Ironia

DROGA! Droga custa caro e faz mal. *Animal*, n. 1, p. 32 (6), 1988a.

Resumo: Pequenas notas falando sobre drogas e sua relação com a música. Inclui uma tabela de preços das drogas ilegais mais comuns e de algumas vendidas em farmácia e usadas como entorpecente.

Tipo de conteúdo: Notas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Drogas, Reggae, Rock

SOLUÇÃO final. *Animal*, n. 1, p. 32 (6), 1988b.

Resumo: Texto sobre um alegado procedimento médico que consiste em transplantar células das glândulas suprarrenais no cérebro, como forma de curar o Mal de Parkinson.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Doença, Medicina

CWDB. An American Story. *Animal*, n. 1, p. 33 (7), 1988.

Resumo: História de um rapaz que compra uma escopeta e decide matar Mickey Mouse.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Violência

BATISTA, P. *Animal*, n. 1, p. 34 (8), 1988.

Resumo: Um traficante tenta vender maconha ruim para um passante.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Comportamento, Drogas

MAUDITO fanzine. *Animal*, n. 1, p. 34-35 (8-9), 1988c.
 Resumo: Resenhas curtas sobre diversos fanzines brasileiros.
 Tipo de conteúdo: Resenha
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Fanzines

FABIO. *Animal*, n. 1, p. 35 (9), 1988.
 Resumo: Um homem come até vomitar.
 Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Escatologia

O MAU da TV. *Animal*, n. 1, p. 36 (10), 1988d. Resumo: Texto sobre a série de TV "Tudo em família"
 Tipo de conteúdo: Texto
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Série de TV, Televisão, Tudo em família

PAVAM, W. Carlo, o pintor. *Animal*, n. 1, p. 36 (10), 1988d.
 Resumo: Peripécias do personagem Carlo, o pintor.
 Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Artes visuais, Humor, Imprensa

SINGO, C. Rard. *Animal*, n. 1, p. 37 (11), 1988.
 Resumo: Tirinhas do personagem Rard.
 Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Música, Política, Rock

WOLINSKI, G. *Animal*, n. 1, p. 37 (11), 1988.
 Resumo: Cartum de Wolinski.
 Tipo de conteúdo: Cartum
 Tipo de impressão: Preto e branco,
 Palavras-chave: Alcoolismo

VUILLEMIN. Feliz aniversário. *Animal*, n. 1, p. 38-39 (12-13), 1988a. Resumo: Um garoto recebe dinheiro de sua mãe como presente de aniversário. Ao invés de comprar um caminhãozinho de bombeiros, ele dirige-se à zona do meretrício.
 Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Prostituição, Violência

GOMEZ, R. Solo de sax. *Animal*, n. 1, p. 40-41 (14-15), 1988.
 Resumo: Um saxofonista faz sucesso durante uma apresentação, até que o público descobre que ele, na verdade, é branco.
 Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Jazz, Racismo, Violência

VUILLEMIN. Vamos rir. *Animal*, n. 1, p. 42 (16), 1988b.
 Resumo: Um preso é violentado por carcereiros fascistas.
 Tipo de conteúdo: Cartum
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Estupro, Política, Violência

Obs.: Final do Mau

CANIFF, M. Terry and the Pirates. *Animal*, n. 1, p. 43, 1988.

Resumo: Página de uma aventura do personagem Terry, desenhada pelo quadrinista Milton Caniff, que acabara de falecer.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Aventura, Quadrinhos (tema)

BERNET, J.; SEGURA, A. Ratos. *Animal*, n. 1, p. 44-53, 1988.

Resumo: Nos esgotos de Metropol, o Grupo de Ação Subterrâneo busca destruir o Kraken, uma criatura surgida da mutação dos despojos, da podridão, dos compostos químicos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ação, Distopia, Ficção científica, Violência

BURNS, C. Big Baby. *Animal*, n. 1, p. 54-55, 1988.

Resumo: Um garotinho diverte-se com seus bonecos de plástico nas plantas da varanda de sua casa.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Dinossauros, Fantasia, Guerra, Violência

DIFER, L. Acudnbilivema'ais. *Animal*, n. 1, p. 56-58, 1988.

Resumo: Uma mulher banha-se nua num lago, observada por uma criatura das águas.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropofagia, Antropomorfismo, Nudez, Voyerismo

RANXEROX, um robô onde não há futuro. *Animal*, n. 1, p. 59, 1988e. Resumo: Texto sobre o personagem *Ranxerox*

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: *Cannibale*, *El Víbora*, *Frigidaire*, *L'Eccho des Savanes*, *Ranxerox*

LIBERATORE, T.; TAMBURINI, S. *Ranxerox* em New York. *Animal*, n. 1, p. 60-66, 1988. Resumo: Numa Roma futurista e decadente, o androide *Ranxerox* é controlado por Lubna, uma pré-adolescente ladra e viciada em heroína que faz uso dele para obter vantagens nas altas rodas da sociedade.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Androide, Artes visuais, Distopia, Drogas, Pedofilia, Violência

Animal nº 2

MATTIOLI, M. Cartoons Hold Up. *Animal*, n. 2, p. 4-7, 1988b.

Resumo: Os sobrinhos do Pato Donald visitam um banco para um trabalho de escola, mas ao chegarem ao cofre do banco, revelam suas verdadeiras intenções.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Cultura pop, Violência

LOUSTAL, J. DE. Passeio dominical. *Animal*, n. 2, p. 8-10, 1988.

Resumo: Passeio de domingo em família por uma região da cidade desabitada, com a exceção de mutantes, que podem se tornar belicosos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Distopia, Erotismo, Violência

CORNILLON, L. Crônicas do velho Ed. *Animal*, n. 2, p. 11-18, 1988.

Resumo: Um velho jornalista recapitula o episódio em que Johnny Banzai enfrenta um dinossauro, resultado de pesquisas atômicas, fugido do museu.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Dinossauros, Ficção científica, Guerra, Violência

CAMPOS, R. DE. Tam tam. *Animal*, n. 2, p. 19–20, 1988.

Resumo: Editorial da 2ª edição.

Tipo de conteúdo: Editorial, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

TORRES, D. Olimpo. *Animal*, n. 2, p. 21–23, 1988.

Resumo: A Humanidade, na figura de um arquiteto, em sua busca pelo saber total, encontra-se com ninguém menos que Atlas, o deus que sustenta o mundo, que lhe ensinará uma valiosa lição.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Arquitetura, Humor, Ironia, Linha clara, Mitologia

SEGURA, A.; BERNET, J. Querido embaixador. *Animal*, n. 2, p. 24–26, 43–47, 1988.

Resumo: Um importante embaixador é sequestrado por subversivos e levado para os subterrâneos de Metropol. Os únicos capazes de resgatá-lo com vida são os integrantes do Grupo de Ação Subterrâneo, mais conhecidos como Krakeiros.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Corrupção, Estupro, Morte, Política, Sarcasmo, Sequestro, Sexualidade, Violência

Obs.: Início do Mau

CATZO Kid. *Animal*, n. 2, p. 28, 1988.

Resumo: "Ma que catzo, meu..."

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor

MAU Música. *Animal*, n. 2, p. 28–31, 1988.

Resumo: Resenhas curtas sobre músicos, grupos musicais, selos, etc.

Tipo de conteúdo: Resenha,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Blues, Jazz, Música, Rhythm and blues, Rock, Rock – Instrumental, Soul music

SINGO, C.; PAVANELLI, O. Foi sem quelê, Mônica!!! *Animal*, n. 2, p. 29, 1988.

Resumo: Paródia violenta e sexual da Turma da Mônica.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Erotismo, Paródia, Violência

LYNCH, D. O cão mais bravo do mundo. *Animal*, n. 2, p. 30, 1988.

Resumo: Tirinha produzida por David Lynch que tem como único personagem visível um cão que é tão feroz que não consegue se mover.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Violência

MATTIOLI, M. AH WOW SPLAT END. *Animal*, n. 2, p. 31, 1988a.

Resumo: A rápida trajetória de uma mosca faminta rumo a um cocô na calçada.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Escatologia

GBS. *Animal*, n. 2, p. 32–33, 1988.

Resumo: Ensaio sobre o escritor George Bernard Shaw.

Tipo de conteúdo: Artigo,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: George Bernard Shaw, Literatura

MAUDITO fanzine. *Animal*, n. 2, p. 34, 1988.

Resumo: Sessão dedicada à divulgação de fanzines de várias partes do Brasil.

Tipo de conteúdo: Resenha,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fanzines

GUZZELLI, E. *Animal*, n. 2, p. 34, 1988.

Resumo: Tirinha sem título de Eloar Guazzelli, extraída do fanzine Kamikaze.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Violência

JANO; TRAMBER. Wah a crisé! *Animal*, n. 2, p. 35, 1988.

Resumo: O personagem Kebra sai à noite, buscando um carro para roubar.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assalto, Carros, Violência

REGINA, S. *Animal*, n. 2, p. 36, 1988.

Resumo: Uma pessoa caminha por uma calçada quando percebe que se aproxima "o chato do Osmar".

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Violência

O MAL da TV: caçando Cassiano, o rato. *Animal*, n. 2, p. 36–37, 1988.

Tipo de conteúdo: Artigo,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Televisão

FOOT, N. Aha! *Animal*, n. 2, p. 37, 1988.

Resumo: Um discípulo questiona seu mestre sobre como tornar-se um homem.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Homossexualidade

VUILLEMIN. Em algum lugar da Etiópia. *Animal*, n. 2, p. 38–39, 1988.

Resumo: Dois exploradores europeus sofrem com a fome em um deserto africano.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropofagia, Canibalismo, Colonialismo, Racismo

GRIFFITH, B. Zippy. *Animal*, n. 2, p. 40, 1988.

Resumo: Alfred Jarry e Griffy (alter ego do autor) percorrem um fliperama. Enquanto conversam sobre a corrupção da juventude pelos videogames, encontram Zippy, personagem com microcefalia, que acaba de sacar todo o seguro de vida seu e de Griffy, comprando fichas de fliperama.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Microcefalia, Teatro, Videogames

QUEM desenha. *Animal*, n. 2, p. 41, 1988.

Resumo: Resenha sobre alguns dos autores apresentados naquela edição do *Mau*.

Tipo de conteúdo: Resenha,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

WILSON, S. C. O Demônio Xadrez briga com os repugnantes mutantes por um pedaço de frango no fundo de uma cratera. *Animal*, n. 2, p. 42, 1988.

Resumo: O Demônio Xadrez, personagem de S. Clay Wilson, luta com mutantes por um pedaço de frango.

Tipo de conteúdo: Cartum, História em quadrinhos,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ironia, Violência

Obs.: Final do Mau

PERES, A. C.; MIRANDA, S. D. Viagem ao centro da terra. *Animal*, n. 2, p. 48–51, 1988.

Resumo: Uma idosa encomenda em uma loja do Centro da Terra um audaz piloto da aeronáutica. Tudo corre bem até que o piloto morre em decorrência da AIDS e a idosa se vê obrigada a fazer uma reclamação por produto com defeito.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: AIDS, Fantasia, Política, Sexualidade, Violência

PAVAM, R. The Blues Brothers. *Animal*, n. 2, p. 52–54, 1988.

Resumo: Resenha sobre o filme The Blues Brothers (Os irmãos Cara-de-pau), com destaque para o ator John Belushi.

Tipo de conteúdo: Artigo,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Blues, Cinema, Drogas, Soul music

ROCHETTE, J.-M.; VEYRON, M. Edmundo, o porco. *Animal*, n. 2, p. 55–58, 1988.

Resumo: Edmundo é um porco reprodutor em uma fazenda do interior francês dos anos 1930-40. Para manter-se longe do abatedouro, ele trata de engravidar porcas e produzir filhotes que serão encaminhados para o abate.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos,

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Ironia, Metáfora, Sexualidade, Violência

TAMBURINI, S.; LIBERATORE, T. *Ranxerox* em New York. *Animal*, n. 2, p. 59–66, 1988.

Resumo: Após ser jogado na rua, *Ranxerox* parte em busca de Lubna, sua paixão, que foi sequestrada por Rainier, um artista de vanguarda inescrupuloso.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos,

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Artes visuais, Distopia, Fetiche sexual, Pedofilia, Sadomasoquismo, Violência

Animal nº 3

SEGURA, A.; ORTIZ, J. Eu, robot. Você, escoreque! *Animal*, n. 3, p. 3–10, 1988.

Resumo: A dupla de vigaristas Burton e Cyb preparam-se para manipular o resultado de uma luta de boxe entre andróides.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Andróide, Boxe, Ciborgues, Estelionato, Ficção científica, Sexualidade, Violência

MATTIOLI, M. Music for Streets. *Animal*, n. 3, p. 12–13, 1988.

Resumo: Um gato de rua decide roubar um walkman.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Música, Violência

MANARA, M. O último e trágico dia de Gori Bau e Callipigia Sister. *Animal*, n. 3, p. 14–18, 1988.

Resumo: Três jovens iniciam um jogo que rapidamente os leva a se envolver com o Diabo.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Esoterismo, Fantasia, Sexualidade, Violência

SIMMONS-LYNCH, J.; GIANNINI, A. Tam tam. *Animal*, n. 3, p. 19–20, 1988.

Resumo: Editorial e resenhas breves sobre quadrinhos.

Tipo de conteúdo: Editorial, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

BERNET, J.; SEGURA, A. Cemitério S/A. *Animal*, n. 3, p. 21–26, 43–44, 1988.

Resumo: Os krakeiros do Grupo de operações Subterrâneas envolvem-se na localização de um cemitério clandestino nos subterrâneos de Metropol.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Distopia, Estupro, Sexualidade, Violência

Obs.: Início do Mau

MAU Música. *Animal*, n. 3, p. 28–29, 1988.

Resumo: Textos curtos diversos sobre música.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Blues, Música, Pop, Rock

SINGO, C.; PAVANELLI, O. Oba! Eu também quero! *Animal*, n. 3, p. 30, 1988.

Resumo: Paródia sexual das histórias da Turma da Mônica.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Paródia, Sexualidade, Violência

RY Cooder. *Animal*, n. 3, p. 30–31, 1988.

Resumo: Texto sobre o compositor e guitarrista Ry Cooder.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cinema, Música, Rock

FOOT, N. Ahá. *Animal*, n. 3, p. 31, 1988.

Resumo: Um samurai caça uma bruxa em meio a um bambuzal.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Ironia, Violência

CANTE comigo. *Animal*, n. 3, p. 32, 1988.

Resumo: Letra da canção King Bee, interpretada por John Belushi.

Tipo de conteúdo: Poesia

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cinema, Música

BIFE SUJO. Confesso que dancei. *Animal*, n. 3, p. 32, 1988.

Resumo: Tirinha cômica, a partir de diagramas de passos de dança.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop

CABRAL, A. Gopo, sexualidade e misticismo modernos. *Animal*, n. 3, p. 32, 1988.

Resumo: Um *dandy* sofre um ataque de um CCG (Comando de Caça aos Gays).

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Homossexualidade, Ironia, Violência

VUILLEMIN. Na esportiva. **Animal**, n. 3, p. 33–35, 1988.

Resumo: Em uma penitenciária latinoamericana, um torturador e sua vítima acompanham uma partida de futebol pelo rádio.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Colonialismo, Futebol, Tortura, Violência

MAUDITO fanzine. **Animal**, n. 3, p. 36, 1988.

Resumo: Resenha de fanzines de brasileiros e espanhóis.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fanzines

FLOREAL. Minha infância querida. **Animal**, n. 3, p. 37, 1988.

Resumo: Travessuras de Dagomir, um garotinho normal.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Drogas, Violência

JANO; TRAMBER. F.4, Sweet F. 4. **Animal**, n. 3, p. 38–39, 1988.

Resumo: Por ciúmes do namorado da irmã, Kebra inicia uma discussão que envolve o restante da família e termina com a casa inteiramente destruída.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Comportamento, Machismo, Violência

FRAILE. Delirium tremens. **Animal**, n. 3, p. 40, 1988.

Resumo: Depois de se embriagar, um rocker decide voltar para casa e ouvir música. Ao chegar, decide escutar "Delirium Tremens", o disco novo do Kães Vadius.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Comportamento, Rock – psychobilly

1º CONCURSO de desenho de ratos da revista *Mau*. **Animal**, n. 3, p. 41, 1988.

Resumo: Lançamento de concurso cultural.

Tipo de conteúdo: Cartum

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Escatologia

RÉMI. Au restaurant. **Animal**, n. 3, p. 42, 1988.

Resumo: Um homem se empanurra em um restaurante. Ao ver o valor da conta, vomita.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Escatologia

Obs.: Final do *Mau*

ROCHETTE, J.-M.; VEYRON, M. Edmundo, o porco. **Animal**, n. 3, p. 45–48, 1988.

Resumo: Edmundo continua em sua saga para evitar a faca do açougueiro.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Ironia, Metáfora, Sexualidade, Violência

CORREIO. **Animal**, n. 3, p. 49, 1988.

Resumo: Seção de cartas da 3ª edição.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

CHIAVELI, B. O lobo e o cordeiro. *Animal*, n. 3, p. 50–51, 1988.

Resumo: Um cordeiro bebe a água de um riacho, quando é surpreendido por um lobo faminto.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: AIDS, Fábula, Violência

MAGNUS. A parede pintada. *Animal*, n. 3, p. 52–57, 1988.

Resumo: Dois rapazes da aristocracia convidam um velho frade a beber numa taverna. Este, então, lhes conta sobre um convento em que, mesmo o local estando abandonado, encontram um suntuoso jantar numa sala decorada com uma pintura de dançarinas. A pintura, no entanto, é encantada, e atrai um dos jovens para um feitiço.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fantasia, Homossexualidade, Sexualidade

PETILLON, R. O festival de Cannes. *Animal*, n. 3, p. 58, 1988.

Resumo: Um produtor de cinema precisa impressionar possíveis investidores e recorre à ajuda do detetive Jack Palmer.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cinema, Humor, Ironia

TAMBURINI, S.; LIBERATORE, T. *Ranxerox* em New York. *Animal*, n. 3, p. 59–66, 1988.

Resumo: Com os circuitos de sua central de comando danificados, *Ranxerox* continua a buscar Lubna, sua paixão. Uma amiga de Lubna o encontra na rua e o ajuda, consertando seus terminais emocionais e transmissores de olfato.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ação, Androide, Distopia, Fetiche sexual, Pedofilia, Sexualidade, Violência

Animal nº 4

KIERKEGAARD JR, R. Madonne. *Animal*, n. 4, p. 3–10, 1988.

Resumo: Grávida, a cantora Madonne recorre ao investigador particular Rockfort para reaver sua virgindade perdida. Durante a investigação, ele percorre alguns dos meandros da carreira da cantora.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Música, Pedofilia, Violência

MANARA, M. John Lennon. *Animal*, n. 4, p. 13–14, 1988.

Resumo: John Lennon é guiado por um cicerone rumo ao desconhecido.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Erotismo, Esoterismo, Música, Religiosidade

ABULI, E. S.; BERNET, J. História negra. *Animal*, n. 4, p. 15–22, 1988.

Resumo: Um anão nutre uma paixão à distância por uma mulher inatingível.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Animais, Deficiência física, Espaço urbano, Necrofilia, Padrão de beleza, Violência

TAM tam. *Animal*, n. 4, p. 23–24, 1988.

Resumo: Editorial da 4ª edição.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

HERNANDEZ, J. Mad. *Animal*, n. 4, p. 25–28, 1988.

Resumo: Hopey e Maggie, acompanhadas por Joey, tentam conseguir alguns livros de magia enquanto se dirigem a um show punk e lembram histórias do passado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Comportamento, Esoterismo, Homossexualidade, Música, Opressão, Sexualidade

Obs.: Início do *Mau*

BATISTA, P. Coisa de rato. *Animal*, n. 4, p. 30–31, 1988a.

Resumo: Um rato é promovido a General de Brigada e promete sossegar apenas quando "tiver enchido o cu de medalha".

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Animais, Política, Sexualidade, Violência

MAU Música. *Animal*, n. 4, p. 30–31, 1988.

Resumo: Resenhas diversas sobre diversos LPs, incluindo Soviet American Republic, Celso Blues Boys e Gil Evans, entre outros.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Blues, Cinema, Jazz, Música, Rock

BATISTA, P. Johnny Winter. *Animal*, n. 4, p. 32, 1988b.

Resumo: Resenha sobre o disco The Progressive Blues Experiment, de Johnny Winter, no Brasil.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Blues, Música

FOOT, N. *Animal*, n. 4, p. 32, 1988.

Resumo: Os Mulheres Negras foram contratados para remover os ratos de uma cidade.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Animais, Humor, Música

O RETORNO dos mortos-vivos. *Animal*, n. 4, p. 33, 1988.

Resumo: Resenhas sobre lançamentos de discos diversos de artistas que andavam meio sumidos.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Música, Rock

WINNESBURG, J. A história de Jack, o Crápula, o menor cão do mundo. *Animal*, n. 4, p. 33, 1988.

Resumo: Aventuras de Jack, o Crápula, rumo à dominação mundial.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Animais, Assédio, Sexualidade, Violência

JANO; TRAMBER. Vida de rato. *Animal*, n. 4, p. 34–35, 1988.

Resumo: Novamente sem dinheiro, Kebra tenta se virar como pode.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Assalto, Polícia, Violência

RESULTADO do 1º Grande Concurso *Mau*. *Animal*, n. 4, p. 36–37, 1988.

Resumo: Resultado do concurso em que leitores enviaram desenhos de ratos para a redação do *Mau*.

Tipo de conteúdo: Ilustração

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Animais, Antropozoomorfismo, Concurso, Cultura pop, Música, Sexualidade

FARIAS, P. Sblink. *Animal*, n. 4, p. 38, 1988.

Resumo: Sblink vai visitar sua avó levando um saco de cocaína. Para isso ela atravessará toda a cidade de São Paulo, mas terá que ficar atenta aos gatos no metrô.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Animais, Cultura pop, Drogas – Cocaína, Espaço urbano, Música, Paródia, Rock – punk rock, Violência

DURVILE. O rato. *Animal*, n. 4, p. 39, 1988.

Resumo: Dois nerds consegue bolar uma forma de espiar o vestiário feminino.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Racismo, Sexualidade, Voyerismo

MAUDITO fanzine. *Animal*, n. 4, p. 40, 1988.

Resumo: Resenhas sobre fanzines diversos. Inclui uma resenha do Nicolau.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fanzines

GONSALES, F. Níquel Náusea. *Animal*, n. 4, p. 41, 1988.

Resumo: Tiras do personagem Níquel Náusea, de Fernando Gonsales.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Animais, Humor

MUTARELLI, L. Rattus. *Animal*, n. 4, p. 42, 1988.

Resumo: Considerações diversas a respeito de ratos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Animais, Humor, Sexualidade, Violência

GUSTAVO, L. Mick. *Animal*, n. 4, p. 43, 1988.

Resumo: Num bar, um sujeito tenta passar uma cantada numa mulher, com a ajuda de Mick, seu ratinho da sorte.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Animais, Assédio, Sexualidade, Violência

Obs.: Final do Mau

PAVANELLI, O.; ZAHLER, C. O jogo. *Animal*, n. 4, p. 45–54, 1988.

Resumo: Necroides são androides construídos a partir de cadáveres humanos, que, após sua transformação, se tornam aptos a executar as mais diversas tarefas. Nem todas de cunho legal.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Distopia, Espaço urbano, Ficção científica, Política, Tecnologia, Violência

Correio. *Animal*, n. 4, p. 55, 1988.

Resumo: Seção de cartas da 4ª edição.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

ARNON, J.-M. Swamp Star. *Animal*, n. 4, p. 56–57, 1988.

Resumo: Um astro de rock no auge de sua carreira tem como empresário seu melhor amigo, que cuida de tudo para ele enquanto ele cuida da esposa do amigo.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Adulterio, Assassinato, Cinema – filmes de horror, Drogas, Música, Rock – psychobilly, Sexualidade

TORRES, D. Jane. *Animal*, n. 4, p. 58–60, 1988.

Resumo: Um Tarzan urbano persegue maléficos nativos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Espaço urbano, Racismo, Sexualidade

TAMBURINI, S.; LIBERATORE, T. *Ranxerox* em New York. *Animal*, n. 4, p. 63–70, 1988.

Resumo: Continuando sua busca por Lubna, *Ranxerox* se dirige à cidade de Lampedusa. Lá, é conduzido à mansão do sr. Volare, dono de dois terços da cidade e um dos maiores empresários do mundo no ramo de shows.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Androide, Assassinato, Atentado, Distopia, Romance, Roubo, Violência

Animal nº 5

SEGURA, A.; ORTIZ, J. La Invasion. *Animal*, n. 5, p. 5–12, 1989.

Resumo: Uma quadrilha liderada por Burton e Cyb engana o comandante da legião Espacial, convencendo-o a pulverizar um conjunto de asteroides a fim de recolher seus minerais valiosos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Ciborgues, Distopia, Ficção científica, Violência

PAZIENZA, A. Zanardi. *Animal*, n. 5, p. 15–21, 1989.

Resumo: Colas, o bonitão da turma, separa-se do grupo reunido à noite às margens de um lago para banhar-se. Logo é alcançado pela namorada de um deles que vai levar-lhe um baseado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assédio, Drogas – Maconha, Machismo, Sexualidade

TAM tam. *Animal*, n. 5, p. 22–23, 1989.

Resumo: Texto sobre a revista italiana *Frigidaire*, com ênfase no artista Andrea Pazienza. Texto sobre lançamentos diversos em quadrinhos daquele período.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Andrea Pazienza, *Frigidaire*, Quadrinhos (tema)

PETILLON, R. Ajudante de servente no Instituto Pasteur. *Animal*, n. 5, p. 24, 1989.

Resumo: O detetive Jack Palmer arruma um emprego no Instituto Pasteur, interessando-se pela pesquisa sobre a AIDS.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: AIDS, Ciência, Noir

MANARA, M. Fom. *Animal*, n. 5, p. 25–30, 47–48, 1989.

Resumo: Dois astronautas encontram um livro que lhes dará as indicações corretas para que possam, finalmente, abandonar o planeta Borges Profeta.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Estupro, Ficção científica, Sexualidade

Obs.: Início do Mau

PUCCI, C. *Animal*, n. 5, p. 32, 1989a.

Resumo: Texto sobre os discos e a carreira do cantor Nick Cave.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Música, Nick Cave

PUCCI, C. Pelos sulcos do Vinil Urbano. *Animal*, n. 5, p. 33, 1989b.

Resumo: Texto sobre o surgimento do selo Vinil Urbano, com discos de *Arnaldo Baptista e Patrulha do Espaço* e da banda *Maria Angélica*.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Arnaldo Baptista, Música

PUCCI, C. Who the Fuck Is this Guy? *Animal*, n. 5, p. 34–36, 1989c.

Resumo: Texto sobre o guitarrista Keith Richards e seu primeiro LP solo, *Talk Is Cheap* (1988).

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Keith Richards, Música, Rock, Rolling Stones

FARIAS, P. Rat Life! *Animal*, n. 5, p. 37, 1989.

Resumo: Cansado da vida no esgoto, um rato decide disfarçar-se de morcego.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Comportamento

VIDEO. *Animal*, n. 5, p. 40–41, 1989.

Resumo: Resenhas sobre filmes de mistério lançados em vídeo (VHS), com ênfase em filmes de suspense como *Gosto de Sangue (Blood Simple, 1984)* e *Corpos Ardentes (Body Heat, 1981)*, mas falando também de ficção científica (*Mad Max 2*) e terror (série *O Terror de Freddy Krugger*).

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cinema, Home video

PUCCI, C. *Animal*, n. 5, p. 41, 1989d.

Resumo: Resenha sobre os filmes *O Homem de Palha (The Wicker Man, 1973)* e *Trama Diabólica (Sleuth, 1972)*, lançados em vídeo cassette (VHS). Distingue-se do texto que inicia na página 40 pela tipografia em itálico e uma separação parcial por meio de uma imagem do filme *Corpos Ardentes (Body Heat, 1981)*.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cinema, Home video

ZIMBRES, F. *Maudito* fanzine. *Animal*, n. 5, p. 42, 1989.

Resumo: Seção com resenhas de fanzines enviados de diversos estados brasileiros.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fanzines

O 1º CONCURSO de desenho de ratos da revista *Mau* continua! *Animal*, n. 5, p. 42, 1989.

Resumo: Galeria de desenhos produzidos pelos leitores da revista selecionados no concurso.

Tipo de conteúdo: Cartum

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ratos

MUTARELLI, L. O cãozinho sem pernas. *Animal*, n. 5, p. 43, 1989.

Resumo: História de U, o cãozinho sem pernas.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Deformidade, Ironia, Mutilação

VUILLEMIN. Grrande garralhada (sic). *Animal*, n. 5, p. 44–45, 1989.

Resumo: Na Berlim de 1933, um judeu é abordado na rua por ninguém menos que Adolf Hitler em pessoa.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antissemitismo, Escatologia, Nazismo, Racismo

Obs.: Final do Mau

HERNANDEZ, J. Amor y cohetes. *Animal*, n. 5, p. 49–53, 1989.

Resumo: Enquanto espera um ônibus para levá-la ao aeroporto, Maggie Chascarillo insiste com sua amiga Penny Century para que lhe conte sobre seu relacionamento com o famoso mecânico prosolar Rand Race.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ficção científica, Reminiscências, Sexualidade

ARNON, J.-M. Lezard Tonnerre. *Animal*, n. 5, p. 54–57, 1989.

Resumo: Relato dos tempos em que os Lagartos-Trovão, dinossauros que dominavam o ritmo binário e sabiam segurar o *beat*, reinavam absolutos na cena musical da Era Secundária.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Decadência, Drogas – Heroína, Música, Rock, Sexualidade, Transformação, Violência

Correio. *Animal*, n. 5, p. 58, 1989.

Resumo: Seção de cartas da 5ª edição.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas

Tipo de impressão: Preto e branco

ROCHETTE, J.-M. Uma aventura sórdida. *Animal*, n. 5, p. 59–62, 1989.

Resumo: Prestes a ser morta pelo açougueiro, a porca Gislaine percebe que seu marido Edmundo (o porco) esteve o tempo todo engordando-a para o abate.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Sexualidade, Violência

TAMBURINI, S.; LIBERATORE, T. *Ranxerox* em New York/5. *Animal*, n. 5, p. 65–74, 1989.

Resumo: Tendo finalmente encontrado Lubna em companhia de Mr. Volare, *Ranxerox* prepara-se para protagonizar o maior revival de Fred Astaire dos anos 90.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Cultura pop, Distopia, Música, Sexualidade, Violência

Animal nº 6

MATTIOLI, M. Bloody Feast. *Animal*, n. 6, p. 3–14, 1989.

Resumo: Após mastigar, cuspir e esmagar o rato na história anterior, o gato dirige-se a uma orgia com música, sexo e gatas. Mas a perseguição de gato-e-rato ainda não terminou.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Cinema – filmes de horror, Música, Sexualidade, Violência

PAZIENZA, A. Cuore di mamma. *Animal*, n. 6, p. 18–25, 1989.

Resumo: Serginho, Zanardi e Colas procuram a mãe de Marisa, colega de escola de Serginho. De posse de fotografias comprometedoras da filha, exigem favores sexuais da mãe para que estas não sejam divulgadas.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Chantagem, Estupro, Sexo em grupo, Sexualidade

CAMPOS, R. DE. *El Víbora*: a Espanha à beira de um ataque de nervos. **Animal**, n. 6, p. 26–28, 1989a.

Resumo: Artigo sobre a trajetória da revista espanhola *El Víbora*, com destaque para alguns dos artistas publicados como Calpúrnio, Martí e Max.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Comportamento, Imprensa, Quadrinhos (tema), Violência

PAVANELLI, O.; ZAHLER, C. Mariana. **Animal**, n. 6, p. 29–32; 49–52, 1989.

Resumo: Um casal se arrepende por ter vendido o cadáver de seu filho para ser transformado em necroide pela Fundação e parte em sua busca.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Burocracia, Distopia, Ficção científica, Incesto, Morte, Sexualidade, Violência

Obs.: Início do Mau

MARTYR de la Zwig Zwig. **Animal**, n. 6, p. 34, 1989a.

Resumo: Oprimido pela mãe, um garoto encontra formas cada vez mais heterodoxas de poder continuar se masturbando.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Costumes, Masturbação, Sexualidade, Violência

SEM TÍTULO. **Animal**, n. 6, p. 34, 1989b.

Resumo: Uma mulher e um homem relacionam-se por meio de suas respectivas ejaculações.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ejaculação, Sexualidade

VIDA de Santo. **Animal**, n. 6, p. 35, 1989d.

Resumo: Um personagem encontra-se em meio a um embate entre o Bem e o Mal.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Religiosidade

MAU amor. **Animal**, n. 6, p. 35, 1989c.

Resumo: Estreia de uma nova coluna na revista *Mau*, sobre sexo e temas relacionados. O primeiro texto traz uma resenha sobre o fanzine espanhol *Histerias*.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Fanzines, Masturbação, Sexualidade

GORDO, R. D. P.; FARIAS, P. *Flesh & Blood*. **Animal**, n. 6, p. 36–37, 1989.

Resumo: Texto sobre os primórdios da tatuagem no Brasil, sobre estilos de tatuagem (tribal, sumi), relacionando tatuagens com música, sexo, etc. Inclui um breve texto sobre H. Ridler, ex-militar do exército inglês que, após deixar a instituição, cobriu-se totalmente de tatuagens passando a apresentar-se sob o nome Omi.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Sexualidade, Tatuagem

PUCCI, C. From Berlin to New York (ou de como fazer rock'n'roll indicado para adultos). **Animal**, n. 6, p. 38–40, 1989.

Resumo: Texto sobre Lou Reed, escrito a partir do lançamento do LP "New York" (1989), passando por diversos discos e músicas do cantor e compositor. Inclui uma HQ de Serge Clerc e outra, de Gallardo, baseada em "Waiting for The Man".

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Lou Reed, Rock, Sexualidade

MAIAN, L. Mau Música. *Animal*, n. 6, p. 40, 1989.

Resumo: Resenha sobre os guitarristas Jeff Healey e Colin James.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música

FARIAS, P. Not Dead! *Animal*, n. 6, p. 40, 1989a.

Resumo: Resenha ilustrada do show do Cólera, ocorrido em 12/02/1989, no Dama Xoc.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – punk rock

FARIAS, P. Summerbilly!!! *Animal*, n. 6, p. 40, 1989b.

Resumo: Resenha ilustrada sobre o show das bandas S.A.R. e K-Billys ocorrido no dia 08/01/1989, no Dama Xoc.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – psychobilly

PAVANELLI, O.; SINGO, C. Alô, mamãe! *Animal*, n. 6, p. 40, 1989.

Resumo: O personagem Bugu, da Turma da Mônica, finalmente consegue um espaço nas histórias do Bidu.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Felação, Homossexualidade, Paródia, Sexualidade

BILI, B. Mau Música. *Animal*, n. 6, p. 41, 1989.

Resumo: Texto sobre a música cajun, típica do estado estadunidense da Luisiana.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Blues, Cajun, Música

DEPARTAMENTO Verificador de Boatos. *Animal*, n. 6, p. 41, 1989e.

Resumo: Listagem e atribuição de veracidade a boatos diversos relacionados à música.

Tipo de conteúdo: Notas

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música

FARIAS, P. Olho Seco. *Animal*, n. 6, p. 41, 1989d.

Resumo: Resenha ilustrada sobre o show da banda Olho Seco ocorrido no dia 22/01/1989, no Dama Xoc.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – punk rock

ZIMBRES, F.; SINGO, C. Um Pop Star Brasileiro em Boston. *Animal*, n. 6, p. 41, 1989.

Resumo: Um pop star que se sente cada vez melhor.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Existencialismo

CAMPOS, R. DE. Sem título. *Animal*, n. 6, p. 41, 1989b.

Resumo: Resenha sobre o lançamento do disco Tighten Up, do Big Audio Dinamite.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música

FARIAS, P. De Falla. *Animal*, n. 6, p. 41, 1989c.

Resumo: Resenha ilustrada sobre o show da banda De Falla ocorrido no dia 27/01/1989, no SESC Pompéia.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Música, Rock – punk rock, SESC Pompéia (lugar de espetáculos)

CAMPOS, R. DE; PUCCI, C. Steve Cropper: a branca eminência parda da música negra. *Animal*, n. 6, p. 42–43, 1989.

Resumo: Artigo sobre Steve Cropper "o maior guitarrista da história escondendo-se de vocês".

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Blues, Música, Rhythm and blues, Rock – rockabilly, Soul music

SILVA, W. Freddy explica. *Animal*, n. 6, p. 44, 1989.

Resumo: Resenha sobre o lançamento do filme "A Hora do Pesadelo 4" e seu principal personagem, Freddy Krueger.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cinema, Freddy Krueger, Terror

FARIAS, P. O que é feio, sujo, malvado e vermelho? *Animal*, n. 6, p. 45, 1989e.

Resumo: A diferença entre terrorismo artístico e arte terrorista.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Artes visuais, Ficção científica, Terrorismo

FOOT, N. Mulheres Negras. *Animal*, n. 6, p. 45, 1989.

Resumo: Os Mulheres Negras colocam em funcionamento para se tornarem "ricos e xaropes".

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Mendicância, Música, Violência

REGINA, S. Por favor, aqui é aqui? *Animal*, n. 6, p. 45, 1989.

Resumo: Dois caminhos narrativos diferentes que se encontram no final. Em um deles, um homem procura localizar-se. No outro, o mesmo homem pergunta-se se vai ou não chover.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Violência

MAUDITO fanzine. *Animal*, n. 6, p. 46, 1989.

Resumo: Resenhas sobre fanzines recebidos de diversos estados brasileiros. Destaque para a polêmica criada em torno das revistas *Animal/Mau* serem traidoras do movimento fanzineiro.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Fanzines, Interação

WINNESBURG, J.; FARIAS, P. Vincent, o abutre. *Animal*, n. 6, p. 47, 1989.

Resumo: Na sede mundial das organizações *Mau*, aparece um desenhista cuja HQ está tatuada por todo o seu corpo.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema), Tatuagem

Obs.: Final do Mau

SINGO, C.; LIBERO. Os mascotes de Midas. *Animal*, n. 6, p. 54–55, 1989.

Resumo: Adaptação do conto de Jack London em que uma organização passa a chantagear os donos das maiores fortunas, ameaçando-os com assassinatos de pessoas cada vez mais próximas de seus círculos pessoais.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Adaptação literária, Chantagem, Jack London, Literatura, Violência

BERNET, J.; SEGURA, A. Amor de Mãe. *Animal*, n. 6, p. 56–65, 1989.

Resumo: Múmia, um pária que habita as galerias subterrâneas de Metropol, prepara-se para explodir a caixa forte de um banco, com a ajuda de sua mãe.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Distopia, Estupro, Homossexualidade, Traição, Violência

LOUSTAL, J. DE. Vista para o mar. *Animal*, n. 6, p. 66–69, 1989.

Resumo: Um olhar sobre uma localidade à beira-mar, observada a partir das cores de seus principais estabelecimentos: vermelho, branco e azul.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Metáfora, Nostalgia, Viagem

MAX; BELTRAN, M. Maracaibo. *Animal*, n. 6, p. 71–78, 1989.

Resumo: Parte da série "5 Mujeres", sobre mulheres marcantes, cada uma à sua maneira.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: 2ª Guerra Mundial, Amnésia, Esoterismo, Espionagem, Nazismo, Sexualidade

Animal nº 7

MATTIOLI, M. Zombie Night. *Animal*, n. 7, p. 3–12, 1989.

Resumo: Desta vez, o gato se vê perseguido pelos personagens assassinados nas histórias anteriores, agora como mortos-vivos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Cinema – filmes de horror, Cultura pop, Sexualidade, Violência

VUILLEMIN. Nossos amigos os animais. *Animal*, n. 7, p. 13–15, 1989.

Resumo: Em uma cabana localizada na África subsaariana, uma família se vê obrigada a sacrificar seu cãozinho de estimação como única alternativa para não morrerem de fome. Mas o filho do casal não quer se desapegar de se *Animal* de estimação.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Fome, Racismo, Violência

TORRES, D. Héctor. *Animal*, n. 7, p. 18–23, 1989.

Resumo: Num mundo de mulheres empoderadas, os homens são banidos e substituídos por andróides que exercem todas as funções, inclusive as sexuais.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Androide, Crimes passionais, Ficção científica, Sexualidade, Travestismo

CAMPOS, R. DE. Tam tam. *Animal*, n. 7, p. 24–26, 1989a.

Resumo: Editorial da revista mesclado a resenhas sobre assuntos diversos, ligados aos quadrinhos.

Tipo de conteúdo: Editorial, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

CAMPOS, R. DE; SCOZZARI, F. Steve Tamburo. *Animal*, n. 7, p. 27–32, 1989.

Resumo: Texto de Fillipo Scozzari sobre o roteirista e desenhista Stefano (Tanino) Tamburini.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

TAMBURINI, S.; LIBERATORE, T. E.M.P.S. *Animal*, n. 7, p. 27–32, 49, 1989.

Resumo: O que parecia uma consulta médica mais ou menos normal, revela-se algo completamente diferente.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Censura, Distopia, Fetiche sexual, Homossexualidade, Repressão, Sadomasoquismo

Obs.: Início do *Mau*

KUHLMAN, M. Z. *Animal*, n. 7, p. 34, 1989.

Resumo: Um homem brinca de atirar uma banana de dinamite para seu cãozinho pegar.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Animais, Violência

WERNER, V. F. *Animal*, n. 7, p. 34, 1989.

Resumo: Uma lesma tenta arrancar um chiclete do chão.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Animais

FOOT, N. *Animal*, n. 7, p. 35, 1989.

Resumo: Um homem procura localizar o Ponto G.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Sexualidade

MAUDITO fanzine. *Animal*, n. 7, p. 35, 1989.

Resumo: Resenha de fanzines diversos.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fanzines

MÁXIMO, J.; ANGELLIS, P. Loredano. *Animal*, n. 7, p. 36–37, 1989.

Resumo: Entrevista com o ilustrador Cássio Loredano.

Tipo de conteúdo: Entrevista

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Ilustração

MARIA, S. *Animal*, n. 7, p. 38, 1989.

Resumo: Resenha sobre o LP *Papel de Mau*, da banda Replicantes.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música, Rock – punk rock

DEPARTAMENTO verificador de boatos. *Animal*, n. 7, p. 38, 1989.

Resumo: Lista de boatos classificados segundo sua veracidade.

Tipo de conteúdo: Notas

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música

FARIAS, P. Nick Cave & the Bad Seeds. *Animal*, n. 7, p. 38, 1989a.

Resumo: Resenha ilustrada do show de Nick Cave and The Bad Seeds.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock

PUCCI, C. Tesouros da juventude. *Animal*, n. 7, p. 39, 1989a.

Resumo: Resenha sobre a banda Sonic Youth e o lançamento dos seus primeiros LPs no Brasil.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música

PUCCI, C. *Animal*, n. 7, p. 39, 1989b.

Resumo: Resenha sobre o LP Dylan & The Dead, de Bob Dylan.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música

FARIAS, P. Bye, Bye, Brazil! *Animal*, n. 7, p. 39, 1989b.

Resumo: Resenha ilustrada sobre o show de despedida do Ratos de Porão, antes de sair em turnê pela Europa.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – Crossover

FARIAS, P. Inocentes. *Animal*, n. 7, p. 39, 1989c.

Resumo: Resenha ilustrada sobre show da banda *Inocentes*.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – punk rock

BILL, B. Procura-se. *Animal*, n. 7, p. 40, 1989.

Resumo: Pedido de informações sobre o LP mais recente do *bluesman* Duke Tomatõe.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Blues, Música

FARIAS, P. Replicantes. *Animal*, n. 7, p. 40, 1989d.

Resumo: Resenha ilustrada sobre show da banda Replicantes.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – punk rock

PUCCI, C. Willie Dixon. *Animal*, n. 7, p. 41, 1989c.

Resumo: Resenha sobre diversos LPs do *bluesman* Willie Dixon.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Blues, Música

SILVA, W. O demônio atrás da câmera: Evil Dead. *Animal*, n. 7, p. 42–43, 1989.

Resumo: Artigo sobre o filme *Evil Dead*, de Sam Raimi.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cinema – filmes de horror

PAVANELLI, O. *Animal*, n. 7, p. 45, 1989a.

Resumo: Uma mulher tenta praticar bondage sozinha, com resultados inesperados.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Bondage, Sexualidade

GAVYNA, N. S/M Made in Italy. *Animal*, n. 7, p. 45–46, 1989.

Resumo: Resenha sobre diversas publicações italianas dedicadas ao sadomasoquismo.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Pornografia, Sadomasoquismo, Sexualidade

PAVANELLI, O. *Animal*, n. 7, p. 46, 1989b.

Resumo: Uma formiga é estuprada por um elefante.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Estupro, Sexualidade

Obs.: Final do Mau

BICALHO, M. Teseu e Fedra. *Animal*, n. 7, p. 50–51, 1989.

Resumo: Versão satírica do mito de Fedra.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Masturbação, Mitologia, Sexualidade, Suicídio

ROCHETTE, J.-M.; VEYRON, M. Edmundo, o porco. *Animal*, n. 7, p. 52–57, 1989.

Resumo: Cansado de seu papel como reprodutor na fazenda, Edmundo, o Porco procura ampliar os horizontes, buscando colocação em um banco de esperma. Mas ali, ao contrário da fazenda, a concorrência não será fácil.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Castração, Felação, Inseminação artificial, Masturbação, Violência, Zoofilia

FELIPE, F. DE; OSCARAIBAR. O sangue do sangue. *Animal*, n. 7, p. 59–65, 1989.

Resumo: Joe e Frank eram irmãos muito unidos até que Frank foi para o exército. Ao voltar, havia se tornado um delinquente, enquanto Joe tornara-se um policial.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Delinquência, Guerra, Polícia

KIERKEGAARD JR, R. Killer! *Animal*, n. 7, p. 67–78, 1989.

Resumo: Michael Rockson é um pop star vivendo solitário em sua mansão. Apesar de tê-la transformado em uma fortaleza de paz e solidão, Rockson se verá às voltas com uma admiradora obcecada e violenta.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assassinato, Assédio, Cinema – filmes de horror, Música, Paródia, Pop.

Animal nº 8

MATTIOLI, M. Magma. *Animal*, n. 8, p. 5–16, 1989.

Resumo: Desta vez, o gato das HQs anteriores vai parar em uma casa com gatas lascivas. Mas a perseguição iniciada na primeira HQ da série ainda não se encerrou.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Cinema – filmes de horror, Cultura pop, Pornografia, Sexo em grupo, Sexualidade, Violência

TAM tam. *Animal*, n. 8, p. 17, 1989.

Resumo: Editorial da 8ª edição da *Animal*. Resenhas sobre lançamentos de quadrinhos variados.

Tipo de conteúdo: Editorial, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

CAMPOS, R. DE. Osvaldo Pavanelli. *Animal*, n. 8, p. 18, 1989a.

Resumo: Atrigo sobre o artista Osvaldo Pavanelli.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco
Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

PAVANELLI, O.; ZAHLER, C. O bebê bomba. *Animal*, n. 8, p. 19–28, 1989.

Resumo: Joacy, secretária e amante do Sr. Sampaio, presidente da Fundação, planeja tornar-se sua esposa. mas para isso, terá que livrar-se de D. Helena, atual ocupante do cargo.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Adultério, Assassinato, Assédio, Racismo, Violência

SCOZZARI, F. Ale'! *Animal*, n. 8, p. 29–32, 1989.

Resumo: Após chegar à conclusão de que a origem de todos os problemas são as pessoas, a sociedade decide cortar o mal pela raiz.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Distopia, Genocídio, Suicídio, Violência

Obs.: Início do Mau

A ÚLTIMA seção de cartas. *Animal*, n. 9, p. 34, 1989.

Resumo Seção de cartas da 8ª edição.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

WERNER, V. F. *Animal*, n. 8, p. 35, 1989.

Resumo: Uma menina quer saber o que vai ser quando crescer.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Doença, Ironia

KUHLMAN, M. Z. *Animal*, n. 8, p. 35, 1989.

Resumo: Batman e Robin decidem assumir seu caso amoroso.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Homossexualidade, Paródia, Super-heróis

FOOT, N. Os Mulheres Negras. *Animal*, n. 8, p. 36, 1989.

Resumo: André Abujamra tenta executar todas as músicas do mundo em apenas uma nota.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor, Música

LEONE, A. O punhetódromo. *Animal*, n. 8, p. 36, 1989.

Resumo: Texto sobre um local no centro de São Paulo onde homens se masturbam em público.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Espaço urbano, Masturbação, São Paulo

CACHORRO policial. *Animal*, n. 8, p. 36–37, 1989.

Resumo: Relatos policiais fictícios.

Tipo de conteúdo: Colagem, Texto

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Crime, Violência

FARIAS, P. Victim's Family. *Animal*, n. 8, p. 37, 1989a.

Resumo: Resenha ilustrada do show da banda italiana Macchina Nera.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – Hardcore

PUCCI, C. O trigo e o joio. *Animal*, n. 8, p. 37, 1989a.

Resumo: Resenha sobre lançamentos de diversos LPs estrangeiros no Brasil.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Dance Music, Música, Rock – Guitar bands

RDP Info. *Animal*, n. 8, p. 38, 1989.

Resumo: Resenha sobre lançamento do LP Brasil, do Ratos de Porão.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música, Rock – Crossover, Rock – punk rock

FARIAS, P. Do or Die. *Animal*, n. 8, p. 39, 1989b.

Resumo: Resenha ilustrada sobre o show da banda *Do or Die*.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – punk rock

CAMPOS, R. DE. Tin Machine. *Animal*, n. 8, p. 39, 1989b.

Resumo: Resenha sobre o LP Tin Machine, da banda homônima.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Música, rock

DEPARTAMENTO verificador de boatos. *Animal*, n. 8, p. 39, 1989.

Resumo: Lista de boatos diversos da cena musical, classificados conforme sua plausibilidade.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música

FARIAS, P.; ZIMBRES, F.; FOOT, N. Intriga internacional. *Animal*, n. 8, p. 40–42, 1989.

Resumo: Cansado de aguardar pelo visto que permitiria a entrada de Celsingo nos EUA, Vincent, o Abutre, decide levá-lo para Nova York dentro de uma mala.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cultura pop, Quadrinhos (tema)

FARIAS, P. Cry of Terror. *Animal*, n. 8, p. 43, 1989c.

Resumo: Resenha ilustrada sobre o show da banda holandesa de mesmo nome.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, rock

PUCCI, C. Quem tem medo dos anos 60? *Animal*, n. 8, p. 43, 1989b.

Resumo: Resenha sobre lançamentos de diversos LPs estrangeiros no Brasil por parte do selo Enigma.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música

JANO; TRAMBER. Morto de rir. *Animal*, n. 8, p. 45, 1989.

Resumo: Kebra é perseguido por uma gangue inimiga.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Espaço urbano, Gangues, Violência

MAUDITO fanzine. *Animal*, n. 8, p. 46, 1989.

Resumo: Resenha sobre fanzines diversos.

Tipo de conteúdo: Resenha
 Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Fanzines

Obs.: Final do Mau

ITURRUSGARAI, A.; JACA. Supermercado. *Animal*, n. 8, p. 49–55, 1989.

Resumo: Uma série de assassinatos misteriosos assola Cidade City. Apenas um herói será capaz de desvendar sua autoria: Supermercado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Cultura pop, Espaço urbano, Homossexualidade, Violência

ABULI, E. S.; BERNET, J. Patchuli. *Animal*, n. 8, p. 57–64, 1989.

Resumo: Um garotinho tenta fazer amizade com um grupo de delinquentes.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assalto, Assassinato, Violência

TORAL, A. Pesadelos paraguaios. *Animal*, n. 8, p. 65–67, 1989.

Resumo: Cavalariados paraguaios atacam um general brasileiro e sua escolta durante a Guerra do Paraguai.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Guerra, Sonho, Violência

VUILLEMIN. Numa colônia africana. *Animal*, n. 8, p. 68–69, 1989.

Resumo: Após o nascimento de seu neto branco, um chefe tribal africano vai atrás do médico europeu, único branco na região.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Racismo

ABULI, E. S.; PUECH, E. Nada de novo no Oeste. *Animal*, n. 8, p. 71–78, 1989.

Resumo: Um garoto fantasia sobre a presença de gangsters mafiosos e pistoleiros em uma pequena cidade dos Estados Unidos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assassinato, Estados Unidos, Racismo, Violência

Animal nº 9

SEGURA, A.; ORTIZ, J. A pesca milagrosa. *Animal*, n. 9, p. 4–11, 1989.

Resumo: A dupla de vigaristas Burton e Cyb prometem a um grande magnata uma pesca milagrosa.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Androide, Ciborgues, Crime, Ficção científica

TORAL, A. Pesadelos paraguaios. *Animal*, n. 9, p. 12–14, 1989a.

Resumo: Comandos paraguaios atacam de surpresa a vanguarda da Marinha Brasileira fundeada no rio Paraguai.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Guerra, Sonho, Violência

TORAL, A. Recuerdos del Paraguay. *Animal*, n. 9, p. 15–16, 1989b.

Resumo: Texto sobre aspectos da Guerra do Paraguai (1864-1870).

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Guerra, Política, Violência

PERES, A. C. O vestido novo de Luiza. *Animal*, n. 9, p. 17–20, 1989.

Resumo: Uma quadrilha combina um assalto à residência de um ricoço, mas o plano não será levado a cabo sem traições entre os bandidos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assalto, Assassinato, Crime, Traição

KAMAGURKA; SEELE, H. Cowboy Henk. *Animal*, n. 9, p. 21, 1989.

Resumo: Peripécias do personagem Cowboy Henk.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Non-sense

CAMPOS, R. DE. Tam tam. *Animal*, n. 9, p. 22–23, 1989.

Resumo: Editorial da revista. Inclui textos curtos sobre Andrea Pazienza, o personagem Groo, de Sérgio Aragonés, Alain Voss e a revista argentina Fierro.

Tipo de conteúdo: Editorial, Resenha

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

PAZIENZA, A. Storia di Astarte. *Animal*, n. 9, p. 24–32, 49, 1989.

Resumo: A invasão da península Itálica por Aníbal, a partir do ponto de vista de Astarte, um cão de guerra cartaginês. Esta é a última HQ de Andrea Pazienza, que ficou inacabada.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Guerra, História, Violência

Obs.: Início do Mau

HERMANN. O choque econômico. *Animal*, n. 9, p. 34, 1989.

Resumo: Diálogo com o José Sarney, Presidente da República.

Tipo de conteúdo: Cartum

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Contestação, Política

SIBALI. Druida. *Animal*, n. 9, p. 34, 1989.

Resumo: Observações irônicas sobre cultura dentro e fora do Brasil.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura, Ironia

FLOREAL. Vacine seu *Animal*. *Animal*, n. 9, p. 34, 1989.

Resumo: Uma fila para vacinação que inclui um gato em forma de gente.

Tipo de conteúdo: Cartum, Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropomorfismo, Humor, Ironia

RODRIGUES, G.; BENTO, N. Cachorro policial. *Animal*, n. 9, p. 34–35, 1989.

Resumo: Notas sobre uma família de policiais há gerações.

Tipo de conteúdo: Colagem, Texto

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Polícia

WERNER. As piadas usadas do Werner. *Animal*, n. 9, p. 35, 1989.

Resumo: Um restaurante onde quem fizer o pedido sem gaguejar não paga a conta.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor

GUERRILHA ecológica. *Animal*, n. 9, p. 36–37, 1989.

Resumo: Um apanhado sobre técnicas de sabotagem e guerrilha adaptado de um manual produzido pelo *Animal Liberation Front* (ALF), organização classificada como terrorista, cujo objetivo é combater ações que impliquem em sofrimento dos animais.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Ativismo político, Guerrilha, Política, Subversão, Violência

NIXON, N. *Mau amor*. *Animal*, n. 9, p. 38, 1989.

Resumo: Resenha de publicações e fanzines voltados ao segmento JD (Juvenile Delinquents), que, por sua vez, são parte da cena homocore – contração de homossexualismo (sic) e hardcore.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Erotismo, Fanzines, Homossexualidade, Pornografia, Rock – Hardcore

FARIAS, P. Trash Girlz. *Animal*, n. 9, p. 38, 1989a.

Resumo: Resenha ilustrada do show da banda Volkana.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – *Heavy Metal*

O RETORNO dos mortos-vivos. *Animal*, n. 9, p. 39, 1989.

Resumo: Resenhas diversas comentando lançamentos recentes de bandas e cantores "antigos" ou que andavam sumidos, como The Who, Beastie Boys, Joan Baez e B 52's.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Folk music, Funk, Música, Rock

FARIAS, P. ¡Never Kabobalada! *Animal*, n. 9, p. 40, 1989b.

Resumo: Resenha ilustrada do show do Sepultura.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – *Heavy Metal*

DEPARTAMENTO verificador de boatos. *Animal*, n. 9, p. 40, 1989.

Resumo: Boatos do circuito musical classificados segundo sua plausibilidade.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música

FERRI, R. Marianne Faithfull – um anjo caído. *Animal*, n. 9, p. 40–41, 43, 1989.

Resumo: Artigo sobre a carreira da cantora Marianne Faithfull.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Folk music, Música, Rock

FOOT, N. Os Mulheres Negras. *Animal*, n. 9, p. 42, 1989.

Resumo: Os Mulheres Negras são incapazes de encontrar suas coisas sem a ajuda de Elza, a faxineira.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música, Vida cotidiana

CACO. *Animal*, n. 9, p. 45, 1989.

Resumo: Um cliente cabeludo entra numa barbearia querendo ficar parecido com Mickey Rourke, mas o barbeiro não entendeu direito o segundo nome informado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Ironia, Quadrinhos (tema), Violência

MAUDITO fanzine. *Animal*, n. 9, p. 46, 1989.

Resumo: Resenha sobre fanzines diversos.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Fanzines

VUILLEMIN. *Animal*, n. 9, p. 48, 1989.

Resumo: Uma mulher é estuprada por uma gangue enquanto seu companheiro lamenta a situação.

Tipo de conteúdo: Cartum

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Espaço urbano, Estupro, Machismo, Sexualidade, Violência

Obs.: Final do Mau

FELIPE, F. DE; OSCARAIBAR. «Natureza morta». *Animal*, n. 9, p. 51–57, 1989.

Resumo: Marlowe, um veterano da Guerra do Vietnã (1955-1975), retorna ao Sudeste Asiático para encontrar-se com seu comandante, o Sargento Kurz – inspirado em personagem do livro *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad e do filme *Apocalypse Now*, de Francis Ford Coppola.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura, Cultura pop, Drogas, Guerra, Guerrilha, Literatura, Racismo, Violência

MAX. Peter Pank. *Animal*, n. 9, p. 58–64, 1989.

Resumo: Adaptação da história de Peter Pan, criado por John Matthew Barrie, cuja adaptação mais conhecida foi feita por Walt Disney para o cinema. Nesta adaptação, os personagens da história correspondem a grupos da contracultura e do circuito *underground*, como hippies, punks, rockers etc.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Contracultura, Paródia, Violência

ABULI, E. S.; BERNET, J. Crônicas negras. *Animal*, n. 9, p. 65–72, 1989.

Resumo: Trajetória de uma família desde suas origens africanas até se estabelecerem nos Estados Unidos, passando por alguns dos momentos mais importantes da história daquele país.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assassinato, Colonialismo, Cultura pop, Racismo, Sexualidade, Violência

LIBERATORE, T. Real vision. *Animal*, n. 9, p. 73–78, 1989.

Resumo: Um homem violento ameaça uma mulher e sua filha. Não fica claro se se trata de sua família ou se mãe e filha estão sendo tomadas como reféns.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assassinato, Comunicação de massa, Polícia, Violência

Animal nº 10

ABULI, E. S.; PUECH, E. Uma ressaca americana. *Animal*, n. 10, p. 5–12, 1989.

Resumo: Joe é levado por um amigo a uma orgia, mas as coisas não vão sair como ele espera.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assassinato, Farsa, Sexo em grupo, Sexualidade, Violência

KAMAGURKA; SEELE, H. Cowboy Henk. *Animal*, n. 10, p. 13, 1989.

Resumo: Peripécias do personagem Cowboy Henk.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Non- sense

VUILLEMIN. História refrescante, com neve. *Animal*, n. 10, p. 14–17, 1989.

Resumo: Num final de ano, um sujeito que tenta faturar uns trocados vestido de Papai Noel, encontra crianças que se divertem incendiando um carro e vendo um cachorro preso dentro dele tentando sair, desesperado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ironia, Natal, Racismo, Violência

MAXIMO, J. Max. *Animal*, n. 10, p. 18–20, 1989.

Resumo: Texto sobre o artista espanhol Max, autor de Peter Pank, dividido por tópicos.

Tipo de conteúdo: Entrevista

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Processo criativo, Quadrinhos (tema)

TAM tam. *Animal*, n. 10, p. 20, 1989.

Resumo: Editorial da edição nº 10.

Tipo de conteúdo: Editorial

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

PAVANELLI, O.; ZAHLER, C. Quebra-cabeça. *Animal*, n. 10, p. 21–30, 1989.

Resumo: A Fundação é acionada para tentar desvendar a autoria de um crime rumoroso, envolvendo uma família da alta sociedade.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Androide, Assassinato, Crimes passionais, Drogas, Ficção científica

Obs.: Início do Mau

J. DINGÃO. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 32, 1989.

Resumo: Relato sobre o experimento de tentar receber quadrinhos por meio de um aparelho de fax.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fanzines, Quadrinhos (tema), Tecnologia

POA – O “porco alegre”. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 32, 1989.

Resumo: Um usuário de maconha é alcançado pelo longo braço da Lei.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropomorfismo, Drogas – Maconha, Polícia, Violência

FAX Comix. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 32, 1989.

Resumo: Texto sobre um coletivo de quadrinhos que encaminha seus trabalhos para seus leitores por meio de fax.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema), Tecnologia

EMERSON, H. O sexo humano. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 32–33, 1989.

Resumo: Impressões do gato Firkin, personagem criado por Hunt Emerson, sobre a sexualidade humana.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Sexualidade

HERMANN. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 33, 1989.

Resumo: Piada sobre papel higiênico.

Tipo de conteúdo: Cartum

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Escatologia, Humor

ANIMAL, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 33, 1989a.

Resumo: Visitantes alienígenas chegam ao Rio Grande do Sul e são recebidos com um churrasco.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ficção científica, Humor, Ironia

OITICICA, J. Viva o chefe do trabalho. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 33, 1989.

Resumo: Poema sobre o político Lindolfo Collor, avô do Presidente da República eleito Fernando Collor de Mello.

Tipo de conteúdo: Poesia

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: História, Humor, Ironia, Polícia, Política

MANUAL do assassino profissional. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 34–36, 1989.

Resumo: Trechos extraídos do livro de mesmo nome, de autoria de John Minnery, que trata sobre métodos e ferramentas para a execução de assassinatos.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Assassinato, Violência

FARIAS, P. Forma de cura. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 37, 1989a.

Resumo: Resenha ilustrada do show da banda Lobotomia.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – Crossover

DEPARTAMENTO verificador de boatos. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 37, 1989.

Resumo: Uma avaliação geral dos boatos da área da música não confirmados ao longo do ano.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música

MAU Música. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 37, 40, 1989.

Resumo: Resenhas sobre músicos, apresentações e lançamentos da indústria fonográfica.

Tipo de conteúdo: Resenha, Texto

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Blues, Jazz, Música, Rock – Hardcore

PUCCI, C. quieto... escute o som da música. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 38–39, 1989.

Resumo: Artigo sobre a trajetória da banda Joy Division.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música, Rock – pós-punk, Rock – punk rock

FARIAS, P. Nhônho, the great. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 40, 1989b.

Resumo: Resenha ilustrada do show da banda Psychic Possessor.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – Hardcore, Rock – *Heavy Metal*

SEJA desenhista do *Mau*, mesmo sem saber desenhar – basta preencher os balões. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 41, 1989.

Resumo: Modelo de quadrinho, no formato de uma tira vertical, que convida o leitor a preencher os balões vazios e montar a sua própria HQ.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Ironia, Natal, Processo criativo

ANIMAL, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 41, 1989b.

Resumo: Resenha de filmes que passam por diversos gêneros (comédia, terror, suspense) que têm em comum o tema natalino.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cinema, Natal

GILBERTO. Barney, o barman. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 42, 1989.

Resumo: Peripécias do personagem Barney, o Barman.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor

MAUDITO fanzine. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 43, 1989.

Resumo: Resenha sobre fanzines de diversos lugares do Brasil.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Fanzines

EMERSON, H.; MANLEY, T. Firkin. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 10, p. 44–45, 1989.

Resumo: O gato Firkin continua suas observações sobre a sexualidade humana.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Perversão sexual, Sadomasoquismo, Sexualidade

Obs.: Final do Mau

ITURRUSGARAI, A.; JACA. O avião sequestrado. **Animal**, n. 10, p. 47–51, 1989.

Resumo: Silvinho, um aviãozinho filho de uma rica família de aviões, é sequestrado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Espaço urbano, Mutilação, Sequestro, Violência

MAX. Peter Pank. **Animal**, n. 10, p. 54–62, 1989.

Resumo: Peter Pank leva Ana para conhecer as Ninfômanas da Ilha de Punklândia. Enquanto isso o pirata Capitão Topete sequestrou a princesa hippie, levando-a a um esconderijo.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Contracultura, Ninfomania, Paródia, Sequestro, Sexualidade

LAPIERE, D.; MARLOWE, D. O Papai Noel. **Animal**, n. 10, p. 63–67, 1989.

Resumo: Um criminoso em fuga é acolhido por uma mãe e sua filha pequena.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assassinato, Natal, Polícia

PAZIENZA, A. Zanardi at the War. **Animal**, n. 10, p. 68–73, 1989.

Resumo: O personagem Zanardi, de Andrea Pazienza, vai para a Frente Russa como soldado do exército italiano durante a 2ª Guerra Mundial.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Guerra, Humor, Ironia, Violência

Animal nº 11

KRAMSKY, J.; MATTOTTI, L. Deuses. **Animal**, n. 11, p. 4-11, 1990.

Resumo: Os deuses Burshna, Milton e Oscar buscam um lugar onde poderão realizar o projeto de construção do Paraíso.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Policromia
 Palavras-chave: Mitologia, Religiosidade, Violência

TORAL, A. Pesadelos paraguaios. *Animal*, n. 11, p. 13-14, 1990.

Resumo: Durante a Guerra do Paraguai, Ramón e Juanita namoram no meio de um descampado, até que são interrompidos por um balão de observação brasileiro.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Policromia
 Palavras-chave: Guerra, Sexualidade, Sonho, Violência

MAGNUS. A pele falsa. *Animal*, n. 11, p. 15-20, 1990.

Resumo: O jovem Wang não se relaciona com amigos nem tem interesses amorosos até a noite em que é visitado por uma imagem sedutora, mas de aparência enganosa.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Escatologia, Fantasia, Masturbação, Sexualidade, Violência

FARIAS, P. Mattotti. *Animal*, n. 11, p. 21-23, 1990a.

Resumo: Entrevista com o artista Lorenzo Mattotti.

Tipo de conteúdo: Entrevista
 Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Processo criativo, Quadrinhos (tema)

TAM tam. *Animal*, n. 11, p. 23, 1990a.

Resumo: Editorial de 11ª edição.

Tipo de conteúdo: Editorial
 Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

WINNESBURG, J.; FARIAS, P. São Paulo. *Animal*, n. 11, p. 24-27, 1990.

Resumo: Saindo de um bar, um homem é atropelado por um carro. Dele descem duas moças que o levam para o apartamento delas. Enquanto fazem sexo, ele lembra de sua professora, estuprada em horário de aula e diante de toda a turma. Como lembrança do acontecido, o homem guarda um revólver esquecido por um dos criminosos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Assalto, Estupro, Sexo em grupo, Sexualidade, Violência

VUILLEMIN. Batismo de fogo. *Animal*, n. 11, p. 28-30, 1990.

Resumo: Um destacamento do 9º Regimento de Intervenção, comandado pelo Sargento Rick, está em uma missão secreta em um país africano. O destacamento inclui um jovem inexperiente e entusiasmado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Colonialismo, Estupro, Guerra, Guerrilha, Racismo, Sexualidade, Violência

Obs.: Início do Mau

SINGO, C. *Animal*, n. 11, p. 32, 1990.

Resumo: Tiras do personagem Rard, de Celso Singo.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Música, Violência

SEÇÃO de cartas. *Animal*, n. 11, p. 33, 1990b.

Resumo: Seção de cartas, com algumas respostas padrão a perguntas recorrentes dos leitores.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

FARIAS, P. «Just Say Moe». *Animal*, n. 11, p. 34, 1990b.

Resumo: Resenha ilustrada do show das bandas Sepultura e Ratos de Porão – esta, comemorando seus 11 anos de existência.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – Crossover, Rock – Hardcore, Rock – *Heavy Metal*

PUCCI, C. The good old Neil Young. *Animal*, n. 11, p. 34, 1990.

Resumo: Resenha sobre o álbum *Freedom*, de Neil Young.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Indústria fonográfica, Música, Rock

R.D.P., G. Earache Records – Total Noise for your Ears. *Animal*, n. 11, p. 34-35, 1990.

Resumo: Resenha sobre o selo Earache Records, do Reino Unido.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Música, Rock – Hardcore

CHINA, K.; MAHAL, J. Barulho Black. *Animal*, n. 11, p. 34-35, 1990.

Resumo: Resenhas sobre álbuns lançados no Brasil de diversos intérpretes do Reggae, como Yellow Man, The Wailers e Bob Marley.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Indústria fonográfica, Reggae

FARIAS, P. Noise Kills! *Animal*, n. 11, p. 35, 1990c.

Resumo: Resenha ilustrada do show da Banda DeFalla.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – *Heavy Metal*

MAUDITO fanzine. *Animal*, n. 11, p. 36-37, 1990c.

Resumo: Resenha de fanzines diversos.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Fanzines

ITURRUSGARAI, A. O melhor amigo do homem. *Animal*, n. 11, p. 36-37, 1990.

Resumo: Um homem leva para passear seu cachorro Sultão, que desperta a curiosidade de passantes.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Animais, Homossexualidade, Sexualidade

NIXON, N. Psycho + Maniac Girlz. *Animal*, n. 11, p. 36-37, 1990a.

Resumo: Resenha sobre os dois fanzines que dão nome ao texto.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Fanzines, Feminismo, Rock – psychobilly

NIXON, N. Ice – faça você mesmo. *Animal*, n. 11, p. 38-39, 1990b.

Resumo: Artigo sobre os efeitos do Ice (metilanfetamina). Traz um histórico da droga, que inclui suas várias denominações ao longo dos anos (*splash*, *speed*) e uma receita para a sua produção.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Comportamento, Drogas – Anfetaminas

BATISTA, P. Bum-sam. *Animal*, n. 11, p. 40, 1990.

Resumo: Um sujeito escuta Carmine falar sobre suas (dele) qualidades, até perder a paciência.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Violência

DEPARTAMENTO verificador de boatos. *Animal*, n. 11, p. 40, 1990d.

Resumo: Listagem de boatos relacionados à música, classificados segundo sua plausibilidade.

Tipo de conteúdo: Notas

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música, Rock – bandas independentes, Rock – Country music, Rock – Hardcore, Rock – *Heavy Metal*, Rock – Pós-industrial, Rock – punk rock

MARSICANO, A. Crônicas Marsicanas. *Animal*, n. 11, p. 40-41, 1990.

Resumo: Oferecem ao citarista Alberto Marsicano um alaúde para que toque algo num café em Tânger, no Marrocos. Após tocar uma música flamenca, é tomado por um espião espanhol, o que é um problema, já que Espanha e Marrocos havia acabado de entrar em guerra.

Tipo de conteúdo: Crônica

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Erotismo, Futebol, Guerra, Música, Violência

RODRIGUES, G.; ADOLFO. Cachorro policial. *Animal*, n. 11, p. 41, 1990.

Resumo: Um homem conhecido como Manivela procura convencer a polícia de sua inocência.

Obs.: Colagem da série Cachorro policial

Tipo de conteúdo: Colagem, Texto

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Polícia, Suicídio, Violência

FARIAS, P. Dr. Bzz. *Animal*, n. 11, p. 41, 1990d.

Resumo: Delírios de Dr. Buzz.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cinema, Non-sense

QUEM desenha. *Animal*, n. 11, p. 42-43, 1990e.

Resumo: Resenha sobre quadrinistas diversos, já publicados no *Mau*. e, em alguns casos, na *Animal*.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Ilustração, Quadrinhos (tema)

EMERSON, H.; MANLEY, T. Tiddles. *Animal*, n. 11, p. 42-43, 1990.

Resumo: Ainda discorrendo sobre a sexualidade humana, o gato Firkin relembra uma história de seu avô Tiddles, ás na 1ª Guerra Mundial.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Animais, Aviação, Guerra, Sexualidade, Violência

NIXON, N. Sexo e motosserras. *Animal*, n. 11, p. 44, 1990c.

Resumo: Resenha sobre alguns dos filmes da produtora Camp Motion Pictures, que combinam erotismo e terror.

Tipo de conteúdo: Artigo, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cinema – filmes de horror, Cultura pop, Erotismo, Pornografia

FOOT, N. Os Mulheres Negras. *Animal*, n. 11, p. 44, 1990.

Resumo: Os Mulheres Negras detectam, por meio de um gráfico científico que terão problemas com o público em sua próxima apresentação.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ciência, Erotismo, Humor, Música

Obs.: Final do Mau

OSCARAIBAR; FELIPE, F. DE. O homem que matou J. F. Kennedy. *Animal*, n. 11, p. 47-53, 1990.

Resumo: Em um hospital psiquiátrico, tentam apagar as memórias do verdadeiro assassino do Presidente John F. Kennedy, sem sucesso.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Delírio, História, Suicídio, Violência

MAX. Peter Pank. *Animal*, n. 11, p. 54-61, 1990.

Resumo: Peter Pank tenta salvar Ana, que é prisioneira das Ninfômanas. Enquanto isso, Capitão Topete convence Sininho a revelar onde se escondem Peter Pank e os Garotos Perdidos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Assédio, Bondage, Sadomasoquismo, Sexualidade

GUSTAVO, L. John & Mary. *Animal*, n. 11, p. 62-63, 1990.

Resumo: Uma paquera num bar tem um desfecho inesperado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Homossexualidade, Transfobia, Travestismo, Violência

FINGERMAN, B. WanXerox. *Animal*, n. 11, p. 64-68, 1990.

Resumo: Cansado de produzir vídeos musicais bregas, um videomaker decide tentar a pornografia.

Para isso, conta com Lúbrica, a namorada de WanXerox, que, no entanto, desconhece o plano.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Paródia, Pornografia, Sadomasoquismo, Tecnologia

MATTIOLI, M. The Shadow. *Animal*, n. 11, p. 69-74, 1990.

Resumo: Com Superwest em ação, a criminalidade regride. Para solucionar este problema, os criminosos recorrem a The Shadow.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assassinato, Cinema – filmes de horror, Cultura pop, Humor, Paródia, Prostituição, Violência

Animal nº 12

MATTOTTI, L. Spartaco na Valvolândia. *Animal*, n. 12, p. 4–5, 1990.

Resumo: Uma demonstração de papéis especiais para artistas plásticos sai do controle.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Artes visuais, Violência

KAMAGURKA; SEELE, H. Cowboy Henk. *Animal*, n. 12, p. 6, 1990.

Resumo: Aventuras absurdas do personagem Cowboy Henk.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor, Non-sense

ABULI, E. S.; BERNET, J. Torpedo. *Animal*, n. 12, p. 7–14, 1990.

Resumo: As origens do personagem Lucca Torelli, vulgo "Torpedo".

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Crime, Incesto, Masculinidade, Sexualidade, Violência

MALAVOGLIA, F. Histórias meio mafiosas. *Animal*, n. 12, p. 15–16, 1990.

Resumo: Um breve histórico da Máfia e da expansão de seu alcance a partir de sua implantação nos Estados Unidos.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Crime, História, Violência

HERNANDEZ, J. Hopey. *Animal*, n. 12, p. 17–24, 1990.

Resumo: Após 97 muros pichados, Hopey tinha prometido a sua mãe não pichar mais nenhum. No entanto, um prédio recém-concluído perto de sua casa faz com que tenha uma recaída.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Polícia, Sexualidade, Vandalismo, Vida urbana, Violência

FARIAS, P. Jaime Hernandez. *Animal*, n. 12, p. 25–27, 1990a.

Resumo: Texto sobre um dos autores de Love & Rockets, com entrevista realizada por Priscila Farias.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Comportamento, Quadrinhos (tema), Rock

TAM tam. *Animal*, n. 12, p. 27, 1990.

Resumo: Editorial da 12ª edição.

Tipo de conteúdo: Editorial

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor, Ironia, Quadrinhos (tema)

ITURRUSGARAI, A.; JACA. Supermercado. *Animal*, n. 12, p. 28–30, 47–51, 1990.

Resumo: Ameaçados de extinção pela concorrência, uma quadrilha de minimercados invade um supermercado. Apenas a ação do super-herói Super Mercado poderá detê-los.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Crime, Embriaguez, Ironia, Paródia, Rock – punk rock, Saque, Super-heróis, Tortura, Vandalismo

Obs.: Início do Mau

Seção de cartas. *Animal*, n. 12, p. 33 (3), 1990.

Resumo: A maior parte das correspondências ainda é referida apenas pelo seu remetente.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cartas, Quadrinhos (tema)

FARIAS, P. Rodox não! *Animal*, n. 12, p. 34 (4), 1990b.

Resumo: Resenha do show do Korzus, realizado no Dama Xoc.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Música, Rock – *Heavy Metal*

PUCCI, C. Canções para Drácula & Cinderella. *Animal*, n. 12, p. 34–35 (4–5), 1990.

Resumo: Resenha sobre o álbum "Songs for 'Drella", de Lou Reed e John Cale.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Artes visuais, Música, Rock, Violência

MAHAL, J.; KANE, C. Barulho Black. *Animal*, n. 12, p. 34–35 (4–5), 1990.

Resumo: Panorama sobre o reggae no Brasil, passando pelas cenas do Maranhão, Bahia, São Paulo e Baixada Fluminense.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música, Reggae

FARIAS, P. Fresh Blood. *Animal*, n. 12, p. 35 (5), 1990c.

Resumo: Resenha do show do Abaixo de Deus, realizado no Espaço Retrô.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock

NIXON, N. A criatura da Lagoa de Couro Negro. *Animal*, n. 12, p. 35 (5), 1990a.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música, Rock – psychobilly

MACARRÃO. O maior orfanato do mundo. *Animal*, n. 12, p. 36 (6), 1990.

Resumo: Um órfão vive recluso numa cela, esperando a sua vez de escutar a leitura do conto de fadas do dia.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Solidão

MAUDITO fanzine. *Animal*, n. 12, p. 36 (6), 1990.

Resumo: Resenhas de fanzines diversos.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Fanzines

EDUARDO. Tarde na praia. *Animal*, n. 12, p. 37 (7), 1990.

Resumo: Um garotinho tem uma decepção amorosa à beira-mar.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Amor, Ciúmes

NIXON, N. Sai da frente! *Animal*, n. 12, p. 38- 39 (8– 9), 1990b.

Resumo: O texto aborda algumas modalidades de delinquentes motorizados: joyriders, roadhunters e roadkillers.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Crime, Violência

MARSICANO, A. Crônicas Marsicanas. *Animal*, n. 12, p. 40 (10), 1990.

Resumo: Alberto Marsicano enfrenta uma tempestade a bordo de um navio, onde é acompanhado por figuras e tipos variados e intrigantes.

Tipo de conteúdo: Crônica

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Exotismo

BATISTA, P. Violência gratuita. *Animal*, n. 12, p. 40 (10), 1990.

Resumo: A chegada de um vizinho é recebida a tiros pelo dono da casa.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Crime, Violência

FOOT, N. Os Mulheres Negras. *Animal*, n. 12, p. 41 (11), 1990a.

Resumo: Os Mulheres Negras demonstram a ligação entre música e memória visual.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor, Ironia, Música

DEPARTAMENTO verificador de boatos. *Animal*, n. 12, p. 41 (11), 1990.

Resumo: Lista com boatos diversos relacionados ao mundo da música, classificados segundo sua verossimilhança.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor, Ironia, Música

MOORE, A. Quem desenha. *Animal*, n. 12, p. 42- 43 (12– 13), 1990.

Resumo: Texto apresentando o trabalho e falando um pouco sobre a carreira de Hunt Emerson.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

Dumdum, a revista. *Animal*, n. 12, p. 42- 43 (12– 13), 1990.

Resumo: Resenha sobre a revista de quadrinhos Dumdum.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

EMERSON, H. Tiddles, do Esquadrão Camel (parte 2). *Animal*, n. 12, p. 42- 43 (12– 13), 1990.

Resumo: Tiddles, um ás felino da Primeira Guerra Mundial está às voltas com seu inimigo mortal, o Barão Blue Kalzinha, enquanto tenta pilotar seu avião com o auxílio de uma ninfomaníaca.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Guerra, História, Humor, Masculinidade, Sexualidade, Travestismo, Zoofilia

Sex Drops. *Animal*, n. 12, p. 44 (14), 1990.

Resumo: Notas curtas sobre um clube de masturbação e sobre filmes que combinam ficção científica B com sexo explícito.

Tipo de conteúdo: Notas

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cultura pop, Masturbação, Pornografia, Sexualidade

NIXON, N. Catfight. *Animal*, n. 12, p. 44 (14), 1990c.

Resumo: Texto sobre modalidades de lutas de mulheres nuas ou seminuas, incluindo o Topless Boxing e o Naked Wrestling.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cultura pop, Erotismo, Pornografia, Sexualidade, Violência, Voyerismo

FARIAS, P. Dr. Bzz. *Animal*, n. 12, p. 44 (14), 1990d.

Resumo: O eminente cientista Dr. Jekyll chega a uma conclusão a respeito da formação do clima.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor, Ironia, Paródia

FOOT, N. *Animal*, n. 12, p. 46 (16), 1990b.

Resumo: Uma idosa atropelada presta informações ao motorista que a atropelou.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor, Ironia, Paródia

Obs.: Final do Mau

MAX. Peter Pank. *Animal*, n. 12, p. 52–56, 1990.

Resumo: Orientados por Sininho, os Rockers se dirigem ao esconderijo de Peter Pank e dos Garotos Perdidos. Peter Pank, porém, foi capturado pelas Ninfômanas.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Adultério, Comportamento, Drogas, Embriaguez, Exibicionismo, Sadomasoquismo, Sexo em grupo, Sexualidade, Strip tease

TORAL, A. Furukawa, o herói. *Animal*, n. 12, p. 57–62, 1990.

Resumo: Hakujoji é um piloto da força aérea japonesa que decide que irá sobreviver à Segunda Guerra Mundial, mas é recrutado para missões de ataque suicidas. Seu amigo de infância, e também piloto, Furukawa é designado para sua esquadrilha com a missão de evitar que fuja.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Covardia, Guerra, História, Violência

SEGURA, A.; ORTIZ, J. Em busca da filha perdida. *Animal*, n. 12, p. 63–70, 1990.

Resumo: Os escroques Burton e Cyb são encarregados de encontrar a filha perdida de um credimilionário. Para isso, precisarão percorrer todos os níveis do Asteroide do Prazer.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Ciborgues, Crime, Estelionato, Mitologia, Prostituição, Sadomasoquismo, Sexismo, Sexualidade, Violência

LOUSTAL, J. DE. Fim de temporada. *Animal*, n. 12, p. 71–74, 1990.

Resumo: Edouard perambula por uma praia que se tornou deserta após o encerramento da temporada.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Embriaguez, Nostalgia, Resiliência

Animal nº 13

KAMAGURKA; SEELE, H. Cowboy Henk. *Animal*, n. 13, p. 4, 1990.

Resumo: Aventuras do personagem Cowboy Henk.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor, Non-sense

TAMBURINI, S.; LIBERATORE, T. Saturno contra Terra. *Animal*, n. 13, p. 5–14, 1990.

Resumo: Habitantes de Saturno precisam de escravos para suas minas de Urânio e, para isso, planejam uma invasão à Terra. Antes disso, porém, enviam um grupo para tentar um contato mais amigável.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assédio, Cinema, Cultura pop, Ficção científica, Sexualidade, Violência

MAXIMO, J. Daniel Torres. *Animal*, n. 13, p. 15–17, 1990.

Resumo: Entrevista com o artista espanhol Daniel Torres.

Tipo de conteúdo: Entrevista

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cultura pop, Quadrinhos (tema)

TAM tam. *Animal*, n. 13, p. 17, 1990.

Resumo: Editorial da 13ª edição.

Tipo de conteúdo: Editorial

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor, Ironia, Quadrinhos (tema)

PAVANELLI, O.; ZAHLER, C. Falha humana. *Animal*, n. 13, p. 18–19, 22–27, 1990.

Resumo: Os necroides da Fundação SS agora podem ser reprogramados pelos usuários, bastando para isso um telefone e um computador. Dois deles, no entanto, saem do controle.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assédio, Ficção científica, Prostituição, Racismo, São Paulo, Sexualidade, Violência

Obs.: Há uma confusão na numeração. A página 27 e a 50 estão com a numeração trocada. A numeração passa da página 19 para a 22.

MARSICANO, A. Raymond Roussel. *Animal*, n. 13, p. 28–29, 1990a.

Resumo: Uma breve apresentação sobre Raymond Roussel, escritor e artista belga no início do século XX.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Artes visuais, Literatura, Quadrinhos (tema)

MOSQUIL. Enrique pirado. *Animal*, n. 13, p. 30, 47–50, 1990.

Resumo: Após tomar uma sopa de cogumelos tóxicos, Enrique é internado em um sanatório onde um médico trata de explorar seu subconsciente.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Drogas, Ficção científica, Loucura, Violência

Obs.: Presume-se que a primeira página da HQ seja a de número 30. A página 50 está com a numeração trocada com a 27.

Obs.: Início do Mau

ÍNDICE, cartas, expediente. *Animal*, n. 13, p. 33 (3), 1990.

Resumo: Seção de cartas da 13ª edição.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Rock – *Heavy Metal*

NIXON, N. Alien Sex Fiend. *Animal*, n. 13, p. 34 (4), 1990a.

Resumo: Um pouco da trajetória da banda *Alien Sex Fiend* e resenha do álbum *Too Much Acid*, lançado no Brasil naquele ano.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música, Rock – Pós- industrial

FARIAS, P. Psycho Garage. *Animal*, n. 13, p. 34 (4), 1990a.

Resumo: Resenha em forma de "bolinha" do show da banda Psycho Garage.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – *Heavy Metal*

PUCCL, C. Ch-ch-ch-chances: Uma discografia revisitada, com faixas inéditas. *Animal*, n. 13, p. 34–35 (4– 5), 1990.

Resumo: Artigo sobre a discografia de David Bowie escrita por ocasião da passagem pelo Brasil de sua turnê *Sound + Vision*.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música, Rock

MAHAL, J.; KANE, C. Barulho Black. *Animal*, n. 13, p. 34– 36 (4– 6), 1990.

Resumo: Narração de uma viagem à Jamaica. Inclui uma resenha sobre o festival de reggae Sunsplash, com as bandas Shine Head e Aswad e com os intérpretes Gregory Isaacs e Bunny Wailers, entre outras.

Tipo de conteúdo: Artigo, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Colonialismo, Comportamento, Drogas, Prostituição, Reggae

FARIAS, P. Trash & Trashers. *Animal*, n. 13, p. 35, 1990b.

Resumo: Resenha sobre o show e as confusões ocorridas na apresentação da banda Dirty Rotten Imbeciles (DRI), com abertura da banda Sarcófago.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Circuito cultural, Rock – *Heavy Metal*

EMERSON, H. Tiddles, do Esquadrão Camel (parte 3). *Animal*, n. 13, p. 36- 37 (6– 7), 1990.
 Resumo: O gato Firkin continua a contar as peripécias de seu avô, Tiddles, como aviador na 1ª Guerra Mundial. Esta parte conclui a série e narra como Tiddles conheceu a avó de Firkin, após ser derrubado de seu avião.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Guerra, História, Humor, Pornografia, Sexualidade

Quem desenha. *Animal*, n. 13, p. 37, 1990.
 Resumo: texto sobre o personagem Rard e seu criador, Celso Singo.

Tipo de conteúdo: Texto
 Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Cultura pop, Processo criativo, Quadrinhos (tema)

SINGO, C. Rard. *Animal*, n. 13, p. 37 (7), 1990.
 Resumo: Nesta tira, Rard é um matador de idiotas.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos
 Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Humor, Ironia, Violência

FARIAS, P. Empurrando tinta. *Animal*, n. 13, p. 38- 39 (8– 9), 1990c.
 Resumo: Resenha e entrevista com Spider Webb, tatuador estadunidense, conhecido por seu estilo de desenho e pelos vídeos e performances que produz. Inclui uma menção a seu livro *Pushing Ink*, "uma espécie de bíblia da tatuagem".

Tipo de conteúdo: Artigo, Resenha
 Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Artes visuais, Comportamento, Quadrinhos (tema), Tatuagem

MAUDITO fanzine. *Animal*, n. 13, p. 40- 41 (10– 11), 1990.
 Resumo: Resenha sobre fanzines diversos do Brasil, Canadá, Estados Unidos e Austrália.

Tipo de conteúdo: Resenha
 Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Fanzines

ZIMBRES, F. Minha vida de cachorro. *Animal*, n. 13, p. 40- 41 (10– 11), 1990.
 Resumo: Duas histórias curtas e separadas mostram um cachorro às voltas com a posição de um objeto não identificável e outro cachorro que ensina os segredos da levitação.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Humor, Ironia, Non-sense

DEPARTAMENTO verificador de boatos. *Animal*, n. 13, p. 42 (12), 1990.
 Resumo: Notas curtas sobre o mundo da música são classificadas segundo sua veracidade ou falta dela.

Tipo de conteúdo: Notas
 Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Música

FOOT, N. Os Mulheres Negras. *Animal*, n. 13, p. 42 (12), 1990.
 Resumo: Os Mulheres negras apresentam para uma seleta plateia o som dos animais, tais como lombrigas, amebas e cisticercos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Ciência, Humor, Música, Non-sense

MARSICANO, A. Crônicas Marsicanas. *Animal*, n. 13, p. 43 (13), 1990b.

Resumo: A caminho de uma apresentação para uma televisão nepalesa, Alberto Marsicano se vê às voltas com um golpista chinês, um *sikh* eloquente e um inglês suspeito, entre outros personagens exóticos.

Tipo de conteúdo: Crônica

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Colonialismo, Terrorismo, Violência

BATISTA, P. Bum-Sam. *Animal*, n. 13, p. 43 (13), 1990.

Resumo: Um matador de aluguel recebe uma encomenda, mas confunde os nomes na hora de executá-la.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Assassinato, Non-sense, Violência

Sex Drops. *Animal*, n. 13, p. 44 (14), 1990.

Resumo: Resenha sobre duas séries e um filme pornográficos. Hawaii Vice é uma paródia de Miami Vice enquanto Perdidos no Espaço aborda um questionamento sobre como funcionaria o sexo no espaço sideral. Já Hollywood – sexo e escândalo, traz trechos de filmes pornográficos com grandes nomes do cinema, presumivelmente em início de carreira, tais como Sylvester Stallone e Barbra Streisand.

Tipo de conteúdo: Notas

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cultura pop, Paródia, Pornografia, Sexualidade

NIXON, N. Grande concurso *Mau* de Fetiches. *Animal*, n. 13, p. 44 (14), 1990b.

Resumo: Concurso do *Mau* pedindo a seus leitores que enviem textos sobre seus fetiches sexuais.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Fetiche sexual, Sexualidade

FARIAS, P. Dr. Bzz. *Animal*, n. 13, p. 44 (14), 1990d.

Resumo: Marianne decide transformar seus anos como drogada em um negócio lucrativo.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Drogas

FARIAS, P. Não vai doer nada. *Animal*, n. 13, p. 46 (16), 1990e.

Resumo: Na ilustração, vemos um tatuador em ação.

Tipo de conteúdo: Ilustração

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Tatuagem

Obs.: Final do *Mau*

MAX. Peter Pank. *Animal*, n. 13, p. 51–62, 1990.

Resumo: Prisioneiro das Ninfômanas, Peter Pank é torturado das formas mais eróticas e imaginativas. O socorro, no entanto, está a caminho.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Assédio, Comportamento, Drogas – Maconha, Drogas – Anfetaminas, Linchamento, Nudez, Pornografia, Rock, Sadomasoquismo, Sexualidade, Sodomização

MATTIOLI, M. Scanner. *Animal*, n. 13, p. 63–68, 1990.

Resumo: Um espião inimigo está agindo impunemente usando seus poderes psíquicos. Apenas Superwest poderá detê-lo.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Cinema, Cultura pop, Humor, Ironia, Violência

PIOTR. Marc Edito. *Animal*, n. 13, p. 69–73, 1990.

Resumo: Marc Edito é chamado por Marie, uma mulher que sofre agressões físicas de seu companheiro Perón, um músico argentino atormentado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Abuso, Violência

VUILLEMIN. *Animal*, n. 13, p. 74, 1990.

Resumo: Em uma farmácia, um homem procura um medicamento que lhe permita fazer sexo com cinco mulheres que irão visitá-lo à noite.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Policromia, Machismo, Masculinidade, Masturbação, Sexualidade

Obs.: A digitalização não mostra a numeração da página. Numeração registrada é presumida.

Animal nº 14

KAMAGURKA; SEELE, H. Cowboy Henk. *Animal*, n. 14, p. 4, 1990.

Resumo: As peripécias absurdas do personagem Cowboy Henk.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor, Non-sense

MATTOTTI, L.; KRAMSKY, J. O engenheiro Dortes. *Animal*, n. 14, p. 5–11, 1990.

Resumo: O engenheiro Dortes e seu sobrinho Ezra escalam uma montanha em busca das fendas onde se aprisionam sonhos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Aventura, Sonho

VUILLEMIN. A fada Madrinha. *Animal*, n. 14, p. 12–14, 1990.

Resumo: Após uma noite dormida na rua, um alcoólatra recebe a visita de um benfeitor inesperado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Alcoolismo, Assédio, Homossexualidade, Humor

ALTAN. Metro. *Animal*, n. 14, p. 15–22, 1990.

Resumo: Um filho abusivo constrange sua mãe a comprar-lhe um tartufo, mas esta não será uma tarefa das mais fáceis.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Abuso, Drogas, Paisagem urbana, Violência

FARIAS, P. Altan. *Animal*, n. 14, p. 23–25, 1990a.

Resumo: Entrevista com o artista italiano Altan.

Tipo de conteúdo: Entrevista

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Imprensa, Política, Quadrinhos (tema)

TAM tam. *Animal*, n. 14, p. 25, 1990.

Resumo: Editorial da 14ª edição.

Tipo de conteúdo: Editorial

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ironia, Non-sense, Quadrinhos (tema)

SCOZZARI, F. Morse. *Animal*, n. 14, p. 26–30, 1990.

Resumo: História da invenção do código Morse, segundo Filippo Scozzari.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Colonialismo, História, Humor, Sexualidade, Tecnologia

Obs.: Início do Mau

SEÇÃO de cartas. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 33 (3), 1990.

Resumo: A personagem Rita Hot Pussy responde às cartas dos leitores do *Mau*.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Pornografia, Sexualidade

FARIAS, P. Cabelos. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 34 (4), 1990b.

Resumo: Resenha ilustrada do show da banda Overdose, no Dama Xoc.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Rock – *Heavy Metal*

NIXON, N. Psycho paca. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 34- 35 (4– 5), 1990a.

Resumo: Texto sobre a música *Wooly Bully*, da banda Sam the Sham and the Pharaos.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cultura pop, Surf music, Trash

PUCCI, C. Peças raras de uma discoteca. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 34- 35 (4– 5), 1990.

Resumo: Comentários sobre lançamentos da indústria fonográfica.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Funk, Música, Rock – rockabilly, Rythm and blues, Soul music

MAHAL, J.; KANE, C. Barulho black. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 35 (5), 1990.

Resumo: Resenha sobre o show da banda The Wailers, no Projeto SP, e sobre o programa Reggae Raiz, na rádio Brasil 2000.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Reggae

FARIAS, P. Óculos. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 35 (5), 1990c.

Resumo: Resenha do show da banda Devotos de Nossa Senhora Aparecida, no Espaço Retrô.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Rock

FARIAS, P. Dr. Bzz. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 36 (6), 1990d.

Resumo: Dr. Buzz conhece uma nova casa noturna.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor

MACARRÃO. A morte de Tim Maia. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 36 (6), 1990d.

Resumo: Relato sobre a morte de Tim Maia, na visão do autor.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Humor, Ironia, Música, Violência

MACARRÃO. A morte de Ray Conniff. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 36 (6), 1990b.

Resumo: Relato sobre a morte de Ray Conniff, na visão do autor.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Humor, Ironia, Música, Violência

MACARRÃO. A morte de Elvis Presley. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 36 (6), 1990a.

Resumo: Relato sobre a morte de Elvis Presley, na visão do autor.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Humor, Ironia, Música, Violência

MACARRÃO. A morte de Stevie Wonder. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 36 (6), 1990c.

Resumo: Relato sobre a morte de Stevie Wonder, na visão do autor.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Humor, Ironia, Música, Violência

Quem desenha. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 36 (6), 1990.

Resumo: Apresentação dos quadrinistas Eduardo e Macarrão.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

BATISTA, P. Bum Sam. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 37 (7), 1990.

Resumo: Um homem é contratado por um amigo para matar sua esposa.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Amizade, Violência

EDUARDO. On the beach. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 37 (7), 1990.

Resumo: Um garoto caminha pela praia e testemunha a morte de um pinguim.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Morte, Nostalgia, Solidão

NIXON, N. Splatter. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 38- 39 (8- 9), 1990b.

Resumo: Artigo sobre o cinema Splatter, gênero cinematográfico de horror, e seus desdobramentos.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cinema – filmes de horror, Violência

ITURRUSGARAI, A. Rocky e Hudson. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 40 (10), 1990.

Resumo: Tiras com os personagens Rocky e Hudson, os cowboys gays.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cultura pop, Faroeste, Homossexualidade, Humor

NIXON, N. Viva Collor. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 40- 41 (10- 11), 1990c.

Resumo: O título faz alusão à abertura do mercado brasileiro às importações autorizada durante o governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992), que facilitou a aquisição de revistas pornográficas estrangeiras voltadas a públicos mais específicos tais como Legshow, Over 40 e Close Shave, entre outras.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Pornografia

DE MARCO, T. Mocarongo. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 41 (11), 1990.

Resumo: Crítica à atuação de pregadores religiosos cristãos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor, Ironia, Paisagem urbana, Religiosidade, Vida urbana

FOOT, N. Como nasceram Os Mulheres Negras. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 42 (12), 1990.

Resumo: Relato fantasioso e irônico sobre a formação da dupla Os Mulheres Negras, parodiando os anúncios de cursos por correspondência do Instituto Universal Brasileiro (IUB).

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Humor, Ironia, Música, Paródia

DEPARTAMENTO verificador de boatos. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 42 (12), 1990.
 Resumo: Relação de boatos referentes ao mundo da música, classificados segundo sua veracidade e plausibilidade.

Tipo de conteúdo: Notas
 Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Música, Rock – bandas independentes, Rock – Crossover, Rock – *Heavy Metal*, Rock – punk rock

MARSICANO, A. Crônicas Marsicanas. *Animal*, n. 14, p. 43 (13), 1990.
 Resumo: Relato sobre a apresentação de Alberto Marsicano, tocando cítara num programa de um canal de televisão do Nepal.

Tipo de conteúdo: Crônica
 Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Exotismo, Fantasia, Música, Televisão

MAUDITO fanzine. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 44 (14), 1990.
 Resumo: Resenha de diversos fanzines brasileiros.

Tipo de conteúdo: Resenha
 Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Fanzines, Quadrinhos (tema)

ZIMBRES, F. *Mau* humor. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 14, p. 46 (16), 1990.
 Resumo: Cartum de Fábio Zimbres.

Tipo de conteúdo: Cartum
 Tipo de impressão: Cores aplicadas
 Palavras-chave: Cultura pop, Humor, Violência

Obs.: Final do *Mau*

HERNANDEZ, J. Locas en las cabezas. *Animal*, n. 14, p. 47–52, 1990.
 Resumo: Para convencer Maggie a consertar seu carro velho uma vez mais, Izzy promete o próprio carro como pagamento pelo serviço. A única condição é que ela lhe permita usá-lo em um último compromisso.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Comportamento, Ficção científica, Rock

TORAL, A. Integridade. *Animal*, n. 14, p. 53–56, 1990.
 Resumo: Hakujoji é um aviador japonês durante a Segunda Guerra Mundial que faz o possível para fugir dos combates. Mas uma visão do seu Imperador o fará cumprir com seu dever de soldado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Aviação, Colonialismo, Guerra, História, Sexualidade

MAGNUS. Flores laboriosas. *Animal*, n. 14, p. 57–62, 1990.
 Resumo: O senhor Ta Tze-T'sai é um homem de meia idade que vive solitário em sua casa na colina, em meio a um jardim que cultiva. Durante as atribulações de uma viagem, conhece mãe e filha, que passam a viver com ele. Elas, no entanto, não são o que parecem.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Ciência, Esoterismo, Fábula, Sexualidade

BERNET, J. Ratazanas e mulheres. *Animal*, n. 14, p. 63–70, 1990.
 Resumo: O jovem Torpedo está prestes a seduzir uma garota, tão jovem quanto, quando é interrompido pelo surgimento inesperado de uma imensa ratazana.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia
 Palavras-chave: Abuso, Assédio, Sexualidade, Violência

PIOTR. O Coelho. *Animal*, n. 14, p. 71–74, 1990.

Resumo: Marc Édito é o tipo da visita que nunca vai embora. Para isso, usa de subterfúgios como se oferecer para contar uma história para o filho do casal que está visitando.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Fábula, Homossexualidade, Política, Sexualidade

Animal nº 15

KAMAGURKA; SEELE, H. Cowboy Henk. *Animal*, n. 15, p. 4, 1991.

Resumo: As peripécias absurdas do personagem Cowboy Henk.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor, Non-sense, Sexualidade

LOUSTAL, J. DE. Marcel, o branquelo de Iwindo. *Animal*, n. 15, p. 5–7, 1991.

Resumo: Marcel recebe a visita do Capitão Thivièrre, que traz consigo notícias sobre amigos e tempos passados.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Alcoolismo, Colonialismo, Exotismo, Homossexualidade, Pedofilia

TAMBURINI, S.; LIBERATORE, T. Feliz aniversário, Lubna. *Animal*, n. 15, p. 8–14, 1991.

Resumo: *Ranxerox* e Lubna estão morando em Nova York, Ranx trabalhando como taxista e Lubna, como babá. Dividem o aluguel com Timothy, um obcecado por imagens de mulheres mortas em acidentes automobilísticos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Abuso, Distopia, Necrofilia, Pedofilia, Prostituição

ROBIN, L. New York, 1962. *Animal*, n. 15, p. 15–16, 1991.

Resumo: Artigo sobre a gravação do álbum *Money Jungle*, com Duke Ellington, Charles Mingus e Max Roach no Sound Makers Studio.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura, Jazz, Música

MUÑOZ, J.; SAMPAYO, C. O encontro marcado. *Animal*, n. 15, p. 17–22, 1991.

Resumo: Max Roach, Duke Ellington e Charles Mingus dirigem-se ao estúdio para a gravação de *African Flower*, sob influência em maior, menor ou nenhum grau de suas musas.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Jazz, Música, Sexualidade

HEWLETT, J.; MARTIN, A. Tank Girl. *Animal*, n. 15, p. 23–27, 1991.

Resumo: Tank Girl está à caça de Rocky, um canguru delinquente cuja cabeça está a prêmio.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Chacina, Sexualidade, Violência, Zoofilia

BOJARCZUK, T. Life's tough sometimes. *Animal*, n. 15, p. 28–30, 1991.

Resumo: Um rapaz busca por Alexy, garota por quem é obcecado. Ao descobrir que ela passara a viver com um velho rico, decide tomar providências.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Ironia, Vida urbana

TAM tam. **Animal**, n. 15, p. 31, 1991.

Resumo: Editorial da 15ª edição.

Tipo de conteúdo: Editorial

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

MARACY, H.; SMIRKOFF, M. O caso do gibi desaparecido (Il caso dei fumetti evanesciuti). **Animal**, n. 15, p. 32–34, 1991.

Resumo: O professor Umberto Erto, renomado detetive se vê às voltas com a desapareição de uma edição do Pato Donald de sua vasta biblioteca.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Alienígenas, Cultura pop, Ficção científica, História

Obs.: Início do Mau

ITURRUSGARAI, A. 4 histórias de terror (proibido para mulheres, crianças ou bichas). **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Quatro histórias curtas de terror e humor.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Homofobia, Ironia, Sexismo, Sexualidade

SEÇÃO de cartas. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 37 (3), 1991.

Resumo: Rita Hot Pussy responde às cartas dos leitores do *Mau*.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Sexualidade

FARIAS, P. Hard rock da porteira. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 38 (4), 1991a.

Resumo: Resenha sobre o show da banda Anjos da Noite, no Dama Xoc.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Rock – *Heavy Metal*

PUCCI, C. A trilha certa do pop. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 38- 39 (4– 5), 1991.

Resumo: Artigos sobre a trajetória artística de John Cale e Brian Eno tanto dentro quanto fora das bandas às quais são associados: The Velvet Underground e Roxy Music respectivamente.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música, Rock

NIXON, N. Psycho Paca. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 38- 39 (4– 5), 1991a.

Resumo: Texto sobre o retorno da banda King Kurt aos palcos e aos estúdios de gravação.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Rock – psychobilly

MAHAL, J.; KANE, C. Barulho Black. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 38- 39 (4– 5), 1991.

Resumo: Texto desancando o Dance Hall e tendências afins, mas que, ainda assim, traz alguns lançamentos da indústria fonográfica relacionados a essa vertente do reggae.

Tipo de conteúdo: Artigo, Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Dancehall, Indústria fonográfica, Música, Reggae

FARIAS, P. Tira! Tira! Tira! [...]. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 39 (5), 1991b.

Resumo: Resenha sobre o retorno do Soviet American Republic (SAR) aos palcos paulistanos.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Rock

SUAS férias não precisam ser sempre um saco. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 40- 41 (6– 7), 1991.

Resumo: Listas curtas de frases úteis para ajudar o turista em países como Itália, França, Holanda etc.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor, Ironia

FARIAS, P.; TUINSTRA, R. Krakkers. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 42- 43 (8– 9), 1991.

Resumo: Entrevista com Rob Tuinstra, squatter em Amsterdã. Squatters são pessoas que ocupam prédios sem uso e passam a morar neles.

Tipo de conteúdo: Entrevista

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Contracultura, Subversão, Vida urbana

MAUDITO fanzine. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 44- 45 (10– 11), 1991.

Resumo: Resenhas de fanzines de diversos lugares do Brasil.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Fanzines

ALTAN. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 44- 45 (10– 11), 1991.

Resumo: O sr. Fronzo é um viúvo que trabalha muito e tem duas filhas, uma das quais é, claramente, sua preferida.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Crime, Crimes passionais, Incesto, Sexualidade

DEPARTAMENTO verificador de boatos. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 46 (12), 1991.

Resumo: Relação de boatos referentes ao mundo da música, classificados segundo sua veracidade e plausibilidade.

Tipo de conteúdo: Notas

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música, Reggae, Rock – Crossover, Rock – Hardcore, Rock – *Heavy Metal*

FOOT, N. Os Mulheres Negras. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 46 (12), 1991.

Resumo: A dupla Mulheres Negras faz um cover de outra dupla, o Milli Vanilli.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cultura pop, Ironia, Música, Pop

FARIAS, P. Os pin ups da *Animal*. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 46 (12), 1991c.

Resumo: Axel Jodorowski, filho de Alejandro Jodorowski posa com seu exemplar da *Animal*.

Tipo de conteúdo: Foto

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor

FARIAS, P. Dr. Bzz. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 47 (13), 1991d.

Resumo: Dr. Bzz recusa a acusação que lhe fazem.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cultura, Humor

NIXON, N. Grande concurso *Mau* de fetiches. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 47- 48 (13– 14), 1991b.

Resumo: Resultado do concurso promovido pelo *Mau*, convidando seus leitores a mandar cartas com a descrição de seus fetiches.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Fetiche sexual, Sexualidade

MARSICANO, A. Crônicas Marsicanas. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 48 (14), 1991.

Resumo: Alberto Marsicano narra suas aventuras a caminho de Bombaim, na Índia.

Tipo de conteúdo: Crônica

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Aventura, Exotismo, Fantasia

BATISTA, P. Histórias de violência gratuita. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 48 (14), 1991.

Resumo: Joãozinho agride seu irmão gêmeo.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Humor, Ironia, Violência

Nossas férias na Holanda. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 15, p. 50 (17), 1991.

Resumo: A pequena Mirela Bjorn faz um registro de suas férias na Holanda.

Tipo de conteúdo: Ilustração

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Ironia, Violência

Obs.: Final do *Mau*

PAZIENZA, A. Cinderella 1987. *Animal*, n. 15, p. 51–64, 1991.

Resumo: Ramira é uma garota jovem, imatura e tímida, que nutre uma paixão secreta por Colasanti, ou Colas, para os íntimos. Sua chance chega ao saber de uma festa em que ele estará presente.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Incesto, Magia, Morte, Sexo em grupo, Sexualidade, Vingança

MAXIMO, J. Felipe Hernandez Cava. *Animal*, n. 15, p. 65–66, 1991.

Resumo: Entrevista com Felipe Hernandez Cava, editor das revistas espanholas de quadrinhos *Madriz* e *Medios Revueltos*.

Tipo de conteúdo: Entrevista

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Interação, Quadrinhos (tema)

MOSQUIL. Carnaval na China. *Animal*, n. 15, p. 67–70, 1991.

Resumo: Henrique encontra Wu-Tsao-Chang, a quem buscava para entregar um presente de carnaval, nas ruas de uma localidade na Manchúria.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Exotismo, Miséria, Violência

MATTIOLI, M. Porno massacre. *Animal*, n. 15, p. 71–74, 1991.

Resumo: Superwest empenha-se em desvendar um misterioso assassinato.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assassinato, Crimes passionais, Cultura pop, Pornografia, Sexismo

MAX; BELTRAN, M. Irene. *Animal*, n. 15, p. 75–82, 1991.

Resumo: Irene é uma princesa russa nos estertores do regime czarista interessada na filosofia e nos ensinamentos do monge Rasputin. Ao mesmo tempo, círculos da corte, entre os quais o marido de Irene, o príncipe Iussupov, planejam assassinar o monge, suspeito de ser um agente a serviço dos bolcheviques.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assassinato, História, Masturbação, Política, Religiosidade, Sexo em grupo, Sexualidade, Violência

Animal nº 16

KAMAGURKA; SEELE, H. Cowboy Henk. *Animal*, n. 16, p. 4, 1991.

Resumo: As peripécias absurdas do personagem Cowboy Henk.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Humor, *Non-sense*, Sexualidade

ABULI, E. S.; BERNET, J. Sing Sing blues. *Animal*, n. 16, p. 5–16, 1991.

Resumo: Torpedo é condenado à prisão na cadeia de Sing Sing, mas tem planos para adiantar sua condicional.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assassinato, Crime, Suicídio, Traição, Violência

TAM tam. *Animal*, n. 16, p. 17, 1991a.

Resumo: Editorial da 16ª edição.

Tipo de conteúdo: Editorial

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

MAGNUS. Fontes frescas. *Animal*, n. 16, p. 18–25, 1991.

Resumo: Ao retornar do serviço militar, o jovem Tchen-Yu encontra três fontes. Ao beber de uma delas, encaminha-se para um convento de freiras que, no entanto, não é o que parece.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Exotismo, Fantasia, Homossexualidade, Prostituição, Sexualidade

FARIAS, P. Scozzari. *Animal*, n. 16, p. 26–27, 1991a.

Resumo: Entrevista com o quadrinista italiano Filippo Scozzari.

Tipo de conteúdo: Entrevista

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema), Sexualidade

VUILLEMIN. Uma infância infeliz – drama de província. *Animal*, n. 16, p. 28–33, 1991.

Resumo: Luísa Mijon é uma garotinha que foi escolhida para entregar flores ao Presidente da República em uma cerimônia especial, mas será usada como arma em um atentado político.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Espancamento, Estupro, Humor negro, *Maus* tratos infantis, Pedofilia, Sexualidade, Violência, Violência doméstica

ALTAN. De Maracaibo. *Animal*, n. 16, p. 34,51-55, 1991.

Resumo: Um homem faz uma longa e repentina viagem motivado pela morte de sua mãe.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Exotismo, Prostituição

Obs.: Início do Mau

FARIAS, P. Dr. Bzz. *Animal*, n. 16, p. 36 (2), 1991b.

Resumo: Dr. Bzz tenta uma cantada num bar de Poisonville.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assédio, Vida urbana

BATISTA, P. Bum Sam. *Animal*, n. 16, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Um homem é contratado por um amigo para que mate sua esposa.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos
 Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Amizade, Assassinato

ZIMBRES, F.; FOOT, N. Rastinha. *Animal*, n. 16, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Rastinha tenta trocar um gibi na banca.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ironia, Quadrinhos (tema), Roubo

SCHIAVON, L. F.; VEIGA. Zâmbala. *Animal*, n. 16, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Super Zâmbala luta contra o crime auxiliado por Cachorro Edison, seu fiel ajudante.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Crime, Heroísmo

RITA Hot Pussy responde. *Animal*, n. 16, p. 37 (3), 1991b.

Resumo: Rita Hot Pussy responde às cartas dos leitores do *Mau*.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fetiche sexual, Pornografia, Quadrinhos (tema), Sexualidade

SCOZZARI, F. Snake Agent ou a fraude tamburiniana. *Animal*, n. 16, p. 38 (4), 1991a.

Resumo: Filippo Scozzari comenta sobre algumas das experimentações gráficas de Stefano Tamburini.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Apropriação, Artes gráficas, Cultura pop, Quadrinhos (tema)

TAMBURINI, S. A estasina. *Animal*, n. 16, p. 38- 43 (4– 9), 1991.

Resumo: Snake Agent corre contra o tempo para desbaratar um plano para infiltrar a Ameritália com toneladas de estasina, a nova droga do momento.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Drogas, Experimentação gráfica, Ficção científica, Quadrinhos (tema), Violência

FARIAS, P. Rock this town. *Animal*, n. 16, p. 44 (10), 1991c.

Resumo: Reunião de diversas resenhas sobre bandas, álbuns, shows e outros acontecimentos relacionados.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Rock – bandas independentes, Rock – Crossover, Rock – Guitar bands, Rock – *Heavy Metal*

DEPARTAMENTO verificador de boatos. *Animal*, n. 16, p. 44 (10), 1991c.

Resumo: Relação de boatos referentes ao mundo da música, classificados segundo sua veracidade e plausibilidade.

Tipo de conteúdo: Notas

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Música, Reggae, Rock – Crossover, Rock – Hardcore, Rock – *Heavy Metal*

GORDO, J. Torre de Babel em Schondorf. *Animal*, n. 16, p. 45 (11), 1991.

Resumo: Relato dos shows das bandas Death Core (Alemanha), Ratos de Porão (Brasil) e SOB (Japão), no clube Hammerschlag.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Exotismo, Rock – Crossover, Rock – Grindcore, Rock – Hardcore

MAUDITO fanzine. *Animal*, n. 16, p. 46 (12), 1991d.

Resumo: Resenhas de fanzines de diversos lugares do Brasil e de outros países.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fanzines

FOOT, N. Os Mulheres Negras invadem a Terra. *Animal*, n. 16, p. 47 (13), 1991.

Resumo: Os Mulheres Negras são convocados para estabelecer contato com alienígenas que chegam à Terra.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Alienígenas, Humor, Ironia, Música

NIXON, N. Strippers & Dancers. *Animal*, n. 16, p. 48 (14), 1991.

Resumo: Artigo sobre algumas das precursoras dos shows de striptease atuantes nos Estados Unidos e no Canadá.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Erotismo, Sexualidade, Strip tease

SEKAY. Corpos estranhos. *Animal*, n. 16, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Uma garota produz uma boneca vudu de sua professora.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Magia

MACARRÃO. *Animal*, n. 16, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Se você crê em deus, erga as mãos para o céu e agradeça.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor negro, Ironia

MONTINI. Os helenos. *Animal*, n. 16, p. 49 (15), 1991.

Resumo: A esfinge confunde-se na hora de lançar seu desafio.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: História, Humor

Obs.: Final do Mau

MARSICANO, A. Crônicas Marsicanas. *Animal*, n. 16, p. 56, 1991.

Resumo: Alberto Marsicano viaja pela noite a bordo de um táxi que é uma verdadeira aula de música clássica.

Tipo de conteúdo: Crônica

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Aventura, Exotismo, Fantasia

FELIPE, F. DE; OSCARAIBAR. «The end» [Clutter 4-Halloween 0]. *Animal*, n. 16, p. 57–63, 1991.

Resumo: Na noite de Halloween, um grupo de crianças bate à porta dos Clutter para pedir doces, mas encontra toda a família assassinada. O suspeito é Dick Clutter, o filho mais velho.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Chacina, Cinema, Cultura pop, História, Rock, Suicídio, Terror

FARIAS, P. Sangre de mi sangre. *Animal*, n. 16, p. 64–65, 1991d.

Resumo: Priscila farias relata em primeira mão uma entrevista de Axel Jodorowsky realizada por ninguém menos que Axel Jodorowsky.

Tipo de conteúdo: Entrevista

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cinema – filmes de horror, Cultura pop, Sadismo, Violência

SCOZZARI, F. Pentelho! *Animal*, n. 16, p. 66–71, 1991b.

Resumo: Há trinta anos está preso em órbita um sujeito realmente chato, a ponto de enlouquecer seus carcereiros.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Distopia, Escatologia, Ficção científica

MATTOTTI, L.; KRAMSKY, J. A elegância interior. *Animal*, n. 16, p. 72–75, 1991.

Resumo: Ao chegar a Ponte d'Olmo, um entusiasta da moda e de suas tendências descobre que a verdadeira elegância está no interior das pessoas.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Estética, Ironia, Moda, *Non-sense*

TAMBURINI, S.; LIBERATORE, T. Feliz Aniversário, Lubna. *Animal*, n. 16, p. 76–82, 1991.

Resumo: Ainda trabalhando como taxista, *Ranxerox* pega como passageira uma milionária entediada, que pretende contratá-lo para serviços sexuais.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Distopia, Drogas – Cocaína, Estupro, Necrofilia, Vida urbana

Animal nº 17

KAMAGURKA; SEELE, H. Cowboy Henk. *Animal*, n. 17, p. 4, 1991.

Resumo: As peripécias absurdas do personagem Cowboy Henk.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Humor, *Non-sense*, Sexualidade

LOUSTAL, J. DE; VILLARD, M. O terraço dos Romani. *Animal*, n. 17, p. 5–10, 1991.

Resumo: Na despedida de solteira da condessa Francesca di Romani, esta é assediada por Massimo, o fotógrafo. Sem conseguir seduzir a condessa, Massimo imagina que conseguirá chamar sua atenção humilhando Flippo, um menino do vilarejo contratado como garçom aquela noite.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Abismo social, Assassinato, Linchamento, Luxo

HEWLETT, J.; MARTIN, A. Tank Girl. *Animal*, n. 17, p. 11–19, 1991.

Resumo: Ameaçados por brancos ambiciosos que querem roubar suas terras, aborígenes australianos recorrem a Tanicha, um espírito protetor, que irá caçá-los um a um.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Assédio, Colonialismo, Exotismo, Magia, Sexualidade, Sobrenatural

TAM tam. *Animal*, n. 17, p. 20, 1991.

Resumo: Editorial da 17ª edição.

Tipo de conteúdo: Editorial

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

ROCHETTE, J.-M.; VEYRON, M. A mosca. *Animal*, n. 17, p. 21–26, 1991.

Resumo: Edmundo começa a dedicar tempo demais à caça às moscas, ao invés de cumprir seu papel como reprodutor na fazenda.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Assédio, Briga, Escatologia

SAUDELLI, F. Bionda. *Animal*, n. 17, p. 27–32, 1991.

Resumo: Após uma série de roubos bem-sucedidos, Bionda recebe um pouco do tratamento que dispensa às suas vítimas.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Bondage, Ironia, Sexualidade

ABULI, E. S.; BERNET, J. Love story. *Animal*, n. 17, p. 33–34, 51–56, 1991.

Resumo: Charlie e Carol estão apaixonados, mas Charlie hesita em casar-se pois não passa de um pobre aleijado. Este, no entanto, é obstáculo que será superado por ambos – mas cada um a seu modo.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Amor, Assassinato, Crime, Mutilação, Pobreza

Obs.: Início do Mau

FARIAS, P. Dr. Bzz. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 36 (2), 1991a.

Resumo: Dr. Bzz alerta um forasteiro sobre os perigos de Poysenville.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Vida noturna, Vida urbana

BATISTA, P. Bum Sam. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Um rapaz lembra do seu pai, trabalhador na estrada de ferro.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Nostalgia, Relações familiares

SCHIAVON, L. F.; VEIGA. Zâmbala. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Zâmbala alimenta o cachorro Edison, seu assistente.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Humor, Ironia

ZIMBRES, F.; FOOT, N. Rastinha. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Rastinha perdeu sua pizza numa loja de discos.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor

RITA Hot Pussy responde. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 37 (3), 1991.

Resumo: Rita Hot Pussy responde às cartas dos leitores do *Mau*.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fetiche sexual, Pornografia, Quadrinhos (tema), Sexualidade

ALTAN. Flash back. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 38- 39 (4– 5), 1991.

Resumo: Após o marido sair para trabalhar, dona Bunda convida sua melhor amiga, dona Teta para um passeio no supermercado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Relações familiares

SCHIAVON, L. F. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 40- 43 (6– 9), 1991.

Resumo: Um homem vai às últimas consequências para se ver livre de todos os seus sentidos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ironia, Mutilação, Violência

FARIAS, P. Rock this town. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 44 (10), 1991b.

Resumo: Reunião de diversas resenhas sobre bandas, álbuns, shows e outros acontecimentos relacionados.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Rock – bandas independentes, Rock – Crossover, Rock – Guitar bands, Rock – rockabilly

PEQUENO dicionário ilustrado de gordês-português. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 44 (10), 1991.

Resumo: Dicionário que se propõe a traduzir as expressões utilizadas por João Gordo, da banda Ratos de porão, para a língua portuguesa.

Tipo de conteúdo: Lista

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ironia, Vida urbana

PUCCI, C. Van Morrison and Them. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 45 (11), 1991.

Resumo: Um olhar retrospectivo sobre a carreira do músico Van Morrison por ocasião de seu álbum Astral Weeks no Brasil.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Folk music, Indústria fonográfica, Rock

ZIMBRES, F. *Maudito* fanzine. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 46 (12), 1991.

Resumo: resenha de diversos fanzines do Brasil e de Portugal dedicados aos quadrinhos.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fanzines, Quadrinhos (tema)

MZK. Junior baby. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 46 (12), 1991.

Resumo: Nascido sem os braços, Junior aprende a usar seus pés.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assédio, Suicídio

FOOT, N. Os Mulheres Negras. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 47 (13), 1991.

Resumo: Para combater Godzilla, os Mulheres Negras invocam ninguém menos que National Kid.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Crime, Cultura pop, Racismo

NIXON, N. *Mau* amor. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 48 (14), 1991.

Resumo: Niki Nixon discorre sobre algumas das vertentes do sadomasoquismo.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Bondage, Pedolatria, Sadomasoquismo, Sexualidade, Spanking

MONTINI. Os helenos. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Um garoto na Grécia clássica é impedido de maltratar um gato ladrão.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Ironia, Religiosidade

MACARRÃO. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Um sujeito vestido de rato fala sobre a história que ele não contará.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Mutilação, Sexualidade

SEKAY. Corpos estranhos. *Animal*, v. Encarte *Mau*, n. 17, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Uma criança procura saber onde foram parar seus brinquedos.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Non-sense

Obs.: Final do *Mau*

STREET, M. Blacktudi. *Animal*, n. 17, p. 57–58, 1991.

Resumo: Marisa Street discorre sobre o trabalho com moda de Marilene Santos, conhecida como Afolene, e sobre Nelson Triunfo, um dos precursores do break dance, do rap e da street dance no Brasil.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Africanidade, Alteridade, Branquitude, Cultura pop, Moda, Música, Vida urbana

MOSQUIL. Água tranquila. *Animal*, n. 17, p. 59–66, 1991.

Resumo: Enrique é um jornalista que retorna clandestinamente à Argentina dominada pelos militares que tomaram o poder com um golpe de estado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Guerrilha, Jornalismo, Política, Sexualidade, Violência

MARSICANO, A. Crônicas Marsicanas. *Animal*, n. 17, p. 67, 1991.

Resumo: Caminhando pelo Soho, Alberto Marsicano chega a Broadwick Road, lugar onde nasceu o poeta e pintor William Blake.

Tipo de conteúdo: Crônica

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Aventura, Cultura pop, Exotismo, Poesia, Rock

VUILLEMIN. Poderia ser pior. *Animal*, n. 17, p. 68–74, 1991.

Resumo: Ao presenciar um estupro coletivo, um jovem negro hesita em ir ao socorro da vítima, uma jovem branca. Encontrado pela polícia é acusado de ser o autor do crime.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Estupro, Humor negro, Ironia, Política, Racismo

PIOTR. Dá-se um jeito. *Animal*, n. 17, p. 75–76, 1991.

Resumo: Convidado para um jantar, Marc Édito planeja transformar a ocasião em um encontro amoroso com a dona da casa.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Mal-entendido, Masturbação, Paisagem urbana

TAMBURINI, S.; LIBERATORE, T. Feliz Aniversário, Lubna. *Animal*, n. 17, p. 77–82, 1991.

Resumo: Após roubar o convite para uma festa exclusiva dada pelo grande marchand e empresário Enogabalo, *Ranxerox* está prestes a receber uma proposta do próprio.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Distopia, Drogas – Heroína, Fist fucking, Homossexualidade, Paisagem urbana, Vida urbana, Violência

***Animal* nº 18**

KAMAGURKA; SEELE, H. Cowboy Henk. *Animal*, n. 18, p. 4, 1991.

Resumo: As peripécias absurdas do personagem Cowboy Henk.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Humor, Non-sense, Sexualidade

TAMBURINI, S.; LIBERATORE, T. Feliz Aniversário, Lubna. *Animal*, n. 18, p. 5–13, 1991.

Resumo: *Ranxerox* é contratado pelo grande Enogabalo para uma versão moderna das corridas de bigas: uma corrida mortal contra a banda Garotinhos Criminosos, para o seu próximo vídeo clipe.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Cinema, Cultura pop, Distopia, Drogas – Heroína, Homossexualidade, Paisagem urbana, Vida urbana, Violência

FARIAS, P. Mutoid Waste Co. *Animal*, n. 18, p. 14–15, 1991a.

Resumo: O texto fala sobre as performances do grupo *Mutoid Waste Co*, produzidas a partir da manipulação de ferro velho automotivo.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Cyberpunk, Distopia, Música, Vida urbana

TAM tam. *Animal*, n. 18, p. 16, 1991.

Resumo: Editorial da 18ª edição.

Tipo de conteúdo: Editorial

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

PIOTR. Uma graça. *Animal*, n. 18, p. 17–18, 1991.

Resumo: Após três anos saindo com Marta, sem uma única trepada, Marc finalmente consegue chegar lá.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Sexualidade

MARTIN, J. Cristina. *Animal*, n. 18, p. 19–23, 1991.

Resumo: Cristina divide seus dias entre o pai, um policial violento e abusivo e Mário, um ex-condenado, única pessoa por quem sente afeto. Ao descobrir que está grávida, as coisas se complicam.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Crime, Crimes passionais, Paisagem urbana, Vida urbana, Violência doméstica

SCOZZARI, F. Adeus aos amigos. *Animal*, n. 18, p. 24–29, 1991.

Resumo: A bordo de uma nave, um grupo de mortos ilustres dirige-se ao seu destino final, a Terra prometida, ou seja, Ferencvaros.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cinema, Cultura, Fetiche sexual, Ficção científica, Homossexualidade, Literatura, Metalinguagem, Política, Religiosidade, Sadomasoquismo

FARIAS, P.; COSULICH, O. J. G. Ballard. *Animal*, n. 18, p. 30–31, 1991.

Resumo: Entrevista com o escritor J. G. Ballard, autor dos livros *O Império do Sol* e *Crash!*, entre outros.

Tipo de conteúdo: Entrevista

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cinema, História, Literatura, Pornografia, Quadrinhos (tema), Tecnologia

VUILLEMIN. O chamado do espaço. *Animal*, n. 18, p. 32–34, 1991.

Resumo: Uma jovem procura, sem sucesso estabelecer contato com extraterrestres. Após muita insistência, consegue falar com Gator, um marciano, que promete levá-la com ele de volta a Marte assim que conseguir consertar seu disco voador, avariado na sua chegada à Terra.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Estelionato, Racismo, Sexualidade, Xenofobia

Obs.: Início do Mau

BATISTA, P. Bum Sam. *Animal*, n. 18, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Um rapaz lembra do seu pai, trabalhador na estrada de ferro.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Nostalgia, Polícia, Relações familiares, Violência

FARIAS, P. Dr. Bzz. *Animal*, n. 18, p. 36 (2), 1991b.

Resumo: Dr. Bzz alerta um forasteiro sobre os perigos de Poysonville.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Delírio, Vida urbana

SCHIAVON, L. F.; VEIGA. Zâmbala. *Animal*, n. 18, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Zâmbala tem uma ideia brilhante para ficar rico.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Humor, Ironia

ZIMBRES, F.; FOOT, N. Rastinha. *Animal*, n. 18, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Rastinha está sem dinheiro para pagar a conta no restaurante.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Ironia

Rita Hot Pussy responde. *Animal*, n. 18, p. 37 (3), 1991.

Resumo: Rita Hot Pussy responde às cartas dos leitores do *Mau*.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fetiche sexual, Pornografia, Quadrinhos (tema), Sexualidade

GUZZELLI, E. Histórias para dar autoconfiança. *Animal*, n. 18, p. 38- 39 (4- 5), 1991.

Resumo: Uma breve história de Harry, um sujeito que venceu na vida apesar de ser um repolho.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assédio, Humor, Ironia, Religiosidade

FARIAS, P. Rock this town. *Animal*, n. 18, p. 40 (6), 1991c.

Resumo: Reunião de diversas resenhas sobre bandas, álbuns, shows e outros acontecimentos relacionados.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Rock – bandas independentes, Rock – Guitar bands, Rock – *Heavy Metal*, Rock – punk rock

DEPARTAMENTO verificador de boatos. *Animal*, n. 18, p. 40 (6), 1991.

Resumo: Relação de boatos referentes ao mundo da música, classificados segundo sua veracidade e plausibilidade.

Tipo de conteúdo: Notas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cinema, Música, Rap, Rock, Rock – Crossover, Rock – *Heavy Metal*, Rock – psychobilly

PEQUENO dicionário ilustrado de gordês-português. *Animal*, n. 18, p. 40 (6), 1991.

Resumo: Dicionário que se propõe a traduzir as expressões utilizadas por João Gordo, da banda Ratos de porão, para a língua portuguesa. Nesta edição, verbetes começando com B e C.

Tipo de conteúdo: Lista

Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Ironia, Vida urbana

STREET, M.; FARIAS, P. King Yellow Man. *Animal*, n. 18, p. 41 (7), 1991.
 Resumo: Entrevista com o cantor Yellow Man durante sua turnê pelo Brasil.

Tipo de conteúdo: Entrevista

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assédio, Dancehall, Futebol, Hip hop, Política, Reggae

JANO; TRAMBER. A estação. *Animal*, n. 18, p. 42- 45 (8– 11), 1991.

Resumo: Interações variadas entre os frequentadores de uma estação de trem.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assédio, Futebol, Vida urbana, Violência

ZIMBRES, F. *Maudito* fanzine. *Animal*, n. 18, p. 46 (12), 1991.

Resumo: Resenha de diversos fanzines brasileiros.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fanzines

MACARRÃO. A pistola ensinada de Joe. *Animal*, n. 18, p. 46 (12), 1991a.

Resumo: Joe encontra-se cercado, mas, felizmente, pode contar com sua pistola ensinada.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Violência

NIXON, N. Bodybuilders. *Animal*, n. 18, p. 48 (14), 1991.

Resumo: Texto sobre Cory Everson e outras estrelas do fisiculturismo feminino, tratando dos aspectos estéticos e de feminilidade relacionados à prática dessa modalidade.

Tipo de conteúdo: Texto

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Bodybuilding, Fisiculturismo

MACARRÃO. *Animal*, n. 18, p. 49 (15), 1991b.

Resumo: Um casal de patos faz sexo enquanto reafirma seu compromisso mútuo.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Relações familiares, Sexualidade

MONTINI. Os helenos. *Animal*, n. 18, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Um garoto na Grécia clássica é encaminhado por seu pai a um professor.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Filosofia, Humor, Ironia

SEKAY. Corpos estranhos. *Animal*, n. 18, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Uma criança organiza seus brinquedos.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Non-sense

Obs.: Final do Mau

PAZIENZA, A. A lógica do fast food. *Animal*, n. 18, p. 51–60, 1991.

Resumo: Em um restaurante, Zanardi e seus amigos não têm muita paciência com um sujeito na mesa ao lado que fala de suas férias recentes em algum lugar paradisíaco. Colas, o galã do grupo, está mais interessado na esposa do falador.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Adultério, Assédio, Crime, Meios de comunicação, Política, Sexualidade

ROCHETTE, J.-M.; VEYRON, M. Edmundo, o porco. *Animal*, n. 18, p. 61–66, 1991.

Resumo: Edmundo segue sendo um reprodutor relapso na hora de cuidar de sua prole. Seu interesse, no entanto, aumenta ao reparar em como sua filha fica mais bonita a cada dia.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Deformidade, Incesto, Morte, Violência, Violência doméstica

TORRES, D. Todos os mortos usam peruca. *Animal*, n. 18, p. 67–73, 1991.

Resumo: Vicente é um homem envolto em delírios durante os quais pode se ver como Godzilla, como um sobrevivente da guerra nuclear ou como Vince Valentine, detetive particular, mais conhecido como Duplo V. Quando sua esposa e filho viajam em férias, Vicente se vê envolvido em uma trama criminoso.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assassinato, Cinema, Crime, Cultura pop, Delírio, Distopia, Literatura, Vida noturna

MARSICANO, A. Crônicas Marsicanas. *Animal*, n. 18, p. 74, 1991.

Resumo: Alberto Marsicano conta sobre o show de Frank Zappa que ele assistiu em Leeds, na Inglaterra, seguido de um encontro com o maestro nos camarins.

Tipo de conteúdo: Crônica

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: História, Música, Rock

SEGURA, A.; ORTIZ, J. A medusa que veio do espaço. *Animal*, n. 18, p. 75–82, 1991.

Resumo: Burton e Cyb estão presos em um monólito colmeia da raça hormigu, que decidiu cobrar-lhes dez mil créditos para consertar o radiador de sua nave. Mas o que parece ser um beco sem saída para a dupla de escroques espaciais muda de figura quando o monólito colmeia é atacado por uma terrível medusa espacial.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Ciborgues, Estelionato, Ficção científica, Violência

Animal nº 19

KAMAGURKA; SEELE, H. Cowboy Henk. *Animal*, n. 19, p. 4, 1991.

Resumo: As peripécias absurdas do personagem Cowboy Henk.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Humor, Non-sense, Sexualidade

SCHULTHEISS, M. O sonho do tubarão. *Animal*, n. 19, p. 5–15, 1991.

Resumo: Patrick Lambert é um marinheiro francês que se vê em apuros em Lagos, na Nigéria. Ao mesmo tempo, está em curso o desvio de equipamento militar de alta tecnologia envolvendo israelenses, árabes e nigerianos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Colonialismo, Estupro, Magia, Nudez, Política, Prostituição, Racismo, Religiosidade, Sexualidade, Tortura

TAM tam. *Animal*, n. 19, p. 16, 1991.

Resumo: Editorial da 19ª edição.

Tipo de conteúdo: Editorial

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

PIOTR. Aniversário. *Animal*, n. 19, p. 17–18, 1991.

Resumo: Marc visita sua filha Zazá, por ocasião de seu aniversário de seis anos, levando para ela um tambor de presente. Durante o jantar com a mãe de Zazá, Maria, e seu novo marido, Geraldo, Marc lembra de detalhes picantes do tempo em que era casado com Maria.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Relações familiares, Sexualidade

TORAL, A. O filho da puta. *Animal*, n. 19, p. 19–23, 1991.

Resumo:

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Espancamento, Paisagem urbana, Prostituição, Vida urbana, Violência

FARIAS, P. Matthias Schultheiss. *Animal*, n. 19, p. 24–25, 1991a.

Resumo: Um panorama sobre a carreira do quadrinista alemão Matthias Schultheiss.

Tipo de conteúdo: Entrevista

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Artes gráficas, Cultura pop, Quadrinhos (tema)

HEWLETT, J.; MARTIN, A. Tank Girl. *Animal*, n. 19, p. 26–30, 1991.

Resumo: Tank Girl é convocada para uma importante missão, cujo objetivo é salvar a imagem pública do Presidente da República.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Exotismo, Humor, Ironia, Nudez, Violência

MOSQUIL. Sonho radical. *Animal*, n. 19, p. 31–34, 51–54, 1991.

Resumo:

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Grafitti, Paisagem urbana, Polícia, Vida urbana, Violência

Obs.: Início do Mau

BATISTA, P. Bum Sam. *Animal*, n. 19, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Danielle é uma garota que faz perguntas confusas.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Ironia

FARIAS, P. Dr. Bzz. *Animal*, n. 19, p. 36 (2), 1991b.

Resumo: O patinho cheira cocaína, mas deve uma grana para o gato, que é o traficante.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Crime, Drogas – Cocaína, Relações familiares, Vida urbana, Violência

SCHIAVON, L. F.; VEIGA. Zâmbala. *Animal*, n. 19, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Ronaldo Alfredo ameaça a vida do palhaço Bozo.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Cultura pop, Humor, Ironia, Violência

ZIMBRES, F.; FOOT, N. Rastinha. *Animal*, n. 19, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Rastinha chega para entregar pizza num prédio quando descobre que o elevador não está funcionando.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Ironia

RITA Hot Pussy responde. *Animal*, n. 19, p. 37 (3), 1991.

Resumo: Rita Hot Pussy responde às cartas dos leitores do *Mau*.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fetiche sexual, Pornografia, Quadrinhos (tema), Sexualidade

TAMBURINI, S. Music for Wars. *Animal*, n. 19, p. 38- 42 (4– 8), 1991.

Resumo: O governo de um novo estado militar localizado na Eurásia encomendou um hino ao famoso compositor Brian One. A ideia era que o hino inspirasse os soldados, mas ao contrário das expectativas, causa sonolência a todos que o escutam. Se a situação não for revertida, uma guerra explodirá, e a única pessoa capaz de fazer algo é o intrépido Snake Agent.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Adultério, Música, Non-sense, Nostalgia, Polícia, Política, Violência

ITURRUSGARAI, A. Halterofilismo. *Animal*, n. 19, p. 43 (9), 1991.

Resumo: Rocky e Hudson, os cowboys gays, medem forças com um fisiculturista.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Faroeste, Fisiculturismo, Homossexualidade, Humor, Ironia

PEQUENO dicionário ilustrado de gordês-português. *Animal*, n. 19, p. 44 (10), 1991.

Resumo: Dicionário que se propõe a traduzir as expressões utilizadas por João Gordo, da banda Ratos de porão, para a língua portuguesa. Esta edição traz verbetes de D a G.

Tipo de conteúdo: Lista

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ironia, Vida urbana

DEPARTAMENTO verificador de boatos. *Animal*, n. 19, p. 44 (10), 1991.

Resumo: Relação de boatos referentes ao mundo da música, classificados segundo sua veracidade e plausibilidade.

Tipo de conteúdo: Notas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Artes visuais, Hip hop, Música, Rock, Rock – Crossover, Rock – *Heavy Metal*, Rock – psychobilly

FARIAS, P. Rock this town. *Animal*, n. 19, p. 44 (10), 1991c.

Resumo: Reunião de diversas resenhas sobre bandas, álbuns, shows e outros acontecimentos relacionados.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Rock – bandas independentes, Rock – Guitar bands, Rock – Hardcore, Rock – *Heavy Metal*, Rock – punk rock

MASKY, M. Galaxie 500 – simplicidade além do limite. *Animal*, n. 19, p. 45 (11), 1991.

Resumo: Um panorama sobre o trabalho da banda Galaxie 500.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Rock – bandas independentes, Rock – Guitar bands

MZK. *Maudito* fanzine. *Animal*, n. 19, p. 46 (12), 1991.

Resumo: Resenha de diversos fanzines brasileiros e um fanzine dinamarquês.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fanzines

CALPURNIO. El bueno de Cuttlas. *Animal*, n. 19, p. 47 (13), 1991.

Resumo: O cowboy Cuttlas enfrenta o pistoleiro Jak, o malvado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Faroeste, Humor, Violência

NIXON, N. Quê que há, velhinha? *Animal*, n. 19, p. 48 (14), 1991a.

Resumo: O texto aborda a gerontofilia (atração sexual por pessoas muito velhas) e relaciona algumas publicações relacionadas ao segmento, como a Over 40, Older'n'Bolder e Mature Pink, entre outras.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Gerontofilia, Pornografia, Sexualidade

MACARRÃO. *Animal*, n. 19, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Por que é tão difícil encontrar histórias sobre a raiva?

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Violência

MONTINI. Os helenos. *Animal*, n. 19, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Um homem é torturado para que revele os segredos militares dos bárbaros.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Ironia, Tortura

SEKAY. Corpos estranhos. *Animal*, n. 19, p. 49 (15), 1991.

Resumo: O valor nutricional de alienígenas na sopa.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Non-sense

Obs.: Final do Mau

MARSICANO, A. Crônicas Marsicanas. *Animal*, n. 19, p. 55, 1991.

Resumo: Alberto Marsicano caminha por Barcelona enquanto discorre sobre os métodos utilizados por Gaudi em sua arquitetura de formas orgânicas.

Tipo de conteúdo: Crônica

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Arquitetura, Artes visuais, Exotismo, História, Música

ROCHETTE, J.-M.; VEYRON, M. Edmundo, o porco. *Animal*, n. 19, p. 56–59, 1991.

Resumo: Edmundo, o porco, está tendo dificuldades para se entender com sua nova esposa.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Nudez, Sexismo, Sexualidade, Violência

NIXON, N. Psycho Killers. *Animal*, n. 19, p. 60–61, 1991b.

Resumo: Um apanhado sobre alguns dos assassinos em série mais conhecidos, principalmente com origem nos Estados Unidos.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Canibalismo, Cinema – filmes de horror, Crime, Cultura pop, Religiosidade

MARTIN, J. Martírio. *Animal*, n. 19, p. 62–66, 1991.

Resumo: Jacinto é um empregado da indústria química que desenvolveu um gosto sexual peculiar.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Incesto, Relações familiares, Sadomasoquismo, Violência doméstica

SEGURA, A.; ORTIZ, J. Excalibur. *Animal*, n. 19, p. 67–74, 1991.

Resumo: A dupla de escroques espaciais, Burton e Cyb embrenham-se em uma antiga fortaleza em busca da lendária espada Excalibur. Encravada num cristal, diz a lenda que quem conseguir retirá-la será coroado Imperador do Universo.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos
 Tipo de impressão: Policromia
 Palavras-chave: Ciborgues, Estelionato, Mitologia, Violência

RUFFNER, J.; PUECH, E. Johnny was a good boy. *Animal*, n. 19, p. 75–82, 1991.

Resumo: Johnny é a coqueluche entre todas as garotas de Baltimore, incluindo Barbara, que procura de todas as maneiras atrair sua atenção.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assassinato, Cinema – filmes de horror, Cultura pop, Mutilação, Sexualidade

Animal nº 20

SCHULTHEISS, M. O sonho do tubarão. *Animal*, n. 20, p. 4–14, 1991.

Resumo: Após subornar a guarda, Patrick Lambert junta-se a piratas que operam no porto de Lagos, na Nigéria. Sua primeira ação com o grupo é um assalto mal-sucedido, mas informações sobre um carregamento de sistemas de orientação de mísseis podem fazer a sorte virar a seu favor.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Colonialismo, Estupro, Magia, Nudez, Pirataria, Prostituição, Racismo, Religiosidade, Sexualidade

TORRES, D. Heróis. *Animal*, n. 20, p. 15–18, 1991.

Resumo: Como forma de expiar sua culpa, Felipe se dedica a combater a injustiça em sua identidade secreta de Super Power.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Arquitetura, Cultura pop, Sadomasoquismo, Sexismo, Sexualidade, Violência

TAM tam. *Animal*, n. 20, p. 16, 1991.

Resumo: Editorial da 20ª edição.

Tipo de conteúdo: Editorial

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Quadrinhos (tema)

MAXIMO, J. Jaime Martin. *Animal*, n. 20, p. 20–21, 1991.

Resumo: Entrevista com o artista espanhol Jaime Martin.

Etiquetas:

Tipo de conteúdo: Entrevista

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cinema, Cultura pop, Quadrinhos (tema), Rock, Vida urbana

MARTIN, J. Marga. *Animal*, n. 20, p. 22–26, 1991.

Resumo: Marga é uma garota muda que vive em um apartamento com sua amiga Eva, por quem sente uma atração não correspondida.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Homossexualidade, Nudez, Sexualidade, Vida urbana

HEWLETT, J. Tank Girl. *Animal*, n. 20, p. 27–34, 1991.

Resumo: O sargento Trocinho não aguenta mais os descaminhos de Tank Girl e decide que a única forma de lidar com isso é matando-a. Enquanto isso, a foragida Tank Girl busca ajuda com um cirurgião plástico vodu, para alterar sua aparência e fugir da justiça.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Delírio, Exotismo, Sexualidade, Sonho, Suicídio, Violência

Obs.: Início do Mau

BATISTA, P. Bum Sam. *Animal*, n. 20, p. 36 (2), 1991.

Resumo: No começo, Danielle queria uma coisa de cada vez.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Ironia, Non-sense

FARIAS, P. Dr. Bzz. *Animal*, n. 20, p. 36 (2), 1991a.

Resumo: Dr. Buzz é um barman que tenta alertar um forasteiro sobre sua nova noiva.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Crime, Drogas – Cocaína, Mutilação, Relações familiares, Vida urbana, Violência

SCHIAVON, L. F.; VEIGA. Zâmbala. *Animal*, n. 20, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Ronaldo Alfredo assalta uma velhota enquanto Zâmbala e o cachorro Edison, seu assistente, observam a cena.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Assalto, Humor, Ironia, Violência

ZIMBRES, F.; FOOT, N. Rastinha. *Animal*, n. 20, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Rastinha continua sua carreira como entregador de pizza.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Ironia

Rita Hot Pussy responde. *Animal*, n. 20, p. 37 (3), 1991.

Resumo: Rita Hot Pussy responde às cartas dos leitores do *Mau*.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Pornografia, Quadrinhos (tema), Sexualidade

MANGOLINI, E. Escatológico/ecológico. *Animal*, n. 20, p. 38- 41 (4– 7), 1991.

Resumo: Em busca da próxima refeição, o Lobo Ernesto encontra Vovó Jones, sem sabe que não se trata de uma velhinha indefesa, muito pelo contrário. Acontecimentos surpreendentes farão com que o cérebro do lobo seja transplantado no corpo de Vovó Jones.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Ativismo político, Canibalismo, Cultura, Violência

FARIAS, P. Rock this town. *Animal*, n. 20, p. 42 (8), 1991b.

Resumo: Reunião de diversas resenhas sobre bandas, álbuns, shows e outros acontecimentos relacionados.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Rock – bandas independentes, Rock – Guitar bands, Rock – Hardcore, Rock – *Heavy Metal*, Rock – punk rock

PEQUENO dicionário ilustrado de gordês-português. *Animal*, n. 20, p. 42 (8), 1991.

Resumo: Dicionário que se propõe a traduzir as expressões utilizadas por João Gordo, da banda Ratos de porão, para a língua portuguesa. Esta edição traz verbetes de I a P.

Tipo de conteúdo: Lista

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ironia, Vida urbana

NIXON, N. Screamin' Jay Hawkins. *Animal*, n. 20, p. 43 (9), 1991a.

Resumo: Um apanhado geral da carreira de Screamin' Jay Hawkins por ocasião do lançamento da coletânea *Voodoo Jive – The Best of Screamin' Jay Hawkins* em CD.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cinema, Cultura pop, Indústria fonográfica, Rock

ALTAN. Viva a mamãe. *Animal*, n. 20, p. 44- 45 (10– 11), 1991.

Resumo: Gino é um representante comercial que viaja muito enquanto sua esposa cuida dos numerosos filhos do casal.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Adultério, Relações familiares, Sexualidade

MZK; ZIMBRES, F. *Maudito* fanzine. *Animal*, n. 20, p. 46 (12), 1991.

Resumo: Resenha de diversos fanzines brasileiros e um fanzine português.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fanzines

JANO; TRAMBER. Duelo inútil na autoestrada. *Animal*, n. 20, p. 47 (13), 1991.

Resumo: Kebra e Deg se encontram para um duelo num posto de gasolina. Como armas usarão as próprias bombas do posto.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Humor, Vida urbana

NIXON, N. Leg lovers – pernas pra que te quero. *Animal*, n. 20, p. 48 (14), 1991b.

Resumo: Texto sobre o fetiche por pernas, com indicações de algumas publicações dedicadas ao segmento, tais como Leg Show e Leg Action.

Tipo de conteúdo: Artigo, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fetiche sexual, Pornografia

MONTINI. Os helenos. *Animal*, n. 20, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Em meio a uma tempestade no mar, um navegante apela à graça do deus Poseidon.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Ironia, Religiosidade

SEKAY. Corpos estranhos. *Animal*, n. 20, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Uma menina linda tem tara por coisas feias.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Non-sense

MZK. *Animal*, n. 20, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Johnny era um cara legal, mas outro dia deu um soco no nariz da tia Julia.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Nostalgia, Relações familiares, Violência

Obs.: Final do Mau

PAZIENZA, A. Historieta branca. *Animal*, n. 20, p. 51–57, 1991.

Resumo: Zanardi, Sergio e Colas estão presos num sítio, numa casa mal-assombrada, em meio a uma nevasca, sem provisões. Ao avistar uma luz ao longe, Sergio sai em busca de socorro, mas se perde em meio à tempestade.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Racismo, Relações familiares, Sobrenatural

STREET, M. Blacktudi. *Animal*, n. 20, p. 58–59, 1991.

Resumo: Marisa Street aborda a crescente tendência de penteados e visual afro com origem em salões como o Orilê e Afonjá. Fala, também sobre o cantor, compositor e percussionista Gigante Brasil, integrante do Gang 90 e das bandas de Itamar Assumpção e Marisa Monte.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Comportamento, Moda, Música

VUILLEMIN. Aprendizado da vida. *Animal*, n. 20, p. 60–65, 1991.

Resumo: Um garotinho é levado ao cinema por seu irmão mais velho. Na hora de comprar o ingresso o garoto quer assistir a um filme de ficção científica, mas seu irmão o convence a entrar na seção pornô da sala ao lado. O filme, no entanto, não é o que ele imagina.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cinema, Ficção científica, Fist fucking, Homofobia, Homossexualidade, Humor negro, Moda, Sadomasoquismo, Vida urbana

MARSICANO, A. Crônicas Marsicanas. *Animal*, n. 20, p. 66, 1991.

Resumo: Alberto Marsicano assiste, em Siracusa, a um festival com as melhores bandas de hardcore da Sicília.

Tipo de conteúdo: Crônica

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Arquitetura, Exotismo, Filosofia, História, Música, Rock – Hardcore

ABULI, E. S.; BERNET, J. Maria. *Animal*, n. 20, p. 67–74, 1991.

Resumo: Uma noite, Rascal, ajudante de torpedo volta para casa apenas de cueca e camisa regata após ser assaltado pela gangue dos porto-riquenhos. Mesmo sabendo que Rascal é um mané, Torpedo não pode deixar por isso mesmo e parte em busca de vingança.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assalto, Crime, Estupro, Racismo, Vida urbana, Violência

MAX; BELTRAN, M. Daisy e Violet. *Animal*, n. 20, p. 75–82, 1991.

Resumo: Melquíades é um grande domador de pulgas, mas suas apresentações no Circo Barnum têm deixado a desejar ultimamente. O motivo disso é sua atribulada relação com Daisy e Violet, as irmãs siamesas.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Adultério, Circo, Deformidade, Exotismo, Sexismo, Sexo em grupo, Sexualidade

Animal nº 21

SCHULTHEISS, M. O sonho do tubarão. *Animal*, n. 21, p. 4–15, 1991.

Resumo: O pirata Patrick Lambert faz os preparativos finais para roubar a carga de equipamento militar. Para isso, no entanto, terá que burlar os sistemas de informações e segurança clandestinos a serviço das autoridades nigerianas.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Colonialismo, Magia, Nudez, Pirataria, Prostituição, Racismo, Religiosidade, Sexualidade, Tortura

MARSICANO, A. Olho nu – a montagem ideogrâmica dos quadrinhos. *Animal*, n. 21, p. 16–17, 1991a.

Resumo: Alberto Marsicano discorre sobre a estruturação do cinema a partir de outras manifestações culturais, passando pelos quadrinhos e pela literatura, começando pela caligrafia chinesa.

Tipo de conteúdo: Entrevista

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Artes visuais, Cinema, Literatura, Metalinguagem, Quadrinhos (tema)

TAM tam. **Animal**, n. 21, p. 18, 1991.

Resumo: Editorial da 21ª edição.

Tipo de conteúdo: Editorial

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Quadrinhos (tema), Sexualidade

HEWLETT, J. Tank Girl. **Animal**, n. 21, p. 19–23, 1991.

Resumo: Tank Girl enfrenta o destemido explorador Indiana Banana Jones e uma gangue de cangurus mutantes pela posse da lendária Beca Onipotente.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Distopia, Exotismo, Religiosidade, Sexualidade, Violência

KAMAGURKA; SEELE, H. Cowboy Henk. **Animal**, n. 21, p. 24, 1991.

Resumo: As peripécias absurdas do personagem Cowboy Henk.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Non-sense

MILLIGAN, P.; EWINS, B. O bom, o mau e o Nemo. **Animal**, n. 21, p. 25–34, 1991.

Resumo: Johnny Nemo é um investigador particular em New London, encarregado de desvendar uma sucessão de freiras que explodem misteriosamente.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Distopia, Paisagem urbana, Religiosidade, Sexismo, Vida noturna, Violência

Obs.: Início do Mau

BATISTA, P. Bum Sam. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Um homem se recorda do tempo em que trabalhava na companhia de trens do seu tio.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Ironia, Non-sense, Nostalgia

FARIAS, P. Dr. Bzz. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 36 (2), 1991a.

Resumo: Contam-se muitas histórias sobre Carmell, mas não se sabe se são verdadeiras.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Crime, Drogas, Prostituição, Vida urbana, Violência

SCHIAVON, L. F.; VEIGA. Zâmbala. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Sem suportar a visão da miséria alheia, Zâmbala parte para o socorro.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Humor, Ironia, Non-sense, Vida cotidiana

ZIMBRES, F.; FOOT, N. Rastinha. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Rastinha tenta vender um ingresso para o show do Bob Marley, falecido já há alguns anos.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Estelionato, Humor, Ironia, Racismo, Reggae

RITA Hot Pussy responde. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 37 (3), 1991.

Resumo: Rita Hot Pussy responde às cartas dos leitores do *Mau*.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Pornografia, Quadrinhos (tema), Sexualidade

BALL, R. Box City – férias no camping. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 38- 41 (4– 7), 1991.
Resumo: Ed, Penny e Marsha se reúnem no pico de uma montanha para uma caminhada pelo campo. Como é um grupo de meninas, homens não são permitidos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Aventura, Feminismo, Non-sense, Política

PEQUENO dicionário ilustrado de gordês-português. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 42 (8), 1991.
Resumo: Dicionário que se propõe a traduzir as expressões utilizadas por João Gordo, da banda Ratos de porão, para a língua portuguesa. Esta edição traz verbetes de Q a X.

Tipo de conteúdo: Lista

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ironia, Vida urbana

FARIAS, P. Rock this town. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 42 (8), 1991b.
Resumo: Reunião de diversas resenhas sobre bandas, álbuns, shows e outros acontecimentos relacionados.

Tipo de conteúdo: Bolinha, lustração, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Rock – bandas independentes, Rock – Hardcore, Rock – *Heavy Metal*, Rock – punk rock

PUCCI, C. Rock'n'roll, suor e cerveja. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 43 (9), 1991.
Resumo: A propósito de um show de Wilko Johnson, Niki Nixon aproveita para repassar um pouco de sua trajetória com sua antiga banda, Dr. Feelgood.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Indústria fonográfica, Rock – punk rock, Vida noturna

SCHIAVON, L. F. Boxe. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 44- 45 (10– 11), 1991.

Resumo: Uma abordagem antropológica do boxe.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ironia, Violência

MAUDITO fanzine. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 46 (12), 1991.

Resumo: Resenha de diversos fanzines brasileiros e portugueses.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fanzines

ITURRUSGARAI, A. Halterofilismo. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 47 (13), 1991.

Resumo: Rocky e Hudson, os cowboys gays, questionam um fisiculturista quanto ao tamanho de seu pênis.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Faroeste, Fisiculturismo, Homossexualidade, Humor, Ironia, Sexualidade

NIXON, N. Amigas do peito. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 48 (14), 1991.

Resumo: Texto sobre o fetiche por seios grandes, com indicações de algumas publicações como Busty e Big Ones ou filmes como Roman-Afro Wrestling e Duel of the Love Goddesses, dedicados ao segmento.

Tipo de conteúdo: Artigo, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fetiche sexual, Pornografia

MONTINI. Os helenos. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Ameaçado com cicuta, um filósofo grego muda de opinião.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco
 Palavras-chave: Filosofia, História, Humor, Ironia, Religiosidade

MZK. Finis way. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Após anos de aventuras, o famoso repórter Tintin se aposente e passa a viver no Amapá.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Cultura pop, Nostalgia, Quadrinhos (tema), Violência

SEKAY. Corpos estranhos. **Animal**, v. Encarte *Mau*, n. 21, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Uma mãe procura convencer uma criança a escovar os dentes por meio de histórias fantasiosas.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Non-sense

Obs.: Final do Mau

MARTIN, J. Maitê. **Animal**, n. 21, p. 51–56, 1991.

Resumo: Maitê é uma jovem interessada em paquerar, e desencaminhar, rapazes tímidos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Comportamento, Relações familiares, Sexualidade, Vida noturna, Vida urbana, Violência doméstica

VUILLEMIN. Jex Tampão dá uma dentro. **Animal**, n. 21, p. 57–59, 1991.

Resumo: Jex marcou um encontro com Elza para irem juntos ao show de Johnny Kid. No caminho, porém, Jex dá de cara com uma turma de rockabillys da pesada. Na confusão que se segue, Elza toma Jox por Johnny Kid – e Jox não tem pressa em desfazer o engano.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Comportamento, Rock, Vida noturna, Violência

MAXIMO, J. Mirada fotográfica. **Animal**, n. 21, p. 60–61, 1991.

Resumo: Resenha sobre a exposição "Fotografia Americana no Século XX", exibida em Madrid e Barcelona, abrangendo alguns dos grandes nomes da fotografia dos EUA no século XX, como Judy Dater e Robert Mapplethorpe.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Artes gráficas, Artes visuais, Fotografia

MOSQUIL. Vida nas trevas. **Animal**, n. 21, p. 62–67, 1991.

Resumo: Em uma entrevista, Enrique conta como foi de astro da música a comediante stand up fracassado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Comportamento, Drogas – Cocaína, Polícia, Prisão, Sexualidade, Violência

MARSICANO, A. Crônicas Marsicanas. **Animal**, n. 21, p. 68, 1991b.

Resumo: Alberto Marsicano assiste, em Siracusa, a um festival com as melhores bandas de hardcore da Sicília.

Tipo de conteúdo: Crônica

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Arquitetura, Exotismo, História, Música, Poesia, Rock – Hardcore

SEGURA, A.; ORTIZ, J. Seguro espacial de vida. **Animal**, n. 21, p. 69–74, 1991.

Resumo: Burton e Cyb planejam dar um golpe contra uma seguradora de vida, utilizando um equipamento capaz de rejuvenescer e envelhecer – que pode ser usado apenas em Burton, já que ciborgues não envelhecem.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Ciborgues, Distopia, Estelionato, Ficção científica, Velhice, Violência

MAX; BELTRAN, M. Raquel. *Animal*, n. 21, p. 75–82, 1991.

Resumo: Alberto busca a mulher ideal, sua Rita Hayworth, apesar dos avisos de que esta mulher possivelmente só existe na sua cabeça. Ao conhecer Raquel, irmã mais nova de uma amiga, Alberto sabe que sua busca chegou ao fim.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Cinema, Comportamento, Cultura pop, Homossexualidade, Pedofilia, Sexualidade, Vida noturna

Animal nº 22

TORRES, D. Amiga minha. *Animal*, n. 22, p. 4–9, 1991.

Resumo: Uma mulher não suporta mais seu marido e pretende se livrar dele de alguma maneira. Mas a casa onde vivem tem outros planos.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Assassinato, Ficção científica, Relações familiares, Tecnologia, Violência

TAM tam. *Animal*, n. 22, p. 10, 1991a.

Resumo: Editorial da 22ª edição.

Tipo de conteúdo: Editorial

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Quadrinhos (tema), Sexualidade

BELTRAN, M.; MAX. Suzanne. *Animal*, n. 22, p. 11–18, 1991.

Resumo: Suzanne é uma atriz pornô casada com Chuck, diretor de seus filmes, que não se importa com a atuação de Suzanne nos filmes, mas, ainda assim, é um marido ciumento. Infelizmente, Chuck não consegue satisfazer Suzanne sexualmente.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Pornografia, Relações familiares, Sexo em grupo, Sexualidade, Voyeurismo

EMERSON, H. Calculus Cat. *Animal*, n. 22, p. 19–22, 1991.

Resumo: Calculus Cat chega em casa com sua nova televisão. Tudo que ele deseja é assistir TV no final do dia, ao chegar do trabalho, cansado, mas Telly (a TV) só pensa em Squiky-Wits.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Comunicação de massa, *Non-sense*, Violência

BENAVIDES, J.; FARIAS, P. Marti. *Animal*, n. 22, p. 23–24, 1991.

Resumo: Entrevista com o autor espanhol de HQ, Martí Riera.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Artes visuais, Cinema, Medicina, Polícia, Política, Quadrinhos (tema)

RIERA, M. Repulsa. *Animal*, n. 22, p. 25–30, 1991.

Resumo: Benigno Baldon é um homem de meia idade que redescobre o amor ao conhecer Pepa Etxegaray, uma jovem de 37 anos. Quando Pepa encerra a relação, Benigno a mata com dois tiros de escopeta. Em seguida, tenta se suicidar, sem sucesso.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Comunicação de massa, Paisagem urbana, Sexismo, Suicídio, Violência

HEWLETT, J. Tank Girl. *Animal*, n. 22, p. 31–34, 51–53, 1991.

Resumo: Tank Girl toma posse da Beca de Deus, mas recebe por ela uma proposta irrecusável, feita por Lúcifer, o Príncipe das Trevas.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Distopia, Exotismo, Religiosidade, Sexualidade, Violência

Obs.: Início do *Mau*

BATISTA, P. Bum Sam. *Animal*, n. 22, p. 36 (2), 1991.

Resumo: No começo, Danielle o fazia ver muitas coisas.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Ironia, *Non-sense*

FARIAS, P. Dr. Bzz. *Animal*, n. 22, p. 36 (2), 1991a.

Resumo: A polícia de Poysonville está às voltas com uma sucessão de casos de livreiros devorados vivos.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Canibalismo, Crime, Humor, Violência

SCHIAVON, L. F.; VEIGA. Zâmbala. *Animal*, n. 22, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Zâmbala decide ir para o sul no inverno, apesar do fato da região ser muito fria nessa época do ano.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Antropozoomorfismo, Humor, Ironia, *Non-sense*

ZIMBRES, F.; FOOT, N. Rastinha. *Animal*, n. 22, p. 36 (2), 1991.

Resumo: Tem dias em que Rastinha odeia o trabalho como entregador de pizza.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Humor, Ironia, *Non-sense*

RITA Hot Pussy responde. *Animal*, n. 22, p. 37 (3), 1991c.

Resumo: Rita Hot Pussy responde às cartas dos leitores do *Mau*.

Tipo de conteúdo: Seção de cartas

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Música, Pornografia, Quadrinhos (tema), Sexualidade

CALPURNIO. El bueno de Cuttlas. *Animal*, n. 22, p. 38- 41 (4- 7), 1991.

Resumo: Cuttlas, seu assistente Jim e sua noiva Mabel enfrentam inúmeros bandidos, incluindo o pai de Mabel e o perigoso Lenhador Brugel. Mas a justiça prevalece no final.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Aventura, Cinema, Cultura pop, Faroeste, Violência

FARIAS, P. Rock this town. *Animal*, n. 22, p. 42 (8), 1991b.

Resumo: Reunião de diversas resenhas sobre bandas, álbuns, shows e outros acontecimentos relacionados.

Tipo de conteúdo: Bolinha, Ilustração, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Rock – bandas independentes, Rock – Hardcore, Rock – *Heavy Metal*, Rock – punk rock

DEPARTAMENTO verificador de boatos. *Animal*, n. 22, p. 42 (8), 1991d.

Resumo: Relação de boatos referentes ao mundo da música, classificados segundo sua veracidade e plausibilidade.

Tipo de conteúdo: Notas

Tipo de impressão: Cores aplicadas

Palavras-chave: Cinema, Música, Rock, Rock – bandas independentes, Rock – Crossover, Rock – *Heavy Metal*, Teatro

BAPTISTA, A. Êxtase. *Animal*, n. 22, p. 43- 44 (9– 10), 1991.

Resumo: Após acordar em êxtase, Arnaldo Baptista busca a perfeição.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Delírio

STREET, M.; FARIAS, P. Public Enemy. *Animal*, n. 22, p. 45 (11), 1991.

Resumo: Entrevista com Chuck D, por ocasião da apresentação do Public Enemy em São Paulo.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Ativismo político, Comportamento, Hip hop, Política, Racismo, Rap

ZIMBRES, F. *Maudito* fanzine. *Animal*, n. 22, p. 46 (12), 1991.

Resumo: Resenha de diversos fanzines brasileiros.

Tipo de conteúdo: Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fanzines

SCOZZARI, F. L'amur em r-e-f-e-i-ç-ã-o. *Animal*, n. 22, p. 47 (13), 1991.

Resumo: Viagens e personas diversas de Âbsôlüt.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Delírio, *Non- sense*

NIXON, N. *Mau* amor. *Animal*, n. 22, p. 48 (14), 1991.

Resumo: Dando prosseguimento aos textos relativos à "análise anatômica" realizada nas colunas anteriores, Niki Nixon discorre sobre o fetiche por bundas e temas correlatos, resenhando e indicando diversas publicações dedicadas ao segmento tais como Tailends, Anal Affairs e Red Bottoms, entre outras.

Tipo de conteúdo: Artigo, Resenha

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Fetiche sexual, Pornografia

MONTINI. Os helenos. *Animal*, n. 22, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Um garoto pescador recorre à deusa Dirce para recuperar o peixe roubado por um gato.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: História, Humor, Ironia, Mitologia, Religiosidade

MZK. *Animal*, n. 22, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Roberto devia ter uma vida feliz, mas as coisas não foram bem assim...

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Relações familiares, Violência

SEKAY. Corpos estranhos. *Animal*, n. 22, p. 49 (15), 1991.

Resumo: Um namoro acontece em segredo, inclusive para uma das pessoas do casal.

Tipo de conteúdo: Tira de quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Amor, *Non-sense*

Obs.: Final do *Mau*

MARSICANO, A. Exu – o hardcore do abismo. *Animal*, n. 22, p. 54–55, 1991.

Resumo: texto sobre Exu em suas diversas manifestações, suas origens e características.

Tipo de conteúdo: Artigo

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: História, Religiosidade

MILLIGAN, P.; EWINS, B. Cogito, ergo, me fodo. *Animal*, n. 22, p. 56–60, 1991.

Resumo: Eddie Platão, o assassino filosófico, está à caça de Nemo. Como tático, enche sua cabeça com pensamentos filosóficos que passam por Sócrates, Kant, Nietzsche entre outros.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Assassinato, Distopia, Filosofia, Paisagem urbana, Vida noturna, Violência

CUNHA, T. A morte do funcionário. *Animal*, n. 22, p. 61–64, 1991.

Resumo: Edson Fagundes não se contém e espirra durante um concerto. Inadvertidamente, ele acaba espirrando sobre a pessoa na fileira da frente que, por acaso, é o chefe de sua repartição. As sucessivas tentativas de se desculpar, acarretarão a ruína de Edson Fagundes. Adaptado de um conto de Tchekhov.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Preto e branco

Palavras-chave: Culpa, Cultura, Literatura

SCHULTHEISS, M. O sonho do tubarão. *Animal*, n. 22, p. 66–80, 1991.

Resumo: O bando de Patrick Lambeert e Shagari toma o navio com o equipamento militar e procede à sua transferência para os sauditas. No entanto, as autoridades nigerianas já tiraram os piratas da parte mais importante da transação. No final, Lambert se torna o único chefe do bando.

Obs.: Quarta e última HQ da série

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Colonialismo, Magia, Nudez, Pirataria, Política, Prostituição, Racismo, Religiosidade, Sexualidade, Tortura

VUILLEMIN. História realmente real. *Animal*, n. 22, p. 81–82, 1991.

Resumo: Um cliente combina um programa com uma prostituta, mas no final é enganado.

Tipo de conteúdo: História em quadrinhos

Tipo de impressão: Policromia

Palavras-chave: Fetiche sexual, Ironia, Prostituição, Vida noturna
